

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUCCAMP
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS AMBIENTAIS E DE TECNOLOGIAS - CEATEC
PROGRAMA DE MESTRADO EM URBANISMO

ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR JORGE DE MACEDO VIEIRA

Ressonâncias e traduções do modelo "garden city" na estância hidromineral paulista

Autor: Antonio Carlos Bonfato

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Salgado

Campinas
novembro 2003

TPGAU
1363

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUCCAMP
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS AMBIENTAIS E DE TECNOLOGIAS - CEATEC
PROGRAMA DE MESTRADO EM URBANISMO



ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR JORGE DE MACEDO VIEIRA
Ressonâncias e traduções do modelo "garden city" na estância hidromineral paulista

Autor: Antonio Carlos Bonfato
Orientadora: Profa. Dra. Ivone Salgado

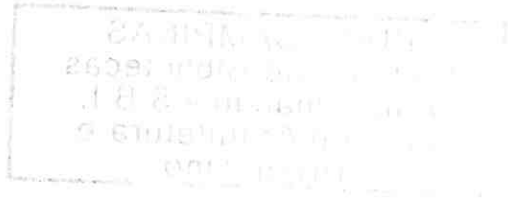
*Dissertação de mestrado apresentado como
requisito para obtenção do título de Mestre no
curso de Mestrado em Urbanismo do Centro de
Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias -
CEATEC, da Pontifícia Universidade Católica de
Campinas - PUCCAMP*

Campinas

novembro 2003

f 711.4

B713a



Bonfato, Antonio Carlos

Águas de São Pedro por Jorge de Macedo Vieira: ressonâncias e traduções do modelo "Garden City" na estância hidromineral paulista/Antonio Carlos Bonfato. – Campinas, 2003.

210 f.

Dissertação de Mestrado – Centro de Ciências Ambientais, Exatas e de Tecnologias - Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Orientadora: Profa. Dra. Ivone Salgado

1. Cidade - Águas de São Pedro(SP) – História 2. Planejamento Urbano - Águas de São Pedro (SP) I. Título



Agradecimentos....

Sempre corremos o risco de, numa falha da mente a qual, antecipadamente peço, desculpas, nos esquecermos de alguém. Inicialmente agradeço à minha professora orientadora, que, com paciência, calma, dedicação e muito profissionalismo deu-me lições inesquecíveis sobre o "caminho das pedras", serei eternamente grato à Profa Dra. Ivone Salgado, do CEATEC/PUCCAMP. Ao Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade, que me auxiliou durante todo o projeto, enriquecendo o estudo e me acolheu como aluno especial no programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo – EESC/USP. Obrigado pela sempre rica e prestimosa atenção dispensada durante quase dois anos. À Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino, da FAU-PUCCAMP, incentivadora, sempre com significativas observações sobre a pesquisa. Ao Prof. Dr. Leonardo Rios, inestimável amigo de discussões acadêmicas da Faculdade SENAC de Águas de São Pedro, ao Prof. Dr. Candido Malta Campos, da Universidade Mackenzie/SP, que acolheu meu memorial de qualificação, sempre disposto a contribuir. À Prof. Dra. Raquel Rolnik, pelas análises e ricas observações para o projeto de pesquisa; aos professores do Mestrado em Urbanismo do CEATEC-PUCCAMP, que em suas aulas, me auxiliaram a construir o conhecimento dessa fascinante ciência do estudo das cidades: em especial ao Prof. Dr. Ricardo Marques Azevedo, ao Prof. Dr. Ricardo de Souza Moretti, à Profa. Dra. Beatriz P. Siqueira Bueno. Também à Julliana, secretária do programa de Mestrado em Urbanismo, bem como à Raquel, sua auxiliar, sempre simpáticas e prestativas. Aos professores Arq. Walter Pires, Lya Maiumi e Celso Ohno, do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, pelo inestimável auxílio nas inúmeras visitas ao acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, sob consignação do DPH/PMSP. Ao Sr. Antonio Falcão de Andrade, que dedicou incontáveis horas até alta madrugada, para discussões sobre o que foi o projeto dessa bela cidade balneária de Águas de São Pedro. Aos pesquisadores: Amanda Cristina Franco, Rosana Stenke, Ricardo Trevisan, Célia Seri Kawai, Cristina de Campos, que, em suas obras, forneceram subsídios para confecção e enriquecimento desse trabalho. O cumprimento do programa foi possível graças à bolsa de estudos integral concedida pela Faculdade SENAC e Grande Hotel São Pedro – Hotel Escola SENAC, durante todo o decorrer dos dois anos de pesquisas. Muito obrigado ao SENAC/SP nas pessoas dos professores Antonio Pereira de Moraes (Gerente Geral do Grande Hotel São Pedro – Hotel Escola SENAC) e Anselmo Milani (Diretor da Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria de Águas de São Pedro). À Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro (Sr. Luiz Antonio de Mitry Filho), à Secretaria de Turismo (Luizinho, Mariana, Alcione, Cacá e estagiários), à Câmara Municipal da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro (Vanderlei Zampieri e vereadores), À Sra. Margarida Santin, à Sra. Elza Adamo de Oliveira, pelas edições do "Caldas de São Pedro", ao Eduardo Vaz Canais, à Prefeitura Municipal de Cianorte/PR (livros e mapas) e todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, tiveram sua parcela de contribuição na construção desse trabalho. É claro, que qualquer falha no trabalho deve ser creditada à minha pessoa....Muito obrigado a todos vocês!!!!

*A Margarete, minha esposa e a
Giulia, minha filha. Amo vocês!!!*

RESUMO
ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR JORGE DE MACEDO VIEIRA

A aplicação dos modelos urbanos consagrados internacionalmente, e as ressonância em projetos desenvolvidos no Brasil, durante a primeira metade do século XX, servem de linha temática para o presente estudo. O objeto de estudo é o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), e sua contribuição ao histórico do urbanismo brasileiro, com recorte temporal entre as décadas de 1920 e 1960. A análise pontual do projeto elaborado pelo engenheiro civil para a cidade *ex novo* de Águas de São Pedro/SP, serve como exemplo de seu trabalho. Macedo Vieira, planejador ainda não estudado à suficiência, se revela um dos mais aplicados seguidores de modelos urbanos importados. Seja na implantação de loteamentos, seja na de cidades novas, a utilização exaustiva do modelo orgânico, aliado ao seu pragmatismo, revela uma perfeição no desenho urbano dificilmente alcançada por outro planejador das cidades.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento urbano, cidades-jardim, bairros-jardim, Jorge de Macedo Vieira, Águas de São Pedro.

ABSTRACT
ÁGUAS DE SÃO PEDRO BY JORGE DE MACEDO VIEIRA

The application of the international urban model planning, and the resonant projects developed in Brasil during the first half of 20 century, serve as theme to his article. Jorge de Macedo Vieira (1894-1978) is the engineer studied and his contribution to the history of Brazilian town planning between 1920 and 1960. The analysis of project worked out by the engineer of the *ex novo* city of Águas de São Pedro/SP, serves as an example of his work. Macedo Vieira, a planner that has not been studied as he should be and who follows the international urban model planning in lots, in new cities, in an organic model attached to his pragmatics, reveals perfection to the urban drawing which could not be obtained by other city planners.

KEY WORDS: Town planning, garden cities, suburb, Jorge de Macedo Vieira, Águas de São Pedro.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| À TÍTULO DE INTRODUÇÃO | Pg. 01 |
| I. PANORAMA DO URBANISMO BRASILEIRO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: da intervenção pontual ao entendimento sistêmico da cidade | 09 |
| 1.1. A fonte européia e a Escola Politécnica de São Paulo | 10 |
| 1.2. A circulação dos profissionais: a criação de um novo enredo composto de interpretações e traduções | 18 |
| 1.3. "Cidade-jardim", "subúrbio-jardim" e "bairro-jardim": interpretações; fragmentações e distorções | 23 |
| 1.4. A <i>City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited</i> e os novos personagens | 35 |
| 1.5. Considerações últimas sobre o hibridismo: nos arredores do "garden-city" a influência de outros movimentos. | 46 |
| 1.6. Os personagens constroem o enredo: o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira | 51 |
| II. NA PRÁTICA URBANA, O ORGÂNICO E O GEOMÉTRICO: O Engenheiro-Civil Jorge de Macedo Vieira (1920 – 1960) | 59 |
| 2.1. O sinuoso em partes: os loteamentos promovidos engenheiro-civil | 61 |
| 2.2. As partes no integral: a escala necessária ao engenheiro-civil | 83 |
| 2.3. O método Macedo Vieira: o hibridismo como um "modus operandi" | 107 |
| 2.4. Um arquetípico engenheiro politécnico da primeira metade do século XX | 125 |
| III. ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR JORGE DE MACEDO VIEIRA: um mosaico de traduções, incorporações e transferências de idéias | 130 |
| 3.1. 1920 a 1939: <i>Petroleum Quod Serum Tamen?</i> | 134 |
| 3.2. Estância modelar: no projeto de Águas de São Pedro um mosaico de traduções, incorporações e transferências de idéias | 155 |
| IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENGº CIVIL JORGE DE MACEDO VIEIRA | 199 |
| V. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 204 |

ÍNDICE DE TABELAS

| Nº | Descrição | Pg. |
|----|---|-----|
| 01 | Localização dos Escritório de Macedo Vieira | 55 |
| 02 | Loteamentos de Macedo Vieira – locais e municípios | 71 |
| 03 | Loteamentos Macedo Vieira- empreendedores e áreas | 72 |
| 04 | Percentual e totalização das áreas – Projeto Pontal do Sul, Macedo Vieira | 95 |
| 05 | Destinação das quadras específicas –Pontal do Sul, Macedo Vieira | 96 |
| 06 | Totalização, em m2, dos projetos executados por Jorge de Macedo Vieira | 129 |
| 07 | Histórico da venda de lotes entre 1940 e 1941 | 162 |
| 08 | Total das áreas por uso do solo – Águas de São Pedro | 167 |
| 09 | Distribuição de áreas – Jardim Iporanga, 1964 | 168 |
| 10 | Distribuição de áreas – Jardim Porangaba, 1965 | 168 |
| 11 | Tabela final de destinação das áreas por Jorge de Macedo Vieira | 171 |
| 12 | Áreas destinadas a atividades comerciais | 174 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| Nº | Descrição | Pg. |
|-------|---|-----|
| 1.1. | Cidades jardins, subúrbios jardins, <i>new towns</i> | 34 |
| 1.2. | Bairros jardins projetados pela Companhia City nos anos finais de 1910 e iniciais de 1920 | 45 |
| 1.3 | Um novo personagem no enredo: Jorge de Macedo Vieira | 58 |
| 2.1. | Macedo Vieira: Jardim Japão (1922), Chácara da Moóca (1923) | 74 |
| 2.2. | Macedo Vieira: Vila Maria (1924), Vila Nova Manchester (1924) | 75 |
| 2.3 | Macedo Vieira: Jardim Guanabara (1925) | 76 |
| 2.4. | Macedo Vieira: Parque Edu Chaves (1926) | 76 |
| 2.5. | Macedo Vieira: Vila Izabel (1931), Cidade Mão do Céu (1937) | 77 |
| 2.6. | Macedo Vieira: Jardim da Saúde (1938), Planta Cadastral de Campinas | 78 |
| 2.7. | Macedo Vieira: Planta Cadastral de Campinas (final década de 1920) | 79 |
| 2.8. | Macedo Vieira: Villa Nova Campinas (1945), Chácara da Barra (1950), Vila Iza (1958) | 80 |
| 2.9. | Macedo Vieira: Vila Campesina (1947), Vila Formosa (1947), Condomínio Nalyce (1950) | 81 |
| 2.10. | Macedo Vieira: Rolinópolis (1945), Vila Santista (1950) | 82 |
| 2.11. | Maringá por Macedo Vieira (1947) | 91 |
| 2.12. | Pontal do Sul/PR por Macedo Vieira (1951) | 99 |
| 2.13. | Cianortel/PR por Macedo Vieira (1951) | 106 |
| 2.14 | A desobstrução do fundo de vale em diferentes projetos de Macedo Vieira | 113 |
| 2.15. | Rotatórias em projetos de loteamentos executados por Macedo Vieira | 115 |
| 2.16. | Rotatórias para cidades <i>ex-novo</i> , projetos de Macedo Vieira | 116 |
| 2.17. | Praças Rotatórias, por Richard Barry Parker e Jorge de Macedo Vieira | 117 |
| 2.18 | Rotatórias interligadas por uma via central em projetos de Macedo Vieira | 118 |
| 2.19. | Sucessão de rotatórias na área central do Jardim Guanabara (1926) | 119 |
| 2.20. | Detalhe de <i>Riverside Suburb</i> , projeto de Olmsted de 1869. | 120 |
| 2.21. | Propostas de Parker e Macedo Vieira para o canto das quadras | 121 |
| 2.22. | Diferentes momentos do uso do ajardinamento do canto das quadras | 122 |
| 2.23. | Áreas verdes para Letchworth, Maringá e Cianorte | 123 |
| 2.24. | Eixos de Goiânia, Maringá e Havana | 124 |
| 2.25 | Praças de Pontal do Sul :Macedo Vieira; Buenos Aires: por Jean Claude Nicolas Forestier | 127 |
| 3.1. | O uso inicial do território: busca do petróleo e o uso terapêutico das águas | 140 |
| 3.2. | A chegada da " Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro" | 148 |
| 3.3. | As várias fases da edificação do Grande Hotel São Pedro, projeto de Luiz Carmelingo | 154 |
| 3.4. | 1º registro e o início da urbanização da área..... | 158 |
| 3.5. | . Paisagens construídas em Águas de São Pedro, predominância do pinturesco | 160 |
| 3.6. | Planta de urbanização de Águas de São Pedro, registrada nº 02 | 166 |

| | |
|--|-----|
| 3.7. Novos loteamentos, por Macedo Vieira: Jardim Iporanga, 1964, Jardim Porangaba, 1965 | 169 |
| 3.8. Praça relógio do Sol, divisa de loteamentos Estância (1940) e Jd. Porangaba (1965) | 170 |
| 3.9. Zoning: areas industrial (engarraamento das águas), comercial e ed. públicos | 174 |
| 3.10. Área de parques (Florestal Oeste, atual Pq. Dr. Octávio Moura Andrade) | 175 |
| 3.11. Resultantes do zoning e código de urbanismo de 1940 | 179 |
| 3.12. Rótula distributiva na região central da cidade balneária | 181 |
| 3.13. Vuelas sanitárias | 185 |
| 3.14. Vale central de Águas de São Pedro | 186 |
| 3.15. Ramificação da rede de água para Águas de São Pedro , pelo Escritório Saturnino de Brito | 187 |
| 3.16. Captação e adução das águas termais "Almeida Salles" | 191 |
| 3.17. Residência unifamiliar projetada pelo Escritório Saturnino de Brito, 1939 | 192 |
| 3.18. Formação do bosque com variadas espécies arbóreas | 194 |
| 3.19. Centro Industrial Jaguaré, 1940, projeto de Henrique Dumont Villares | 198 |

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

O presente estudo busca entender a significância, para historiografia urbana brasileira, das intervenções urbanas executadas pelos engenheiros-civis formados no primeiro quartel de anos do século XX. Nesse cenário de transformações sociais, políticas e econômicas, as cidades brasileiras foram objetos de inúmeras intervenções, já comprovadas pela historiografia corrente. Tal época se caracteriza pela adoção, interpretação e aplicação de modelos consagrados pelo planejamento urbano internacional, gerando um híbrido de soluções que trouxeram significativa contribuição para a modernização das cidades brasileiras. Escolhemos para objeto de estudo o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado em 1917, pela Escola Politécnica de São Paulo, por se tratar de um arquetípico profissional dessa época, executando um destacável montante de obras, nas quais deixa transparecer todo esse hibridismo.

Macedo Vieira iniciou sua carreira na "*City of São Paulo Improvement and Freehold Company Ltd*" - Cia. City, estagiando ao lado de Parker quando este esteve no Brasil e projetou alguns "bairros jardins" como Pacaembú, Jardim América, Alto da Lapa e Bela Aliança. Após atuar na Cia City, Macedo Vieira empreendeu escritório com o engenheiro-civil, companheiro de turma da Politécnica, Wendell por dois anos e a seguir fundou o próprio escritório técnico, sendo responsável por uma série de loteamentos não só em São Paulo, mas também em outras localidades tais como Rio de Janeiro, Campos do Jordão, Nova Friburgo, Campinas, dentre outras, além de elaborar projetos para quatro cidades novas: Águas de São Pedro (1940), Maringá (1947), Pontal do Sul (1951, não implantado totalmente) e Cianorte (1955). Todas as cidades projetadas pelo engenheiro-civil têm forte influência de soluções urbanas, como o "*garden city*" de origem inglesa e o "*city beautiful*" de origem norte-americana e, hoje, se destacam pela excelente qualidade de vida proporcionada aos seus habitantes.

As pesquisas a respeito do engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira iniciaram-se por ocasião da organização de uma sala com a temática de "cidades jardins", quando da III Bienal Internacional de Arquitetura de 1997, ocasião em que um grupo de pesquisadores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo- EESC/USP levantou os primeiros trabalhos de Macedo Vieira. Esse grupo era comandado pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade. Constatada a qualidade das obras, Macedo Vieira acabou por merecer uma Sala Especial na IV Bienal

Internacional de 1999. Fruto de um esforço da equipe do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo DPH/PMSP, envolvendo os Profs. Walter Pires, Profa. Lla Mayumi, Maria Candelária V. Moraes e Prof. Celso Ohno em conjunto com grupo de Pesquisa do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, organizado pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade e composto por pesquisadoras como Rosana Steinke, Stella Schrijnmackers e Amanda Cristina Franco; da Arq. Milvia Mitie Aracava, da Associação dos Moradores do Jardim da Saúde - AMJS, além da Profa. Célia Seri Kawai, FFLCH/USP, dentre outros. O difícil trabalho de prospecção acabou por localizar grande parte da produção do engenheiro-civil, junto à sua sobrinha neta, Amália Christina Marialva de Macedo Vieira (Kawai,2000), armazenada em uma escola infantil mantida, à época, pela mesma. Amália Macedo Vieira viria a falecer cerca de duas semanas antes da abertura da exposição. Todo o material produzido para o evento encontra-se atualmente sob consignação do DPH/PMSP e é objeto de constante visita por parte de pesquisadores que, a partir da IV Bienal, empreenderam uma análise exaustiva do material, buscando levantar as inúmeras facetas que compunham profícua produção desse engenheiro civil.

Na questão da produção acadêmica, encontramos uma referência inicial à atuação do profissional Macedo Vieira, em 1998, no Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade, por ocasião da elaboração de sua tese de doutoramento intitulada *"Barry Parker: um arquiteto inglês em São Paulo"*, apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP, onde Andrade chama-nos a atenção ao perceber em Macedo Vieira um discípulo do arquiteto inglês. A partir desse estudo estabelece-se um núcleo de pesquisadores que se dedicou a novas prospecções, sob diferentes prismas, buscando o entendimento da significância da obra de Jorge de Macedo Vieira. Produto desse grupo, destacamos a dissertação de mestrado, apresentada no ano de 2000, à Faculdade Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH/USP, pela Profa. Célia Seri Kawai denominada *"Os loteamentos de traçado orgânico realizados no município de São Paulo na primeira metade do século XX"*, onde, através do enfoque da geografia humana, a análise pontual é dirigida aos loteamentos denominados de "bairros jardins", bem como a repercussão dessa solução em projetos destinados às classes populares para a capital paulistana, onde se destacam os projetos de Macedo Vieira.

Pertencente ao grupo inicial que levantou a obra de Macedo Vieira, a historiadora Rosana Steinke finalizou em 2002, também junto ao Departamento de Arquitetura e urbanismo

da EESC/USP, dissertação de mestrado intitulada *"Ruas retas x ruas curvas: na história da cidade três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira"* onde a análise, de cunho historiográfico, é dirigida aos projetos que Macedo Vieira destinou à região norte do Estado do Paraná e ao projeto para a cidade balneária de Pontal do Sul. A pesquisadora Amanda Cristina Franco, aluna da mesma instituição, finalizou em 2000, estudos de iniciação à pesquisa científica, abordando o sob o enfoque da arquitetura, o projeto efetuado por Macedo Vieira para a cidade nova de Águas de São Pedro, intitulado *"Urbanismo e Arquitetura Residencial da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro"*. Tal trabalho originou sua dissertação de mestrado, em andamento, na qual levanta e analisa a incorporação, por parte de urbanistas brasileiros, de modelos urbanos europeus aplicados em projetos de cidades novas balneárias, denominado *"O urbanismo de Águas de Lindóia e Águas da Prata 1920-1950: incorporações de concepções estrangeiras na formação das estâncias hidrominerais paulistas"*. Muitos desses trabalhos foram apresentados, inteiros ou em partes, em encontros, seminários e eventos cujo enfoque se dirigiu para a historiografia urbana brasileira.

No que tange ao projeto elaborado por Macedo Vieira para Águas de São Pedro, o pesquisador Ricardo Trevisam desenvolve, junto no programa de mestrado em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos – UFScar, dissertação denominada *"Incorporação do Ideário "Garden-City" inglês na Urbanística Moderna Brasileira: Águas de São Pedro"* onde o foco é a aplicação do modelo e suas repercussões no âmbito histórico da engenharia urbana. Esse núcleo se expande, com a incorporação da presente estudo, desenvolvido no programa de mestrado em Urbanismo do Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – CEATEC/PUCCAMP.

Nosso estudo de caso se concentra na estância hidromineral de Águas de São Pedro, primeira cidade projetada por Macedo Vieira, projeto no qual se concentrou inicialmente, de 1936, ano que a equipe de profissionais do Escritório Técnico iniciou o levantamento altimétrico da área rural então pertencente ao município de São Pedro, até a entrega da primeira planta da cidade, em 1940, época em que chegou a residir no local da futura cidade balneária. Macedo Vieira retornaria à cidade em 1957 para fazer adaptações ao projeto original e findaria sua obra em 1964 e Jardim Porangaba, 1965. Instiga-nos, sobretudo, buscar entender e conhecer como uma pequena estância balneária carrega em seu bojo, todo um histórico de tradução de soluções urbanas empreendidas em locais distantes do globo e como Macedo Vieira viária a

construir uma forma de atuação que se refletiria em anos posteriores. Águas de São Pedro se constituiu na primeira experiência de Macedo Vieira em projetar não um bairro na cidade já existente, mas sim, partir do novo, do sítio não habitado, e a partir daí, organizar uma cidade inteira, num trabalho em que, poderíamos assim denominar, foi composto por uma “tríade”, sendo ele responsável pelo urbanismo, o Prof. João Aguiar Pupo, pela área medicinal e o Escritório Saturnino de Brito Pelos projetos sanitários.

Buscamos nesse projeto detectar qual a forma de elaboração do projeto, suas etapas, suas características, seus detalhes e como se concretizou, em Macedo Vieira, a resultante da troca de experiências com outros profissionais, bem como de que forma tal fato se materializou no projeto para a cidade balneária.

Justifica-se a escolha do local tendo em vista que Águas de São Pedro, após seis décadas de criação, se constitui em um dos municípios com maior índice de desenvolvimento humano (IDH-M) do país, onde o planejamento urbano elaborado por Macedo Vieira veio a contribuir de maneira significativa para tal qualidade atingida. Lembramos que esse fato não ocorre apenas nesse município. Cidades como Maringá/PR e Cianorte/PR, também projetos de Macedo Vieira, possuem comprovada qualidade de vida urbana. Em realidade também mergulhamos em busca das bases que formaram o conceito o que constituía uma “cidade ideal” balneária.

A concepção da cidade ideal sempre provocou reflexões na mente dos pensadores. Reflexões essas, ora baseadas em preceitos tangíveis, ora calcadas no imaginário vago do abstrato, revelando aspectos intangíveis e muitos deles inviáveis. Uns pensam uma nova cidade enquanto um corpo social, ligado e moldado à realidade diurna de então, aventando alternativas passíveis de realização sem, porém, que o *“modus vivendi”* sofra uma intervenção radicalizada na sua configuração. Outros vêm na mudança da forma da aglomeração urbana, uma mudança na sociedade e de seus valores ora estabelecidos. A cidade ideal buscada pelos tratadistas, no geral, atrelava-se à realidade religiosa, política e social do ambiente em que foi concebida, mas poucas vezes se arremessou a propor uma alteração de alguma significância no campo das estruturas sociais. Esse papel foi desempenhado, em realidade, a partir de propostas do grupo de pensadores urbanos denominados de “utópicos”. Desde Thomas Morus e sua Utopia, a cidade ideal foi objeto de análise de vários pensadores utópicos. São conhecidos os conceitos do *“falanstério”* do teórico socialista francês François Marie Charles Fourier (1772-1837), a obra

Icaria, publicada em 1840 pelo francês Etienne Cabet (1788-1856), em 1848 o estudo de *Victória* de James Silk Buckingham e *Hygeia: A City of Health* de Benjamim War Richardson, em 1876. Herbert Spencer (1820-1903), trouxe a contribuição social ao apregoar a abolição da propriedade privada¹; o “familistério” de Godin, a cidade linear do engenheiro espanhol Arturo Soria y Mata (1844-1920), a cidade industrial do arquiteto e urbanista francês Tony Garnier (1869-1948), dentre outros, também contribuíram para a formação desse ideário. Originam-se dessa época as cidades empresariais de Saltaire (1850), Bournville (1879) e Port Sunlight (1889). Dentre todos os trabalhos destaca-se o pensamento da “cidade social ideal”, do autodidata inglês Robert Owen (1771-1858), e suas experiências levadas em *New Lanark*, Escócia e posteriormente em *New Harmony*, no continente americano. Basicamente, no século XIX, estabelecia-se uma nova linha de entendimento da cidade e de como ela operava.

Segundo Silvana Petinatti Lucio, em dissertação de mestrado, apresentada à FAU PUCCAMP em 2000, denominada “*Pernambuco no século XIX: A Herança de Vauthier*”, ao analisar essa linha de pensamento “*cada vez mais sensíveis aos problemas tematizados pelos teóricos da qualidade de vida do ser humano, nos engenheiros ligados aos movimentos utópicos, não se limitavam a pensar a cidade como local onde as soluções técnicas eram suficientes para resolver os problemas urbanos. Habitados a tudo enxergar sob o prisma da indústria, a organização do território e a solução das questões à ela inerentes passaram a ser tratadas como forma de produção. A visão desses engenheiros sobre a edilidade pública, logo se alargou ao perceber que, na cidade, sociais e culturais, bem como os problemas técnicos e econômicos, se entrecruzavam para formar um panorama complexo que exigia soluções abrangentes*”². Tal corrente é classificada por Choay (1997) como *Pré-urbanismo progressista*.

Trevisam (2002) define o modelo urbano resultante, ao afirmar que “*as características similares inerentes aos modelos progressistas passam pelo espaço amplamente aberto com vazios e áreas verdes, por um zoneamento segundo as funções urbanas – habitat, trabalho, cultura e lazer -, pela junção da lógica com a beleza, negando-se portanto o ornamento e o supérfluo e, finalmente, pela criação de edifícios tipo ou alojamento padrão, protótipos*

¹ SPENCER foi outro grande influenciador da idéia cooperativista embutida na “*garden-city*” de Howard. A socialização da terra evitaria a indesejada especulação das terras.

² Ver em LUCIO, Silvana T. M. Petinatti. *Pernambuco no século XIX: A Herança de Vauthier*. Dissertação de mestrado apresentada à FAU/PUCCAMP. 2000. P. 38.

*construídos para atender de forma igualitária toda a população*³. O pensar dos utópicos marca um contraponto às linhas da *tábula rasa* ao geometricismo puro e monumental, predominante nas intervenções no século XIX, notadamente Paris, Lucio (2000) coloca que "*Delineava-se, portanto, uma solução alternativa à cidade-ideal do século das Luzes que seguia as regras de regularidade e da geometria. A nova solução apoiava-se na composição de várias redes de serviços superpostas e que levava em consideração a formação geométrica do território e as necessidades econômicas, sociais e culturais dos seus habitantes*"⁴. Naturalmente, todas essas idéias tiveram um trânsito universal que apontaram ao cenário urbano paulistano de início de século XX.

A partir desse momento, inserimos o presente estudo. Dividimos a obra literária em três corpos principais, que se constituem nos capítulos. O trânsito de idéias e soluções urbanas no contexto do urbanismo brasileiro e, em específico, o paulistano, permeia o primeiro capítulo. Através de uma pesquisa com predominância de fontes secundárias, recorrendo à produção acadêmica já constituída, encontramos um rico panorama de transformações urbanas, calcadas na incorporação de soluções urbanas consagradas internacionalmente e sua conseqüente adaptação às necessidades vigentes, visando os melhoramentos necessários à modernização das cidades brasileiras. Discorremos sobre personagens como Vitor da Silva Freire, Joseph Antoine Bouvard e Richard Barry Parker e empresas urbanizadoras que tiveram papel fundamental no novo perfil urbano da cidade de São Paulo, como a Companhia City - onde o próprio Parker atuou na mesma época em que Macedo Vieira estagiou (1917-1919). Finalizamos esse capítulo introduzindo no enredo nosso personagem principal: o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira; procurando entender a genealogia da adoção de um híbrido de soluções urbanas, ocasionadas pelo próprio ambiente acadêmico em que se formou, bem como o ambiente profissional em que conviveu.

O segundo capítulo, numa mescla de fontes primárias, com visita ao acervo não catalogado de Macedo Vieira, sob consignaço do Departamento do Patrimônio Histórica da Prefeitura de São Paulo – DPH/PMSP, e fontes secundárias, nas quais destacam as obras de Kawai (2000) e Steinke (2002), tem caráter mais descritivo, onde buscamos no arcabouço constituído pelas intervenções urbanas de Macedo Vieira, algumas características técnicas que

³ TREVISAN, Ricardo. *Incorporação do Ideário Garden-City inglesa na Urbanística Moderna Brasileira: Águas de São Pedro*. Texto para Exame de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos-UFScar, 2002, p. 19.

⁴ LÚCIO, Op. Cit, p. 39

viriam a caracterizar a forma de atuação profissional do engenheiro-civil, originando uma “metodologia” Macedo Vieira, rica em adoção e adaptação de modelos urbanos – notadamente “*garden city*” em maior monta, “*city beautiful*” e “*beaux arts*”, também em inúmeras ocasiões -, conforme as características do sítio objeto de intervenção, assim o exigisse. Notamos que o tempo todo Macedo Vieira recorre a esse híbrido de cultura urbana. Não se liga em específico a uma corrente ou linha e sim, adota as soluções conforme as necessidades.

No último capítulo recorreremos às fontes primárias, em maior proporção, onde buscamos nos debruçar sobre o planejamento da sua primeira cidade nova – a cidade balneária de Águas de São Pedro, na região central do Estado de São Paulo. Nesse projeto encontramos uma rica experiência de Macedo Vieira que, intercambiando idéias com profissionais da área medicinal e sanitária, elaborou o projeto, segundo os bons preceitos urbanos vigentes, onde transparecem seus principais conceitos urbanos tal qual um zoning simplificado, mas rígido; uma forte importância dada às questões sanitárias; um completo entendimento das funções de uma cidade planejada para o bom habitar, onde se confirma a adoção do traçado sinuoso como recurso de qualidade estética e do pinturesco como característica urbana que agrada tanto aos residentes, quanto aos visitantes da cidade balneária. Nesse projeto confirmamos que Macedo Vieira foi um aplicador de soluções urbanas que caracterizaram os profissionais politécnicos como autores de projetos que, seguindo outros caminhos, que não o funcionalismo da corrente modernistas, também construíram um a história diferenciada, mas de significância. Como Macedo Vieira, poderíamos nomear outros profissionais menos estudados, tal qual Paulo Amaral, que também contribuíram para a construção dessa outra face da história. Nesse sentido, o presente trabalho pretende trazer uma pequena parcela de contribuição ao grupo que se dedica ao resgate dessa rica fase da historiografia urbana.

Além dos personagens já citados que desencadearam as pesquisas sobre Jorge de Macedo Vieira, serviram de base de informações, a Prefeitura Municipal, a Câmara Municipal e a Biblioteca Municipal da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, onde encontramos documentações históricas, fotos e mapas; o 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro, com o diário oficial onde constam as bases jurídicas de fundação da Empresa “Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”; a Biblioteca “Gustavo Teixeira”, de São Pedro, – onde encontramos o periódico de época “Caldas de São Pedro”, a Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria e o Grande Hotel São Pedro Hotel Escola SENAC, que cedeu-nos o histórico de fundação do hotel; a Prefeitura Municipal de Cianorte, norte do Paraná, que cedeu-

nos informações históricas e mapa atual da cidade, Biblioteca Central da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo- EESC/USP, a biblioteca de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU/USP, o Centro de Documentação – CEDOC, do Centro de Ciências Exatas Ambientais e de Tecnologias da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – CEATEC/PUCCAMP, todas objetos de constantes visitas para levantamento de documentos e bibliografias que versavam sobre os temas e Antonio Falcão de Andrade, filho mais velho do Fundador da Cidade de Águas de São Pedro, Octavio Moura Andrade.

Capítulo I

PANORAMA DO URBANISMO BRASILEIRO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX: da intervenção pontual ao entendimento sistêmico da cidade

No presente capítulo buscamos contextualizar a discussão que centralizava a cultura urbanística nas primeiras décadas do século XX, época de formação profissional de Jorge de Macedo Vieira. Há essa época, a grande circulação de profissionais protagoniza um rico intercâmbio no campo dos ideários urbanos e resulta numa grata contribuição para o urbanismo brasileiro e, em específico, o paulistano. A assimilação de modelos consagrados internacionalmente - como o *"garden-city"* e o *"city beautiful"*, dentre outros -, e sua conseqüente adaptação á realidade dos aglomerados urbanos brasileiros, resulta na adoção de um híbrido de soluções e técnicas urbanas, que, aplicadas por profissionais tais quais os engenheiros-civis politécnicos, convergiram em significativa contribuição para os melhoramentos necessários à modernização das cidades brasileiras. Buscamos trazer para essa discussão, os personagens que tiveram papel significativo na construção desse cenário, que propiciou a formação de profissionais aptos a contribuir para a melhora da qualidade urbana nas cidades, entre os quais se insere o profissional Jorge Macedo Vieira.

Macedo Vieira personifica o engenheiro civil que entende a cidade na sua forma sistêmica e busca empreender soluções baseadas em um *corpus disciplinar* consagrado. Nessa busca, discutimos os seguintes tópicos: i) o ambiente da cultura acadêmica da Escola Politécnica de São Paulo; ii) a atuação de alguns profissionais que simbolizam essa fase de intercâmbio das ideais, tais quais Vitor da Silva Freire e Bouvard; iii) empreendedores que tiveram papel de significância na carreira de Macedo Vieira, tais quais a Cia City e Richard Barry Parker. Discorreremos ainda sobre as diferentes interpretações do modelo *"garden city"* e seus derivados como os "subúrbios jardins" e os "bairros jardins", soluções as quais Macedo Vieira recorreu de forma mais freqüente; além de nos introduzirmos no movimento *"city beautiful"*, de origem norte americana, solução também adotada freqüentemente por Vieira.

Nessa lógica, dedicamos a última parte desse capítulo à introdução do engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira nesse rico cenário, discorrendo sobre sua fase inicial de formação e o ambiente das discussões urbanas paulistanas, na qual se inseria o engenheiro civil.

1.1. A fonte européia e a Escola Politécnica de São Paulo

"A potencialidade da expansão urbana das cidades brasileiras já chamava a atenção na segunda metade do século XIX, tanto que o capital estrangeiro inverteu recursos numa ousada iniciativa de implantação de bairros novos⁵"

Empreendidas por engenheiros formados pelas escolas militares de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, as intervenções urbanas ocorridas nos dois quartéis finais século XIX, se caracterizavam como processos de mitigação das problemáticas em uma cidade já edificada, possuíam caráter pragmático e pontual, procurando conter processos de degradação de áreas inseridas na trama urbana. Já ao final do mesmo século tais intervenções mostraram não serem as mais adequadas a serem incorporadas à nova dinâmica de desenvolvimento econômico e industrial que se avizinhava. Urgia a necessidade de se repensar as intervenções e a própria cidade, considerando-se os novos agentes que se sobrepunham à vida cotidiana, notadamente repensar sua expansão, sua circulação e suas questões sanitárias. Entender a cidade de forma sistêmica.

O cenário anterior mostrava que as intervenções de maior monta contemplavam as cidades que abrigavam a atividade comercial dos portos marítimos. Segundo Leme (1999) *"O porte destas reformas estende-se, como é o caso do Rio de Janeiro, do Recife, de Salvador e de Niterói no embelezamento e remodelação de praças e na abertura de largas avenidas. Estas obras viárias arrasaram quadras inteiras, eliminando edifícios e marcos históricos da cidade. No lugar de sobrados e vielas encortiçados grandes edifícios. No Rio de Janeiro, as avenidas estabelecem a ligação entre o centro e os bairros, na zona norte e na zona sul, iniciavam a expansão da cidade"*⁶.

Nos primórdios de uma incipiente industrialização, São Paulo alicerçava sua economia na versatilidade dos importadores caracterizados, esses, por dominar todo o processo dos manufaturados, dando nova dinâmica ao comércio e provocando grande circulação de produtos,

⁵ Ver em SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil, 1900-1990*, 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 21.

⁶ Ver em LEME, Maria Cristina da Silva, *A formação do Pensamento Urbanístico no Brasil, 1895-1965*. In: _____, *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999, p. 23

mercadorias, compradores e consumidores. Segundo Dean (s/d) *"Muito mais do que as firmas do Rio, os importadores de paulistas tendiam a perder sua identidade como importadores e transformando-se em fabricantes"* ⁷; por conseqüência, a cidade demandava novas industriais, que ocupariam grandes áreas e necessitavam de capital humano para fazê-las produzir. Tal fato resultou em alterações na estrutura da cidade, que necessitaria de engenheiros e técnicos para sua reorganização urbana. Segawa comenta que *"A cidade de São Paulo, pelo crescimento econômico e físico, e pela riqueza propiciada pela exportação do café, foi contemplada com uma operação especulativa que trouxe um padrão urbanístico inédito na América do Sul. As estruturas urbanas, em sua maioria, era herdada do período colonial, não se coadunava com as expectativas de uma sociedade que se urbanizava em passo acelerado, embora sustentada por uma economia agro exportadora de valores arraigadamente rurais. As cidades transformam-se nas plataformas rumo ao mundo moderno, isto é, em busca de um nível devido à maneira das grandes metrópoles européias e norte americanas"*⁸. Wolff (2001), descreve o processo de expansão *"Desenvolveram-se bairros que abrigavam as funções ampliadas que a cidade passara a ter: fábricas, comércio, instituições variadas e residências. As construções desses bairros variaram entre barracos, cortiços ou prédios bem-edificados e eram realizados por amadores ou sob orientação de mestres-de-obras ou eventualmente de engenheiros"*⁹.

A partir da formação das primeiras Escolas Politécnicas em São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro (Leme, 1999), a orientação anterior, pontual, cedeu lugar a projetos que se pautaram na busca da solução integral desse sistema urbano. A Escola Politécnica de São Paulo ocasionou o surgimento de profissionais que, ao entender as intervenções não apenas pelo prisma do pontual, buscavam levantar o que esse ponto contribuiria para a alteração do entorno e como esse novo elemento viria a se integrar no todo do lugar. Steinke (2002,) afirma que *"Esta escola buscava formar profissionais de larga visão, aptos a compreender os novos problemas que o processo de urbanização apresentava e a elaborar planos globais envolvendo saneamento, circulação e desenho urbano"*¹⁰. A brochura da Sala Jorge de Macedo Vieira, elaborada por ocasião da 4ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, afirma que *"era uma reação à mentalidade livresca e ao bacharelismo vigente no ensino superior brasileiro da época e transformou a Escola*

⁷ Ver representativa análise de todo o processo de industrialização de São Paul em DEAN, Warren. A matriz econômica: A importação. In: _____, W. *A Industrialização de São Paulo* (1880 – 1945), São Paulo: Difel, 3ª Ed., s/d., p.35.

⁸ Ver em SEGAWA, Hugo, Op. Cit., p. 22

⁹ Ver em WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. A cidade de São Paulo. In _____, . *Jardim-América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura*, São Paulo:Edusp, 2001

¹⁰ Ibidem, p. 24.

num dos principais agentes de propulsão do processo de modernização tecnológica da indústria paulista e nacional.¹¹"

Sobrepõe-se a esse fato a questão do quadro de docentes das escolas ser constituído por profissionais que estavam inseridos, com uma atuação proativa, na esfera pública (Leme, 1999). Steinke (2002) esclarece que " *foram eles que fizeram parte da criação e do primeiro corpo docente das Escolas Politécnicas de Engenharia de São Paulo, na Bahia e no Rio, onde os principais campos de trabalho foram a construção de ferrovias e as obras de infra-estrutura das cidades, como saneamento, abertura e regularização do sistema viário...*"¹², trazendo uma nova forma para a cidade, sobretudo calcado nas soluções adotadas das capitais européias.

No que tange à genealogia da formação das Escolas Politécnicas, cabe-nos colocar a afirmação de Fischer(1989)¹³ que caracteriza as diferentes inspirações pedagógicas dessas instituições. As do Rio de Janeiro e do Recife possuíam clara semelhança com a escola francesas, escola essa, onde a parte chamada de fundamental era ministrada na *École Polytechnique* e os cursos especiais nas escolas de *Ponts et Chaussées* ou *Mines* e possuíam relevância na questão artística. A Escola Politécnica de São Paulo era caracterizada pela linha alemã de ensino, onde a engenharia compunha a base do programa, não se fragmentando, posteriormente, para outras escolas. Tal fato se deve às características pessoais de Antonio Francisco de Paula Souza, formado pela Escola de *Karlsruhe*, em 1868, e primeiro diretor da Escola Politécnica.

Obras como pontes, ferrovias, correção do sistema viário e principalmente a questão sanitária, eram o centro nevrálgico dos projetos. Segundo Leme (1999)" *Pressionados pelas epidemias que estavam assolando as cidades, a questão do saneamento era central e os engenheiros eram chamados para elaborar o projeto e chefiar comissões para a implantação de redes de água e esgoto*"¹⁴. Saturnino de Brito se tornava o maior empreendedor sanitário,

¹¹ Brochura de Divulgação da Sala Especial dedicada a Jorge de Macedo Vieira, por ocasião da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. A citação está na página 20. Doravante tal obra será denominada simplesmente por B.J.M.V. – Brochura de Jorge de Macedo Vieira.

¹² Ver em STEINKE, Rosana. *Ruas curvas versus Ruas Retas. Na história da cidade, três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira*. Dissertação de Mestrado ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP, 2002, p. 27.

¹³ Ver um panorama sobre essas diferentes concepções de conteúdo programático dos cursos das Escolas Politécnicas em FISCHER, Sylvia. *Ensino e Profissão: O curso de engenheiro-arquiteto da escola politécnica de São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História, 1989.

realizando inúmeras obras urbanas em algumas dezenas de cidades brasileiras, a partir de seu escritório centrado na Capital Federal, Rio de Janeiro. Outros nomes se destacavam como Lourenço Baeta Neves, no Recife e Theodoro Sampaio em São Paulo. As primeiras legislações urbanísticas começam a surgir no final da década de 1910¹⁵.

A questão sanitária fez se presente em projetos que envolveram maior monta de investimento, com conseqüentes intervenções em maior grau, sempre sob forte influência de projetos europeus. A implantação da nova área de Vitória, Novo Arrabalde – projeto de Saturnino de Brito e uma intervenção baseada na técnica e nos preceitos higiênicos -, moldava-se numa nova tipologia de projetos que se caracterizavam como intervenções que abrangeriam maiores áreas do que aquelas que os próprios sítios urbanos continham até então. Sobre Novo Arrabalde, Andrade (1999) coloca que "*Tratava-se de construir uma nova paisagem urbana, mais do que ampliar uma cidade existente, que permaneceria no lócus "dos labores do dia", como ele preconizava*¹⁶ (Saturnino de Brito)". A questão sanitária trás à tona uma nova característica desses planejadores urbanos: a presença do pensamento social, materializando-se na busca de soluções que entendessem a relação do habitante com o meio e suas derivadas conseqüentes. Há que se entender que tal pensamento é resultante de toda uma cultura social que se estabeleceu nas ciências a partir de meados do século XIX. O planejamento urbano não fugiria a essa regra, incorporando mais um elemento em seu "*modus operandi*", e esse de extrema importância,

Novo Arrabalde se caracteriza, pela sua natureza, como um marco no urbanismo brasileiro. Andrade (1999), prossegue e comenta o que poderíamos colocar como algo próximo ao que se denominaria um dos produtos derivados do conceito *howardiano* de "cidade-jardim" e "subúrbio-jardim", quando coloca que "*Seu desenho buscava instaurar um novo modo de vida, a ser usufruído por uma classe de famílias privilegiadas, sem dúvida vinculadas ao então próspero comércio da praça vitoriana, mas que com seu isolamento da cidade velha, a implantação de*

¹⁴Ver em LEME, Maria Cristina da Silva, A formação do Pensamento Urbanístico no Brasil, 1895-1965. In: _____, *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999, p. 23.

¹⁵ Devemos recordar que o reconhecido *Town Planning Act* inglês, que se caracterizava de forma a contemplar o planejamento urbano de forma integral, já havia sido publicado em solo britânico em 1909.

¹⁶ Ver O desenho de um novo modo de vida, In: LEME, Maria Cristina da Silva, *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999, p. 197 Uma análise referencial sobre Saturnino de Brito e suas influências esta em ANDRADE, Carlos R. M., Camillo Sitte, Camile Martin e Saturnino de Brito: traduções e transferências de idéias urbanas, In: *Cidade, Povo e Nação. Gênese do urbanismo moderno*, PECHMAN R. e RIBEIRO, Luiz C. Q., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

*melhoramentos e elementos do urbanismo pinturesco, garantiria a tríade de exigências clássicas – segurança, conforto e beleza. Assim situado entre o campo e a cidade, o projeto de Brito trazia em seu bojo, ainda que de modo incipiente, mas antes mesmo das realizações de Unwin e Parker nos arredores londrinos, a concepção de subúrbio-jardim*¹⁷. Tem-se conhecimento que nas leituras de Brito estavam incluídas obras de Camilo Sitte, também este fonte de inspiração de Raymond Unwin, o que poderia dar o indicativo que não seria apenas coincidência, mas, outrossim, lembremos que o projeto de Novo Arrabalde, é de 1896. Embora a produção original de Sitte é de 1889, apenas na tradução francesa de Martin, de 1906, os conceitos *sittianos* são mais divulgados. Esse fato torna a afirmação de Andrade impressionante, ao entendermos a capacidade técnica de Saturnino de Brito.

No que tange ao planejamento urbano da época, o avanço articula-se, também, ao que poderíamos denominar de “cultura dos tratados e manuais”, bem como a viagens às diversas localidades do globo, empreendidas por uma série de urbanistas locais em simultaneidade com a visita de alguns urbanistas europeus às terras tupiniquins. Tais fatos acabaram por convergir no estabelecimento de uma cultura de soluções urbanas renovada. Steinke (2002) afirma que “*Os manuais, bem como as exposições, no cenário do planejamento urbano e da arquitetura, têm caráter divulgatório, pois através deles se faz a ‘propaganda’ das idéias. Atuam como influenciadores, trazendo exemplos de experiências, como modelos até. Temos nessa primeira metade do século XX uma série deles atuando como disseminadores das idéias sobre urbanismo e do que estava sendo realizado em termos urbanísticos no mundo [...] Esse é o caso da tratadística alemã, mas não só ela. Para os urbanistas, suas viagens eram também um campo experimental – e divulgatório – como é o caso de Bouvard e Barry Parker em São Paulo, Agache e Le Corbusier no Brasil e na Argentina, bem como a ida de Ebenezer Howard para os Estados Unidos.....*”¹⁸. Nesse cenário entende-se a razão das soluções urbanas adotadas pela maioria dos engenheiros mostrarem-se inspiradas nos processos adotados por Haussmann para a Paris e por Ludwig Föster (1797-1864) para a *Ringstrasse* de Viena. No caso paulistano, a afirmação de Steinke traz-nos à luz o entendimento de o porque das soluções do tipo “*garden-city*”, serem incorporadas de maneira tão clara e rápida por empreendedoras, como a própria Companhia City faria em anos posteriores.

¹⁷ ANDRADE, Op. Cit. .

¹⁸ Ver em STEINKE, Rosana. *Ruas curvas versus Ruas Retas. Na história da cidade, três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira*. Dissertação de Mestrado ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP, 2002, p. 24

Essas transferências ocorriam em grande parte do mundo ocidental e contribuíam para a formação de um novo *corpus disciplinar* relativo à ciência do planejamento urbano. Segundo Dal Co (1975) "*em la primera década de 1900, los arquitectos y urbanistas refuerzaron o cream sus propias asociaciones profesionales, con el fin de asegurar un continuo intercambio de experiencias o informaciones y de definir e imponer um estatuto social a las nuevas formas de profesionalidad; de igual modo, libros y manuales se ocupan cada vez más detalladamente de las técnicas a adoptar, de estudios estadísticos, aspectos legilativos y administrativos inherentes a las iniciativas de planificación que van multiplicandose*¹⁹"

Concomitante às novas formas de interpretação da cidade, o ambiente urbano paulistano se modificava. A ocupação social se materializava na política da segregação dos bairros, com a elite se acomodando em assentamentos no eixo rumo às chácaras da Paulista, provocando uma espécie de compartimentalização espontânea do tecido urbano. Wolff (2001) comenta que "*As elites, por sua vez, cada vez mais segregavam-se das cidades dos negócios, localizada no núcleo central do triângulo, passando a ocupar os terrenos altos e secos de antigas chácaras subdivididas em lotes. As chácaras que envolviam o núcleo antigo não eram mais imprescindíveis para o sustento autônomo dessas unidades e para a sobrevivência da cidade*²⁰". Nos anos seguintes tal processo de segregação espacial, tornará forma mais concreta. Rolnik (1999) afirma que "*Com a abertura da avenida Paulista, o vetor de expansão, inaugurado com a ocupação da chamada "Cidade Nova", subiria em direção ao espigão do Caáguassu. A abertura do loteamento de Higienópolis – inicialmente bulevar Bouchard – estabeleceu um novo padrão de loteamento residencial classe A, acrescentando aos grandes lotes e às amplas avenidas arborizadas dos Campos Elíseos, novos elementos diferenciadores: o panorama e a salubridade dos lugares altos. Como no caso da Paulista, a legislação estabelecia a exclusividade para o uso residencial dos serviços de água, esgotos e gás que já estavam instalados quando o bairro foi vendido.*²¹"

¹⁹ Ver em DAL CO. De los parques a la región. In: CIUCCI, G. *La Ciudad Americana*. Barcelona: Gustavo Gili. 1975. p. 241.

²⁰ Ver em WOLFF, Sílvia, Op. Cit. P. 55.

²¹ ROLNIK, Raquel. Mercados, legislação urbana e valorização imobiliária. In: _____, Raquel. A Cidade e a Lei – Legislação, Política Urbana e Território na Cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1999. embora não trate especificamente de modelos urbanos denominados de "cidades-jardim" ou "subúrbio-jardim", O Livro de Raquel Rolnik é indispensável para que deseja conhecer a segregação do uso do espaço urbano em uma metrópole como São Paulo. A busca de imitar modos europeus sempre povoou a mente da elite histórica paulistana. Tal fato

Antes, o arruamento do bairro dos Campos Elíseos, foi importante marco referencial. Fruto de um planejamento elaborado com forte influência geometricista no seu traçado, em sua fase inicial caracterizou sua ocupação pela diversidade de grupos sociais que ali fixaram residência. Wolff (2001) coloca que " *Campos Elíseos foi o primeiro bairro que se buscou traçar um plano de ruas regulares, o que contribuiu para identifica-lo como o primeiro endereço aristocrático da cidade. Ainda permitindo a mistura de classe, porém próximo ao centro e as ferrovias, foi substituído na preferência dos abastados pela região de Higienópolis, situado em terrenos altos, arejados e posteriormente pela avenida Paulista. Foi no rumo indicado por esses empreendimentos que se definiram as zonas de expansão das classes médias e abastadas no início do século XX. Será nesse eixo oeste-sudoeste indicado pelas regiões mas claramente habitadas pelas elites que a Cia. City comprará seus terrenos e, posteriormente, implantará seus empreendimentos a partir da segunda década do século XX.*"²². Paralelamente, outros fatores se sobressaíam no cenário urbano paulistano, consequência do trânsito das idéias, da incorporação de soluções adotadas no exterior, tendo como agentes divulgatórios os profissionais que, em variados momentos, circulam pelos meios da cultura urbana internacional.

acabou por interferir no sucesso dos futuros bairros jardins. Rolnik coloca que " *Por volta da metade do século XVIII, a pintura de paisagens tornou-se um sucesso tão grande na Europa que o cenário do norte europeu passou a ser visto como se estivesse em um quadro. Fosse o interior feudal dos cercamentos ingleses e aldeias correspondentes às planícies da Holanda, a paisagem material era mediada por um processo de apropriação cultural e histórica de sua criação era subsumida pelo consumo visual. O sucesso do panorama, forma de apropriação cultural da natureza como forma representada na cidade moderna, foi um dos triunfos mercadológicos de Higienópolis, da Paulista e, posteriormente, das "Garden-City" paulistanas – os Jardins*". Ver na mesma obra, p. 110.

²² WOLFF, Silvia, Op. Cit. P. 56. Para uma melhor análise das intervenções que ocorreram no início do século XX na cidade de São Paulo, bem como, verificar como se realizaram as intervenções e reformas nas áreas mais novas, em especial, o desenvolvimento de um eixo inicial que seguiria da área central, especificamente, Av. Tirantes até os altos da Avenida Paulista consultar o Capítulo 2 – A gestação de uma metrópole: as reformas na Cidade de São Paulo (1899-1924) em ANDRADE, Carlos R. M. *Barry Parker: Um arquiteto inglês na Cidade de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, Tese de Doutorado, 1998, onde as administrações municipais, especialmente o papel de Duprat são tratadas de maneira exaustiva. A respeito dos novos rumos da urbanização de São Paulo, Andrade comenta " *Com o Prefeito Duprat tiveram pleno prosseguimento as obras de modernização da Cidade, destacando-se sobretudo a criação dos Parques do Anhangabaú e D. Pedro II, este na várzea do Carmo. Em seu Relatório de 1911 apresentado à Câmara Municipal, Duprat destaca "o bom estado financeiro do Município, a sua renda florescente e a aplicação exata, rigorosa, dos dinheiros do erário municipal"* (p.3). *O Prefeito aponta também para a necessidade de "enfrentar os grandes melhoramentos, que surgem cada dia, e que, iniciados na administração passada, atingem agora ao seu alto grau de desenvolvimento, obrigando-o a encetar um plano geral de obras, para transformação da cidade"* (p.3). *E arrolava mais de duas dezenas de ruas que deveriam ser alargadas, para o que necessitava fazer desapropriações, assim como estas seriam necessárias "para a formação dos Parques da Floresta, Água Branca, Várzea do Carmo, avenida Paulista e avenida Angélica, para a construção de um terraço na avenida Paulista e outro na rua Rio de Janeiro, este destinado a gozo de vista sobre o vale do Pacaembú; para a construção da esplanada da avenida Paulista"* (p.4), *revelando em tais empreendimentos um cunho acentuadamente estético, de criação de uma nova imagem da cidade, mas também de construção de belvederes, além de ampliar os parques existentes*". Consultar também TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

Outrossim, o advento das Escolas Politécnicas marcaria uma nova forma de estabelecer parâmetros para a expansão urbana das cidades brasileiras. Incorporando métodos com bases científicas voltadas a critérios sistêmicos e incorporando conhecimentos práticos das experiências européias, ocasionou o surgimento de profissionais capacitados a iniciar a construção de uma verdadeira cultura urbanística nacional. O estabelecimento de *corpus disciplinar* requeria a empreendida desses profissionais tanto no meio acadêmico, quanto no meio técnico da cultura urbanística internacional, na busca do entender, interpretar, saber e aplicar métodos consagrados, e adaptá-los e modernizar a trama urbana das cidades brasileiras.

1.2. A circulação dos profissionais: a criação de um novo enredo urbano composto de interpretações e traduções

A circulação de alguns dos engenheiros brasileiros pela cultura urbanística internacional resulta em planejadores que, ao estudar e assimilar modelos e soluções, sobretudo os europeus e americanos, buscam adaptá-los à realidade urbana e social das cidades brasileiras. Tais personagens, ao incorporar tais modelos e darem-lhes novas interpretações, acabam por influenciar de forma definitiva, a maneira de pensar, intervir e articular a aglomeração urbana. Transformam os originais, dando-lhes novos atributos, resultando em soluções híbridas, uma nova roupagem, com novos adereços e com traços de originalidade que dificilmente seria possível no próprio modelo que o originou. Um desses personagens se traduz em Victor da Silva Freire (1869–1951). A atuação de Freire á frente da Diretoria de Obras Municipais (ex-Intendência de Obras Municipais, entre 1892-1899), participando de congressos internacionais, mostrou-se decisiva para a propagação do que viria a ser um planejamento urbano abrangente. Recém chegado de um congresso urbano em Londres, Freire coloca a necessidade de se articular a expansão da cidade. Leme (1991) coloca que *"Em 1911, Victor da Silva Freire escreve artigo para a Revista Politécnica que representa um marco para o estudo do urbanismo paulista. É a primeira vez que se aborda, de forma articulada, aspectos viários e o desenvolvimento urbano de São Paulo, estabelecendo uma relação com projetos urbanísticos existentes para outras cidades e uma comparação com as idéias de urbanistas estrangeiros."*²³. Em seus artigos Freire mostra clara influência da cultura urbanística vigente na Europa, onde *"a transposição dos preceitos do moderno urbanismo europeu para a resolução do problema paulistano era apoiada por Freire nas teorias do urbanista austríaco Camillo Sitte, cuja obra de 1889, A construção das cidades segundo seus princípios artísticos, havia feito escola entre os técnicos europeus mais atualizados"*²⁴.

No mesmo ano, por ocasião da apresentação de um memorial descritivo como justificativa para a reestruturação da região central de São Paulo, Victor Freire coloca todo seu conhecimento adquirido com nos congressos internacionais. Simões Jr.(1991), comenta que *"Essa justificativa, redigida por Victor da Silva Freire, vai utilizar em sua argumentação os*

²³ Ver em LEME, M. C. S. . Formação do pensamento urbanístico, em São Paulo, no início do século XX. In: *Espaço e Debates – revista de estudos regionais e urbanos*, nº 34, 1991, ps. 64-65.

²⁴ Ver em CAMPOS, Candido Malta. A importação da cidade moderna. In: *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização de São Paulo*. São Paulo: SENAC, 2002, p.126.

*primeiros fundamentos teóricos que estavam surgindo na ciência urbana. Freire vai buscar, na literatura internacional e nos modelos de estruturação das cidades européias, os elementos para fazer a análise do crescimento desmesurado que estava ocorrendo na cidade de São Paulo, de seus problemas de circulação e de integração viária. Com isso, para fazer a defesa de seu projeto perante o do Governo do Estado de São Paulo, Freire acaba propondo o primeiro "plano conjunto" para a cidade, introduzindo assim as bases do urbanismo entre os profissionais ligados ao setor de obras públicas paulista.²⁵ Freire conhecia, com extrema propriedade, as proposições e soluções urbanas, desde o conceito de *zoning* de Reinhard Baumeister ao apego ao traçado orgânico de Camilo Sitte (1843-1903), dos conceitos da estética da cidade de Charles Mulford Robinson (1869-1917), à rótula distributiva de Eugène Hénard (1849-1923). Para Freire "o paradigma haussmanniano deveria ser superado (...). O terreno acidentado, a situação do centro urbano sobre uma colina a cavaleiro de dois vales, as linhas de penetração para os bairros, tudo levava a adoção dos traçados não ortogonais e sugeria o pitoresco como recurso de valorização paisagística"²⁶.*

Freire também sempre se preocupou com a moradia operária familiar e via com olhos críticos o crescimento vertiginoso a que a cidade de São Paulo estava submetida. Em publicações tais como nos *Boletins do Instituto de Engenharia*, tecia comentários a respeito da necessidade de melhor salubridade das moradias populares e, entre outras soluções, apontava alternativas, tais como a construção de casas germinadas higiênicas para operários. No entanto, considerava tais soluções apenas paliativas, longe daquilo que se constituía no ideal ao seu entender: a aplicação dos conceitos que regeram a implantação dos "subúrbios-jardim" europeus e norte americanos (Andrade, 1998). Não só para Freire, a circulação, o tráfego, o deslocamento e o fluxo do trânsito pela cidade caracterizavam-se como fator problemático para o desenvolvimento da cidade e foi o objeto de destaque nos estudos, por ocasião das intervenções urbanísticas em toda a região central da cidade. Leme descreve "*Em São Paulo, os projetos para o vale do Anhangabaú (1906-1912) integram as encostas do vale..... e do outro lado o emergente bairro comercial valorizado pela construção do Teatro Municipal. A transformação do vale é radical passando de área ocupada por fundo de lote para um jardim de alamedas e canteiros plantados para o passeio de pedestres. Este parque era cortado por uma via de traçado ligeiramente curvo em sentido longitudinal, que estabelece a ligação do Vale com o*

²⁵ Ver em SIMÕES Jr, J.G. O setor de obras públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo. In: *Espaço e Debates - revista de estudos regionais e urbanos*, nº 34, 1991, ps. 71-74.

²⁶ Ver em CAMPOS, Op. Cit., p. 128.

*restante da cidade*²⁷. Leme (1999), ressalta, nesse ponto, uma nova característica do projeto urbano: *"Está sendo elaborado um novo modelo de cidade com ruas largas, casas alinhadas, praças e parques com desenho definidos de canteiros. Não é mais o acaso, mas o projeto do engenheiro que define áreas centrais das cidades.*²⁸". Incluído nessa escola, encontramos o urbanista, de origem francesa, Joseph Antoine de Bouvard, orientado por Constant Dufeux e formado na *École des Beaux Arts*, da cidade de Paris. Bouvard veio ao país a convite de Edouard Fontaine de Lavelaye, fundador a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company* – Cia City, em 1911²⁹.

Cabe comentar, no bojo dessas intervenções em áreas centrais, a renovação da rua Líbero Badaró, entre 1911 e 1918, objeto de intervenção na qual se destacam Augusto Carlos Silva Telles(1906) e Vitor Freire (1911). Porém, foi a intervenção de Bouvard que marcou a renovação da área do antigo centro, bem como a nova área, na outra margem do vale. Sobre tal fato, Simões Jr.(1999) comenta que *"Um fato marcante notado nesses anos, foi que a reedificação aí realizada permitiu estabelecer uma moderna e homogênea tipologia arquitetônica que não teve equivalente em nenhuma outra rua da cidade"*³⁰. Portanto, a intervenção na Rua Líbero Badaró originou um novo projeto, mais ousado, por parte de Bouvard: a reorganização de todo o Vale do Anhangabaú que, de região desprezada que servia de fundos do centro, passou a ocupar uma posição nevrálgica de importância dentro da nova forma de ocupação do território central da cidade de São Paulo³¹, sendo tal fato vital para os futuros planos de expansão da cidade. Convém-nos destacar que a intervenção de Bouvard também possui claras influências de Camillo Sitte, retratadas no traçado predominantemente orgânico que deu às passagens e alamedas do vale. Poder-se-ia afirmar que seria o primeiro projeto com tais características a compor a paisagem urbana paulistana. Ali, também, encontram-se traços consagrados por Raymond Unwin nos desenhos das "cidades jardins" e dos "subúrbios jardins".

Poderíamos encontrar um exemplo do intercâmbio no campo das idéias ao buscarmos a obra de um engenheiro-civil politécnico: João Florence de Ulhoa Cintra (1887-1944). Formado na

²⁷ Ver em LEME, 1999, Op. Cit., p. 24

²⁸ *ibidem*, p. 25

²⁹ Para consultar mais sobre esse fato ver em SEVCENKO, Nicolau. *O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

³⁰ Ver em SIMÕES, Jr. Melhoramentos na área central de São Paulo – o caso da renovação da Rua Líbero Badaró, 1911-1918. In: . In: LEME, Maria Cristina Silva. *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999, p. 205.

Politécnica em 1911, viria a compor o quadro de docentes da própria Escola em 1926, transformando sua disciplina, a cadeira de Hidráulica Urbana e Saneamento em "*verdadeiro curso de urbanismo*"³². Na esfera pública, Ulhoa Cintra atuou junto à Diretoria de Obras Municipais e foi responsável pela elaboração de um novo perímetro de irradiação e expansão, que viria a substituir o perímetro inicial elaborado pelo próprio Freire. Segundo Campos (2002) "*O triângulo ampliado de Vitor Freire já se baseava nos conceitos do urbanismo moderno – a teorização dos traçados perimetrais por Charles Mulford Robinson, expoente do movimento City Beautiful nos Estados Unidos. Encontramos fundamentos teóricos da proposta de Ulhoa Cintra nas idéias do arquiteto e urbanista francês Eugène Hénard, teórico das estruturas viárias radioconcêntricas*"³³. Ulhoa Cintra chega a elaborar um esquema teórico comparativo para São Paulo, segundo os preceitos dos mesmos esquemas elaborados por Hénard para Paris, Moscou e Berlin, constantes de seus *Études sur lês transformations de Paris*, concebidos entre 1903 a 1909.

Em Ulhoa Cintra, aos moldes de Vitor Freire e outros, encontramos a arquetípica exemplificação do "*modus operandi*" da assimilação, sistematização e aplicação à realidade paulistana, dos modelos urbanos vigentes nas modernas urbanísticas européia e americana. Vemos que os engenheiros-civis politécnicos organizam os programas de expansão e melhoramentos para as cidades, trafegando pelo planejamento integral e, para isso, se utilizam, de uma ampla diversidade de ferramentais técnicos e teóricos da engenharia urbana, a eles disponibilizados pelo intercâmbio das idéias. Ao expandir sua atuação para a esfera pública conseguem, de uma forma pragmática, utilizar-se da cidade como grande campo de experimentos, o que leva a trama urbana a sofrer profundas modificações que marcariam, por décadas o cenário da cidade.

Fato de importância para a disseminação dos conhecimentos técnicos sobre as intervenções urbanas praticadas em variados locais, em especial, Europa e América, foi a fundação do Instituto de Engenharia em 15/02/1917, por parte de Antonio Francisco de Paula Souza, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Francisco Paes leme de Monlevade, Alexandre Albuquerque, Francisco de Salles Vicente de Azevedo, Luiz de Anhaia Mello e Francisco

³¹ Para uma visão ampla da representatividade da obra de Bouvard para o Anhangabaú, consultar SIMÕES Jr, José Geraldo. *Anhangabaú: História e Urbanismo*. São Paulo: FAU-USP, tese de doutoramento, 1995, obra completa, onde há o registro da significância do fato para o histórico do urbanismo paulistano.

³² Ver em Campos, Op. Cit., p. 262

³³ Idem, p. 262.

Fonseca Telles. Segundo Carpintero (1996) “*Os boletins e as revistas publicadas pelo instituto representavam uma fonte de comunicação e informação para os técnicos de todo o Brasil. É sabido que nesse momento, várias entidades semelhantes espalhadas pela Europa e na América produziam seus canais de comunicação, como as revistas de urbanismo da Sociedade Americana de Engenheiros civis, Proceeding e Reports, o jornal mensal Journal of American Institut of Architects, do Instituto Americano de Arquietos, ainda o jornal do Instituto de Urbanismo da Inglaterra, ra revista Garden Cities and Town Plannings, a revista mensal francesa La vie urbaine, publicada pelo Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, além da Revista Alemã de Urbanismo, fundada por Camillo Sitte e Stünbben, Der Städtebau. Conforme o engenheiro Luiz de Anhaia Mello, “...são estas fontes onde podemos beber a experiência essa que há de servir para o estudo e resolução dos nossos problemas”*”³⁴

Ao lapidarmos a genealogia do planejamento urbano paulistano, vemos que ele se renova, se reinterpreta e se assenta sobre novas bases, incorporando elementos ora de uma escola hora de outra, resultando num produto final multifacetado. Tal característica, no entanto, pode conduzir-nos a interpretações distorcidas e levar-nos a tipificar determinado projeto como de uma escola inglesa, americana ou francesa, dentre outras. Essa permanente metamorfose, por certeza, tem a propriedade conduzir até mesmo experientes da área a nomear determinado tipo de intervenção urbana como sendo “*garden-city*” ou “*city beatiful*” ou “*beaux arts*”, por exemplo. Para melhor esclarecimento abrimos um parênteses no presente estudo para utilizar-nos de um exemplo que tornou-se um clássico do urbanismo das primeiras décadas do século XX: o modelo urbano de origem inglesa denominado “*garden-city*” – “cidade-jardim”. Reforçamos a intenção de discorrermos breves palavras sobre essa tipologia de solução urbana, o fato dela influenciar, sobremaneira, o objeto de estudo da presente obra lieterária: O engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira.

³⁴ Ver em CARPINTEIRO. M.V.. O Urbanismo no Instituto de Engenharia: São Paulo, 1920-1940. In: RIBEIRO, L.C.Q., R. M. PECHMANN. Cidade, Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996. p. 229.

1.3. “Cidade-jardim”, “subúrbio-jardim” e “bairro-jardim”: interpretações, fragmentações e distorções.

O último quarto do século XIX leva a Inglaterra, em meio a uma crise, a uma alteração de sua política comercial. Provinda de várias décadas de crescimento econômico vertiginoso, ainda produto da Revolução Industrial, teve essa expansão contida pelas novas regras do mercado capitalista, com o aumento da oferta por parte das outras nações que se industrializavam a passos rápidos. A recuperação iniciou-se em 1880, com o incremento da agressividade política no campo do comércio exterior. Essa alteração, que provocou uma série de investimentos ingleses nos mercados incipientes, marcadamente América do Sul, fez com que o capital gerado pelas empresas se dirigisse ao estabelecimento de bases nessas novas fronteiras do capital. Como consequência interna, o investimento na melhora das condições de habitação nos conglomerados urbanos ingleses, especialmente os com vocação industrial, deixaram de existir. Tal fato agravou as já precárias condições de vida nas cidades da ilha, especialmente Londres. No campo das discussões, desde antes, pensadores denominados de “socialistas utópicos”³⁵, como Willian Morris (1834-1906) e John Ruskin (1819-1900), ligados ao movimento “*Arts and Crafts*”³⁶, semeavam ideais sobre a necessidade da melhora das cidades, em especial, em suas questões sociais e urbanas.

Na última década do século XIX, resultante dessa linha de pensamento social-urbano, surge o conceito de cidade idealizado pelo britânico Ebenezer Howard (1850-1928), denominado inicialmente de “*town-country*” em sua obra datada de 1898, *To-morrow: a Peaceful Phat to Real Reform* e depois renomeado de “*garden-city*”, na reedição de 1902, sob o título de *Garden Cities of To-morrow* (figura1.1.). Howard, que poderíamos classificar como um “*preacher*”, buscava a integração entre o urbano e a calma rural do interior da Inglaterra. O modelo conceitual de cidade de Howard possuía princípios baseados: a) na propriedade cooperativa, prevendo que as receitas oriundas de sua atividade econômica seriam divididas por

³⁵ Tem-se que o termo “socialistas utópicos” foi criado pelos teóricos socialistas e revolucionários alemães Karl MARX(1818-1883) e Friedrich ENGELS (1820-1895), quando esses buscaram traçar linhas de pensamento sobre o socialismo. Criou, ENGELS, duas linhas: a dos “socialistas científicos”, na qual ele próprio se incluía e a dos “socialistas utópicos” na qual inseriu uma série de pensadores das reformas sociais nas cidades

³⁶ Em anos posteriores tal movimento acabou por acolher inúmeros pensadores da cidade, entre os quais Raimound Ulwin e Barry Parker. Sobre tal fato ver ANDRADE, Carlos R. M. *Barry Parker: Um arquiteto inglês na Cidade de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, Tese de Doutorado, 1998.

seus habitantes; b) na cidade auto-sustentável, com princípios de crescimento contido e; c) entornada por áreas verdes, denominadas de “green-belts”, que funcionariam ao mesmo tempo como fornecedor de hortifrutigranjeiros e de limitador de expansão da cidade. Tal modelo poderia ser ampliado se aplicado em um planejamento de cunho regional, ao prever uma teia de pequenas cidades, com uma cidade central com 58 mil habitantes e seis “cidades-jardim” satélites com até 32 mil habitantes. Tal esquema poderia se reproduzir por todo o país. Howard pensava, em realidade, na “cidade-social”, cabendo a tal conceito todo o último capítulo de seu livro, na versão de 1902. Trevisan (2002) coloca que “tanto para Peter Hall (1995) quanto para Robert Beevers (1988), a preocupação de Howard em sua obra estava direcionada mais para os processos sociais do que para aspectos físicos de sua nova cidade (...). A atenção maior foi dedicada a temas econômicos e financeiros pelos quais argumentava a possível concretização de seu ideal”³⁷. Embora a idéia possua um bom princípio quanto à busca de convívio entre os espaços urbano e o rural, apenas duas cidades inglesas foram concebidas utilizando-se desses conceitos: Letchworth(1902) e Welwyn(1919), mas nenhuma delas chegou a cumprir integralmente todos os tópicos previstos por Howard, como a questão da auto sustentabilidade exemplificando³⁸.

³⁷ Trevisan, Ricardo. Op. Cit., p. 51

³⁸ A produção bibliográfica internacional sobre as “cidades-jardim” é relativamente ampla. Porém, iniciamos com a recomendação de outro autor: Camillo SITTE. A tradução brasileira de *A Construção das cidades segundo seus princípios artísticos*, Ed. Ática, 1992, organizada por Carlos Roberto Monteiro de ANDRADE, é retirada diretamente do original austríaco, o que se constituiu num trunfo da produção nacional, tendo em vista que a edição europeia efetuada por Camille MARTIN, de 1906, foi mutilada quando MARTIN substituindo o capítulo que tratava das praças, inseriu um, de sua autoria, descrevendo as ruas. As próprias reedições de *Garden Cities...*, como a de 1946, prefaciada por OSBORN (Faber & Faaber Ltd) são extremamente interessantes. Após a obra original de Howard ser publicada, pode-se citar como referencia a obra do francês BENOIT-LEVY publicada em 1905, denominada *Cities-Jardins D’Amerique*, Henry Jouve Éditeur, o clássico *Town Planning in Practice(1909)* de Raymond Unwin. O entendimento da cidade howardiana é referenciado em 1915, por Patrick GEDDES em *Cities in Evolution: na introduction to the town planning movement and to the study of civics*, Willian and Norgate traduzida para o português pela Ed. Papyrus, Campinas, no ano de 1994. Os defensores do purismo dos ideais *howardianos* podem ser encontrados na obra de F.J. OSBORN denominada *New towns after the War*, 1918, J.M. Dent and Sons Ltd. onde o mesmo discorre sobre a criação de cidades novas, seguindo preceitos da “garden city”. C.B. PURDON em *The Building of Satellite Towns*, 1925, J.M. Dent & sons discorre sobre a implantação de cidades satélites como Howard previa. A obra de Sir. Patrick ABERCROMBIE, *The Great London Plan*, 1944, H.M. Stationery Office, utiliza-se dos conceitos das “cidades-jardim” para o estabelecimento da política de implantação das cidades novas inglesas para o pós-guerra. A transposição das *new towns* a realidade americana é feita através de J. NOLEN em *New towns for Old. Achievements in civic improvement in some american small towns and neighborhoods*, 1927, Marshall Jones Company. Anos mais tarde, Clarence STEIN escreve, sobre o mesmo assunto, *Toward New towns for América*, 1951 The University Press of Liverpool. Nas análises, sob o enfoque da historiografia urbana se destacam W. CREESE com artigo no Journal do Society of Architectural Historians, nº 22, 1963, denominado *Parker and Unwin: architects of totality*, F. JACKSON comenta sobre a obra de Raymond Unwin em *Sir Raymond Unwin: architect, planner and visionary*. Zwemmer Ltd. 1985, R. BEEVERS com *The Garden City Utopia: a critical biography of Ebenezer Howard*, Mac Millan e St. Martin’s Press, 1988. W. ASHWORTH com *Gênese Of Modern British Town Planning*. Routledge and Kegan Paul, 1972, A experiência italiana com a “cidade-jardim é descrita por M. BORIANI e S. BORTOLOTTTO, em 1991, com a obra *Origini e sviluppo di una città giardino. L’esperienza del “Milanino”*., S. BUDER em 1990 produz *Visionares and Planners: the garden cities movement and the modern Community*, Oxford University Press. Importantes obras referencias são as elaboradas por R. FISHMANN em 1979, denominada *L’Utopie Urbaine au XXe Siècle. Ebenezer Howard, Frank Loyd Wright, Le Corbusier, Pierre Mardaga*,

Ebenezer Howard jamais projetou ou recomendou um desenho urbano ideal para as suas cidades, e sim, previa, nos seus diagramas, que o desenho deveria ser adaptado às diversas tipologias de terreno, de modo a que cada um dos planejadores das “cidades jardins” estavam livres para utiliza-se de sua criatividade na formatação final desse desenho. A preocupação de Howard era a questão da sustentabilidade social das cidades. Pela própria natureza e pela forma extremamente minuciosa de articulação da cidade, entendia que a “cidade jardim” nasceria a partir do sítio não edificado; o que pode nos conduzir a uma interpretação errônea: entender o conceito “cidade-nova” como originária do conceito de “cidade-jardim”. O contrário mostra ser mais verdadeiro.

A aplicação das experiências propostas para a “cidade jardim” de Howard deveria ficar ao encargo de planejadores com ênfase na prática urbana. Após abertura de um concurso, tais nomes se traduziram em Raymond Unwin (1863-1940), e Richard Barry Parker(1867-1947), que vieram a se tornar os executores da primeira “cidade-jardim” da história urbana: *Letchworth garden city*, fundada em 1903, na Inglaterra. Inicialmente progredindo a passos relativamente lentos, mas acabando por se conceber, Letchworth reservou a Howard um mérito: desconhece-se, na historiografia urbana, uma utopia, que após a primeira edição do conceito (1898 – *A Peaceful Path...*), tenha encontrado entusiastas e pessoas dispostas a executá-la em tão curto período de tempo. A experiência com a concepção de Letchworth trouxe o reconhecimento público a Raymond Unwin e Richard Barry Parker, que além de laços de parentesco, eram

Peter HALL, em *Cities of Tomorrow. Na intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*, Basil Blackwell. A análise da implantação do conceito howardiano em vários países do globo tais como Austrália, França, Inglaterra, Alemanha, Japão e Estados Unidos feitas por S.V. WARD em 1992 em *Garden City: past, present and the future*. No Brasil tornam-se fonte de informações, além da tradução de *Garden Cities*, prefaciada por OTTONI, pela Ed. Hucitec, em 1996, as produções a qual recorreremos nesse livro tais qual do Prof. Dr. Carlos Roberto de ANDRADE, denominada *Barry Parker: um arquiteto inglês em São Paulo* e referendada no decorrer dos capítulos do presente estudo. WOLFF, em 2001, analisa a implantação do primeiro “bairro-jardim” em *Jardim América: o primeiro bairro jardim de São Paulo*, Edusp, As críticas á “cidade-jardim” podem ser encontradas em *The Life and The Death of American Great Cities*, 1961, traduzida para o português em 2001 pela Martins Fontes, obra de Jane JACOBS. O italiano C. DOGLIO antes, em 1953, já elaborava críticas a respeito do conceito howardiano em “ *L’Equivoco de la città giardino*”, na publicação *Urbanística*, ano XXII, nº 13. TAFURI em *Modern Architecture*, Electra/Rizzoli, 1980, analisa o conceito rotulado de anti-urbanismo Em 1986. Dean HAWKES organiza uma obra destinada à arquitetura residencial inglesa onde analisa Barry Parker, denominada *Modern Country Homes in England, The Arts and Crafts Architecture of Barry Parker 1867-1944*. Estudo que abordam esse modelo sob uma renovada temática tornam-se indispensáveis ao leitor que queira conhecer os novos conceitos como o da cidade compacta, elaborado por Richard ROGERS em *Ciudades para um Pequeno Planeta*, 2000, Gustavo Gilli e a obra conjunta de WARD e HALL denominada *Sociable Cities. The legacy of Ebenezer Howard*, John Willy & sons, em 1998..

ligados ao movimento dos Socialistas Fabianos³⁹. Quanto a Letchworth, na fase inicial, os lotes comercializados - segundo o esquema howardiano de cooperativismo previsto em *Garden Cities of To-morrow*-, foram adquiridos por profissionais da vanguarda artística inglesa em uma estranha combinação com um grande número de *quakers*⁴⁰, talvez, e aí é suposição, movidos pela formação religiosa da Família de Parker. Parker se dedica mais à arquitetura das casas, cabendo a Unwin o planejamento urbanístico da cidade (Andrade, 1998).

Sobre Unwin, Mumford comenta que *"A visão interior que parece ter orientado intuitivamente os mais eficientes planejadores suburbanos foi mostrada racionalmente, pela primeira vez, provavelmente por Raymond Unwin, no modesto folheto Nothing Gained by Overcrowding"*⁴¹. A partir da experiência de Letchworth e das leituras de Camilo Sitte, Unwin e Parker empreendem estudos sobre a aplicação parcial do modelo howardiano em uma cidade já existente. O exemplo prático se concretiza com o projeto de Hampstead Garden, subúrbio londrino e edificado em 1907. Nesse derivado do conceito de "cidade-jardim", porém devemos nos deter um pouco mais, considerando fatos que ocasionaram a cisão entre Ebenezer Howard e Raymond Unwin por volta de 1906. Wolff (2001) coloca que *"O conceito de cidade-jardim, consagrou-se associado a uma terminologia que transita pelos termos cidade-jardim e subúrbio-jardim de maneira nem sempre precisa. A rigor, refere-se a núcleos urbanos que buscavam viver independentemente de outras cidades e que surgiram dentro de uma perspectiva de planejamento com finalidades sociais amplas e um espírito que buscava reunir cidades e campo num todo orgânico. Almejava-se uma harmonia inexistente na congestionada e ameaçadora cidade industrial. Subúrbios-jardins caracterizavam-se mais como extensões, conectadas com o tecido urbano ou não, mas viabilizadas pela sua relação de dependência com uma cidade*

³⁹ De Socialistas Fabianos eram denominados os simpatizantes dos ideais marxistas pertencentes à classe média inglesa do final do século XIX e início do século XX. Embora defensores de ideais tais como uma melhor distribuição da renda e das terras entre os trabalhadores, ligavam-se a uma ala menos radicalizada dentre outras socialistas.

⁴⁰ Os *Quakers* pertencem a uma corrente cristã inglesa cujas posições radicais em prol do pacifismo são conhecidas. Tal formação religiosa fez, inclusive, Richard Barry Parker abandonar a Inglaterra no final de 1916, por se recusar a pegar em armas. Essa peregrinação iniciou-se pela Europa e culminou na América do Sul, podendo ser uma das razões que trouxeram Parker ao Brasil em janeiro de 1917, onde atuou em projetos da Cia City de Desenvolvimento, segundo Prof. Dr. Carlos Roberto de ANDRADE EESC-USP(2002). Ao contrário de Parker, Raymond Unwin, foi um dos grandes colaboradores do governo inglês no esforço bélico para a Primeira Grande Guerra. Tal fato levou a Raymond Unwin receber, posteriormente no pós-guerra, o título de Sir.

⁴¹ Tradução: "Nada a ganhar com o congestionamento".

*preexistente*⁴² Essa concepção de subúrbio, numa relação de dependência latente com o núcleo urbano era uma antítese do ideal da cidade auto-sustentável, apregoado por Howard, e agredia o sentido do puro que se abrigava no projeto original do modelo urbano denominado de “garden-city”. Embora a questão da auto suficiência é um dos pontos não contemplados totalmente sequer por Letchworth (Wolff,2001), a forma “subúrbio-jardim” acabava por tornar inatingível tal objetivo.

Interessa-nos citar, no entanto, que Howard poderia ter se inspirado no conceito do subúrbio-jardim, pois, em época anterior, em sua temporada nos Estados Unidos, foi observando o subúrbio denominado de *Riverside*, na cidade de Chicago, que o traçado orgânico lhe saltou aos olhos. O projetista de *Riverside suburb*, Frederick Law Olmsted, não tinha a visão extremamente humanista de Howard, mas o desenho e as “*park ways*” refletiam um ambiente harmonioso e pinturesco, perfeitamente adaptáveis a uma cidade ideal para a classe trabalhadora. Andrade (1998) nos coloca o que “*No seu “Preliminary Report Upon the Proposed Suburban Village at Riverside, near Chicago” (Schuyler e Turner, eds.:1992, pp.273-290), enviado por Olmsted em setembro de 1868 para a “Riverside Improvement Company” (Companhia de Melhoramentos Riverside), Olmsted tece as seguintes considerações. Em primeiro lugar, a de que diversos fatores, entre eles a rapidez com que a Cidade de Chicago estava crescendo, apontam para uma demanda futura exclusivamente para fins urbanos, e com nenhuma atenção para a satisfação de gostos rurais; desse modo, “a cidade, até agora, não tem verdadeiros subúrbios ou bairros nos quais benefícios urbanos e rurais estejam agradavelmente combinados com alguma perspectiva de longa duração.” (op.cit., p.273). Em segundo lugar, Olmsted destaca o interesse em colocar no mercado loteamentos com as vantagens dos subúrbios residenciais, afirmando que havia uma demanda para tal e que esta aumentaria com o progresso da população da cidade.....”*⁴³. Deduzimos que Howard tem como uma de suas inspirações exatamente o modelo que anos depois renegaria: um “subúrbio-jardim”. Era radical defensor de todos os princípios apregoados em *Garden Cities....*, e seu rompimento com Unwin foi ocasionado pelo uso indevido, no pensar de Howard, do conceito “*garden city*”, quando do projeto e implantação de Hampstead Garden em 1907⁴⁴.

⁴² WOLFF, Sylvia Ferreira Santos. A Tradição das cidades-jardins e dos subúrbios ajardinados. In: _____, *Jardim-América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua Arquitetura*, São Paulo:Edusp, 2001, p. 23.

⁴³ ANDRADE, 1998, Op.Cit. Capítulo I

⁴⁴ O rompimento de Howard e Unwin fez com que um novo projeto de Howard, a segunda cidade-jardim, Welwin, ficasse ao encargo de Louis de Soissons, em 1919

Trevisan (2002), recorre a Patrick Geddes em *Cidades em Evolução* (1994), para esclarecer o pensar de Unwin sobre o desenrolar dos acontecimentos pós implantação de Letchworth, afirmando que “*Raymond Unwin (...) percebeu que naquele momento a maior parte do novo desenvolvimento de Letchworth estava se parecendo mais com subúrbios do que com cidades-jardim. Por isso, ele preparou um diagrama para ilustrar como o princípio da cidade-jardim poderia ser aplicado ao Subúrbio*”(Geddes, 1994, p. 223)⁴⁵. Cabe-nos, no entanto, buscar entender o pensamento de Raymond Unwin, sobre o embate entre as idéias de “cidade-jardim”x “subúrbio-jardim”. Andrade (1998), nos fornece uma pista: “*Nessa passagem da idéia de cidade-jardim para subúrbio-jardim, as formulações teóricas de Raymond Unwin em seu Town Planning in Practice, publicado em 1909, são fundamentais. Nelas encontraremos uma adequação dos princípios de Sitte, lidos a partir da versão francesa de Camille Martin (1918), às novas exigências de expansão das cidades. Em sua tradução segundo uma leitura neo-medievalista das concepções sitteanas, Martin desloca a praça como espaço público privilegiado da cidade e a substitui pela rua curva, que seria execrada pelos modernistas alinhados às idéias de Le Corbusier dos anos 1920. Permite, dessa maneira, o deslocamento do interesse do urbanista, que passa das áreas centrais das cidades para suas áreas de expansão. Por outro lado, ao aplicar os princípios da cidade-jardim ao traçado de subúrbios-jardins, Unwin possibilita uma incorporação ainda mais ampla do ideário de Howard. Entretanto, será por este criticado, que vê nessa passagem uma descaracterização de suas idéias, com a perda, sobretudo, do objetivo de auto-suficiência da cidade-jardim. Mas, se os urbanistas vinculados ao Movimento pela Cidade-Jardim incorporam as concepções estéticas de Sitte, reafirmando os princípios do pinturesco oriundos da tradição paisagística inglesa, Parker & Unwin adotam formas clássicas para o traçado de áreas centrais*⁴⁶.” O traçado retilíneo é perfeitamente visível ao se debruçar os olhos na área central de Letchworth, onde as linhas curvas são reservadas a áreas mais tranquilas, principalmente ao núcleos residenciais⁴⁷.

O debate final que se estabelece é entre o regular e o irregular, o orgânico e o geométrico, o bom senso e o exagero. No clássico *Town Planning in Practice* (1909), Unwin prega uma espécie de mescla entre as tendências de traçados calcados em linhas retas e em

⁴⁵ GEDDES apud TREVISAN, Ricardo. *Incorporação do Ideário Garden-City inglesa na Urbanística Moderna Brasileira: Águas de São Pedro*. Texto para Exame de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos-UFScar, 2002, p. 70.

⁴⁶ Ver em ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. *Barry Parker: Um arquiteto inglês na Cidade de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, Tese de Doutorado, 1998, capítulo I.

⁴⁷ Para se conhecer o pensamento de Unwin sobre as cidades, nada melhor do que uma leitura na sua mais conhecida obra literária: *Town Planning in Practice*, publicada em Londres em 1909.

curvas: *“Antes que o arquiteto esteja em condições de avaliar corretamente os argumentos em ambos sentidos e em muitas outras questões que surgem no planejamento urbano, deve debater-se na forma abstrata da regularidade em oposição à regularidade e adotar como referência alguma teoria mediante a qual deve considerar a possibilidade de levar a cabo algum desenho simétrico e, por outro lado, manter as características existentes do terreno com que está tratando.”*⁴⁸ Os trabalhos de Unwin em Letchworth e Hampstead Garden são retratos, o mais fiel possível, desse seu pensamento. Ao ler Unwin, verifica-se que o mesmo não se encontra preocupado somente com uma “cidade-jardim”, mas sim, pensa em adotar várias outras soluções, como o respeito à topografia, à paisagem e à beleza, no que tange à reforma ou implantação de toda e qualquer cidade, mesmo que seja aplicada em parte o projeto *howardiano*, tal qual um “subúrbio-jardim”. Talvez, e aí é mera suposição, Howard não compreendeu essa pequena parcela do pensamento de Raymond Unwin, sobre o planejamento de cidades. Sendo “cidade jardim” ou “subúrbio Jardim”, o modelo de desenho urbano trabalhado por Unwin se espalhou por países como França, Itália, Alemanha, Japão e Austrália, dentre outros.

Nos Estados Unidos da América os conceitos de Ebenezer Howard encontram acolhida imediata e angariariam um grupo representativo de seguidores e, entre eles, se destacam Henry Wright, Clarence Stein, Catherine Bauer, Frederick Ackerman e Lewis Mumford⁴⁹. Em 1909 já era criada a *“Regional Plan Association of New York”*, que buscava o planejamento de forma integrada. As visitas à Inglaterra por parte desse grupo e as constantes vindas de Howard, Parker e Unwin aos Estados Unidos ocasionaram uma troca de informações de extrema importância para os projetos.

Em terras brasileiras, as diversas interpretações dos conceitos de “cidades jardins” e “subúrbios jardins” já se faziam presentes à época de Victor da Silve Freire. Andrade (1998), comenta que *“Considerar a cidade-jardim não como uma cidade, mas apenas “meras colônias” - o que talvez valha dizer, bairros residenciais, ou simplesmente um subúrbio-jardim -, pode soar algo estranho para quem alguns anos antes visitou Letchworth e Hampstead, que apresentam características bastante distintas. Mas, ao confundir a cidade-jardim com o subúrbio-jardim,*

⁴⁸ Ver em UNWIN, Raymond. De la individualidad de las ciudades, con un breve esbozo del antiguo arte de la planificación urbana. In: _____, R.Urbanística na Prática *La Practica del Urbanismo. Una introduccion al arte de proyectar ciudades y barrios*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984, capítulo II

⁴⁹ Tais personagens, juntamente com Howard seriam mais tarde tratados como pensadores anti cidade por Jane Jacobs já na introdução de seu livro *Morte e Vida nas Grande Cidades Americanas*.

Freire apenas reafirmava a tese de Unwin exposta já em 1909, ao mesmo tempo que propunha evitar o crescimento desmesurado da área urbana, aumentando-se a densidade de ocupação através da construção de pequenos sobrados geminados, ao invés de casinhas isoladas em amplos terrenos, como a solução “garden-city” preconizava”. Entendemos, portanto, que Freire conhecia com bastante propriedade o conceito das “cidades-jardim”, conhecia a experiência de Letchworth pessoalmente, mas preocupava-se mais com a melhor utilização dos lotes, a otimização do uso do terreno, ou seja, os aspectos econômicos superavam, para Vitor Freire, os de um “lugar bom para se viver, quase campo, quase cidade”⁵⁰, tanto que, anos depois, demonstrou grande admiração pelo trabalho executado por Parker em São Paulo.

Ainda no final da década de 1910, surge a proposta do “green-belt” para São Paulo. Inicialmente nascida de uma sugestão de Parker, quando esse esteve atuando na Cia City. Alguns anos após, já na década de 1920, tanto Ulhoa Cintra (1923), como Saturnino de Brito (1924), elaboram propostas que incorporariam um sistema de parques acompanhando partes da várzea do rio Tietê.⁵¹ Deve-se informar que as “park-way” eram propostas e deveriam ser incorporadas, tanto no projeto de Parker, quanto e principalmente, no de Saturnino de Brito, que às sugeriu não só para São Paulo, como também para os projetos para Santos e Rio de Janeiro. Até mesmo Prestes Maia reservou especial atenção a essa proposta de Parker.

Mais um divulgador da aplicação de conceitos derivados do modelo “garden-city”, está em Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello. Nascido em 1891, compôs uma carreira acadêmica admirável, sendo conhecedor, de maneira profunda, das concepções da “cidade jardim” e “subúrbio jardim”, bem como suas aplicações em diferentes localidades do globo. Sua posições, principalmente quanto às unidades autônomas de vizinhança, foram colocadas através do livro *Cidade Celular* (1933). Andrade (1998), em seu estudo sobre Barry Parker, comenta a respeito de certa coincidência de opiniões de Anhaia Mello e Prestes Maia - dois dos maiores expoentes da urbanística moderna nas décadas iniciais do século XX-, no que tange ao esquema e a solução urbana, das cidades-satélites: “Na polêmica entre as propostas para a cidade dos engenheiros, professores da Escola Politécnica e políticos, Prestes Maia e Luís de Anhaia Melo, as influências de Parker também não deixaram de estar implícitas. Ao discutir as formas de descentralização das cidades, em seu livro de 1930, Prestes Maia retoma a concepção de cidade satélite conforme foi formulada por Howard, afirmando: “As cidades satélites consistem

⁵⁰ Nota do autor

⁵¹ Ver em ANDRADE, C. R. M, Op. Cit, Capítulo 5.

essencialmente em aglomerações afastadas, de grandeza limitada, mas em si completas. Elas recebem de preferência o caráter de cidade-jardim, o que o preço do terreno permite", Dá como exemplo Santo Amaro e São Bernardo, mas não as considera cidades-jardins, "por faltarlhes a organização característica" e sugere que tal concepção "é inegavelmente sedutora".

As coincidências param nesse ponto, pois Anhaia Melo é conhecido defensor da contenção do crescimento desmesurado da cidade, enquanto a preocupação com o fluxo de circulação, criação de novas áreas de desenvolvimento, a *"rua corredor"*, por exemplo, compõem a base do pensamento de Prestes Maia. Anhaia Melo defendia, em meados dos anos de 1940, que a cidade deveria ter seu crescimento monitorado, incluído aí, um cinturão verde de cerca de cinco quilômetros de extensão buscando impedir o crescimento sem limites *"ad infinitum"* e encontrava nos princípios que regiam a formação das "cidades jardins", uma solução à crescente especulação com os terrenos paulistanos. Anhaia Melo, chegou a propor a construção de duas "cidades jardins" nos arredores de São Paulo.

Outra figura que se mostra adepta à concepção do ideário "cidade jardim" é o Engenheiro Léo Ribeiro de Moraes, nascido na cidade de São Paulo em 1912, formado pela Escola Politécnica em 1939 (Leme, 1999) com sua proposta, no início dos anos de 1940, de construção de cidades-satélites no entorno de São Paulo, levando em consideração a necessidade de um planejamento regional, executado de modo articulado, no qual tais cidades funcionassem como apoio ao grande centro, impedindo a explosão populacional desse último. Moraes, aos moldes de Purdon e Osborn, era defensor dos princípios *howardianos* em sua forma integral, descartando seus derivados.

Várias outras soluções derivadas do desenho urbano que se convencionou chamar de *"garden-city"* existiram pelos país, incorporando um ou outro conceito *howardiano*. Se destacam a urbanização de Campina do Derby, 1922-1926, Recife/PE, executado pela Diretoria de Viação e Obras Públicas, sob a orientação do Engenheiro Domingos Ferreira; Bairro Industrial e Operário na Várzea do Gravataí, Porto Alegre/RS, 1936, *do engenheiro Luiz Artur Ubatuba de Faria*; Vila Assunção, Porto Alegre/RS, 1937, pelo engenheiro Ruy de Viveiros Léria; Vila do IAPI, Porto Alegre/RS, 1940 - 1952 ao encargo de Marcos Kruter e do engenheiro carioca José Saboya Ribeiro; Bairro "cidade jardim" , Belo Horizonte/MG, 1937-1938 por Lincoln Continentino; Cidade jardim Eldorado, Belo Horizonte, 1954 pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Um projeto que chama a atenção, já tendo sido citado anteriormente, é o executado por Atílio Correa Lima para

sua tese de doutoramento pelo *Institut d'Urbanisme de Paris*, em 1932 denominado *Avant Project d'Aménagement et Extension de la Ville de Niterói au Brésil.*, onde é sugerido um traçado geral para a cidade de Niterói, além de uma ligação de tráfego rápido com o Rio de Janeiro, contendo uma proposta de zoneamento em quatro áreas: comercial, industrial, habitacional e rural.

Em 1931, Segundo Andrade (1998), o engenheiro civil Zózimo Barroso do Amaral, propõe um projeto de "cidade jardim" na área da Lagoa Rodrigo de Freitas, prevendo o aterramento de 20% da área da lagoa. As experiências vão se sucedendo: em 1932 Victor Dubugras projeta a "*Canadá Garden City*" e em Vila Isabel a "*Cidade-jardim*". Em 1937 surge a "*Cidade Jardim Laranjeiras*", destinada às classes sociais mais abastadas (Andrade, 1998). As experiências não se achem apenas às grandes cidades. Em 1937 o Engenheiro Francisco Baptista de Oliveira projeta para Juiz de Fora/MG o "*bairro-jardim*" Dr. José Procópio Teixeira", financiado pelo Banco Real de Minas Gerais, incluindo a solução "*cul-de-sac*" em seu desenho, além de algumas passagens para pedestres. Também, para Juiz de Fora projetou o "*Bairro Proletário Modelo*" para a Companhia Industrial Mineira, que teve a colaboração do arquiteto Giacomo Palumbo, outro incentivador das idéias de "cidade-jardim" no país (Andrade, 1998).

Experiências sociais foram buscadas. Servem como exemplo o surgimento, em 1949, da Liga Social contra o Mocambo como resultado da união entre empreendedores privados e órgãos públicos (Leme, 1999) e o parcelamento urbano denominado Rochdale, no município de Osasco, região metropolitana de São Paulo/SP, constituído na década de 1950, em sistema de cooperativa e destinado às camadas populares, tendo como empreendedor Fernando Marrey, difusor do ideal cooperativista em São Paulo⁵².

Numa derivada mais longínqua e sem qualquer pretensão ao social, está o desenho urbano de fortes características especulativas que resiste até os dias atuais e que, podemos afirmar, tem como parente mais próximo o "subúrbio jardim": falamos do "bairro jardim" ou dos "bairros jardins", disseminados por todos os continentes e presentes na maioria das cidades brasileiras. Na realidade observamos que tais produtos só guardam a tendência á

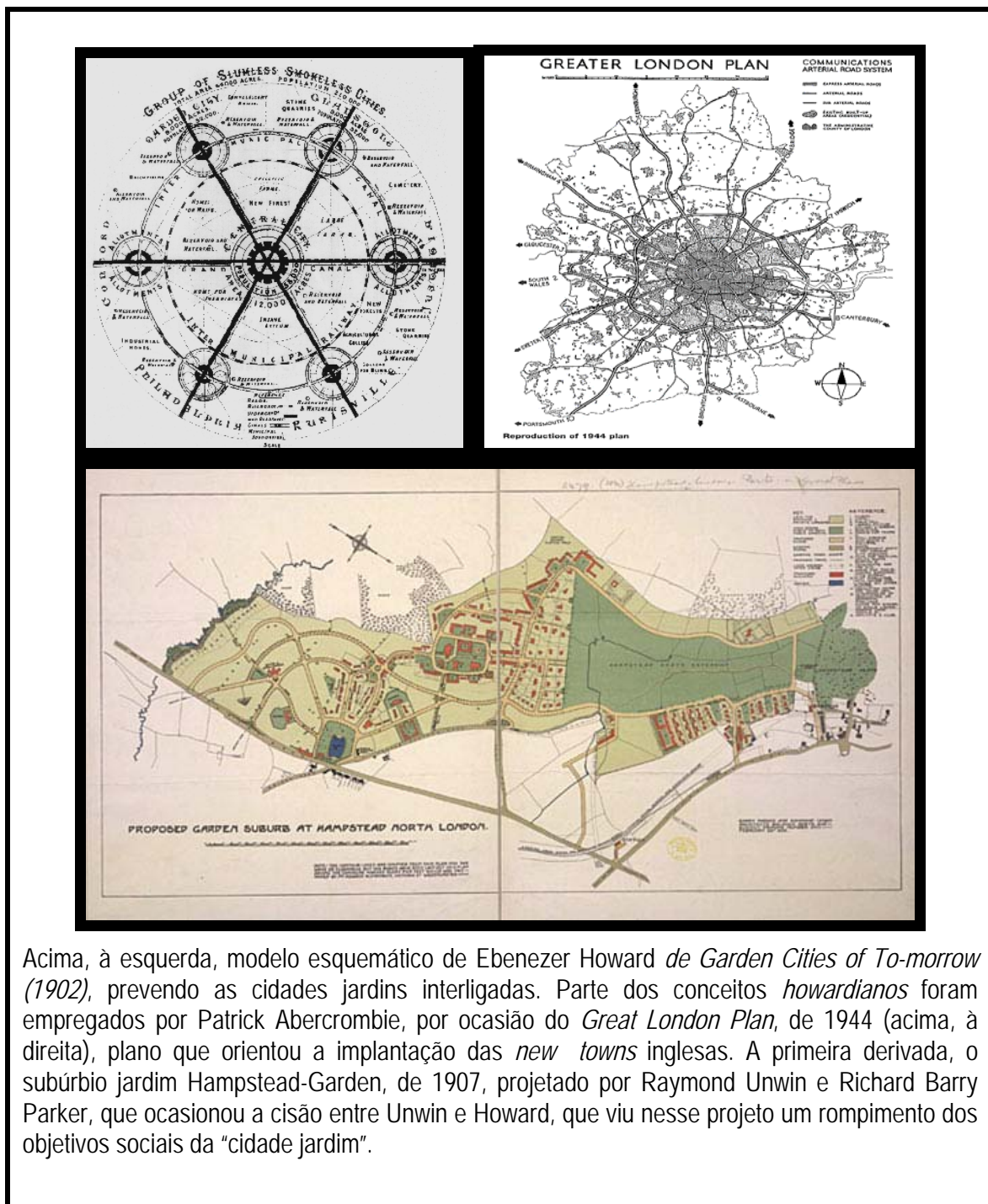
⁵² Para maior conhecimento da obra de Francisco Marrey, consultar o trabalho desenvolvido pela Profa. Dra. Regina Célia Bega dos SANTOS por ocasião da sua tese de doutoramento denominada *Rochdale e Alphaville: Formas diferenciadas de apropriação e ocupação da Terra na Metrópole Paulistana*, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, no ano de 1994.

rua sinuosa e a inserção da casa no centro do lote, o que lhe dá ares bucólicos, fugindo ao tradicional traçado monótono da quadrícula urbana. Por reunir tais características, os “bairros jardins” se disseminaram junto às elites e se tornaram instrumentos poderosos de convencimento, na mão dos especuladores imobiliários. Sua tradução mais funcionalista, no que tange à especulação do uso da terra, se traduz num produto que, podemos observar, está do lado oposto ao que Howard apregoava: Os condomínios fechados, “enclaves fortificados”, onde o desenho sinuoso e até mesmo o excesso de áreas verdes foram devidamente trituradas e direcionadas à sociedade de consumo com alto poder aquisitivo. Tal resultante faz-nos lembrar as palavras de Jane Jacobs (1961) em *The Livin And the Death of Great American Cities*, quando discorre sobre o planejamento urbano e suas deficiências.

Entretanto, independente de conceituar-se como “cidade jardim” ou “subúrbio jardim”, ao traçarmos uma linha mestra que transpassa os pensamentos de Camilo Sitte, Ebenezer Howard e Raymond Unwin, e entendendo seus pontos de vista diferenciados e pessoais, aos buscarmos algumas semelhanças, notamos que, em determinados momentos seus pensamentos sobre a boa forma da cidade, acabaram por convergir para um desenho urbano com tendências para o pinturesco, para o sinuoso, alinhando-se à natureza do terreno. Tal fato fez o conceito de “cidade-jardim” e seus derivados, quase que naturalmente, aderirem a essa tipologia de desenho urbano.

Em meio a todas essas novas interpretações, cabe-nos buscar na forma da pesquisa genealógica, princípios e fatos que ao primeiro momento, não nos chama a atenção, mas após uma análise mais crítica, revela-nos elos e pontos de conexão que auxiliam a estender o novelo e, no caso, entender como um modelo que se pretendia revolucionário, no que tange ao planejamento urbano, foi incorporado, interpretado, reinterpretado, fragmentado e novamente fractado, sendo aplicado a uma série de projetos, sendo que suas releituras mais livres, em realidade, se alinham no extremo oposto à proposta original. Não é diferente com respeito a outras escolas do planejamento. O hibridismo característico das soluções urbanas aplicadas por grande parte dos urbanistas brasileiros, apenas reflete a materialidade do discorrido nesse sub-tema e nós não nos reservamos a criticá-los ou atribuir-lhes propriedades superiores, e sim, apenas buscamos entendê-los e interpretá-los como fato e parte da dinâmica da ocupação da cidade e das constantes releituras dos modelos urbanos.

Figura 1.1. Cidades jardins, subúrbios jardins, new towns



Acima, à esquerda, modelo esquemático de Ebenezer Howard *de Garden Cities of To-morrow* (1902), prevendo as cidades jardins interligadas. Parte dos conceitos *howardianos* foram empregados por Patrick Abercrombie, por ocasião do *Great London Plan*, de 1944 (acima, à direita), plano que orientou a implantação das *new towns* inglesas. A primeira derivada, o subúrbio jardim Hampstead-Garden, de 1907, projetado por Raymond Unwin e Richard Barry Parker, que ocasionou a cisão entre Unwin e Howard, que viu nesse projeto um rompimento dos objetivos sociais da “cidade jardim”.

Fonte: Esquema: Cidades jardins do amanhã, HUCITEC, 1996; London Plan: www.letchworthfirstgardencity.uk

1.4. A City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited e novos personagens.

O início década de 1920 mostra uma cidade de São Paulo em processo de expansão. A riqueza proporcionada durante a primeira década, oriunda do vertiginoso crescimento das exportações do café, baseara-se na lógica estabelecida pelos grupos que dominavam as decisões na cidade: os exportadores do produto e os proprietários dos grandes latifúndios do interior. Por outro lado, estabeleceu-se um grupo formado pelos importadores de bens que, em consonância com os primeiros industriais, estavam quase sempre em confronto de interesses com os fazendeiros que, tradicionalmente, dominaram a cena política do país durante os anos precedentes sem, contudo, deixar de exercer influência ainda por um bom quartel de anos adiante⁵³. Na questão urbana as discussões da década de 1910 prosseguem com novos elementos.

São Paulo enfrenta um surto de crescimento que a alça a uma pujante concentração urbana, onde o capital articula sua expansão e opera as regras de crescimento. O modelo antigo, de pequenas intervenções pontuais, definitivamente estava superado. Sem um plano geral, a expansão urbana poderia levar a vida cotidiana ao caos. *“Era preciso uma reorientação drástica nos modelos de transformação urbanística. Essa busca por novos projetos modernizadores não se limitava à capital paulista: ao longo da década de 1920 o esgotamento dos modelos vigentes na República Velha tornava-se cada vez mais claros. Tenentismo, modernismo e outras expressões de insatisfação e renovação surgiam em todos os campos, evidenciando a necessidade de rupturas ou reacomodações por absorver demandas emergentes. Novos caminhos deveriam ser abertos para a construção da nação e da cidade brasileira⁵⁴”*. Se consolidava a necessidade de uma nova orientação urbana que regesse a expansão e as necessidades de melhoramentos urbanos da capital paulista.

Tal necessidade colocava os pensadores e planejadores da cidade em um dilema. Expansão *“ad infinitum”* ou crescimento contido? O confronto entre essas duas correntes se

⁵³ Para conhecer todo o processo de industrialização de São Paulo, no início do século XX, recomenda-se consultar a obra de Warren DEAN, *A Industrialização de São Paulo (1880 – 1945)*, São Paulo: Difel, 3ª ed., s/d

⁵⁴ Ver em CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade – urbanismo e modernização de São Paulo*. São Paulo: SENAC, 2002, p. 283

incorporou à cena urbana paulistana. O início da verticalização da cidade também faz-se notar, alterando o cenário do horizonte da cidade. Campos (2002), coloca que *"Ao longo da década de 1920, a permanente crise de crescimento que caracterizava a cidade de São Paulo adquiria dimensões preocupantes. Expansionismo, rodoviarismo e verticalização eram lemas que ganhavam força tanto em razão dos interesses imobiliários e outros, sediados na capital, como no debate urbanístico. Do confronto entre o urbanismo sittiano de Vitor Freire e o modelo "hausmanniano" da avenida central, havíamos passado a disputas entre as intenções reguladores de Anhaia Melo e os proprietários atingidos pela taxa de pavimentação; entre o padrão dos bairros jardins e o descontrole dos demais loteamentos; entre alargamentos limitados ao centro histórico e o perímetro de irradiação de Ulhoa Cintra; entre os volumes contidos preconizados por Freire e a ascensão dos arranha-céus. O acirramento dessas divergências levaria à busca por novos consensos e soluções⁵⁵".* Em meio a tal turbilhão e com a aproximação do centenário da independência, organizava-se a Exposição do Centenário para 1922.

Segundo Campos (2002) *"A extraordinária oportunidade que a Exposição do Centenário poderia proporcionar à arquitetura e às artes urbanas nacionais não passou despercebida pelos profissionais da área, que aproveitaram a ocasião para organizar-se enquanto categoria⁵⁶".* Fruto do esforço de articulação surgem a Sociedade Central dos Arquitetos e o Instituto Brasileiro de Arquitetos, além da publicação Arquitetura no Brasil, inspirada na atuação, enquanto uma classe, dos vizinhos da Argentina e do Uruguai como a *Arquitectura*, publicada pela *Sociedad de Arquitectos* e a *Revista de Arquitectura* da *Sociedad Central de Arquitectos*.

Segundo Malta Campos (2002), no campo das teorias urbanas, basicamente se estabeleceriam duas tendências: uma que, a passos lentos, se desvincularia do pensamento de Vitor Freire e buscaria romper com as estruturas dominantes, procurando estabelecer uma política de modernização urbana seguindo os preceitos funcionalistas da cidade: circulação, irradiação e expansão dos perímetros urbanos. Faziam parte dessa linha os urbanistas – dentre eles Francisco Prestes Maia, Luiz Carlos Berrini e Alcides Marins Barbosa- , favoráveis à liberação da verticalização das áreas do centro, do estabelecimento das avenidas de grande circulação e das grandes obras de infra-estrutura. Outra tendência ligava-se ao processo de expansão urbana e buscava o efeito regulador para as funções da cidade. Com forte influência do modelo europeu, calcaram-se em aspectos como o respeito à morfologia do solo e no uso do

⁵⁵ CAMPOS, Candido Malta. Op.Cit. p. 279.

⁵⁶ Iden, p. 203.

pinturesco como recurso estético. A essa tendência alinhava-se Anhaia Mello, Bouvard, e empresas urbanizadoras com forte poder de articulação político-social, como a Companhia City, empresa onde Jorge de Macedo Vieira iniciou sua carreira profissional .

Para a interpretação desses fatos, cabe-nos buscar 1911, o ano de criação dessa empresa formada com capital de grande monta, oriundo dos investimentos ingleses no país: a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*⁵⁷. Essa urbanizadora acaba por encravar marcas profundas no cenário urbano paulistano, seja pelo seu poder e influência política, seja pelos modernos processos e métodos que se utiliza para a urbanização de áreas novas. Seu papel é de decisiva valia para a difusão de uma das derivadas do conceito de "garden city": os "bairros-jardim", entre os quais se destacam: Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa e Bela Aliança. Segundo Steinke (2002) "*Essa empresa imobiliária se tornaria a maior já constituída na América do Sul, ao adquirir cerca de um terço da área então urbanizada da capital paulista, tendo um papel decisivo no panorama geral da ocupação espacial da cidade, que encontraria uma nota diferente através da sua atuação. Pelos estatutos, esta poderia operar no setor imobiliário, comercial, industrial e financeiro com irrestrita amplitude*"⁵⁸. Jamais antes, uma empresa urbanizadora gozou de tanto poder de manobra imobiliária na cidade.

A composição da direção da *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, mostra que a linha de gestão era conduzida através das decisões de um grupo de pessoas especializadas em áreas diversas da atividade de planejamento, do poder executivo e de agentes imobiliários, além de alguns hábeis políticos: A presidência foi ocupada por um banqueiro francês, disposto a investir em novas terras no Brasil: Eduard Fontaine Laveleye⁵⁹, e os demais sócios se compunham do consagrado urbanista francês Joseph Bouvard, conhecedor das mais modernas técnicas de planejamento urbano que se desenrolavam na Europa - o que poderia resultar em recuperação do atraso a que o planejamento urbano de São Paulo ainda estava atrelado - ; Victor da Silva Freire, já comentado anteriormente, com laços estreitos com a administração pública municipal, sendo diretor de obras públicas de São Paulo e Horário Sabino e Cincinato Braga, pertencentes à elite paulistana

⁵⁷ Para uma análise mais aprofundada da atuação da Companhia City no contexto da urbanística paulistana, consultar BACELLI, Ronei. *A presença da Companhia City em São Paulo e a implantação do primeiro bairro-jardim*. Dissertação de Mestrado, São Paulo:FFLCH/USP, 1982.

⁵⁸ Ver em STEINKE, Op. Cit., p. 30.

⁵⁹ Sobre tal fato há uma divergência, já que para Benedito Lima de TOLEDO, o primeiro presidente da Cia City foi o brasileiro Manoel Ferraz de Campos Salles. Ver em Toledo, B.L.M, Op. Cit. P.109.

e, portanto, com forte influência no meio, ambos tinham experiência em negociação de grandes quantidades de terras – haviam recentemente feito os loteamentos das áreas denominadas “Vila América” e “Vila Tupy”. A empresa contava, também, com outros investidores europeus e brasileiros.

Numa típica configuração de empresa multinacional e com escritórios em Paris, Londres e São Paulo, a Cia City adquiriu cerca de 37% de todo o perímetro urbano de São Paulo, totalizando 12.308.098 m² de área (Wolff, 2001), algo jamais executado por uma única empresa privada. Wolff coloca que *“Desde o início, a empresa selecionou áreas e buscou interpretar, com ajuda de empresários e técnicos locais, as tendências de ocupação da cidade e das extensões de terra que adquirira. Técnicos, membros da administração pública ou diretores de empresas concessionárias de serviços públicos fizeram parte de sua diretoria e ou atuaram como seus acionistas ou consultores. Assim a City pavimentou seu empreendimento com estratégias que facilitaram a implantação de seus objetivos – a venda de terrenos. Para atingir tais metas fez acordos que garantiam o melhor conhecimento técnico e a atuação solidária entre vários setores da gestão urbana, ações que viabilizaram a instalação de infra-estrutura e outras providências que contribuíram para induzir os rumos do desenvolvimento urbano em direção a outras áreas”*⁶⁰.

Cabe-nos alertar para o fato de que a solução “bairro-jardim” foi amplamente utilizada pela Cia City, enquanto um modelo ideal de organização espacial e de desenho urbano, mas seus princípios estavam longe do conceito de “subúrbio-jardim” de Raymond Unwin, e ainda mais do que Howard tinha como ideário urbano para a sua *“cidade-jardim”*. Embora saibamos que o primeiro desenho para o Jardim América foi elaborado por Unwin (Andrade, 1998), os “bairros-jardim” apareciam com uma proposta muito mais simples, porém, não simplista. A Cia City deixava clara suas intenções: obter lucratividade com a valorização imobiliária e conseguir a melhor taxa interna de retorno sobre seus investimentos, oferecendo um local que se pautava na harmonia, no pinturesco e na estética do arruamento e dos lotes, segundo a tradição do bom habitar inglês, dirigido a uma classe social abastada e disposta a consumir esse produto sofisticado de bairro.

Devemos colocar também que a concepção *“garden-city”* havia chegado à City bem antes da vinda de Parker. Já em 1911, Bouvard - admirador da obra de Camillo Sitte -, trazia claras influências dessa solução urbana e conhecia toda a obra de Howard, Unwin e Parker e,

exercendo forte influência nas decisões da Companhia, torna natural que, em particular, o traçado sinuoso, com desenho orgânico e o respeito à morfologia do terreno, se incorporariam nos projetos da Companhia.

Quanto aos “bairros jardins”, a preferência por tal tipologia de desenho urbano viria ao encontro das pretensões das classes abastadas, essas, ávidas em pertencer a uma cidade renovada, moderna, com qualidade urbana “européia” em seus bairros residenciais, aliados à futura possibilidade de deslocamento rápido do trabalho para a residência, pelas futuras vias expressas de escoamento do trânsito, típicas do planejamento urbano norte-americano que, provavelmente, viriam a ser construídas. A Cia City se incumbiria de se fazer cumprir a primeira parte.

Dirigida pelo grupo de profissionais de renomada competência, a Cia City articula meticulosamente a materialização de suas ações: mostra a habilidade política de contar com aliados nos locais certos nas horas certas, além de manter na retaguarda um *staff* de engenheiros-civis extremamente competentes e capazes de executar excelentes projetos. Tal estratégia fará da “City” uma verdadeira escola avançada para os estudantes recém formados da Escola Politécnica, onde o contato com renomados profissionais, brasileiros e estrangeiros, que circularam pelos quadros da empresa, propiciaria uma série de experiências que seriam assimiladas e entendidas e, posteriormente, aplicadas. São inúmeros os engenheiros civis que passaram pela Cia City e obtiveram grande destaque posteriormente.

No final dos anos de 1910, a Cia City adquiriu as áreas além do chamado espigão da avenida Paulista, rumo às várzeas de Pinheiros, denotando um novo eixo de desenvolvimento residencial de alto padrão para aquela área, o que ocasionava razoáveis gastos com infraestrutura, pois eram inúmeros os locais alagadiços. Os terrenos adquiridos pela Cia City em 1912, que se limitavam com as regiões de Higienópolis e Paulistas, denominados Pacaembu, sofreram constantes intervenções em sua morfologia, com sucessivas movimentações de terra, até se tornarem locais mais agradáveis e apropriados para a edificação das residências.

A sintonia com o processo de desenvolvimento de São Paulo é evidenciada ao se verificar que a Cia City atentava para todas as variáveis desse processo, procurando estabelecer parcerias, mesmo de modo informal, como é o caso da *Companhia Light*. Recorremos

⁶⁰ Ver em WOLFF, S. Op.Cit., p. 75-76.

novamente a Wolff (2001) quando comenta que *"em 1913 essas várzeas já estão com seu preenchimento indicado pelos arruamentos desenhados para loteamentos em terras dos futuros Jardim América, Pacaembu e Lapa. Traçados que não correspondem aos que foram efetivados, pois foram vistos por Parker entre 1917 e 1919. Sobre a cópia de mapa da cidade realizado pela Light and Power em 1913 a City traçou às linhas de bonde e de fiação elétrica em direção aos loteamentos em andamento e aos futuros, no Butantã e Alto de Pinheiros. Estabelece-se uma cronologia para o início das obras: "tranway to be built now" ou "to be built in future" e apontava-se "high tension ring constructed" ou "pojected"*⁶¹. Com tal domínio dos processos não tardou a ser bem sucedida logo no seu primeiro loteamento colocado à venda para o público, no caso, a elite paulistana.

Em 1917, ao buscar o escritório de Raymond Unwin e Barry Parker⁶² - famosos desde a implantação do esquema *howardiano* de "cidades-jardim" em Letchworth, 1903, e de seus derivados, como o subúrbio-jardim de Hampstead Garden, 1907 – para projetar um "bairro jardim", nas várzeas para além do espigão da Paulista - o futuro Jardim América -, a empresa caiu no gosto das classes abastadas, desencadeando o processo de implantação de novos loteamentos como: 1921, Alto da Lapa; 1925: Pacaembu; 1925: Alto de Pinheiros e 1935: Butantã, entre outras intervenções menores (figura 1.2.).

Embora os demais bairros não tenham obtido o sucesso de vendas inicial do Jardim América; a partir de 1940, com o esquema já consagrado, as vendas se recuperaram. A vinda do pacifista Barry Parker para o Brasil, em fevereiro de 1917 (Andrade, 1998), em fuga da Primeira Grande Guerra, foi um trunfo para as pretensões da Cia City. Campos coloca que *"A presença do renomado urbanista poderia servir – a exemplo da convocação de Bouvard para árbitro no debate dos 'melhoramentos' em 1911 – como recurso eficaz que faria pender a balança na direção pretendida pela City"*⁶³. O poder de intervenção sobre a política urbana municipal pode ser exemplificada no caso da implantação do bairro do Pacaembu, onde Richard Barry Parker sugere a necessidade de alteração das leis de uso e ocupação do solo. Segundo pesquisa de Andrade (1999) *"Para Parker, portanto, frente às dificuldades de um traçado satisfatório para o melhor aproveitamento do vale, a legislação deveria ser modificada, como ele mesmo afirma no*

⁶¹ Ver em WOLFF, Op. Cit. . P. 81-82

⁶² Obra referencial sobre o trabalho desenvolvido por Richard Barry Parker durante os dois anos em que esteve na Companhia City, é a tese de doutoramento de Carlos Roberto Monteiro de Andrade intitulada "Barry Parker: um arquiteto inglês em São Paulo, apresentada, em 1998, à o Curso de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP.

mesmo artigo indicado acima: *“Então a primeira tarefa era redigir um relatório sobre o Pacaembú com o fim de convencer as autoridades municipais da necessidade dessas drásticas mudanças”* (.....). *O que poderia parecer o caminho mais difícil - alterar a legislação existente - foi assim a primeira tarefa de Parker em São Paulo, revelando-se, mais que um consultor da City, um profissional que atuaria junto às autoridades municipais visando convencê-las da necessidade de alterações na legislação*⁶⁴. Também suas propostas de arquitetura residencial, influenciadas pelo movimento *Arts and Crafts* - ao qual mantinha laços-, em um momento ou outro, acabam por serem incorporadas. Andrade (1998) e Woff (2001) teceram análises bastante completas sobre tal assunto.

Todo o talento de Richard Barry Parker foi empregado desde o início da remoção de terras no Pacaembu, onde segundo Wolff (2001) *“...o arquiteto também trabalhou tentando integrar as riquezas da paisagem natural ao projeto de intervenção urbana. A ocupação desse terreno difícil com um traçado inteligente foi obra a que se dedicou intensamente e cuja realização defendeu de várias maneiras” e “mas uma vez se evidencia a sintonia do arquiteto com o pensamento de seus colegas britânicos, como o parceiro Raymond Unwin. O Tudor Walter’s Report de 1918 determinava em diversos artigos a valorização, aproveitamento e respeito às curvas originais dos terrenos visando a economia e à criação de vistas e panorâmicas. Sugeriam-se ruas mais estreitas, acompanhando as curvas de nível, conectadas a outras maiores – exatamente o partido e as atitudes adotadas por Parker no projeto do Pacaembu*⁶⁵. O caso de Perdizes, sua vizinha é uma antítese, já que ao não adotar o sistema de curvas de nível, tornou algumas ruas muito próximas a rampas, o que dificulta a locomoção dos pedestres.

No Alto da Lapa, encontramos uma preocupação social de Parker. Para tal projeto ele prevê um “bairro-jardim” destinado á classe trabalhadora, trazendo as benesses dos bairros ricos para as ocupações de cunho mais popular, podendo eventualmente seu exemplo ser aplicado a inúmeros outros bairros populares. Entretanto, não parece que encontrou dedicação tão grande, pela própria Companhia City, aquela destinada aos “bairros jardins”, voltados às elites. O terreno um pouco mais plano poderia proporcionar o barateamento das construções das casas,

⁶³ Ver em CAMPOS, Op. Cit., p. 240.

⁶⁴ Para ver a descrição do conteúdo e do contexto dos quadro documentos consultar ANDRADE, C.R.M., Op. Cit, Capítulo 3, p.02. , onde verifica-se o poder de interferência da Cia City no desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo.

⁶⁵ Ver em WOLFF, Sílvia. Op. Cit. P. 95

transformando o bairro num *"village green"*, segundo Parker (Andrade, 1998). Aqui notamos que a visão de Parker é reflexo de todo o pensamento social que marcou o surgimento do conceito da "cidade jardim". No entanto, a Cia City se caracterizava mais por ser uma empresa urbanizadora competente tecnicamente e com conceitos atualizados, que uma empresa voltada a edificações de caráter social. Como consequência, entendia o Alto da Lapa como mais uma oportunidade comercializar um projeto de qualidade urbana. E essa qualidade também teria seu preço.

Quanto ao Jardim América, esse foi o grande destaque da atuação de Richard Barry Parker na Companhia City e fato que demarcou uma nova era de transformação dos loteamentos em São Paulo. A primeira versão do projeto foi executada pelo próprio Raymond Unwin em Londres e publicado em 1916 na revista inglesa *Garden Cities & Town Planning* sob o título de *"South America's First 'Garden City' Developement"*, vol. 06, nº 07 p.130-133. Entretanto, conforme Andrade (1998) comenta: *"Em mapa da cidade, de 1914, elaborado pela Comissão Geográfica e Geológica, temos tracejado o primeiro projeto para o Jardim América, cuja autoria é possível que seja de Bouvard, mas da qual não temos confirmação. Em sua dissertação de mestrado, o pesquisador Hugo Segawa (1988, pp.71-77) apresenta um desenho desse projeto,..... Trata-se de um esquema com características "beaux-arts", em que um traçado ortogonal, cortado por duas diagonais, contém jardins em sua área central, criando uma praça rotatória no cruzamento das avenidas diagonais com a avenida principal, já denominada "Brasil".*

No entanto é no traçado de Unwin que o bairro toma a formatação de um "subúrbio-jardim", segundo Andrade (1998), *"Do ponto de vista da configuração paisagística do assentamento, as diferenças do plano de Unwin, em relação ao primeiro plano, são enormes. A sinuosidade de várias vias, ainda que parecendo manter a mesma largura de 16m, e sobretudo a introdução de jardins no interior de muitas das quadras, cria um subúrbio residencial com grandes semelhanças com o que se fazia na Inglaterra e Alemanha na mesma época,[...]. Sem um centro cívico propriamente, até porque o loteamento era exclusivamente residencial, o traçado de Unwin cria um bulevar que será o locus de atividades diversas, que chegará a competir com a Avenida Paulista enquanto cenário para novos modos de sociabilidade e de usos da cidade, como mostrou Sevckenko (1992)⁶⁶. Nesse loteamento a Companhia City cria o conceito de dotar as áreas a serem comercializadas, com toda a infra estrutura já concluída, fato*

inédito no Brasil, de então. Na realidade a topografia plana e a liberdade de dotar de curvas as ruas do bairro foram exercidas por Barry Parker na revisão do plano de Unwin.

Tanto o plano de Parker quanto o de Unwin previam as áreas de socialização internas, com casas com duas frentes, uma para a via e outra para o parque semi-público no meio dos quarteirões, o que dava um charme peculiar ao local e aumentava a sensação de "comunidade isolada da cidade e dividida entre iguais". As leis para edificação eram as mais rígidas possíveis evitando descaracterizar o bairro e proporcionando uma permeabilidade visual típica de subúrbios anglo-americanos. No entanto, o plano começa a sofrer alterações, iniciada pela inserção em uma das quadras, do clube Atlético Paulistano, uma associação esportiva freqüentada pela elite da época.

Os jardins internos também acabaram por sumir, tempos após. Recorremos novamente a Andrade (1998) *"De 1918, quando foram construídos, até 1928, a City foi responsável pela conservação dos jardins, sendo ao mesmo tempo proprietária deles. Sua intenção, conforme expressa em alguns documentos, era cedê-los aos proprietários de terrenos lindeiros, ou à prefeitura. Mas, em abril de 1928, a City propõe aos proprietários uma contribuição para o custeio da conservação dos jardins. Devido ao desinteresse dos proprietários, propõe a doação dos terrenos à Prefeitura. Argumenta ainda, frente à Municipalidade, que esta poderia impor aos proprietários o que a companhia não conseguiu, visando garantir o pagamento da manutenção dos jardins. A City queria, enfim, se desfazer da responsabilidade de mantê-los, obrigação de todo proprietário em relação a seu terreno, conforme lei municipal vigente até hoje. Três anos mais tarde a companhia reitera a necessidade da Prefeitura se responsabilizar pela conservação e policiamento dos jardins, enviando carta aos proprietários pedindo sua anuência à idéia de criação de um imposto para cobrir aqueles gastos. Após entrar em polêmica com o então Prefeito Luiz de Anhaia Mello, que não aceita sua proposta, a empresa delibera retalhar as áreas dos jardins e vendê-las em pequenos lotes, preferencialmente a proprietários vizinhos. Desaparecem assim os 18 jardins do Jardim América, (...) Por outro lado, posteriormente outras alterações foram feitas no traçado, sendo que a principal se deu com a abertura da Avenida Nove de Julho, que passou a permitir a comunicação direta do bairro com o centro da cidade, passando por um outro loteamento, em relação ao qual Parker também delineou seu plano, o Anhangabaú.⁶⁷"*

⁶⁶ ANDRADE, C. R. M. Op. Cit. , capítulo 3, item 3.2

⁶⁷ ANDRADE, C.R. M.. Op.Cit., Capítulo 3, item 3.2.

Os vários bairros que a Companhia City criou em São Paulo acabaram por sofrer pequenas ou razoáveis alterações, mas se constituem nas primeiras experiências comprovadas de aplicações, em parte, do modelo de desenho urbano originário do conceito *howardiano*, ainda que distantes das pretensões do tipógrafo inglês. Dessa empresa saíram desde exemplo de projetos que foram copiados pelo país, até profissionais que tiveram o privilégio de trabalhar em conjunto com urbanistas conceituados mundialmente. Faz-se necessário inserir o comentário de Wolff (2001), para que se tenha bom entendimento da representatividade da Cia City, no que tange à novas formas de ocupação espacial de áreas novas nas duas primeiras décadas do século XX:

“O que se verifica é que o padrão implantado pela City era reconhecido como de excelente qualidade pelos técnicos e administradores paulistanos da primeira metade do século XX, independentemente das diferenças entre rumos teóricos e propositivos de sua ação. Os bairros-jardins, ilhas de organização e de verde que se destacavam na trama da cidade, eram considerados exemplares e seu modelo de paisagem estendeu-se, principalmente na direção sudoeste, por outros bairros residenciais de classes alta e média na cidade.”⁶⁸

O engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira se destaca entre os aprendizes e seguidores dos ensinamentos de Barry Parker. Aplicando integralmente os princípios urbanísticos de Parker, mesclando com outras escolas do urbanismo, elaborou projetos de extrema qualidade urbana. A Companhia City, portanto, não foi a única a trabalhar alguns fragmentos originais da solução “garden-city”; muitos dos profissionais que atuaram nessa profícua época, entre eles Macedo Vieira, se utilizaram dos ensinamentos resultantes do intercâmbio no campo das ideias.

⁶⁸ Ver em WOLFF, Silvia, Op. Cit. P. 65.

Figura 1.2. – Bairros jardins projetados pela Companhia City nos anos finais de 1910 e iniciais de 1920.



Acima, à esquerda, o conjunto formado pelos bairros Alto da Lapa e Bela Aliança, projetados por Parker, para acolher a classe trabalhadora. À direita, o primeiro bairro jardim de São Paulo, Jardim América, projetado por Parker em 1917, tendo seu primeiro desenho elaborado pelo próprio Raymond Unwin. Abaixo, rua Avanhandava, mostrando que a City e Parker também efetuavam projetos de menor porte. À direita planta do bairro do Pacaembu, onde o solo se apresentava bastante agitado, o que requisitou um traçado fortemente orgânico.

Fonte: Arquivo Jorge de Macedo Vieira, sob consignaço do DPH/PMSP

1.5. Considerações últimas sobre o hibridismo: nos arredores da solução “*garden city*” a influência de outros movimentos.

Se Richard Barry Parker foi o grande difusor das idéias de “subúrbio-jardim” e da própria “cidade-jardim”, na capital paulistana; encontramos em Alfred Hubert Donat Agache (1875 – 1959), francês de Tours, o grande difusor das idéias correntes no planejamento urbano internacional na capital do país, Rio de Janeiro. Agache trouxe essas idéias exatamente a partir do ano em que foi contratado para executar o plano de remodelação do Rio de Janeiro, em 1927. Entre outras observações identificou certas semelhanças entre as cidades satélites e as favelas do Rio de Janeiro. A preocupação principal de Agache se atinha aos aspectos sociais da cidade e, além do Rio de Janeiro, participou de inúmeros planos de remodelação de cidades brasileiras tais como Curitiba/PR, Campos/RJ, Atafona/RJ, São João da Barra/RJ, Vitória/ES, Bairro de Interlagos SP/SP e o Parque Paisagístico da cidade balneária de Araxá/MG (Leme, 1999).

Agache encontrou em Armando Augusto de Godoy (1876-1944), um discípulo que, além de compactuar com suas idéias sobre a questão social da cidade e da necessidade de um planejamento integral, aplicou-os em vários projetos. Destacamos Goiânia, a futura capital do Estado de Goiás: Godoy, adepto do modelo “*garden city*” inglês, deu continuidade ao projeto anterior, de características inspiradas em cidades tais como “*Versailles, Carlrube e Washington*”⁶⁹ de Atílio Correa Lima, em conjunto com o Escritório Coimbra Bueno (Leme, 1999:228).

Ao arquiteto Atílio Corrêa Lima, o antecessor de Godoy, especial atenção deve ser dada, por também se tratar de mais um aplicador, de forma híbrida, de variadas soluções já utilizadas internacionalmente. Andrade comenta: “ *Foi tão somente a partir do plano de Corrêa Lima para Goiânia, de 1933, que teremos o início de um conjunto de projetos de cidades novas, com traçados, arquiteturas e concepções de modos de vida social marcados por formulações teóricas e realizações no quadro das propostas urbanísticas modernas, dentre as quais a de cidade-jardim. Após BH, será Goiânia que revelará um novo projeto urbanístico, ponta de lança na ocupação da região centro-oeste do País, e que terá, como aquela primeira nova capital republicana, uma dimensão político-simbólica acentuada, variável que será potencializada ainda*

*mais com Brasília. Goiânia apresentará uma clara influência da cidade-jardim de Letchworth, na Inglaterra. Tendo se formado como urbanista junto ao primeiro curso dessa disciplina na França, profundamente marcado pelas idéias de Marcel Poète e pelas concepções e realizações dos membros da Société Française des Urbanistes, Corrêa Lima assimilará muitas de suas propostas.....*⁷⁰ Attilio Também se caracteriza por mesclar modelos tais quais "garden city" e "city beautiful".

Atílio Corra Lima havia proposto, antes em 1932 a edificação de uma cidade jardim na região de Niterói, denominada Piratininga. Mesmo após o projeto de Goiânia ter passado para Armando Augusto de Godoy, suas influência estarão claras no mapa da cidade. Enfim Goiânia, resultando dessas diferentes influências do planejamento urbano internacional, parece receber influências de Letchworth a Radburn, EUA, mas possui ressonância significativa do movimento "city beautiful" norte-americano, chegando a ser citada como a última grande obra nesse sentido pelo próprio Pierre Lavedan, em publicação de 1952 (Andrade, 1998).

O exemplo quase que antropofágico do urbanismo está em Francisco Prestes Maia que incorpora, e consagra, em seus projetos (notadamente em seu Plano de Avenidas), os ditames correntes da expansão urbana. Toledo (1996) afirma que " *As sugestões e análises de Prestes Maia para São Paulo partem dessa concepção de cidade, fruto de ponderação e análise de várias experiências internacionais. Apreende, do estudo das realizações feitas no exterior, o que é mais conveniente, segundo sua própria formulação de cidade. Fundamenta suas opiniões nesses exemplos, usados também para justificar suas soluções*"⁷¹. O modelo radioconcêntrico e o perímetros de irradiação vêm, respectivamente, de Stübben e de Hénard, mas ao verificar os desenhos do Plano das Avenidas, seu centro cívico, salta a monumentalidade e beleza estética arquetípica do movimento "city beautiful", notadamente uma influência forte de Daniel Hudson Burnham (1846-1912) e de Charles Mulford Robinson (1869-1917).

Sobre o "City Beautiful Movement", cabe-nos retornar no tempo. O *town planning* norte americano, de final de século XIX, regeu-se pelas regras da exploração das fronteiras territoriais como forma de expansão da atividade comercial capitalista. Nessa regra a ferrovia funcionava

⁶⁹ Lima, Attilio Correa apud Leme, Op.Cit., p.228

⁷⁰ Ver em ANDRADE, C. R. M. , Op. cit. , Capítulo V.

⁷¹ Ver em TOLEDO, B. L.. Prestes Maia e as origens do urbanismo em São Paulo. São Paulo: Companhia das Artes, 1996. p. 267.

mais do que meio de transporte; era a máquina motriz do deslocamento de materiais, homens e dinheiro para o interior do vasto continente norte americano. Através dessa linha férreas, empresas edificavam cidades, numa espécie de “marca da civilização humana”, abrigando um forte processo de especulação das terras. Na verdade, eram cidades novas que se tornaram um negócio imobiliário que continha mais que segundas intenções. Um exemplo referencial pode ser encontrado em “*Pullman City*”, elaborada por Sólon S. Berman e Nathan F. Barret, em 1880 para o milionário ferroviário George Pullman, que visava abrigar e manter sob controle, os funcionários de suas empresas (Toledo, 1996).

Tais aglomerações urbanas projetadas denominavam-se “*Company Towns*”, mas estavam muito distantes das intenções que regeram a criação das cidades empresariais no outro lado do Atlântico, nas ilhas britânicas, tal qual *Port Sunlight*, *Bournville* ou *Saltaire*. Pullman situava-se nos arredores de Chicago, cidade populosa que possui significância ímpar no contexto do planejamento urbano norte-americano. Chicago foi sede de experiências urbanas significativas, tanto no seu tecido urbano (notadamente em seu *Loop*), quanto em seus arredores. Importa-nos comentar que a reação, ao que Toledo (1996), denomina de “*laissez-faire*” urbano, também começa a se organizar nesse contexto, originando a chamada “Escola de Chicago”.

Uma corrente de arquitetos contrária à desenfreada expansão urbana se articula de modo a colocar um contraponto aos critérios adotados até então. Essa nova corrente previa o uso do solo segundo critérios que considerem a qualidade do habitar e residir, como o respeito à morfologia do terreno e compactuava com a necessidade de dotar as cidades de áreas verdes interligadas. Tal corrente continha, no seu bojo, os primeiros preceitos de um *regional planning*. *Riverside Suburb*, projetado por Frederick Law Olmsted (1822-1903), em 1869, serve-nos como exemplo. Através da implantação de um subúrbio com as quadras irregulares, entremeadas por amplas áreas verdes, com alamedas e equipamentos urbanos para os pedestres, buscou-se criar um local agradável a pouca distância do grande aglomerado urbano. Tal modelo deveria ser interligado pelas “*parkways*” a outros locais e outros parques, criando assim um sistema que regeria a expansão das cidades sem, no entanto, impor-lhes nenhum limite físico ou populacional. Esse modelo frutificaria e marcaria, dali em diante, as regras expansão de grande parte das cidades americanas, provendo-lhes subúrbios agradáveis que, com o tempo, acabariam o receber grande parcela de residentes, num deslocamento de fuga das congestionadas áreas centrais.

Em 1893, os ambientes para a *World's Columbian Exposition* de Chicago, foram projetados por Olmsted e Burnham. Seus espaços, seus usos, seus desenhos, foram analisados *"in loco"*. Elogiados e criticados, mas sobretudo entendidos como uma solução urbana para a problemática da cidade americana, trouxeram a notoriedade aos dois projetistas. Tanto que Burnham e Olmsted são chamados a intervir e requalificar áreas centras de Washington, D.C. em 1901. Provavelmente nascia aí o denominado *"City Beautiful Movement"* que, fortemente influenciado pelo *"Beaux Arts"* francês, apregoava a estética da cidade, a necessidade de áreas verdes interligadas, onde as agradáveis *'parkways'* teriam função fundamental, ao dar vazão ao tráfego urbano e, onde as edificações públicas, centradas em um *"civic center"*, faria da monumentalidade uma característica das cidades. Quanto ao plano de Washington D.C., Toledo(1996) afirma que *"O projeto para Washington deu ainda mais relevo ao movimento "city beautiful". Muitas cidades no país procurariam realizar benfeitorias e projetar conjuntos monumentais, com a criação de grandes terminais de transporte ou de centros cívicos e a maior valorização dos edifícios públicos.⁷²"* A necessidade de divulgar o movimento e a intensa atividade de Burnham, o levaria a empreender inúmeros projetos como o de Cleveland, 1903, até em outros países, implantando projetos como o de Manilla, Filipinas, em 1905. As áreas centrais de Chicago também foram alvo de conhecida intervenção do arquiteto..

Nas ressonâncias internacionais do modelo, um urbanista que deve ser mencionado é o alemão Werner Hegemann, autor de *Der Städtebau: nach den Ergebnissen der Allgemeinen Städtebau-Ausstellung*, de 1911, *City Planning: Housin*, de 1938, *Der neue Bebauungsplan für Chicago(s/d)* e do livro em parceria com Elbert Peets, *The American Vitruvius*, de 1922. Segundo Andrade(1998) *"Ambos, com o livro que escrevem em conjunto, publicado em 1923, associando as tradições urbanísticas européias com as americanas, The American Vitruvius (1989), terão uma importante contribuição na articulação teórica entre os princípios sítteanos de desenho urbano e as concepções de Howard e Unwin, aos quais incorporarão elementos da tradição paisagística norte-americana e, em particular, do Movimento City Beautiful."⁷³* . Hegemann dirigiu a Exposição Internacional de Urbanística em Berlim, em 1910, que se repetiu nos anos seguintes, 1911 e 1912, em Düsseldorf (Andrade, 1998). Grande expoente desse movimento é Charles Mulford Robinson que, além de realizar variados projetos, tais quais projetos para Denver e Oakland, foi um divulgador dos ideais do *"city beautiful"*, lecionando na *University of Illinois* na cadeira de *"Civic Design"* e publicou *The improvement of towns and cities, modern civic*

⁷² Ver em Toledo, Op. Cit. p.256.

⁷³ Ver em Andrade, C.R.M, Op. cit. Capítulo I.

art em 1903; *The call of the city* em 1908; *The width and arrangement of streets* em 1911; *City planning* em 1915.

No caso das cidades novas, o levantamento das obras dos planejadores urbanos brasileiros mostra-se condição *"sine qua non"* para o correto entendimento da fundamentação histórica que alçou o país ao posto de maior criador de cidades novas nos três primeiros quartéis do século XX. As cidades capitais de Belo Horizonte, Goiânia e Brasília servem como exemplos. Seja pela necessidade de expansão e exploração de novas fronteiras para o sistema capitalista ocidental, seja pela necessidade de prover de segurança o território nacional, seja pelas oportunidades de desbravamento de terras férteis, os empreendedores brasileiros e estrangeiros buscaram estabelecer nesse país um processo de interiorização do desenvolvimento onde a edificação dessas cidades consolidava o novo espaço.

A correta interpretação desses projetos e de suas conseqüências positivas, como o surgimento de bairros e cidades organizadas, e negativas, como a invasão de sítios onde predominavam as populações nômades tal qual as indígenas ou a elitização de áreas dentro da cidade, deverá ser objeto de mais estudos. Antes á que se traçar o mapeamento dessas intervenções, como ocorreram, quais foram seus protagonistas e por quem ou qual escola do planejamento urbano foram influenciados. Entendemos que dentre os planejadores urbanos do início do século XX, alguns, por diferentes razões não tem seu trabalho devidamente levantado e colocado em contraponto com as demais intervenções ocorridas à época. Buscamos, em Jorge de Macedo Vieira, retratar o verdadeiro grau de importância desses novos profissionais da época, no contexto geral dos urbanistas brasileiros. No profissional que ora elegemos, analisamos obras que permitam interpretar como ocorreu o processo de tradução e incorporação de modelos consagrados internacionalmente.

1.6. Os personagens constroem o enredo: o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira

A partir do mosaico de informações relacionadas ao cenário urbano paulistano dos anos de 1920, tratamos da obra engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978), formado pela Escola Politécnica em 1917. Nesse profissional encontramos, na forma pragmática da obra e na dedicação em implantar loteamentos e cidades inteiras, todo o hibridismo característico dos profissionais politécnicos. Tal hibridismo se reflete na tradução e aplicação de soluções urbanas consagradas no âmbito da urbanística internacional. Hora "*garden-city*", hora "*city beautiful*" ou "*beaux arts*", utiliza-se, ao máximo, das qualidades oferecidas pelo terreno e mantém um diálogo permanente como as características morfológicas do solo estudado.

Jorge de Macedo Vieira nasceu em 15 de Agosto de 1894 na cidade de São Paulo, originário de família de poucas posses econômicas (Kawai, 2000), falecendo em 7 de janeiro de 1978, na mesma cidade, com posses econômicas de razoável monta. Durante sua vida, não contraiu matrimônio, não deixando descendentes diretos. O enriquecimento ocorreu após anos de estudos e às custas da sua atuação profissional bastante profícua principalmente entre as décadas de 1920 e 1950. Suas obras nos trazem uma mostra de sua principal característica: a influência do desenho urbano denominado "cidade-jardim", de origem inglesa e derivada a partir da utopia social proposta por Ebenezer Howard para as suas "*garden-cities*". A B.J.M.V descreve que "*Em sua obra revela-se uma concepção moderna de cidade, filiada à tradição cidade-jardim, que, se não o alinha junto às correntes modernistas que ecoavam os princípios da "Carta de Atenas", nos mostra um profissional fecundo e competente, criador de ambientes urbanos aprazíveis e funcionais, além de belos*"⁷⁴. A beleza do desenho adotado por Macedo Vieira faz-se notar de imediato e se destaca na trama do tecido urbano de São Paulo e das cidades onde exerceu sua atividade.

Durante seus anos de estudos na Escola Politécnica de São Paulo (entre 1912 e 1917), conviveu com professores como Ramos de Azevedo, Paula Souza, Carlos Shalders, Affonso d'Escracnolle Taunay, Horário Berlinck, Jorge Krichbaum, Vitor Dubogras, Domiciliano Rossi, Hyppolito Pujol Jr. e Victor da Silva Freire (Kawai, 2000), portanto, exatamente no período em que esses profissionais estavam no centro das discussões sobre as necessidades de melhoramentos para a capital paulistana. Enquanto Jorge de Macedo Vieira se formaria em

⁷⁴ Ibidem, p. 02

Engenharia Civil, seu colega de turma e, posteriormente, companheiro em vários projetos, Francisco Prestes Maia, se graduaria em Engenharia Civil e Arquitetura. Embora engenheiro-civil, a Escola Politécnica criou e propiciou um ambiente em que Macedo Vieira acabaria por se voltar às questões inerentes ao urbanismo mais que as questões de cunho residencial. As intervenções levadas a cabo nas capitais europeias e nas cidades norte-americanas eram de conhecimento e objetos de discussão desse grupo de pessoas ligadas à Politécnica, fato já comprovado pela historiografia urbana.

Macedo Vieira recorre, com bastante constância e propriedade, à solução "*garden-city*". Tal preferência pela adoção do modelo deve ser creditada à fase pós-Escola Politécnica, ocasião em que cumpriu seu estágio final do curso na Companhia City, no mesmo período em que Richard Barry Parker⁷⁵, esteve à frente de várias obras da empresa urbanizadora. Andrade (1998) coloca que "*Tendo trabalhado junto à City - de junho de 1917 a janeiro de 1919, portanto, exatamente durante o período em que Parker esteve em São Paulo atuando naquela companhia - Vieira pôde acompanhar a implantação do Jardim América, e possivelmente os projetos do Pacaembú, Alto da Lapa e Bela Aliança, também projetados por Parker, mas abertos apenas nos anos 1920.*"⁷⁶. Segundo Kawai (2000) "*Nesse mesmo período, Macedo Vieira, que trabalhava sob a supervisão do engenheiro Oelsner, participou de projetos desenvolvidos para o Jardim América, Alto da Lapa e para a estrada de acesso ao Frigorífico Armour, na Vila Anastácio*"⁷⁷. Macedo Vieira refletiria essa influência de Parker praticamente durante todo o decorrer de sua obra. Novamente Kawai (2000) afirma que "*de fato seus projetos apresentam grande afinidade com os princípios urbanísticos adotados por Barry Parker em seus trabalhos para a Companhia City, quais sejam: respeito às condições do sítio e à trama urbana do entorno, adaptação ao relevo, aproveitamento do potencial paisagístico e menor agressão possível à paisagem, quando da intervenção*"⁷⁸. Poderíamos acrescentar mais um item: chegando a redesenhar a paisagem, evidenciando-lhe os atributos, ressaltando suas melhores características panorâmicas.

No período após a sua saída da Companhia City, Macedo Vieira iniciou suas atividades profissionais permanentes tendo como sócio Mariano de Oliveira Wendell, também recém

⁷⁵ difusor do ideário "cidade-jardim" e responsável, conjuntamente com Raymond Unwin, pela implantação de Letchworth, na Inglaterra, em 1903, a primeira cidade-jardim da história urbana e também, novamente em conjunto com Unwin, criador do conceito de "subúrbio-jardim" aplicado em Hampstead Garden, em 1907. O "subúrbio-jardim" se constitui num primeiro derivado do conceito "howardiano".

⁷⁶ ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. Barry Parker – um arquiteto inglês em São Paulo. FAU-USP, tese de doutoramento. 1998, Capítulo V

⁷⁷ KAWAI, Op. Cit., 90.

formado pela Escola Politécnica. A sociedade durou dois anos e foi responsável, entre obras como o arruamento em terreno da Companhia Clark de Calçados (1922), a edificação da ponte de acesso à Vila Anastácio (figura 1.3). Segundo Steinke (2002) *“O primeiro arruamento localizado é de 850.000 m² na área onde hoje está o Parque Vila Lobos na região Oeste de São Paulo. Já o primeiro projeto feito por ele é Vila Anastácio, segundo seu depoimento um trabalho muito simples, logo ao sair da Escola Politécnica, na Lapa, que foi a urbanização de uma ilha formada pela retificação do rio Tietê – Chamada Ilha Anastácio – que hoje se chama Vila Anastácio⁷⁹”*. Andrade (1998) comenta que o escritório *“realizou projetos de arquitetura e planos urbanísticos, mas também estendeu suas atividades construindo casas, abrindo loteamentos e estradas, e até mesmo vendendo materiais de construção⁸⁰”*. Nessa afirmação de Andrade, encontramos mais uma característica que marcaria a atividade desse profissional: o estreito relacionamento que manteve junto às companhias urbanizadoras e a *“horizontalização⁸¹”* de suas atividades, o que ocasionou uma sistemática de materializar seus projetos de uma forma extremamente pragmática, contribuindo para a elevação de seu escritório para dentre os mais ativos na capital paulista nos anos 1920 – 1950.

Após a dissolução da sociedade, Macedo Vieira continuou empreendendo obras, dando um enfoque maior aos loteamentos, onde poderia exercer todo o seu conhecimento técnico de forma quase plena⁸². Agora, no trabalho individual, a liberdade de planejamento seria condutora de seus projetos. Entendemos que Macedo Vieira se tornou um engenheiro-civil com forte veio urbanístico, por essa área que proporcionar ferramental e escala suficientemente grande para exercer seus conhecimentos técnicos, desde o levantamento topográfico até a implantação final do desenho. O privilégio dos projetos urbanísticos, em relação aos residenciais, também comprovam tal hipótese. A estrutura do Escritório Técnico de Macedo Vieira era de característica familiar (Kawai, 2000), abrigando em sua equipe pessoas com grau de parentesco próximas, a saber:

⁷⁸ Id. *Ibidem*, p. 91

⁷⁹ Ver em STEINKE, Op. Cit., p. 34.

⁸⁰ Ver em ANDRADE, Op. Cit., cap. V

⁸¹ Tal termo tem origem na área de Administração de Empresas e é utilizada quando uma empresa especializada em determinado produto busca ampliar seu leque de atuação na tentativa de dominar todo o processo de produção desse produto. Ao planejamento de unidades residenciais, loteamento de áreas e planejamento de cidades, especialidades do escritório de Macedo Vieira junta-se a produção da matéria prima e dos insumos necessários à edificação. Um processo de *“horizontalização”* dos serviços prestados.

⁸² A forma totalmente plena viria a ser exercida por Macedo Vieira duas décadas mais tarde, onde pode se dedicar ao planejamento integral de uma cidade.

- *Francisco Vieira da Silva*, pai, ex- serventuário do 1º Tabelionato de São Paulo e guarda-livros e contador do escritório;
- *Francisco Vieira da Silva Junior*, irmão, arquiteto ligado às obras de edificação;
- *José de Macedo Vieira*, irmão, topógrafo e administrador de obras;
- *Francisco Vieira da Silva Neto*, sobrinho e topógrafo;
- *Antonio Casimiro Macedo Vieira*, primo e sócio nas lojas de material de construção durante um período⁸³.

Tanto Kawai (2000) quanto Steinke (2002) afirmam que o escritório mudou de localização com bastante frequência, mas sempre se situando na área estratégica do triângulo central da cidade de São Paulo e se fixando, à época de sua maior atividade, no Palacete Palmares, onde manteve sede por quase três décadas. A tabela 01 mostra os diferentes pontos dos escritórios. Os dados foram colhidos por ocasião de várias visitas ao acervo ainda não catalogado do Escritório de Jorge Macedo Vieira⁸⁴. O acesso ao Acervo permitiu o levantamento de dados constantes nessa pesquisa e serviram de base para elaboração da mesma, pelo presente autor:

⁸³ A fonte das informações é KAWAI, Op. Cit., p. 06

⁸⁴ O acervo ainda não catalogado, se encontra sob guarda do Prof. Dr. Walter Pires e Profa. Dra. Lia Mayumi, da área de Projetos do Departamento do Patrimônio Histórico – DPH da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Todos os documentos do Escritório Macedo Vieira estão acondicionados junto ao sub-solo, sala 10 do Departamento, no edifício Ramos de Azevedo, , Praça Coronel Fernando Prestes 152 - Bairro da Luz(Estação Tiradentes do Metrô) CEP 01124-060, Tel.: (11) 3326-1010) , Bairro da Luz, na Capital Paulista.

Tabela 01. Localização dos Escritório de Macedo Vieira

| Ano | Nome | Endereço | Fone |
|------|---|--|---------|
| 1919 | Escritório Technico Vieira e Wendell | Rua Líbero Badaró, nº 120, São Paulo/SP | 1176 |
| 1925 | Escritório Technico Jorge de Macedo Vieira | Rua Direita, n 02 São Paulo/SP | N/e |
| 1925 | Escritório Technico Jorge de Macedo Vieira (Matriz) | Rua Boa Vista, nº 05, 9º pavimento, Salas de nºs 01, 02 e 03 (Casa Palmares), São Paulo/SP | 5943 |
| 1925 | Escritório Technico Jorge de Macedo Vieira (Filial) | Rua Brigadeiro Galvão, 247 São Paulo/SP | 7955 |
| 1945 | Escritório Macedo Vieira | Rua Boa Vista, nº 15, 7º Andar São Paulo/SP | 2-5943 |
| 1956 | Escritório Macedo Vieira | Rua Espírito Santo, nº 160 São Paulo/SP | 31-4480 |

Fonte: pesquisa de campo do autor do presente, acervo Macedo Vieira – DPH, Kawai (2000) e Steinke (2002)

O endereço último do Escritório de Jorge de Macedo Vieira, já no final da década de 1950, se constituía, também, em seu endereço pessoal. À época de sua maior atividade, o escritório Macedo Vieira situava-se em meio à trama urbana do centro onde os mais renomados escritórios de engenharia civil e arquitetura paulistanos faziam sede, concentrados entre a Rua Líbero Badaró (*Iberto de Oliveira Coutinho, Leopoldo Ferreira Nunes, Walter Brune e outros*); Rua São Bento (*Augusto de Toledo, Victor Dubugras, Zózimo B. de Abreu e outros*); Rua José Bonifácio (*Chiapori & Lanza, Monteiro & Heinsfintex e Henrique Lefreve*); Rua Boa Vista (*Ramos de Azevedo, Silvio Correa Dias, Nestor Ayrosa e outros*); Rua Quinze de Novembro (*Heribaldo Siciliano e Siciliano & Cia*); Rua da Quitanda (*Cyro Mello Pupo e Ivancko & Cardoso*), Largo do Palácio (*Adhemar de Novaes, Álvaro Sales de Oliveira, Diego J. de Carvalho e outros*); Rua Direita (*H.G. Pujol Jr, Sampaio Machado, Edmundo Krug e outros*) e Praça da Sé (*Adriano Marchini, Henrique Pejado, N. Dale Caiuby, Charles Ponchon e outros*)⁸⁵.

O Escritório Técnico de Jorge Macedo Vieira embora de característica familiar caracterizou-se por executar obra de médio e grande porte, destacando-se pela excelência dos trabalhos executados por seus topógrafos e calculistas na confecção de pontes, loteamentos e cidades novas. Tais obras, devido a logística necessária, necessitavam de parcerias com outros

⁸⁵ Ver em B.J.M.V, p. 11

profissionais de reconhecida capacidade⁸⁶. É conhecida sua longa parceria com Góes Sayão, com o qual chagou a compor uma sociedade; com Saturnino de Brito – o filho (dentre os vários trabalhos em conjunto destaca-se a implantação de Águas de São Pedro, estância hidromineral na região central de São Paulo), e Prestes Maia, com o qual teve relação profissional e de amizade por longos anos. Poder-se-ia afirmar que a longa relação de Macedo Vieira e Prestes Maia, jamais abalada, se deve à priorização desse último à questão prática em privilégio à acadêmica. Tal perfil assemelha-se ao de Jorge de Macedo Viera, muito mais um técnico que um teórico. Tal fato não deve, porém, comprometer a excelente qualidade acadêmica do engenheiro-civil.

Embora se conheça um único depoimento concebido por Macedo Vieira, ainda nos anos de 1930; encontramos manuscritos junto ao acervo de Macedo Vieira no DPH de São Paulo, que comprovam a excelente qualidade de suas reflexões, como pode ser comprovado a seguir, quando apresentou um justificativa sobre a predominância de formas retilíneas no projeto para a cidade nova de Pontal do Sul, no litoral paranaense: "*Tratando-se de uma cidade de recreio, onde deverão predominar os fatores de atração, é natural que projetássemos as cidade de Pontal do Sul, com algum excesso de generosidade O, talvez, demasiado geometrismo do traçado tem como principal justificação na topografia do terreno, sem o mais leve relevo e prestando-se a todas as fantasias*"⁸⁷. Nota-se uma inegável capacidade para a boa escrita pelo engenheiro civil, fato que, infelizmente, não foi explorado à suficiência pelo mesmo, por se manter extremamente envolvido pelos trabalhos de campo e pelo ritmo constante das obras executadas pelo escritório.

A amizade com Prestes Maia, também rendeu a Macedo Vieira um convite para a elaboração dos primeiros levantamentos que levaram à execução da primeira planta modelar de Campinas, ainda nos anos finais da década de 1920⁸⁸. Há que se compreender que a abrangência obra de Macedo Vieira transpassa momentos históricos da urbanização no país e, em especial, os acontecimentos na cidade de São Paulo, tendo iniciado suas atividades nos primórdios dos anos 20, época da discussão da necessidade dos Planos Gerais para a cidade;

⁸⁶ Tal informação foi nos passada pro Antonio Falcão de Andrade, filho de Octavio Moura Andrade, empreendedor da cidade balneária de Águas de São Pedro. Octávio manteve durante anos um estreito relacionamento com Macedo Vieira como veremos quando da análise do projeto para Águas de São Pedro. A entrevista foi concedida no 1º semestre de 2003. A qualidade dos calculistas do escritório pode ser comprova "*in loco*", em uma visita à cidade nova.

⁸⁷ O comentário encontra-se em pasta de 1950, que contém manuscrito do rascunho do Memorial Descritivo de Pontal do Sul, junto ao acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, Sala 10, sub-solo, no Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, sob guarda dos Prof. Dr. Walter Pires e Profa. Dra. Lia Mayumi

⁸⁸ Tal informação consta da B.J.M.V., p. 21.

passado pela década de 1930, de Prestes Maia e o seu perímetro de irradiação, chegando ao início da década de 1960. O sentido pragmático de sua obra acabou por acarretar um grau de aperfeiçoamento que dificilmente seria conseguido caso se dedicasse à discussão dos planos mais integrais para as crescentes metrópoles brasileiras, foco de atenção dos acadêmicos da questão urbana de então.

Apesar de percebermos, nas plantas de Macedo Viera, clara influência do desenho urbano derivado das propostas *howardianas*, não há como estabelecer um elo de ligação direta entre Jorge de Macedo Vieira e Ebenezer Howard, já que em Macedo Vieira encontramos um engenheiro-civil politécnico aplicado, que buscava soluções técnicas que julgasse às mais adequadas, para a tipologia do terreno objeto de intervenção. Como, de forma quase invariável, os terrenos apresentavam morfologia bastante agitada, optava pelo traçado orgânico do tipo de desenho urbano que, convencionou-se chamar, de "cidade jardim". Situava-se portanto, muito distante das teorias sociais de Howard, as quais, com certeza conhecia. Antes disso, persegue o aperfeiçoamento do desenho, buscando compreender o terreno de modo contínuo e sucessivo, estabelecendo com a topografia uma relação de aproximação e familiaridade poucas vezes encontrada em outros engenheiros-civis.

Figura 1.3. Um novo personagem no enredo: Jorge de Macedo Vieira



Fontes: Politécnica e Escritório: Arquivo Jorge de Macedo Vieira, Sob consignação do DPH/PMSP. Ponte Vila Anastácio e Jardim Guanabara: IV Bienal Internacional de Arquitetura, Catalogo da 4ª Bienal, 1999.

Capítulo II

NA PRÁTICA URBANA, O ORGÂNICO E O GEOMÉTRICO: O ENGENHEIRO-CIVIL JORGE DE MACEDO VEIRA (1920 – 1960).

No presente capítulo buscamos levantar as obras do engenheiro-civil politécnico Jorge de Macedo Vieira. Nessa busca, pudemos encontrar um profissional de rica produção, no qual os projetos refletem a forma de intervenção urbana que caracterizou a atuação desses profissionais nos dois primeiros quartéis do século XX. Justifica-se a escolha do engenheiro-civil pela dimensão de sua obra, pela qualidade de seus projetos e pela forma como atuou na cidade, refletindo influências das mais modernas técnicas de intervenções contemporâneas à época. A parte inicial traz uma visão panorâmica dos trabalhos desenvolvidos pelo engenheiro-civil, buscando dimensionar, na forma quantitativa, suas intervenções urbanas utilizando-se das descrições dos loteamentos promovidos pelo Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira. Em seguida, nos dedicamos aos projetos integrais, especificamente os de cidades novas, desenvolvidas em conjunto com variados empreendedores. Tais projetos totalizam quatro intervenções: Águas de São Pedro (SP), Maringá e Cianorte (PR), incluindo também a cidade balneária paranaense de Pontal do Sul, projeto que não chegou a ser implantado em sua totalidade.

Na parte final interpretamos as influências incorporadas pelo engenheiro-civil e como tal fato se refletiu em sua obra. A funcionalidade, a beleza do desenho e a qualidade dos projetos revelam o pragmatismo desse engenheiro politécnico ao nível de suas cidades, após décadas de implantação, se traduzirem como alguns dos melhores exemplos sobre como planificar uma cidade que propicie qualidade de vida a seus habitantes. Ressaltamos que quando discorreremos sobre os loteamentos elaborados por Macedo Vieira para a cidade de São Paulo, além do acesso ao acervo sob consignação do DPH-PMSP, serviu como fonte secundária a dissertação de mestrado intitulada "*Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX*" concluída por Célia Kawai, no ano de 2000, para o Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, onde minucioso levantamento é realizado buscando mensurar os loteamentos paulistanos com traçado denominado "orgânico", e onde se destacaram os trabalhos de Macedo Vieira. Também auxiliou-nos, como fonte secundária, a dissertação de mestrado elaborada pela historiadora Rosana Steinke, intitulada "*Ruas curvas versus Ruas*

retas: na história das cidades, três projetos do eng. Jorge de de Macedo Vieira", apresentada em 2002, junto ao programa de pós-graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo – EESC/USP, onde, seu levantamento dos livros da biblioteca pessoal de Macedo Vieira, revelam o profissional atualizado e conhecedor das técnicas de intervenção e desenho urbano, que marcaram a urbanística internacional da época.

O veio principal, que compõe o mosaico da obra do Escritório Técnico de Macedo Vieira pode ser dividido em suas duas principais vertentes: i) a implantação de loteamentos situados nos arredores do grupo de bairros que compõem a área central da cidade de São Paulo e loteamentos implantados em outras localidades como Rio de Janeiro, Atibaia, Campinas e Campos do Jordão. Tal tipologia de projeto, que compunha as atividades iniciais do Escritório, iniciou-se com a Vila Anastácio, em São Paulo, em 1919 e percorreu toda a trajetória de Macedo Vieira; ii) A implantação de cidades novas que, devido à experiência adquirida em inúmeros loteamentos, forma o principal legado deixado pelo engenheiro civil. Iniciou-se com a elaboração do projeto para a estância Hidromineral de Águas de São Pedro/SP, iniciado em 1936 e registrado em 1940, para a empresa "*Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*" e encerrou-se com o projeto de Cianorte, em 1955, para a "*Cia Melhoramentos Norte do Paraná*", sendo composto por mais dois projetos de cidades novas: Maringá (1947) e a Cidade Balneária de Pontal do Sul (1951).

Antes, porém, de analisar essas duas vertentes, ressaltamos que a obra do escritório não se resume a essa duas tipologias de projeto, haja vista Macedo Vieira ser responsável por um sem número de projetos de menor porte, incluindo aí obras de arte mais pontuais, tais como pontes e projetos de canalização de córregos. Kawai (2000), descreve que seus trabalhos compreendiam: "*levantamentos topográficos e cadastrais e demarcação de glebas; projetos e abertura de estradas de ferro e de rodagem; projetos de arruamento e loteamento, inclusive projetos de drenagem, de pontilhões e passagens; execução, fiscalização e administração de obras; projetos de distritos industriais*". Justifica-se nos concentrarmos sobre os loteamentos e cidades novas por se revestirem de obras de maior significância. No entanto, não deixamos de registrar a necessidade da catalogação definitiva de toda a atividade do Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira; o que trará contribuição valiosa para a perfeita análise da significância de seu trabalho.

2.1. O sinuoso em partes: os loteamentos promovidos engenheiro-civil

Os loteamentos estão distribuídos principalmente no entorno da área central da cidade de São Paulo e em outras localidades, tais como Rio de Janeiro, Campinas, Atibaia, Campos do Jordão e compõem o corpo mais significativo no que tange ao número de projetos e são denominados, popularmente como "bairros-jardim". Deve-se destacar também outros profissionais que adotaram o desenho orgânico em profusão a partir dos anos de 1920. Kawai (2000) nomeia: Paulo Amaral² – depois de Macedo Vieira, o principal projetista de bairros com traçado orgânico como Vila Ghilhermina, Vila Arcácia, Vila Gomes e Vila Pirajussara - , "*Amadeu de Barros Saraiva, Luís Antonio Fleury de Assumpção, Augusto Lindenberg, Felício Jacome Costa Curta, José Baptista Fraissat, Raul Simões, Francisco Prestes Maia, Antonio Smith Bayma, Antonio de Souza Barros, Augusto Trajano de Souza Azevedo Antunes, Cássio Vidigal, Diogo José de Carvalho, Gervásio Alves Pereira, John Sucupira Kenworth, Hyppolito da Silva, Hippolito Gustavo Pujo Jr, Nelson Ottoni de Rezende e Francisco Salles Malta Jr*"³, que completam esse quadro.

No total foram quase três dezenas de parcelamentos do solo destinados a loteamentos de Macedo Vieira, que se caracterizavam por uma precisão de desenho urbano, ora recorrendo ao traçado sinuoso em curvas de nível, preconizado por Raymond Unwin e antes por Camilo Sitte; ora - quando a topografia permitia a essa liberdade -, recorrendo a traçados geométricos, em uma combinação de várias figuras tais como semi-círculo, triângulos, retângulos e diagonais, onde surgem "*carrefours*" e avenidas radioconcêntricas, numa clara influência do modelo "*city beautiful*" norte-americano. Buscamos descrever os principais projetos de loteamentos desenvolvidos pelo Escritório Técnico, destacando quais as características principais de cada projeto, bem como suas peculiaridades⁴. Os loteamentos foram divididos por décadas, seguindo uma seqüência cronológica a fim de permitir detectar quais os períodos se constituíram em intensa atividade do escritório.

¹ Ver em KAWAI, Op. Cit., p. 97

² Tem se notícia, segundo KAWAI, que Paulo Amaral e Jorge de Macedo Vieira tiveram momentos em que suas carreiras se cruzaram. Seria exemplo clássico o fato de ambos terem elaborado projetos na Ilha do Governador: com Macedo Vieira havendo projetado o Jardim Guanabara e Paulo Amaral projetado, contíguo, o loteamento Jardim Carioca.

³ Ver em KAWAI, Op.Cit., p. 79.

⁴ Análise mais aprofundada sobre os loteamentos empreendidos pelo Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira podem ser encontrados em KAWAI, Célia. *Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 2000.*

2.2.1. Década de 1920

Período onde o trabalho do Escritório Técnico se concentrou na edificação de obras de arte de menor porte e dos loteamentos onde o traçado orgânico se sobrepõe de maneira bastante forte ao traçado geométrico, embora, esse também seja utilizado. A influência da solução *"garden city"* é a principal.

Vila Anastácio, 1918

Situada em uma área que antes era uma espécie de ilha à margem do rio Tietê, a Vila Anastácio dava continuidade ao conjunto urbano do Alto da Lapa (projeto de bairro popular de Barry Parker para a Cia City). Não existem informações, mas existe a possibilidade desse projeto ser uma espécie de complemento solicitado pela própria Cia City. Richard Coit foi o empreendedor desse projeto levemente sinuoso que deveria ser um centro de habitação para operários, tanto da São Paulo Railway quanto do Frigorífico Armour. Kawai (2000), afirma que *"Coit aprovou um loteamento com 'idéias modernas de melhoramentos de subúrbios tipo Town Planning', segundo dizeres do relatório técnico assinado pelo engenheiro Eduardo Ralster"*⁵. Continha ainda a Ponte do Anastácio, também projeto de Macedo Vieira.

Jardim Japão, 1922

Início da fecunda parceria com Francisco Rolim Gonçalves. Área localizada na antiga Fazenda Boa Vista, era o primeiro loteamento destinado a compor, com Vila Maria Alta e Vila Maria Baixa, um conjunto de bairros com traçado orgânico. O projeto (figura 2.1), se iniciou em 1922 e foi dividido em etapas a serem cumpridas de modo subsequente. No seu traçado, seguindo as cotas topográficas, destacam-se as vias que acompanham o córrego, não o bloqueando (uma influência sanitarista de Brito). Suas praças apresentam um desenho circular, muito próximas aos desenhos utilizados, posteriormente, em Águas de São Pedro. O loteamento foi comercializado de forma lenta a partir de 1930. Os lotes iniciais possuíam até 30 m de frente, mas já no final da década de 1930 foram sub divididos em dois ou até três lotes. Atualmente é um bairro valorizado, por possuir fácil acesso á região central de São Paulo.

⁵ Ver em KAWAI, Op. Cit., p.110.

Chácara Da Mooca, 1923

Projeto onde se observa o traçado orgânico (figura 2.1), reservando um destaque para uma praça triangular e algumas outras no formato circular. Praças internas eram observadas no projeto original, mas foram eliminadas *"a posteriori"*, por Macedo Vieira. Os lotes previam metade da área reservada para os quintais. O projeto inicial se consistia de uma área residencial e uma área industrial junto à linha férrea que alimentava a região. Hoje, oferece boa qualidade de vida, embora seja tomado por edificações de vários pavimentos, num reflexo do movimento de expansão da verticalização de São Paulo. Tal processo teve seu auge, no bairro, na década de 1990.

Vila Maria, 1923

Projeto executado em várias etapas, com a Cia Paulista de Terrenos. Vila Maria (figura 2.2.), compõe um conjunto com o Jardim Japão (também projetado por Macedo Vieira) que se caracteriza pela harmonia do traçado sinuoso, contrastando com os bairros vizinhos onde predomina o traçado em "tabuleiro de xadrez". Como o ocorrido em outros projetos de Macedo Vieira, os lotes, inicialmente de grandes proporções (cerca de 600 m²) foram, já no final da década de 1940, parcelados em tamanhos menores. O loteamento se destinava às classes populares e hoje abriga uma classe média que encontra fácil acesso às regiões de intensa atividade comercial.

Ipiranga, 1924

Pequeno arruamento na região margeando o córrego Ipiranga, no bairro do mesmo nome, traçado também orgânico, executado para o empreendedor Antonio Monteiro Alves de Lima, segundo Kawai (2000) *"na extremidade sul do loteamento Macedo Vieira criou ruas em cul de sac, com praças internas às quadras"*, numa resultante do modelo "garden-city" sob influência de Parker, na época da Cia City.

Vila Nova Manchester, 1924

Antiga Chácara do Carrão pertencia à zona rural da cidade de São Paulo. A predominância de ruas retilíneas e uma grande praça circular se destacam no seu desenho (figura 2.2.). Embora de traçado sinuoso, o desenho se reserva a uma certa geometria, contendo traçados diferenciados, contemplando linhas retas e semicírculos, nos moldes do Parque Edu

Chaves. A topografia é pouco revolta, o que facilitou a implantação dessa variedade de desenhos, permitindo certa liberdade no projeto. Posteriormente, os lotes foram redivididos pelo próprio Macedo Vieira.

Jardim Guanabara, 1925

A Cia Santa Cruz era administrada por Eduardo Cotching, Raphael de Sampaio Vidal e Paulo Von Atzinger, que desenvolveram vários projetos com Macedo Vieira. O Jardim Guanabara (figura 2.3.), foi um loteamento residencial, iniciado em 1925 e finalizado em 1931, e contém em seu traçado orgânico uma extrema diversidade de desenhos passíveis de serem utilizados em uma topografia desse tipo. Segundo o B.J.M.V., em sua página 19, previa uma população de até vinte mil pessoas, onde que as áreas que proporcionavam uma maior beleza e uma abrangência de visão panorâmica mais ampla, foram destinados aos parques e praças, de forma proposital por Macedo Vieira, que previa que os mais belos lugares deveriam ser privilégio de todos os habitantes do loteamento. Destaca-se também a circulação que era "*inovadora e foi proposta como um sistema que conjugava ruas para veículos, vias exclusivas para pedestres ed acesso por mar através de uma ponte de atracação das barcas da Cantareira, projetada junto à orla marítima*"⁷.

Bairro Santa Terezinha, 1925

Área: 1.100.000 m²

Empreendedores: Soc. Ter Estação de São Bernardo

Cidade: São Bernardo do Campo/SP

Chácara Santa Maria/Jd Itália, 1925

A Chácara Santa Maria, depois denominada Jardim Itália era interligada à Chácara da Mooca, se caracterizando também, aos moldes da chácara da Mooca, pelo traçado orgânico.

Parque Edu Chaves, 1926

O Parque Edu Chaves é um dos desenhos mais conhecidos de Jorge Macedo Vieira (figura 2.4). O terreno, de topografia plana aos moldes de Vila Nova Manchester, facilitou a implantação de desenhos geométricos, onde se destaca a grande área central que culmina em uma praça circular. Dessa praça circular partem ruas radioconcêntricas que são cortadas por

⁶ Ver em Kawai. Op. Cit., p. 134

⁷ Ver em em BJMV, Op.Cit, p.19

vias circulares que são hierarquizadas em largura a partir do centro, perfazendo um desenho de cerca de 340 C°. Quatro avenidas que partem do centro rumo ao exterior dá o desenho final do loteamento. Seu desenho é facilmente identificável quando do sobrevôo pela cidade de São Paulo. Todo o projeto foi destinado às classes populares, mas loteamento se desenvolveu de forma lenta, tomando impulso no final dos anos de 1980.

Distrito Industrial de Manguinhos, 1927

Como o próprio nome diz, trata-se de um distrito industrial que previa em consonância, um a área residencial destinada aos trabalhadores do pólo. O projeto foi acompanhado por Saturnino de Brito, que chegou a destacar a qualidade do projeto. Também junto á área destinada às indústrias, havia a previsão de uma área de estocagem dos produtos, ligada a um terminal intermodal, permitindo o escoamento de mercadorias por transporte rodoviário, ferroviário e naval. Com tal característica o projeto se mostrava de forma sistêmica e adaptado às necessidades de produção e distribuição a um baixo custo de operação. Saturnino – o pai -, comentaria: *“Ora, sendo assim, e uma vez atendido os objetivos essenciais acima discutidos, parece-me que se deve aceitar um dos anteprojetos Jorge Vieira, resultado de um estudo consciencioso da questão, de acordo com os elementos que dispôs. (...) com elementos das plantas anteriores e as novas alterações, temos a planta da revisão dos projetos”*⁸

2.2.2. Década de 1930

Caracterizou-se por uma década de grande atividade do escritório, com expansão para outras áreas que não da cidade de São Paulo, na continuidade do processo já iniciado na segunda metade da década de 1920. Ao final dessa década surge a encomenda do primeiro projeto de cidade nova, marcando uma nova fase do trabalho do Escritório Técnico.

Vila Isabel, 1931

Os mesmos sócios da Cia Santa Cruz, empresa responsável pelo projeto do Jardim Guanabara no Rio de Janeiro, empreenderam a Cia de Terrenos Campos do Jordão, buscando elaborar loteamentos para a estância climática em crescente prestígio entre a elite paulistana, já na década de 1920. Novamente Macedo Vieira ficou responsável por esse loteamento (figura

⁸ Comentário feito à época, 1927, por Saturnino de Brito. Ver em BJMV, Op. Cit. p. 19

2.5). onde predomina o traçado orgânico entre quatro colinas, com a reserva de áreas para parques no entorno de córregos. O projeto de dividia em três partes. Uma via de acesso ao Jaguaribe, uma vila operária e um grande residencial destinado às classes altas paulistanas. Os lotes da área residencial principal, bastante generosos, possuíam em torno de 2.500 m² e previam grande parcela destinada a áreas verdes.

Cidade Mãe Do Céu, 1937

Lançada por Francisco Rolim Gonçalves, com grande aparato de propaganda junto às classes populares, o Loteamento Cidade Mãe do Céu (figura 2.5.), continha lotes a partir de 200m², chegando a oferecer telhas e tijolos gratuitamente aos que edificassem uma residência num período de até seis meses após a aquisição do lote. Tal atitude buscava a ocupação no menor tempo possível. Quanto ao desenho, Macedo Vieira mesclou o traçado orgânico com desenhos geométricos nesse loteamento de proporção mediana, situado ao longo do Córrego Tatuapé. Atualmente é tida como uma das mais valorizadas áreas desse bairro paulistano.

Jardim da Saúde, 1938

Produto de uma divisão do antigo Sítio Guarapuava, a primeira gleba loteada pela cia de terrenos da Saúde foi feita em 1938, a segunda gleba loteada data de 1943. O projeto (figura 2.6.), de um bairro planejado no antigo bosque da Saúde foi encomendado a Macedo Vieira já em 1938. O *slogam* utilizado na propaganda do local foi " *Jardim da Saúde, um bairro alto, seco e saudável!*" e a estratégia de construção de grupos de casas espalhadas pelas quadras já com infraestrutura acabaram por atrair a classe média para o local, além de estrangeiros de várias colônias, entre as quais se destaca a japonesa. A beleza do desenho combina ruas em linhas retas, semi-círculos e o traçado sinuoso, devidamente providos de áreas verdes. Os lotes são amplos e as ruas arborizadas conferem ao bairro um bom nível de qualidade de vida na metrópole. Recentemente, por intervenção da Associação de Moradores do Jardim da Saúde - AMJS, o bairro foi tombando pelo Condephatt, afastando o risco da verticalização que já atinge os bairros vizinhos.

2.2.3. Década de 1940

O início da década foi de pequena atividade, devido ao período da Segunda Guerra Mundial, se resumindo a pequenos trabalhos e o acompanhamento das obras de Águas de São Pedro. A partir de 1945, as atividades voltaram a se intensificar, com novas parcerias e se expandindo

para o trabalho em conjunto com a companhia de colonização Cia Terras do Norte do Paraná, que lhe rendeu o projeto da cidade nova de Maringá (1947). No que tange aos loteamentos, os principais, são comentados a seguir.

Nova Campinas, 1945

No bojo dos projetos de melhoramentos urbanos para a cidade de Campinas levadas a cabo no final da década de 1930, Jorge Macedo Vieira foi chamado pelo amigo Prestes Maia - contratado para o início dos serviços - para o auxílio na elaboração da planta modelar de 1929 (figura 2.7.). No prosseguimento dos trabalhos coube a Macedo Vieira o projeto de canalização do Córrego Proença que ocupa a área de fundo de vale da região próxima ao centro da cidade, denominada de Cambuí. Os projetos de urbanização e de loteamento tiveram prosseguimento com o projeto de um bairro destinado à classe média alta e alta, margeando o Córrego Proença, que segundo a empresa loteadora, Cia. Imobiliária Nova Campinas, deveria ser um lugar aprazível e destinado à implantação exclusiva de unidades residências unifamiliares. Macedo Vieira, então, projetou, num desenho arquetípico de "bairro-jardim" denominada "*Villa Nova Campinas*" (figura 2.8.), com arruamentos em que o espaços centrais das principais avenidas eram destinados ao plantio de árvores e de quadras cujas esquinas estariam ocupadas por praças triangulares destinadas ao cultivo de jardins, num desenho muito próximo ao desenvolvido pelo mesmo por ocasião do projeto para a estância hidromineral de Águas de São Pedro. Além de praças circulares, o estabelecimento de vielas para circulação por entre o interior das quadras, tornou o lugar um local aprazível, com as facilidades de estar próximo ao centro da cidade.

Nova Campinas, seguindo os planos da empresa imobiliária, posteriormente foi ocupada por residências de alto nível, em terrenos de, na média, 600 m². A tipologia implantada no loteamento acabou por estabelecer uma espécie de padrão para essa região de Campinas, regendo uma sistemática que se repetiria nos bairros próximos e se estendendo por toda a área norte da cidade. Atualmente é uma das regiões mais valorizadas de Campinas, resultando num custo de m² elevado e se expondo ao processo de verticalização que já ocorre nas proximidades. A comunidade tenta conter tal processo com a busca, via associações de bairro, do tombamento da área.

Vila Medeiros, 1947

A área sul de Vila Medeiros foi projetada por Macedo Vieira de modo a compor um todo harmonioso com os projetos anteriores de Vila Maria e Jardim Japão, onde o traçado orgânico predomina. A primeira intervenção ocorreu em lotes pertencentes a Carolina Xavier Reinfrank, totalizando cerca de 80 mil metros quadrados. Posteriormente, com o projeto do Parque Novo Mundo, esse conjunto harmonioso de bairros se estendeu, privilegiando as áreas verdes e com fácil possibilidade de escoamento. O conjunto de bairros é cortado pela Rodovia Eurico Gaspar Dutra. Atualmente é área em constante valorização.

Vila Campesina, 1947

Projeto de área destinada ao uso comercial e residencial, realizado em duas etapas, sendo a segunda um espécie de continuidade desse loteamento de característica popular. Destaca-se que em 1953, o Banco Bradesco adquiriu parte da área onde construiu a Cidade de Deus, sede administrativa nacional do banco. O traçado é sinuoso (figura 2.9.), prevendo o arruamento segundo curvas de nível e propondo um parque em sua área central. Teve como sócio na construção do loteamento seu companheiro de turma Goes Sayão.

Vila Formosa, 1947

O projeto de Vila Formosa foi elaborado quase três décadas antes de sua ocupação inicial (1947) e, aos moldes da Cidade Mãe do Céu, se destinava às classes trabalhadoras do Tatuapé. No entanto, problemas no que tange à propriedade do terreno, atrasaram em muitos anos sua implantação. O traçado é de forte tendência orgânica (figura2.9.), com áreas reservadas a parques que foram distribuídos de forma harmoniosa e homogênea em todo seu desenho. Macedo Vieira previa também praças internas em algumas das quadras. Tais praças poderiam ser acessadas por vielas ao lado dos terrenos. O desenho sugere uma espécie de formato em "S" , que entram em forte contraste com as formas retas dos loteamentos do entorno. Atualmente está em processo de valorização, observado-se, no entanto, o crescimento do número das edificações onde predomina o uso do partido arquitetônico vertical.

Rolinópolis, 1949

Loteamento empreendido também por Francisco Rolim Gonçalves, Rolinópolis se destaca pelo traçado orgânico, onde Macedo Vieira levou ao máximo o recurso do desenho sinuoso e do uso de áreas verdes em um loteamento (figura 2.10.). Localiza-se em área com

topografia extremamente acidentada ao lado do córrego Pirajuçara. Foi elaborado de forma rígida, com extremo cuidado no trabalho de infraestrutura básica, onde priorizou-se o escoamento das águas pluviais. Se caracteriza, na questão social, como um bairro de classe média e média alta, que podem usufruir de grandes proporções de áreas verdes no seu interior, na parte central do loteamento. Hoje mantém suas características, sendo seu metro quadrado, um dos mais elevados da região.

2.2.4. Décadas de 1950

Início de década de intensa atividade para o escritório, embora, ao final os trabalhos já se restringem a um menor número de intervenções. A implantação da cidade nova de Cianorte é marco dos trabalhos dessa época. Os principais loteamentos estão colocados a seguir:

Chácara da Barra, 1950

Na continuidade do processo de urbanização da área norte de Campinas, iniciada com a canalização do córrego Proença e com o do bairro de Nova Campinas, Jorge de Macedo Vieira, destinou um projeto à segunda gleba de terras da região, denominada Chácara da Barra (figura 2.8.). Num desenho em harmonia com Nova Campinas, novamente priorizando o arruamento em curvas de nível, com inúmeras praças e recuos avantajados para a edificação de residências, seria destinada às classes média e média baixa. A reserva de generosas porções para parques e com as quadras sendo ocupadas pelas praças triangulares praças em suas bordas, constituiu-se no entorno de uma fábrica de cerâmicas. Na área central do bairro, uma "park way" faz um traçado sinuoso, interligando o bairro com as regiões circunvizinhas. Atualmente é uma área em processo de valorização, acompanhando sua vizinha, Nova Campinas, e também gozando da proximidade da região central e do bairro Cambuí.

Vila Santista, 1950

Projeto de chácaras inseridas no tecido urbano do município de Atibaia, SP, onde predominou a compra por parte de pessoas oriundas do litoral, em especial, da cidade de Santos/SP. O projeto, estava ligado a um clube de campo voltado à classe média-alta e alta da região. O traçado mescla o arruamento em curvas de nível com as demais seguindo o padrão de linhas retas (figura 2.10.). Na parte central possui uma praça circular que acaba por dar acesso ao clube de campo. Agremiações esportivas se utilizaram em muito de suas áreas, destacando-se o Santos Futebol Clube (Steinke, 2002).

Condomínio Nalyce, 1951

Pequeno loteamento desenvolvido para Francisco Rolim Gonçalves, Caio Dias Baptista e José de Azevedo Garda na década de 1950 junto à região que margeia a Avenida Celso Garcia no bairro do Tatuapé (figura 2.10). É um dos bairros mais próximos ao desenho convencional de loteamentos, embora com o formato semi triangular e prevendo uma praça em um de seus vértices. Foi destinado às classes trabalhadoras que se empregavam em indústrias nessa área no início da década de 1950. Não possui maiores destaques quanto ao desenho ou outras características diferenciais.

3.4.4. Vila Iza, 1958

O loteamento de Vila Iza compõe o último bairro – na realidade, suas dimensões mostram tratar-se de uma vila - projetado por Macedo Vieira para a região norte da cidade de Campinas, no bojo dos projetos de Nova Campinas e Chácara da Barra. Trata-se de um desenho mais próximo ao tradicional (figura 2.8.), onde o geométrico se sobrepõe ao sinuoso e o destaque fica por conta de uma praça no formato oval em sua área central. Se caracteriza pelos lotes de dimensões menores, em média 300 m², destinados a uma demanda mais popular.

Em anos posteriores foram executados projetos de bairros como: Bairro Suíço em Nova Friburgo, 1956, área de 139.600 m², tendo como empreendedor José Galiano das Neves; Jardim da Felicidade, em São Paulo, 1958, área de 360.000m², tendo como empreendedores Julio Vicente Vieira e Imobiliária Vieira e; Jardim São João, em São Paulo, 1959, área de 80.000 m², tendo como empreendedores, Palmiro Vivan e Milton Macarigoto. Ao se observar tais bairros, se reconhece o desenho já típico de Jorge de Macedo Vieira. Outros projetos não chegaram a ser implantados como é o caso do Jardim Universidade, 1953, em São Paulo, área que seria de 852.013 m², e teria como empreendedor a empresa S/A de Imóveis e Construção. Seus loteamentos revelam características de variadas escolas urbanística. Ao intervir no entorno dos bairros mais centrais de São Paulo, revelam que Macedo Vieira buscou levar consagrados modelos urbanos, à uma classe social que foi vitimada pela especulação imobiliária, o que provocou sua fuga das regiões mais valorizadas da cidade:

O direito à qualidade urbana, portanto, estava sendo assegurada em seus loteamentos. As classes média e média baixa poderiam ter acesso a residir em loteamentos de boa qualidade. Não podemos afirmar que isso fosse o propósito maior das suas obras, pois falta-nos dados

sobre seu pensar comunitário, mas certamente houve uma influência de Richard Barry Parker quando esse projetou os bairros populares de Alto da Lapa e Bela Aliança para a Cia City .,. Seria muito improvável que Macedo Vieira não tivesse conhecimento das intenções de Parker ao elaborar tais bairros para a classe trabalhadora, onde também predomina o desenho que se convencionou chamar de *"garden-city"*. A seguir, a tabela 02 resume os loteamentos projetados pelo Escritório Técnico de Jorge de Macedo Vieira ao longo de sua atividade.

Tabela 02 Loteamentos de Macedo Vieira – locais e municípios

| NOME | ANO | CIDADE | UF |
|-----------------------------------|--------------------|-------------------------------------|----|
| Vila Anastácio | 1918 | São Paulo | SP |
| Jardim Japão | 1922 | São Paulo | SP |
| Chácara da Mooca | 1923 ⁹ | São Paulo | SP |
| Vila Maria | 1923 ¹⁰ | São Paulo | SP |
| Ipiranga | 1924 | São Paulo | SP |
| Vila Nova Manchester | 1924 ¹¹ | São Paulo | SP |
| Jardim Guanabara | 1925 | Ilha do Governador - Rio de Janeiro | RJ |
| Bairro Santa Terezinha | 1925 | São Bernardo do Campo | SP |
| Chácara Santa Maria | 1925 | São Paulo | SP |
| Parque Edu Chaves | 1926 | São Paulo | SP |
| Distrito Industrial de Manguinhos | 1927 | Manguinhos – Rio de Janeiro | RJ |
| Vila Isabel | 1931 | Campos do Jordão | SP |
| Cidade Mãe do Céu | 1937 | São Paulo | SP |
| Jardim da Saúde | 1938 ¹² | São Paulo | SP |
| Nova Campinas | 1945 | Campinas | SP |
| Vila Medeiros | 1947 | São Paulo | SP |
| Vila Campesina | 1947 | Osasco | SP |
| Vila Formosa | 1947 | São Paulo | SP |
| Rolinópolis | 1949 | São Paulo | SP |
| Chácara da Barra | 1950 | Campinas | SP |
| Vila Santista | 1950 ¹³ | Atibaia | SP |
| Condomínio Nalyce | 1951 | São Paulo | SP |
| Jardim Universidade ¹⁴ | 1953 | São Paulo | SP |

Continua próxima página....

⁹ em várias etapas até 1952

¹⁰ em várias etapas até 1941

¹¹ em várias etapas até 1938

¹² em várias etapas até 1943

¹³ Não há uma precisão quanto à data mais o início da década de 1950 é o mais provável.

¹⁴ Não implantado

...continuação página anterior

| | | | |
|----------------------|------|---------------|----|
| Bairro Suíço | 1956 | Nova Friburgo | RJ |
| Vila Iza | 1958 | Campinas | SP |
| Jardim da Felicidade | 1959 | São Paulo | SP |
| Jardim São João | 1959 | São Paulo | SP |

Fonte: Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo – DPH/PMSP¹⁵

A Tabela 03 mostra-nos que durante os anos de atividade do Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, vários foram os empreendedores de natureza jurídica e física que se associaram aos trabalhos, podemos observar ainda nessas tabelas as áreas desses loteamentos, onde a totalização permite-nos uma idéia inicial da abrangência dos trabalhos do Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira:

Tabela 03. Loteamentos Macedo Vieira- empreendedores e área

| NOME | EMPREENDEDORES | ÁREA (M ²) |
|-----------------------------------|--|------------------------|
| Vila Anastácio | Richard Coit | 629.782 |
| Jardim Japão | Cláudio Monteiro Soares / Francisco Rolim Gonçalves | 1.050.000 |
| Chácara da Mooca | Cia. Chácara da Mooca / Cia. Imobiliária parque da Mooca | 2.600.000 |
| Vila Maria | Cia. Paulista de Terrenos | 1.308.120 |
| Ipiranga | Antonio M. Alves de Lima | 122.880 |
| Vila Nova Manchester | Cláudio Monteiro Soares/ Francisco Rolim Gonçalves | 1.292.355 |
| Jardim Guanabara | Cia Santa Cruz | 3.071.630 |
| Bairro Santa Terezinha | Sociedade Territorial Estação de São Bernardo | 1.100.000 |
| Chácara Santa Maria | Antonio Sabetta /Ezio Martinelli | 180.000 |
| Parque Edu Chaves | Eduardo P. Chaves e Soc. Comercial e Construtora Ltda | 413.887 |
| Distrito Industrial de Manguinhos | Empresa Melhoramentos da Baixada Fluminense | 3.650.000 |
| Vila Isabel | Cia de Terrenos Campos do Jordão | 3.000.000 |
| Cidade Mãe do Céu | Francisco Rolim Gonçalves/Joaquim Bento Alves de Lima | 346.360 |
| Jardim da Saúde | Cia. De Terrenos da Saúde | 1.350.090 |
| Nova Campinas | Cia. Imobiliária Nova Campinas | 839.822 |
| Vila Medeiros | Carolina Xavier Reinfrank | 40.000 |

(continua página seguinte...)

¹⁵ Levantamento junto a fontes primárias em impressos, plantas e manuscritos efetuadas pelo autor do presente junto ao Arquivo não catalogado de Jorge Macedo Vieira no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo, Folheto informativo da 4ª Bienal de Arquitetura de São Paulo – Sala Especial: O Urbanismo de Jorge de Macedo Vieira, Brochura de Divulgação da Sala Especial dedicada a Jorge de Macedo Vieira, por ocasião da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

(...continuação da página anterior)

| | | |
|-----------------------------------|--|-------------------|
| Vila Campesina | Max Lowenstein / Eurico Martins | 616.190 |
| Vila Formosa | Cia. Melhoramentos do Brás | 1.398.888 |
| Rolinópolis | Francisco Rolim Gonçalves | 239.760 |
| Chácara da Barra | Francisco Luiz da Cunha Bueno e outros | 578.986 |
| Vila Santista | n/d | n/d |
| Condomínio Nalyce | Francisco Rolim Gonçalves/Caio Dias Baptista José de Azevedo Garcia | 67.600 |
| Jardim Universidade ¹⁶ | S/A de Imóveis e Construção | 852.013 |
| Bairro Suíço | José Galiano das Neves | 139.600 |
| Vila Iza | João Brazio e Adolpho Guimarães Barros | 44.410 |
| Jardim da Felicidade | Julio Vicente Vieira e Imobiliária Vieira | 360.000 |
| Jardim São João | Palmiro Vivan | 80.000 |
| TOTAL DAS ÁREAS | | 24.520.360 |

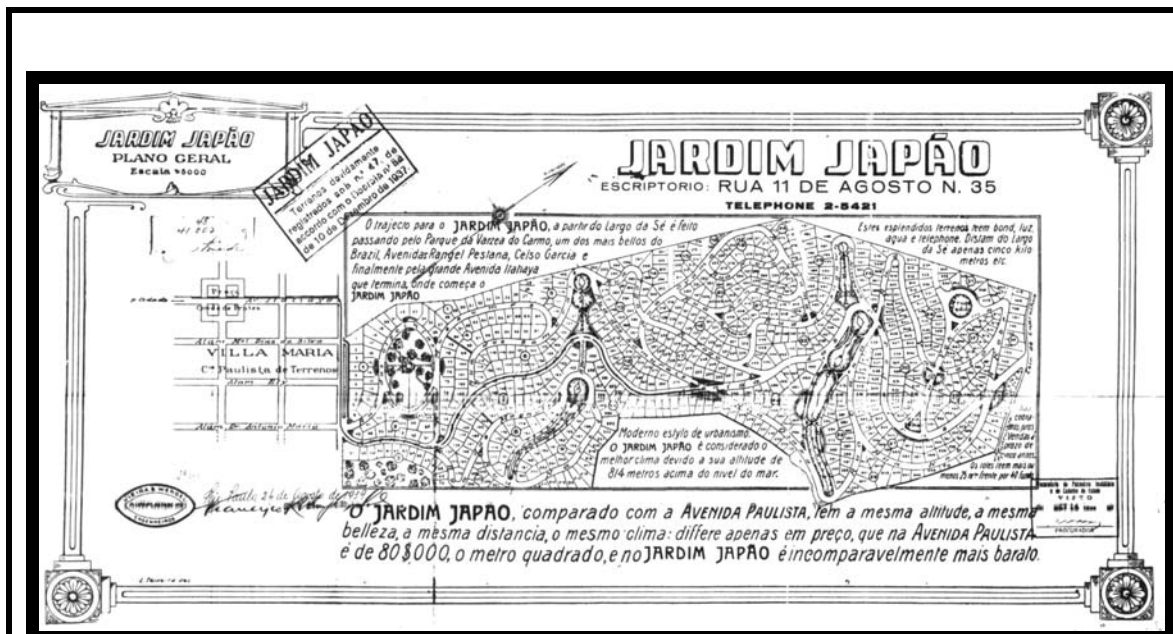
Fonte: *idem* tabela 2

Na análise do quadro 3, observamos que, se levarmos em consideração os loteamentos executados por Macedo Vieira chega-se ao montante de 24,5 milhões de m², o que revela a intensa atividade dos profissionais que aturam ao longo de três décadas no escritório. Excluindo-se o loteamento Jardim Universidade (852.013 m², projeto de 1953 que não foi registrado oficialmente por Macedo Vieira [sim, o Eng. Kamal Mattar], que embora, quase comprovadamente, seria de Macedo Vieira, segundo Kawai (2000)); e não se considerando a medida da Vila Santista, em Atibaia, São Paulo, loteamento do qual não obtivemos a área, os números atingem 23.668.347 m², medida expressiva no que tange às áreas urbanas objeto de intervenção por um só profissional. Para alguns loteamentos - dos quais poucas são as informações - atribui-se participação de Macedo Vieira de modo integral no projeto ou em partes os loteamentos de : Vila Mariana (1925. um arruamento); Baixada Fluminense (1927), Jardim Fonte São Miguel (1928), Ponte do Jaguaré (1938); Jardim Matarazzo (1942), Parque Novo Mundo (1944, com Paulo Amaral), Represa Rio Bonito (1944, com Paulo de Almeida Barbosa), Jardim Câmara (1949), Fazenda das Pedras – Campinas (1950), Jardim Belual – Barueri (1950), Chácara Castilho – Jundiaí (1952), Vila Mar – Praia Grande (1958), Vila Sacomã (1958) e Vila Nova Conceição. A grande proporção geralmente destinada aos parques e áreas verdes, se ressaltam nos desenhos de Macedo Vieira; a preocupação com a habitação e a contemplação da natureza se fazem presentes de forma constante na obra do engenheiro civil, tanto nos casos

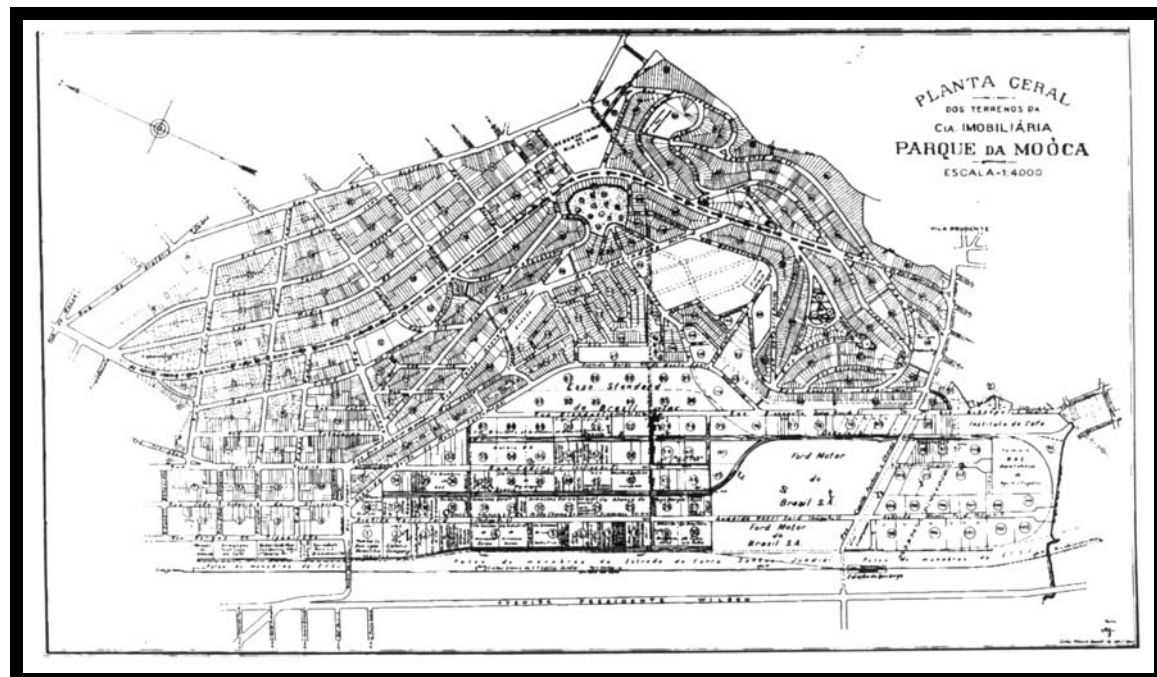
¹⁶ No projeto do Jardim Universidade existem controvérsias quanto á autoria. Ver em KAWAI, Op. Cit. p. 159.

em que quando a topografia se mostrava agitada, como nos que o sítio se caracterizava por suave declividade. A seguir ilustramos alguns loteamentos principais:

Figura 2.1. Jorge de Macedo Viera: Jardim Japão (1922), Chácara da Moóca (1923)



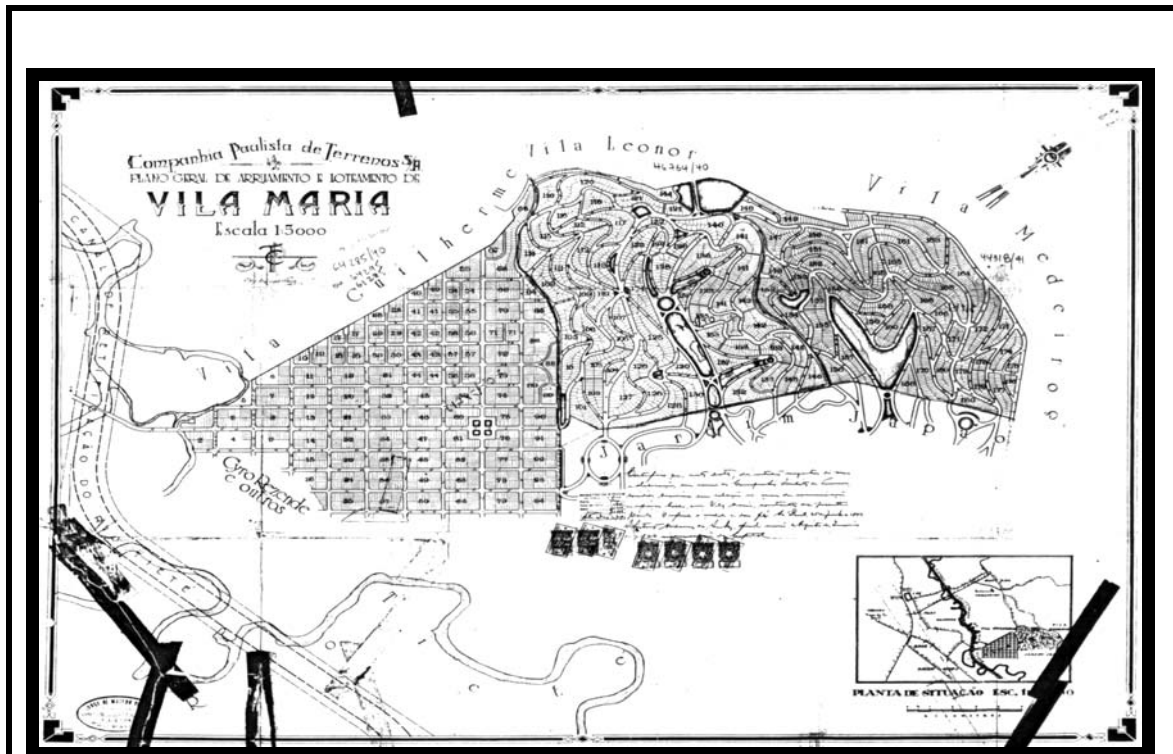
Jardim Japão, São Paulo/SP (1922)



Chácara da Moóca, São Paulo/SP (1923)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignaço do DPH/PMSP

Figura 2.2. Jorge de Macedo Viera: Vila Maria (1924), Vila Nova Manchester (1924)



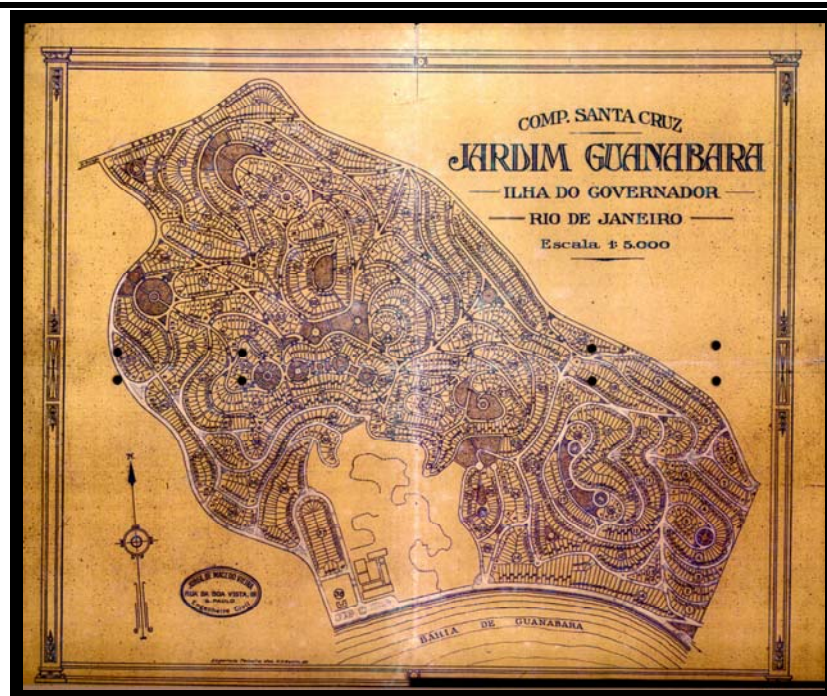
Vila Maria, São Paulo/SP (1922)



Vila Nova Manchester, São Paulo/SP (1923)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignaço do DPH/PMSP

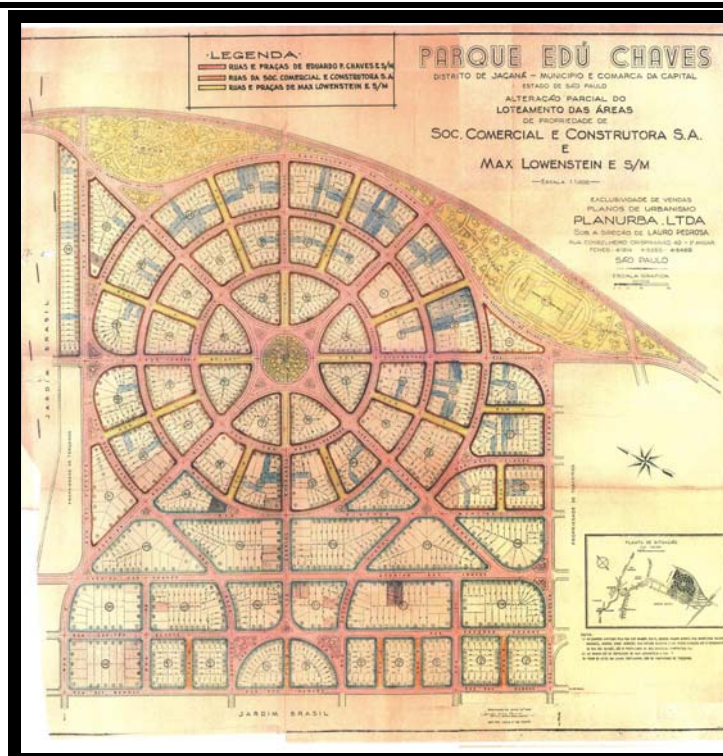
Figura 2.3. Jorge de Macedo Viera: Jardim Guanabara (1925)



Jardim Guanabara, Ilha do Governador, Rio de Janeiro/RJ (1925)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignaço do DPH/PMSP

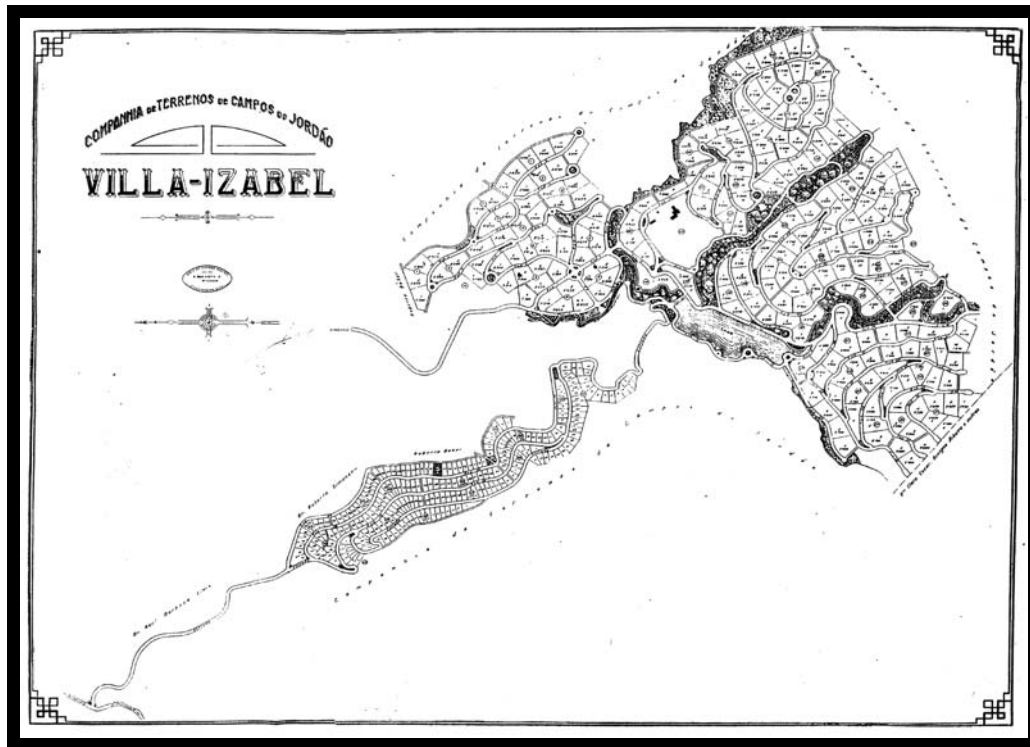
Figura 2.4. Jorge de Macedo Viera: Parque Edu Chaves (1926).



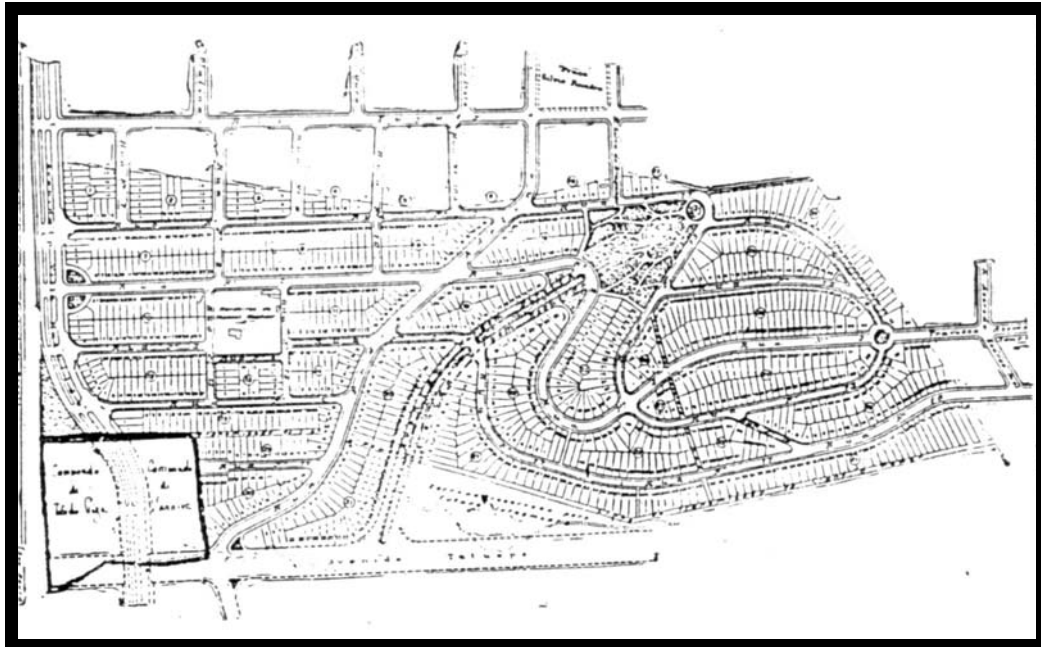
Parque Edu Chaves, São Paulo/SP (1926)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignaço do DPH/PMSP

Figura 2.5. Jorge de Macedo Vieira: Vila Izabel (1931), Cidade Mão do Céu (1937)



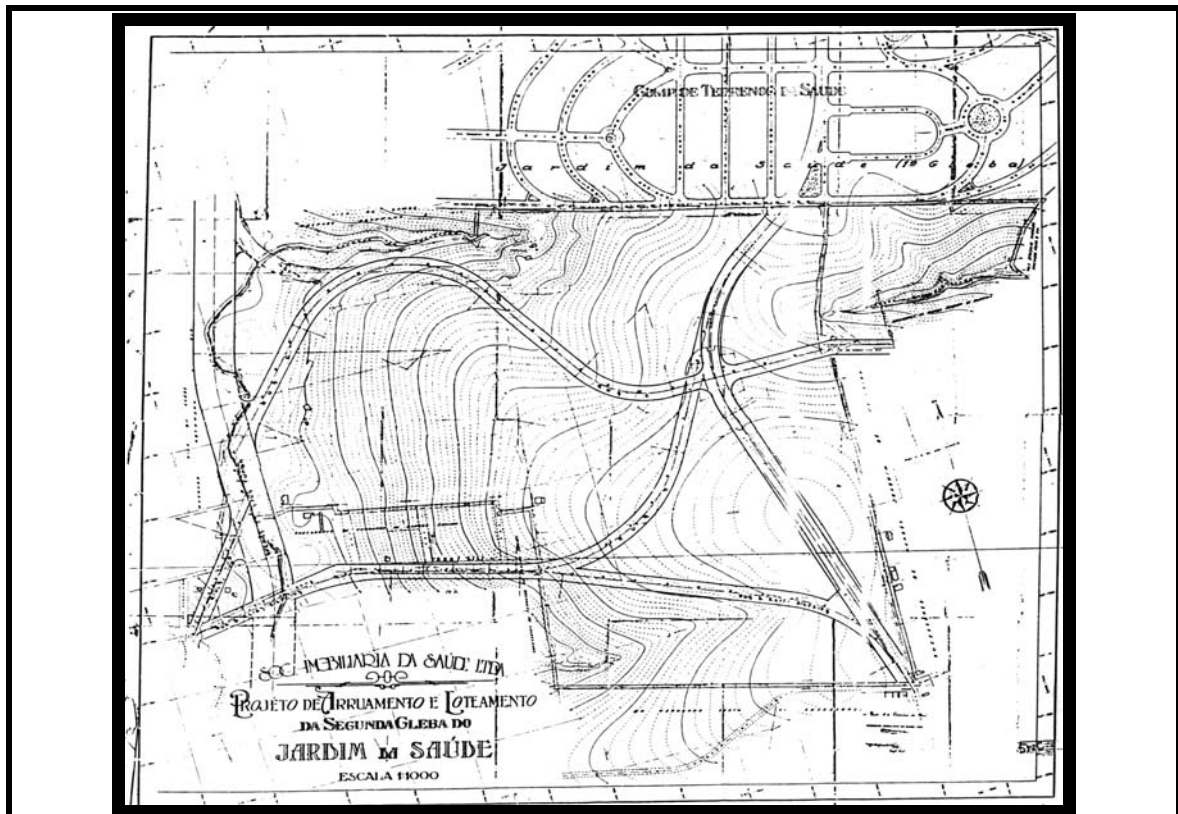
Vila Izabel, Campos do Jordão/SP (1931)



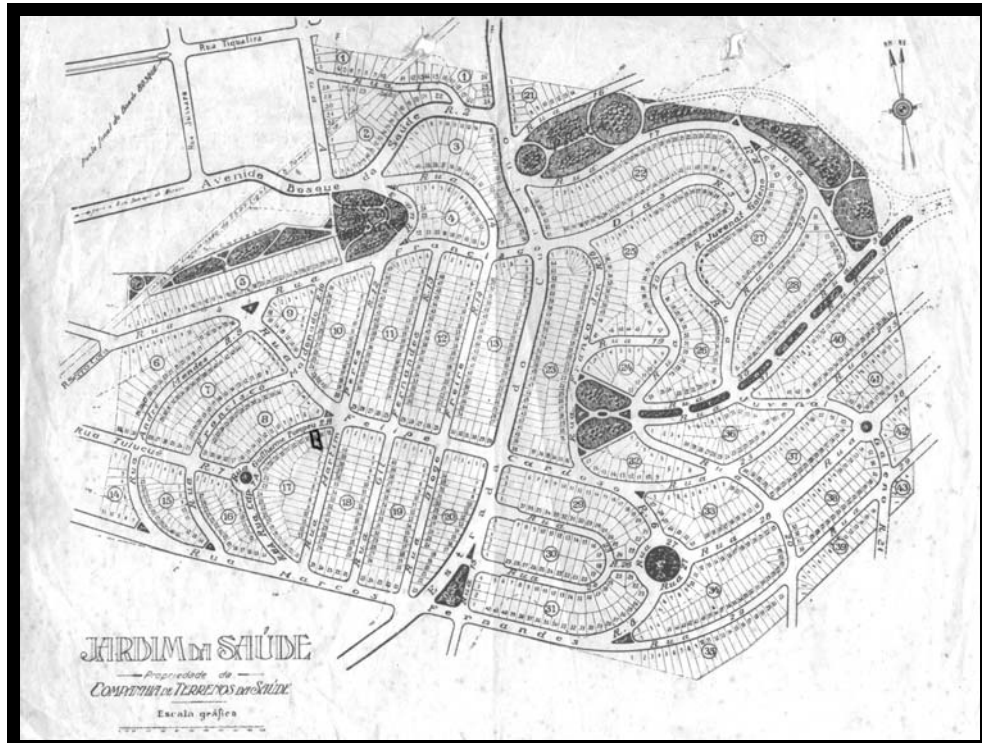
Cidade Mãe do Céu, São Paulo/SP (1937) – folheto de divulgação

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, sob consignação do DPH/PMSP

Figura 2.6. Macedo Viera: Jardim da Saúde (1938)



Jardim da Saúde, São Paulo/SP (1938) - projeto de arruamento e loteamento



Jardim da Saúde, São Paulo/SP (1938) - loteamento e áreas verdes

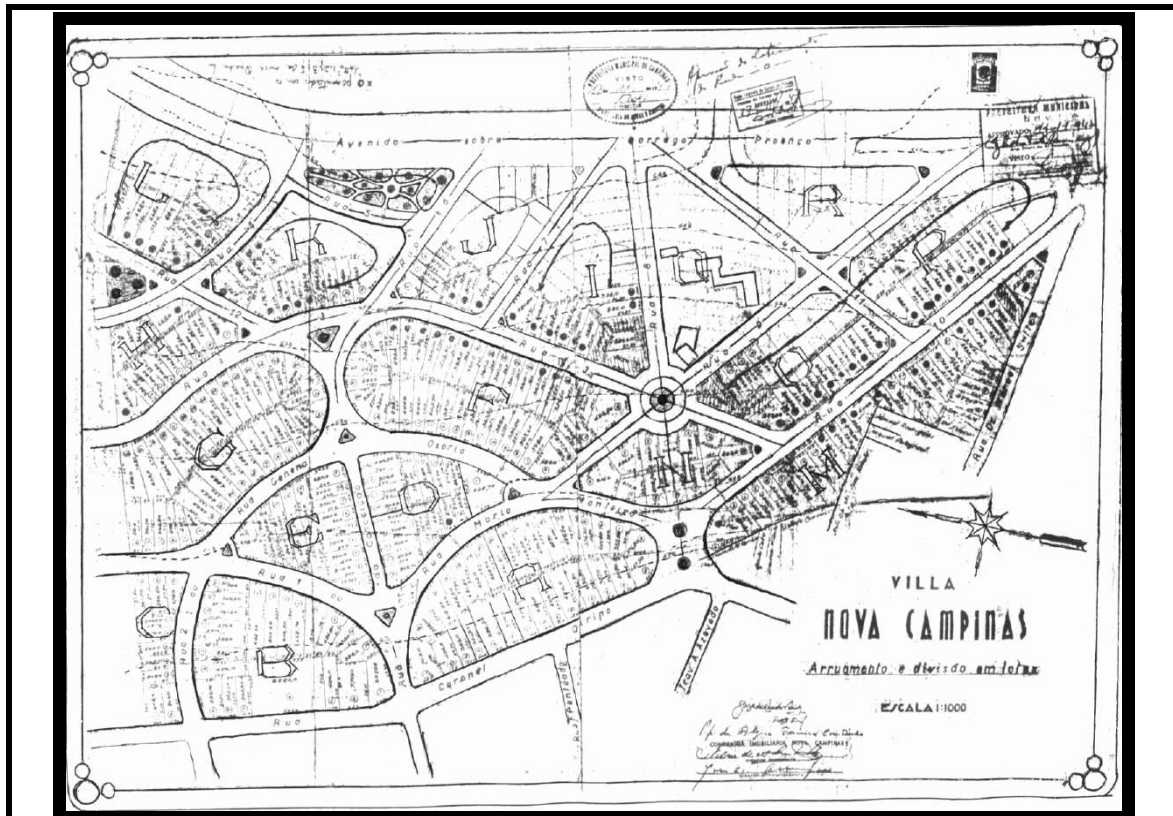
Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignação do DPH/PMSP

Figura 2.7. Macedo Viera: Planta Cadastral de Campinas (final década de 1920)

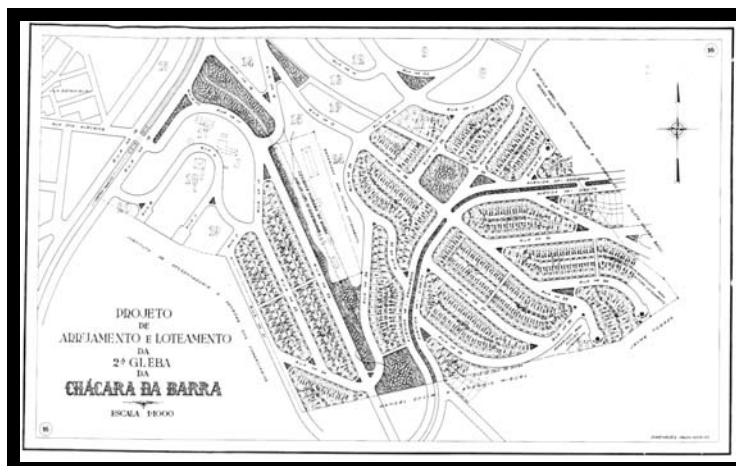


Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, sob consignação do DPH/PMSP

Figura 2.8. Macedo Viera: Villa Nova Campinas (1945), Chácara da Barra (1950), Vila Iza (1958)



Detalhe da Villa Nova Campina que, atualmente, é tida como parte do Cambuí, Campinas/SP (1945)



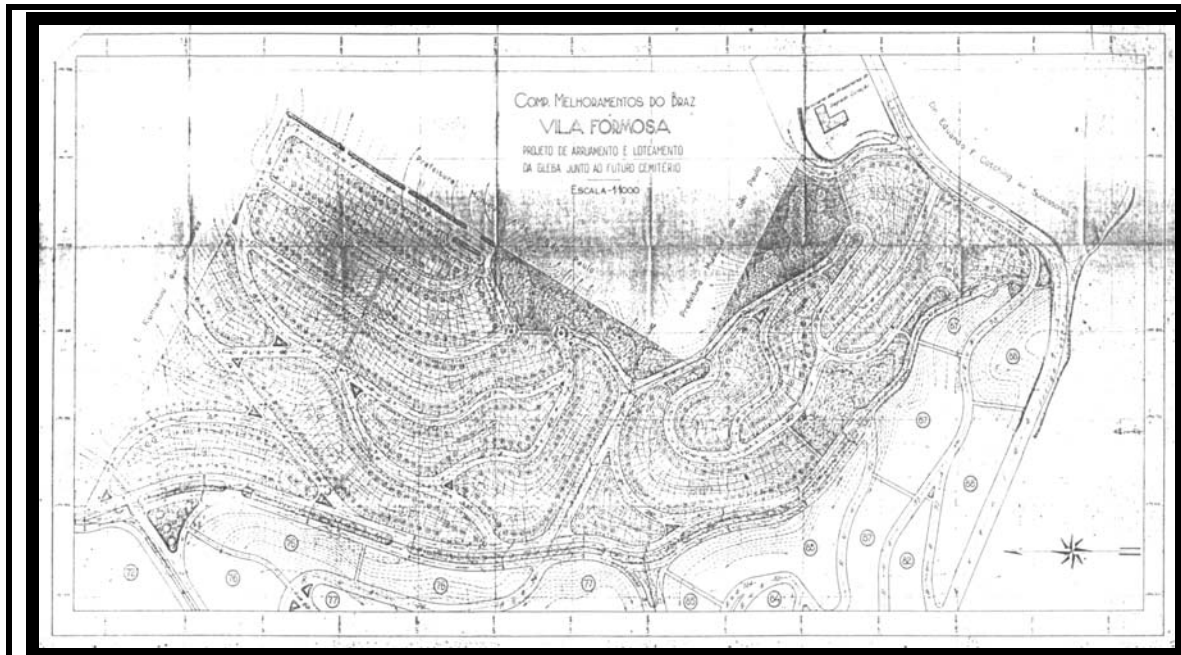
Chácara da Barra, Campinas/SP (1950)



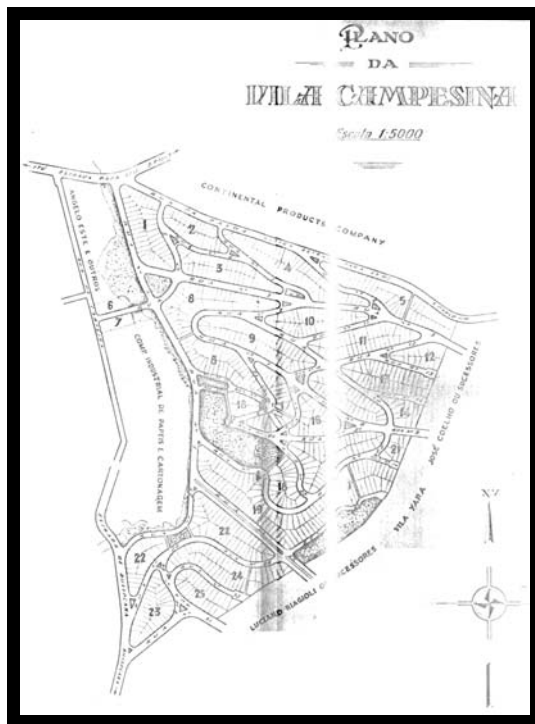
Vila Iza, Campinas/SP (1958)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, sob consignação do DPH/PMSP

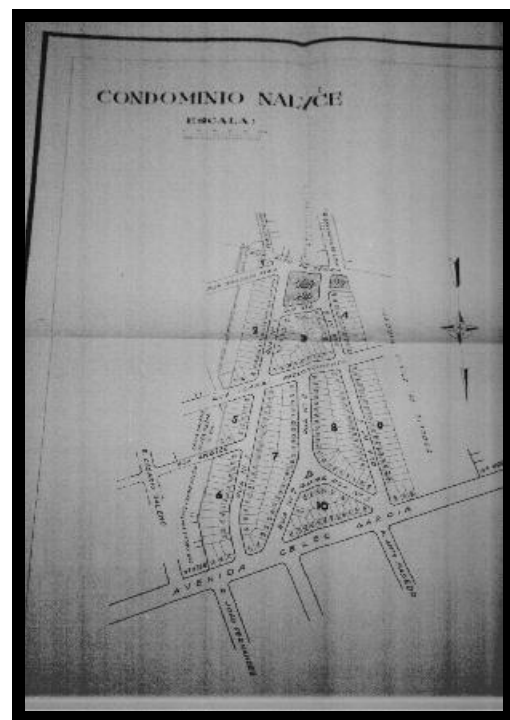
Figura 2.9. Macedo Vieira: Vila Campesina (1947), Vila Formosa (1947), Condomínio Nalyce (1950)



Vila Formosa, São Paulo/SP (1947)



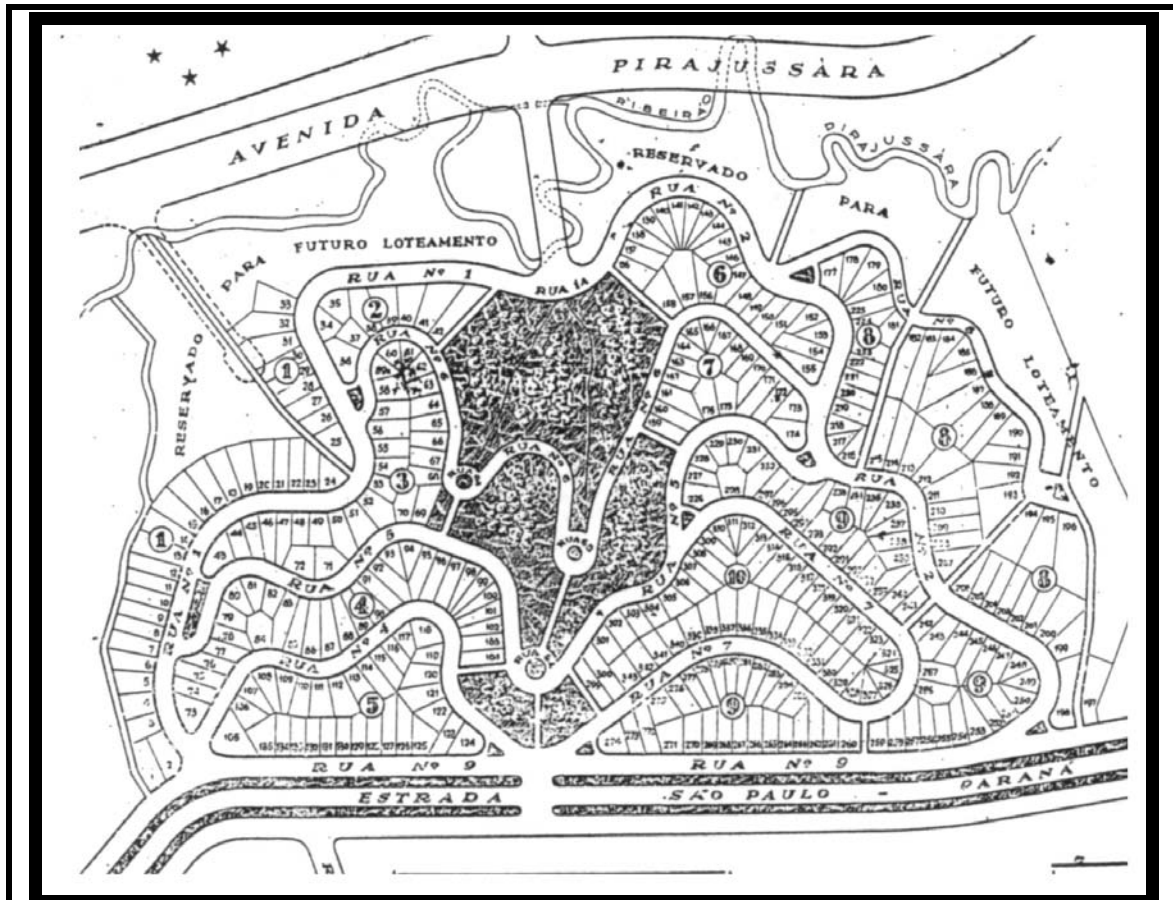
Vila Campesina São Paulo/SP (1947)



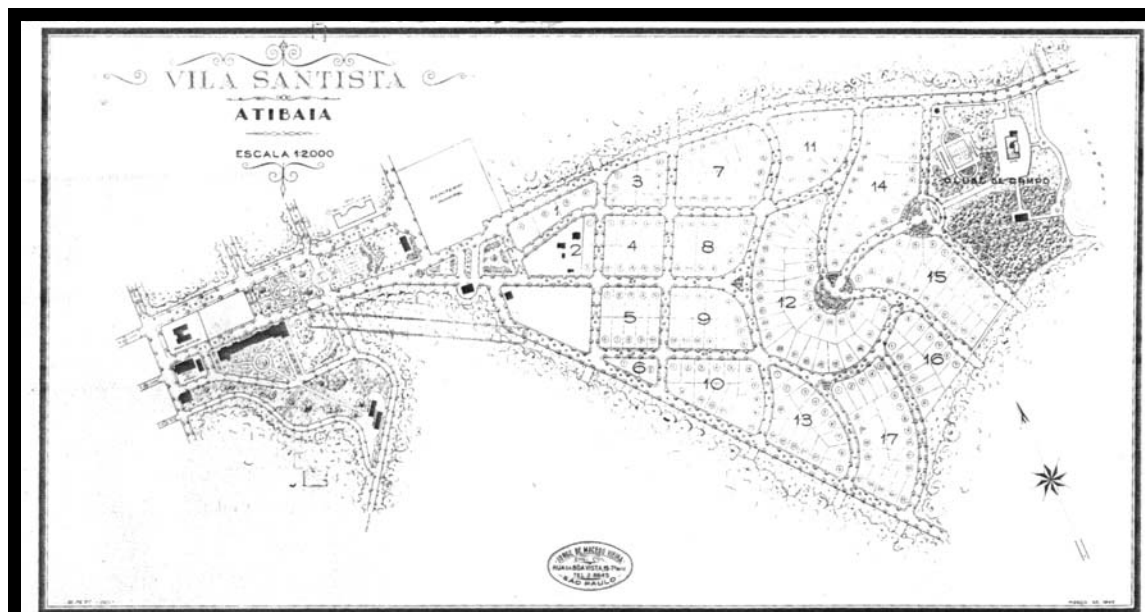
Condomínio Nalyce São Paulo/SP (1950)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, sob consignação do DPH/PMSP

Figura 2.10. Macedo Viera: Rolinópolis (1945), Vila Santista (1950)



Rolinópolis, São Paulo/SP (1949)



Vila Santista, Atibaia/SP (1950)

Fonte: Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Viera, sob consignaço do DPH/PMSP

2.2. As partes no integral: a escala necessária ao engenheiro-civil

A experiência com o trato de grandes porções de sítios urbanos acabou por levar Jorge de Macedo Vieira a alçar projetos mais completos, levando-o a trabalhos em que suas habilidades, tanto técnicas quanto urbanísticas, foram colocadas à prova. Ao mesmo tempo proporcionando-lhe, na forma sistêmica do projeto integral, liberdades de partir do novo, do sítio não habitado, para daí, efetivar a organização de todas as áreas que compõem a estrutura de uma cidade.

Ao seu primeiro projeto de cidade nova, a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, Macedo Vieira reserva um traçado fortemente influenciado pelo desenho "*garden city*", onde o sítio é cuidadosamente trabalhado, considerando-se a morfologia do terreno, com o desenvolvimento do arruamento, segundo as curvas de nível, ocasionando uma configuração onde o traçado "orgânico" é entremeado por parques públicos e praças cruzadas por avenidas e ruas que ora formam-se de forma radioconcêntricas, ora assume a configuração de "park-ways". Os lotes reservados para as residências mostram-se generosos em tamanho e os recuos permitem uma proporção não desprezível para os jardins. Acreditamos que esse projeto serviu como "experiência única" ao permitir, a Macedo Vieira, alçar-se em empreendidas mais altas. Numa tríade de profissionais, na qual se inseria na questão medicinal, o diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e na questão sanitária, o Escritório Saturnino de Brito, - ESB, comandado, à época, por Saturnino Rodrigues de Britto Filho, filho de Saturnino de Brito, elaborou um projeto de uma estância hidromineral que se pretendia "modelo", aos moldes de Bath, na Inglaterra. Tal projeto será objeto de análise por ocasião do capítulo III.

2.2.1. Companhia Terras Norte do Paraná e a cidade nova de Maringá

A política de implantação de cidades novas e rediscussão da cidade antiga acabou por culminar a escrita de um século onde predominou o processo de "suburbanização" – criação de subúrbios. Também alguns dos conceitos de cidades satélites, aos moldes do apregoado por Howard em seu livro *Garden Cities...* foram aplicados e acabaram por se incorporar à política oficial de planejamento regional dos governos. A implantação das "*new towns*" inglesas, a partir de meados dos anos de 1940, nos sustenta nessa colocação. A partir da elaboração do *Great London Plan* (1944) de Patrick Abercrombie as novas cidades inglesas acabariam por incorporar

vários dos conceitos da *"cidade-jardim"*, como a tentativa de gerar comunidades auto-sustentáveis. Novamente os preceitos de Howard não foram atingidos em sua totalidade. Não só em países europeus ou Estados Unidos mas, também, em nações em vias de desenvolvimento industrial, como o Brasil e a Índia, e nas que necessitavam ocupar suas terras e garantir a segurança do território e do próprio estado, como a União Soviética, a implantação da política de novas cidades se faz presente. No que tange ao desenho urbano, tais cidades sofrem forte influência da solução *"garden-city"* e do modelo *"city beautiful"* norte americano, além de outros como da *"ciudad linear"* de Arturo Soria y Mata;. Nessa lógica expansão das fronteiras do capitalismo, o governo inglês via com bons olhos os investimentos em países do Cone Sul do Continente Americano.

No Brasil, a política getulista da modernização e estruturação econômica nacional se refletia na ocupação de territórios novos. Steinke (2002) coloca que *"Nesse contexto, o nacional desenvolvimentismo trazia preceitos de modernização e ocupação do território, onde o papel da criação de cidades foi muito importante. O número de implantação de cidades planejadas foi fecundo neste período, onde a ferrovia exercia um papel fundamental na expansão dessa ocupação, pois era através dela que se estabelecia um elo de ligação com as demais cidades e por onde, principalmente, se garantia a venda de terras e a ocupação do solo. Foi a partir do seu traçado que se deu a fundação destas cidades novas.....¹⁷". O chamado Norte do Paraná tornou-se campo fértil para a implantação dessa cidades novas*

A Companhia de Terras do Norte do Paraná – CTNP, nasceu no bojo dos investimentos oriundos do capital inglês na década de 1920, e compunha esse corpo de expansão do capital inglês em território brasileiro. A companhia originou-se da necessidade de exploração das férteis terras da região pertencentes, então, ao fazendeiro Antonio Barbosa Ferraz Junior: *" Para escoar a volumosa safra de um milhão de pés de café até o porto de Santos, percebeu a necessidade de construir uma sociedade com outros fazendeiros já instalados na região e, em 1920, conseguiram do governo estadual a exploração de uma estrada de ferro por 70 anos. Esta, a partir de uma conexão com a Sorocabana, em Ourinhos, e passando pela ex-colônia de Jataí, atingiria a margem esquerda do rio Paraná, fronteira com o Paraguai. A estrada de ferro foi denominada São Paulo-Paraná e visava inicialmente ligar Ourinhos a Cambará, num percurso de 29 quilômetros¹⁸". Em 1923, junto com a denominada *Missão Montagu*, chefiada pelo Lord*

¹⁷ Ver em STEINKE, Op Cit. p.70

¹⁸ ver em CIOFFI, Helena et alli. *Cianorte: sua história contada pelos pioneiros*. Maringá: Ideal, 1995, p. 69.

Montagu, chega ao país Simon Frazer, conhecido como Lord Lovat, então representante da *Sudan Plantation* em busca de novas áreas de expansão capitalista para a empresa.:*" Após haver conhecido o padrão das terras paulistas, Lord Lovat chega ao norte do Paraná acompanhado de Willie Davids, prefeito de Jacarezinho e do DR. Gastão de Mesquita Filho, em janeiro de 1924. Esse expôs a idéia do aproveitamento da ferrovia São Paulo – Paraná como linha mestra do plano de colonização do norte do Paraná, com fertilíssimas terras. Estas poderiam ser adquiridas do governo paranaense a preços baixos pelos ingleses, devido à inexistência de transporte na região. Pela conjuntura mundial da época, sobravam capitais à Inglaterra. Como prolongamento da estrada de ferro Ourinhos-Cambará, estaria garantindo o escoamento da produção dessa região, além de valorizar muito a área*¹⁹*"*Devido aos módicos preços, os ingleses adquiriram, entre 1924 e 1927, mais de 500 mil alqueires de terras, sendo as aquisições capitaneadas pelo advogado Dr. Antonio de Moraes Barros. Formou-se a empresa *Paraná Plantation Limited*, com sede em Londres, e no Brasil, em 24/09/1925, foi criada sua extensão: a Companhia de Terras do Norte do Paraná que, em 1928, adquire o controle acionário da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná e inicia o processo de colonização do norte paranaense após o fracasso do capital inglês em explorar o cultivo do algodão no interior do estado de São Paulo (Cioffi, 1995).

O sistema de colonização e desenvolvimento dos agentes econômicos levados a cabo pela empresa eram comandadas por Arthur Thomas e se calcavam nos princípios do estabelecimento de propriedades ao longo da via férrea, com a previsão de vilas denominadas "patrimônios" num espaço de dez milhas, onde o agricultor poderia deixar seu produto (Cioffi, 1995 e Steinke, 2002). As maiores aglomerações urbanas deveriam, numa influência das idéias urbanismo inglês, serem planejadas de modo a conter os "*green belts*" - os cinturões-verdes, necessários ao abastecimento de hortifrutigranjeiros a essas mesmas comunidades, retratando o princípio de auto sustentação das comunidades.

No entanto, essa não foi a única influência urbana. Steinke (2002) nos esclarece que *"com forte caráter linear num primeiro momento, a ocupação do território lembra, nessa linearidade, colocada através das ferrovias, as propostas das cidades lineares, difundidas por Soria Y Mata. Contudo, acabou por se configurar numa rede de cidades.....O que se percebe hoje, ao observar a região, é uma verdadeira constelação de cidades*²⁰*".* Com o domínio das vias

¹⁹ CIOFFI, *Ibidem.*, p.70

²⁰ Ver em STEINKE, *Op. Cit.*, p. 72.

de escoamento e com as áreas rurais seguindo a lógica do planejamento de Arthur Thomas, estava assegurado a geração de capital e a lucratividade dos empreendedores. A cidade de Londrina é fundada a essa época, sendo a primeira de uma série.

Toda a propaganda que envolveu o processo de colonização das terras resultou na venda de 400 mil alqueires até 1953, subdivididos em 26 mil propriedades agrícolas, possuindo em média 15 alqueires cada e abrigando em média quatro famílias, onde predominavam os colonos paulistas, mineiros e estrangeiros entre os quais japoneses, italianos e poloneses (Cioffi, 1995). A não possibilidade de aquisição de mais áreas devolutas pela Companhia junto ao governo paranaense fez a mesma concentrar esforços em um segundo estágio, não só ligado ao processo de desbravamento, mas também expandindo as atividades no fornecimentos de insumos e infraestrutura para as cidades novas.

Em 1943, com o refluxo do capital inglês, e a campanha para a nacionalização das empresas estrangeiras, leva a Companhia Terras do Norte do Paraná, a passar todas suas ações um grupo de brasileiros (Cioffi, 1995) coloca que *"Em 1943, o Governo Getúlio Vargas autorizou a negociação com a condição do grupo entregar ao poder público a estrada de ferro. Mesmo com prejuízo ao grupo, a totalidade das ações da Companhia Terras Norte do Paraná foi adquirida por Arthur Bernardes Filho, Irmão Soares de Sampaio, Gastão de Mesquita Filho e Gastão Vidigal, que conseguiu compor a sociedade que suportou vultuosa e difícil negociação"*²¹. No entanto o nome manteve-se como Companhia Terras Norte do Paraná. A nomeação da empresa só se alteraria em 1951 quando surgiu a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CNNP, resultado de uma fusão entre a Cia Terras do Norte do Paraná e Cia Melhoramentos, essa última, ligada à atividade da exploração da madeira em todas suas vertentes. Cioffi (1995) volta a nos colocar que *"nesse contexto, ela incorporou uma outra pequena empresa que existia em Maringá, que se propunha a construir nos lotes urbanos, para facilitar a venda dos mesmos e a vida de recém-chegado na cidade. E essa outra empresa tinha cerâmica, serraria, com objetivos de construção e se chamava Companhia Melhoramentos. Quando a companhia de Terras Norte do Paraná absorveu essa outra empresa, resolveu mudar para COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ"*²².

²¹ Ver em CIOFFI, Op. Cit., p. 72. As informações foram colhidas por Helena Cioffi no livro *Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná*, publicado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, por ocasião do cinquentenário da empresa em 1975. Ver nota de rodapé na publicação de CIOFFI, p. 79.

²² Ibidem, p. 74

Tal fato instigou-nos em uma investigação, já que em outros estudos consta que o projeto de Maringá foi encomendado a Macedo Vieira pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Após busca exaustiva de informações, a maioria contraditória, uma, no entanto chamou a atenção e foi encontrada no acesso ao sítio eletrônico da própria prefeitura de Maringá, em sua interface relativa ao histórico da cidade: Relativo ao ano de 1947, destacamos o trecho a seguir:

“A 1ª data vendida pela Cia após a abertura de vendas, comprador foi o Sr. Zilbo da Silva (data nº 01, quadra 09, zona 01, conforme recibo fornecido pela CTNP, nº 0001, passado no dia 06/05/47 no valor de Cr\$ 20.000,00.”²³

Portanto em 1945 a Companhia Terras do Norte do Paraná - já de capital nacional, mas ainda mantendo no nome “Terras”-, encomendou o trabalho de elaboração de uma cidade inteira ao Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, em território virgem onde predominava a vegetação nativa e fugazmente habitada por grupos indígenas nômades. Nessa área virgem seria implantada a cidade nova que se denominaria de Maringá. Em 1947 deu-se início sua construção.

Na brochura sobre Jorge de Macedo Vieira, elaborada para IV Bienal Internacional de Arquitetura(1999), encontramos que *“Maringá se caracteriza por um traçado diferenciado dessas demais cidades, onde o desenho partindo da ‘tabua rasa’ é comum. Suas ruas ajustam-se à topografia do sítio onde as áreas residências buscam recuperar a idéia de unidade de vizinhança, num desenho tipicamente pinturesco. Já ainda uma valorização das áreas verdes, sobressaindo-se os parques, jardins e praças, bem como ‘park ways’²⁴. Nesse projeto Macedo Vieira reflete, além da influência ‘garden-city’, exemplificada nos parques públicos, o modelo ‘city beautiful’: no uso das avenidas amplas interligando essas áreas - funcionando como ‘park ways’-, na adoção do ‘civic center’ e na centralidade dos edifícios públicos, além da adoção de ‘carrefours’, arquetípicas de Hénard e do ‘beaux arts’ francês.*

Macedo Vieira, no entanto, jamais visitou o sítio e se servindo de uma planta topográfica de Cássio Vidigal, elaborou os estudos metro a metro, seguindo as características de topografia do terreno, que se apresentava com suaves declividades (Cioffi, 1995). A resultante foi uma planta com características nitidamente modernas (figura 2.11.), onde o traçado geométrico foi

²³ Ver em www.maringa.pr.gov.br/historia/datas/1941-1950.htm . A informação foi acessada em 21/08/2003.

²⁴ Ver em B.J.M.V., Op. Cit., p. 24

articulado de modo conciso, reservando generosas áreas aos parques públicos e, aos moldes do que vigorava na cultura urbanística da época, compartimentando de modo rigoroso o zoneamento da cidade. Suas áreas foram divididas em:

- a) Núcleos comerciais: Centros de comércios concentrados;
- b) Zona Residencial Popular: Destinada a pessoas de baixa renda;
- c) Zona comercial: próximas ao Centro Cívico, reservada às atividades de prestação de serviços á população local;
- d) Zona Industrial: destinada ao fomento da implantação de empresas interessadas em produzir na região;
- e) Armazéns: áreas de estocagem e guarda de produtos agrícolas;
- f) Zona Residencial Principal: Lotes mais generosos destinados às classes média, média alta e alta;
- g) Zona Residencial Operária: destinada às classes trabalhadoras nas indústrias e comércio ;
- h) Edifícios Públicos: concentrados nas área do centro cívico e;
- i) Estação Ferroviária. Na área central, com fácil acesso também por avenidas.

A articulação entre a ferrovia, centro nevrálgico do local, cortando toda a linha da cidade; as áreas industriais e comerciais; o grande percentual destinado para áreas, aliados ao formato moderno, agradaram os empreendedores, pois além da beleza estética a funcionalidade se mostrava plena. Sobre Maringá, Macedo Vieira descreve que *“ Pretendi projetar uma cidade moderna, uma cidade em que o traçado das ruas não obedeça o xadrez, que os portugueses ensinaram aqui, nos deixaram aqui na colônia, consegui um processo melhor que é o de acompanhar o terreno o mais possível, e a cidade já pré-traçada, num zoneamento estudado, com seus parques, seus lugares de lazer, e seus verdes tão característicos, parece que consegui, né?”*²⁵ . Macedo Vieira reserva especial destaque às avenidas, inserindo, nas largas vias, um canteiro central para o plantio de paineiras, palmeiras, ipês, acácias, flamboyants, quaresmeiras e outras, que acabaram por dar especial beleza ao arruamento.

²⁵ Ver em BJMV, a frase de 1972 de Macedo Vieira está na página 27. onde também comenta sobre a questão de nunca ter comparecido ao sítio *“ Infelizmente não estive no local, eu me baseei numa planta topográfica que me foi fornecida pelo Cássio Vidigal, planta topográfica essa que estava muito bem feita, e que mostrou sua exatidão(...) e deu a cidade que hoje tá lá que todos podem ver, que não é mais xadrez, e é de uma cidade moderna, não é?”*.

Maringá foi projetada para acolher 200 mil habitantes, e a previsão de grandes porções de áreas verdes elevou a qualidade de vida dos seus habitantes. As principais áreas verdes projetadas por Macedo Vieira são:

- a) Horto Florestal com 17,5 alqueires, destinado para o cultivo de mudas para as avenidas e praças da cidade;
- b) Parque do Ingá, com 19,5 alqueires, que abrigaria o jardim zoológico, jardim japonês e alamedas para contemplação e ócio e;
- c) Bosque Dois: área de 25 alqueires, denominado depois de “Tupinanbá” , abriga remanescentes da vegetação original de Maringá.

A área central que abriga o Centro Cívico, numa típica configuração do *town planning* norte-americano, contém repartições públicas, agências bancárias, estações rodoviária e ferroviária, reunidas de modo a perfazer uma unidade central com fácil escoamento pela avenida principal, Avenida Brasil, que corta todo o município. A Brochura sobre Jorge de Macedo Vieira, em sua página de nº 27 traduz as plantas desenvolvidas por Macedo Vieira para as cidades de colonização:

“ Se observarmos as plantas das Cidades de Maringá – assim como a de Cianorte – nos damos conta que suas áreas centrais são concebidas de modo clássico, sempre articulando, a partir de um eixo principal, a estação ferroviária com o centro cívico propriamente, junto ao qual vão se implantar os edifícios administrativos. Por outro lado, nesses projetos de Vieira, apesar de se levar em conta a movimentação do relevo, o traçado das ruas é feito conforme um desenho acentuatadamente geométrico, que faz a concordância entre retas e curvas. ”²⁶

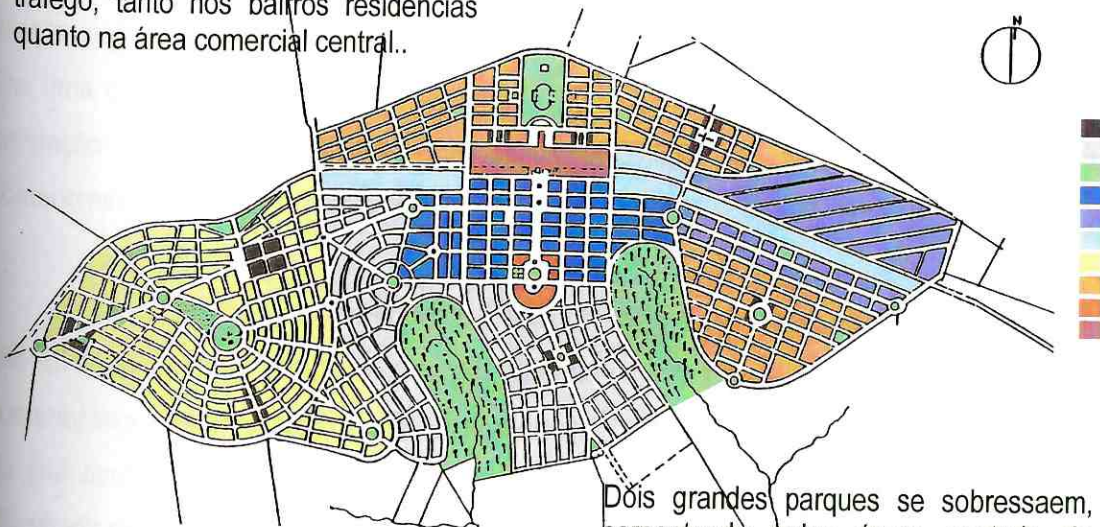
Observam-se grandes áreas destinadas ao verde também nesse setor central, onde se divisa o resultado da compartimentalização rígida das quadras, com espaços definidos e diferenciados entre zona comercial, residencial, edifícios públicos e parques. A edificação que mais se destaca na parte central da cidade é a Catedral Nossa Senhora da Glória, que atinge 124 metros de altura em seu topo. Numa síntese, Jorge de Macedo Vieira mescla soluções urbanas, onde nesse traçado geométrico predomina a escola do *town planning* norte americano.

Notamos que Macedo Vieira entendia a visão dos empreendedores - as cidades novas deveriam compatibilizar recursos e produção de forma otimizada e possibilitando torna-la um pólo comercial regional -, e buscava apresentar, junto aos mesmos, projetos que se pautassem pela viabilidade econômica, sem o detrimento da qualidade do desenho urbano e harmonia de uso dos espaços entre quadras comerciais, residências, parques, praças e ruas .

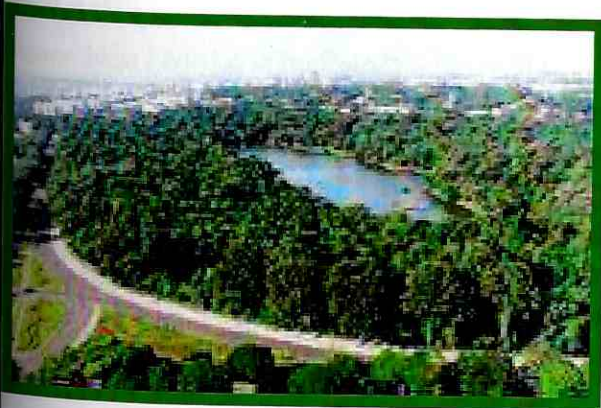
²⁶ Ver em B.J.M.V., Op. Cit, p. 27

Figura 2.11. Maringá por Macedo Vieira

O projeto iniciado em 1945 e entregue em 1947 para a Cia Terras Norte do Paraná se caracteriza pelo traçado geométrico, contendo um eixo monumental, onde se sobressai, produto de um rígido *zoning*, o centro cívico, numa influência do modelo urbano "*city beautiful*" norte americano. Os "*carrefours*" do "*beaux arts*" francês, também possuem a função dos "*rounds-points*" de Daniel Burnham e se espalham pelo tecido urbano, tendo a função de distributiva do tráfego, tanto nos bairros residências quanto na área comercial central..



Dois grandes parques se sobressaem, serpenteado pelas áreas centrais de Maringá, ligados pelas "*park ways*". A grande proporção destinada a áreas verdes revela que a influência da solução "*garden city*" também estaria presente. Macedo Vieira busca reunir o que acredita ser de melhor qualidade para o projeto urbano, recorrendo ao seu conhecimento, povoado pelo hibridismo dos conceitos e das idéias correntes no urbanismo internacional. A resultante é uma cidade que revela uma ótima qualidade de vida até os dias atuais.



2.2.2. Pontal do Sul: o sonho da cidade balneária

Em 1951, Macedo Vieira recebeu a encomenda do projeto da Cidade Balneária de Pontal do Sul, no litoral paranaense, no bojo das intenções governo estadual no desenvolvimento de novas formas de sustentação econômica para as comunidades.

O projeto de Macedo Vieira para Pontal do Sul (figura 2.12.), se caracterizou por um desenho geométrico onde nítidas separações se ressaltam as funções da cidade, sendo *"...planejada segundo o desenho de um quadrilátero, em cujo centro geométrico, numa área arborizada, seriam localizados vários serviços públicos e de administração da cidade. Duas grandes avenidas cortariam esse centro, entrecruzando-se, e outras três convergiam das praças para o centro, além de mais uma avenida proveniente do extremo da cidade, oposto ao mar"*²⁷. Era uma cidade planejada para não receber indústrias onde as áreas comerciais ligadas à prestação de serviços se destacavam. Steinke (2002:66) nos esclarece, no entanto, que posteriormente, indústrias foram instaladas

Outrossim, por problemas burocráticos e de posse de áreas, o projeto de Macedo Vieira não foi implantado por completo, mas seu desenho de rara beleza, exerceu forte influência na posterior implantação urbana no sítio, já anos depois. O projeto da cidade balneária de Pontal do Sul nasceu da necessidade de exploração econômica da região litorânea do Paraná, dificultada pelo difícil acesso proporcionado pelo relevo da Serra do Mar. A área a ser utilizada para a edificação da cidade nova era pertencente ao município de Paranaguá. Nesse sentido, a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná cedeu uma área de terras consideradas devolutas para a Empresa Balneária Pontal do Sul S/A – Imobiliária Urbana e Rural²⁸.

A área possuía cerca de 3 mil hectares e segundo a Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, o projeto visava:a) incentivar a pesca;b) construção de estrada ligando Paranaguá a Pontal do Sul; c) formação de lotes para a grandes lavouras próprias do litoral e; d) formação de pequeno balneário²⁹.

²⁷ B.J.M.V., Op. Cit, p. 28

²⁸ Ver no D.O.E. – Paraná, de 09/01/1951, p. 7..

²⁹ Ibidem, p. 7.

As áreas limítrofes do terreno se constituíam: ao norte, a Baía de Paranaguá; à leste, o Oceano Atlântico; ao sul o Rio Olho D'Água e a Oeste havia uma linha seca no rumo norte/sul, do Rio Maciel até o Rio Olho D'Água. A Macedo Vieira, a empresa solicitou “ *Projetar a cidade balneária do Pontal do Sul, obedecendo os mais modernos preceitos de urbanização do gênero, comprometendo-se dotá-la de luz elétrica, água potável e rede de esgotos no prazo de 30 (trinta) meses contados da assinatura desse contrato*”³⁰. No projeto de Pontal do Sul, uma área deveria ser reservada para a prefeitura e, segundo Jorge de Macedo Vieira, ela seria:

- a) Uma quadra completa na zona comercial para a sub prefeitura da futura cidade;*
- b) uma quadra completa na zona comercial para almoxarifado da administração pública municipal;*
- c) uma quadra completa na zona comercial destinada à construção de edifícios públicos;*
- d) uma área não inferior a 900m² para a construção de edifícios públicos;*
- e) uma área de 10 hectares para nela ser construída uma colônia de férias, área que deve ser reservada em benefício da prefeitura;*
- f) área de 5000 m² para nela ser construída um hospital e maternidade e parte de puericultura;*
- g) uma área de 2(dois) hectares para nela ser construída uma praça de desportos*³¹

O loteamento foi aprovado pela Prefeitura Municipal de Paranaguá sob o nº 56, com inscrição no Registro Geral de Imóveis sob o nº 6.624, de 21/02/51 e o nº 09, de 07/03/51³². No entanto, o projeto da cidade balneária de Pontal do Sul não se concretizou totalmente, pois a área entrou em litígio de posse, sendo os impugnantes os Srs. Shinquichi Agari, Sigeharu Kitahada, João Francisco do Espírito Santo, Alexandre Serafim do Espírito Santo, Mario Plínio do Nascimento, Salomão Axelrud, João Urban, Joaquim Gonçalves, Segismundo Gonçalves, Francisco da Cunha Pereira e Imobiliária Grajaú Ltda, que desistiu do processo. A sentença foi a favor dos impugnantes, mas a Empresa Pontal do Sul recorreu em 07/09/1955 ao Juiz de Direito

³⁰ Contratação de prestação de serviços, de 17/01/1950, p. 02, entre Jorge de Macedo Vieira (contratado) e a Empresa Pontal do Sul S/A – Imobiliária Urbana e Rural (contratante), representada por João Antonio Calmese, Antonio Benedito Pereira da Fonseca, João de Góes Sayão Filho e Luiz Ferraz de Mesquita – engenheiro empreiteiro. Contrato arquivado no Acervo não catalogado de Jorge de Macedo Vieira, no DPH-PMSP.

³¹ Manuscrito com um pré memorial descritivo encontrado no Acervo não Catalogado de Macedo Vieira, DPH-PMSP, página 3. Provavelmente esse manuscrito era um diretriz a ser repassada para a equipe do escritório Técnico.

³² As informações contidas em todo o capítulo sobre Ponta do Sul foram obtidas através de constas a manuscritos e o memorial descritivo do projeto, que se encontra do Acervo não Catalogado de Jorge de Macedo Vieira, no DPH da Prefeitura Municipal de São Paulo, sob guarda do Prof. Walter Pires. A junção dos dados manuscritos e do Memorial Descritivo possibilitaram a interpretação do projeto.

da Comarca de Paranaguá, onde obteve ganho de causa, todavia o projeto de Macedo Vieira não chegou a ser implantado.

No projeto de Macedo Vieira, *“ a cidade foi dividida em 229 quadras, com cerca de 4000 lotes. Dessas 96 estavam situadas nas praias, destinadas à zona residencial principal, 100 para a zona residencial popular e 24 para a zona comercial. Foi previsto ainda a construção de três modernos hotéis, projetados por Vieira, bem como cassino, teatro e cinema, clubes biblioteca, parques infantis, escolas, praças de esportes, entre outros equipamentos urbanos”*³³. Fica claro, à semelhança do projeto de Maringá, o estabelecimento de uma espécie de hierarquia entre as áreas, sendo a central destinada a acolher os edifícios públicos citados, onde duas grandes avenida cruzam sua extensão. As funções sofrem subdivisões por Macedo Vieira, que chegou a sugerir que a prática de esportes fosse proibida na área de praia, que deveria ser equipada com cabines pra troca de roupas e ser destinada exclusivamente ao descanso e ao ócio. Para a prática de esporte Macedo Vieira reservou área em um parque público para *“ campo de futebol de dimensões pequenas”*, *“ campo de tênis de praia”* (sic) e *“ campo de volley ball e basket-ball”*³⁴, além da ciclovia que partiria do parque e circundaria toda a orla.

No que tange ao desenho, o projeto parece ser o mais geométrico, dos elaborados por Macedo Vieira. Tal fato foi facilitado pela topografia, praticamente plana. Steinke (2002), nos coloca que *“é interessante observar essa diversidade de influências na obra do engenheiro, que nesse caso desliza para concepções diferentes das que tinha optado até então, ao adotar um traçado mais nítido. Se percebe que os princípios urbanísticos adotados são outros, mas ainda assim alguns elementos anteriores continuam presentes. Mesmo nessa ortogonalidade existe uma lógica ao acompanhar um terreno – ainda que plano – nas suas configurações naturais, aproveitando o pontal para o desenho do quadrilátero, acentuando-o e valorizando-o, através do eixo das avenidas centrais e do contorno realizado pela avenida Beira-mar.”*³⁵

O desenho da maioria das quadras está muito próximo ao tradicional “tabuleiro de xadrez”, mas possui diferenciações, principalmente junto à área central, onde a forma radioconcêntrico predomina. A via de maior importância no projeto é a Avenida Beira Mar: *“ A Avenida Beira Mar, concebida com 50 metros de largura, contava com duas vias e ainda um*

³³ Ver em BJMV, Op.Cit. p. 28

³⁴ Ver no Memorial Descritivo de Pontal do Sul, Acervo Não Catalogado de Macedo Vieira, DPH-PMSP

³⁵ STEINKE, Op. Cit, p. 53.

espaço para a ciclovia, possibilitando o acesso às praias do Mel, Encantada e Atlântica, dando ao banhista a escolha entre praias agitadas ou mais serenas. Cada qual teve, segundo depoimento de Vieira, um tratamento visual, dotando-as de hotéis populares e de edifícios destinados a banhistas de curta permanência, onde seriam encontrados restaurantes, cabines para troca de roupas, chuveiros, instalações sanitárias e salão de dança³⁶. Na realidade, Jorge Macedo Vieira previa inicialmente uma Avenida mais monumental, que poderia conter *“uma largura máxima de 100 metros e mínima de 50 metros”³⁷*.

A Tabela 04 mostra-nos a subdivisão das áreas, onde se destaca o generoso espaço destinado às praças e aos parques. O grande montante em metros quadrados destinados ao arreamento justifica-se pela sua largura e por prever a arborização central em todas as vias principais:

Tabela 04 . percentual e totalização das áreas – Projeto Pontal do Sul, Macedo Vieira

| ESPÉCIE | ÁREA (m²) | (%) |
|--|-----------|--------|
| Avenidas, alamedas e ruas | 1.876.218 | 31,82 |
| Parques | 707.220 | 12,0 |
| Jardins | 287.250 | 4,87 |
| Quadras sem loteamento e com destino especificado no projeto | 711.450 | 12,07 |
| Quadras loteadas | 2.312.962 | 39,24 |
| Área total da cidade | 5.895.100 | 100,00 |

Fonte: Memorial Descritivo de Pontal do Sul, Acervo não Catalogado de Macedo Vieira, sob consignação do DPH-

No que tange ao item *“Quadras sem loteamento e com destino especificado no projeto”*, a tabela 05 mostra-nos o detalhamento:

³⁶ Ver em BJMV, Op.Cit., p. 28

³⁷ Manuscrito do pré memorial descritivo de Pontal do Sul, Acervo não catalogado de Macedo Vieira, DPH-PMSP.

Tabela 05. destinação das quadras específicas –Pontal do Sul, Macedo Vieira

| QUADRA | DESTINO | ÁREA (m2) |
|--------|----------------------|-----------|
| | Transporte | 543.875 |
| 26 | Recreio Praia do Mel | 15.015 |
| 27 | Clube Náutico | 37.410 |
| 28 | Grupo Escolar | 18.000 |
| 29 | Parque Infantil | 9.300 |
| 30 | Ambulatório | 13.230 |
| 31 | Hospital | 13.230 |
| 32 | Mercado | 25.580 |
| 33 | Matadouro | 35.810 |
| TOTAL | | 711.450 |

Fonte: Memorial Descritivo de Pontal do Sul, Acervo não catalogado de Macedo Vieira, sob consignação do DPH-PMSP.

Na área do pontal da cidade, que abrigava o centro cívico, destaca-se a praça central no formato octogonal, de onde partem quatro vias principais e quatro vias secundárias, dando acesso às variadas regiões da cidade. Trata-se de um traçado clássico, onde o formato geométrico tece diferentes tramas e a forma do losango, acaba por predominar. Uma das avenidas tece uma ligação com a área dos edifícios públicos, ao norte, e com a área das praias, ao sul. Macedo Vieira afirma que " *Na bissetriz do ângulo formado pelas duas praias (Encantada e do Mel), projetamos a parte nobre da cidade, onde localizamos sua área comercial principal, ao longo da monumental Avenida Munhoz da Rocha. Nessa parte da cidade estão situados o Grande Hotel e o Cassino em amplas quadras ajardinadas, junto á avenida Beira Mar*"³⁸.

O zoneamento, sempre caracterizado pela rigidez, se compunha de 5 áreas, incluindo uma rural:

- a) Zona Litorânea: zona destinada às elites da cidade, sob a forma de possíveis segundas-residências, composta de quadras à beira-mar. Nessa área deveriam se localizar o cassino, os hotéis, cabines de banhistas e equipamentos urbanos de descanso;
- b) Zona Comercial: destinada ao comércio e a população permanente, sendo sub dividida prevendo locais para hotéis de categoria econômica, pensões, farmácias, açougues, barbearias e demais pequenas empresas;

³⁸ Ver em BJMV, Op.Cit. p. 28

- c) Zona Popular: Área de grande abrangência destinada a inserir colônia de pescadores, bairros de trabalhadores, escolas, campos de atletismo e pequenos comércios;
- d) Zona Suburbana: área destinada a se tornar urbana com o decorrer do desenvolvimento da cidade, uma área de futura expansão e;
- e) Zona Rural: área externa à urbanizada, ao longo da praia, também podendo ser utilizada por banhistas e veranistas.

Sobre o *zoneamento*, Steinke (2002) coloca-nos que "*...a idéia de zoning, presente nas discussões dos arquitetos, engenheiros e urbanista brasileiros de uma forma geral, está incisivamente colocada no projeto de Macedo Vieira para Pontal do Sul. Toda a disposição entre zonas funcionais determinadas e articuladas entre si, através de um zoneamento subordinado aos princípios do urbanismo, diz respeito às legislações que passaram a vigorar a partir do final de 1930, que agora assumiam outra face, mas ampla diante da urbes.*"³⁹

No uso específico das áreas, Macedo Vieira previa que na zona rural os terrenos interiores seriam destinados a chácaras e granjas de uma a cinco hectares, voltada à produção agrícola. O projeto previa ainda a inclusão de canais de escoamento em toda a cidade, uma central de energia movida a óleo diesel, até a chegada da energia. Os lotes, geralmente, possuíam 15 metros de largura por 30 metros de comprimento, perfazendo em média, terrenos com 450 m²⁴⁰. A ocupação do lote por edificações deveria respeitar o recuo frontal de seis metros no caso de avenida e quatro metros no caso das ruas, sendo que a beira-mar, o proprietário do terreno deveria construir num prazo máximo de até seis meses após a aquisição do lote. Quanto às especificações das residências, apenas eram proibidas as executadas totalmente em madeira. Jorge de Macedo Vieira recomenda, ainda, que a propaganda deva ser dirigida também a cidades como Montevideu e Buenos Aires, na busca de atrair visitantes estrangeiros(BJMV,1999).

O projeto da cidade balneária de Pontal do Sul, foi amplamente elogiado por planejadores urbanos. Prestes Maia, em 1952 destaca que "*O pontal recebeu um plano largamente concebido, com preservação das praias. Amplas avenidas e quantidade de jardins, correspondendo, assim à beleza e proximidade do local*"⁴¹. Finalmente cabemos ressaltar que ao

³⁹ Ver em STEINKE, Op.Cit., p. 57.

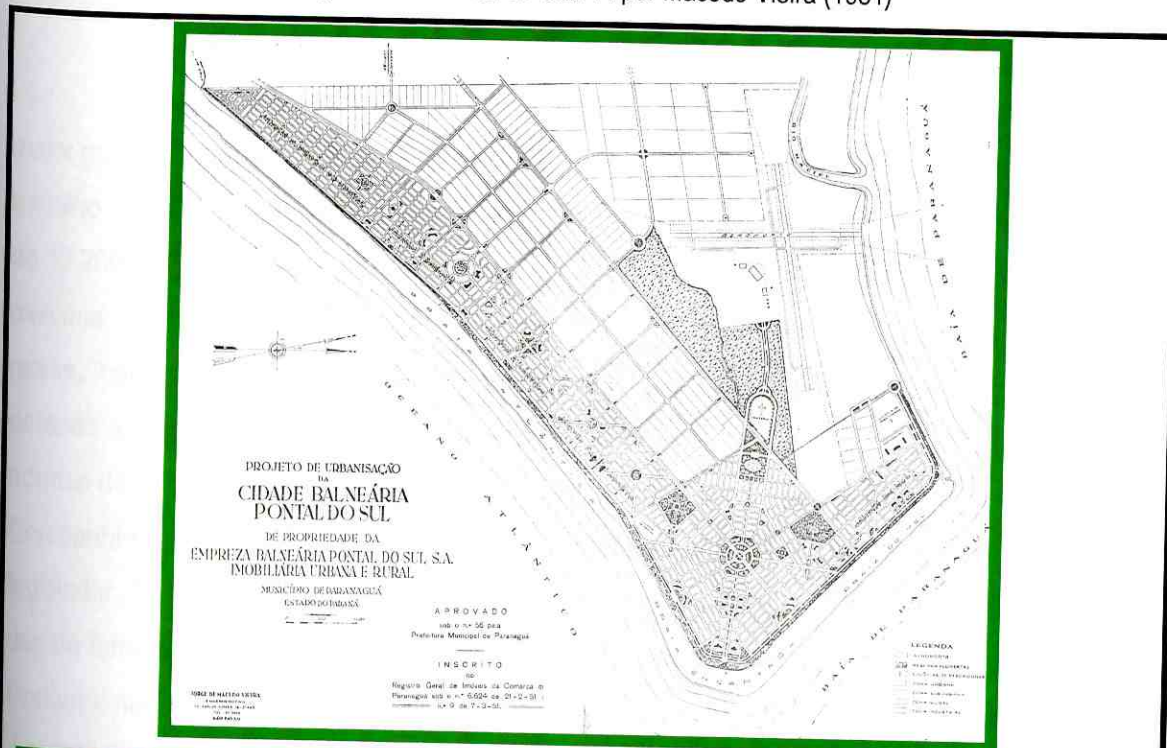
⁴⁰ A fonte de todas essas informações é o Manuscrito do Memorial descritivo de Pontal do Sul, Acervo não catalogado de Macedo Vieira, sob consignaçoão do DPH/PMSP, acessado por esse autor em várias oportunidades

⁴¹ Ver me BJMV. Op.Cit, p. 28

observar o desenho para Pontal do Sul, percebemos, na rotatória octogonal situada no ponto central do eixo monumental, uma grande semelhança com as rótulas no mesmo formato, projetadas em 1912, por Walter Burley Griffin (1876-1937), por ocasião do concurso para a edificação da cidade de Camberra, na Austrália. Numa tipologia de desenho que Peter Hall chamaria de *"o excepcional em city beautiful"*⁴², no projeto de Griffin as rótulas octogonais se espalham por toda a malha urbana,. Aos moldes de Pontal do Sul, o projeto de Camberra sofreu inúmeros reveses para sua implantação, sendo concluído, finalmente, por volta da década de 1980. O desenho para Pontal do Sul de Macedo Vieira parece possuir uma estranha coincidência nesse sentido. Claro que se trata de mera divagação do autor, imaginar tal fatalidade no destino.

⁴² ver em HALL, Peter. Cidades do Amanhã. São Paulo: Prespectiva, 1ª Ed. ampliada, 2002. p.224.

Figura 2.12. Pontal do Sul/PR por Macedo Vieira (1951)



Ao projeto da cidade balneária de Pontal do Sul, elaborado por Macedo Vieira em 1951, reservamos a classificação de obra inacabada.



Por uma série de razões o planejamento inicial não foi de todo implantado. As fotos atuais (2002) revelam o que foi efetivamente implantado. O desenho poder-se-ia dizer, ser o mais geométrico de Macedo Vieira, porém longe de se render ao monótono quadriculado, reserva um belo desenho à região central onde uma rótula funciona como distributiva do tráfego. Tal rótula, na realidade, perfaz o centro de um eixo que se inicia na ponta da Praia Encantada, onde se encontram a Baía de Paranaguá e o Oceano Atlântico, e segue até uma área verde a oeste onde se situariam um parque e o cemitério. Novamente o hibridismo se faz presente. Percebe-se uma ampla distribuição de praças e áreas de lazer por toda a malha urbana. Influências da solução "garden city" e da solução "city beautiful", com predominância dessa última.

Fonte: Mapa: Acervo J.M.Vieira, sob consignação do DPH/PMSP; fotos: www.pontaldoparana.com.br, acessado em 23/01/03

2.2.3. A busca de novas fronteiras: Cianorte

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, tornou-se a empresa com maior grau de intervenção urbana no processo de colonização do país. Embora restringindo seu trabalho ao território paranaense, criou mais de seis dezenas de cidades, totalizando uma área de 13.200 Km², objeto de intervenção. Analisando-se o relato de pioneiros, nota-se que a CNMP assumia o papel de Estado por ocasião dos primeiros anos de implantação dessas cidades novas, construindo prédios públicos segundo as próprias disponibilidades orçamentárias, dotando a cidade de equipamentos urbanos, infraestrutura básica, chegando a estabelecer as normas de padronização de edificação de casas e prédios comerciais e públicos. A atividade da Companhia, em certos momentos, confundiam-se com as funções de um estado regulador e legislador. As leis urbanas eram concebidas segundo o desejo da empresa, num monopólio do uso do território e numa política de elevação do valor financeiro do solo, a médio e longo prazo. Portanto, não havia a intenção de parcelar todo o solo, nem da negociação de todos os terrenos disponíveis num primeiro momento. Os primeiros lotes e a dotação de infraestrutura básica deveriam servir como propulsora à valorização das terras restantes.

Após 1951 direcionando o processo de colonização para a área do extremo norte do território paranaense, chamado " Novíssimo Norte", (Cioffi, 1995) comenta que: *“ A expansão do norte do Paraná, em fases marcantes, deu origem às designações de Norte Velho, Novo Norte, Norte Novíssimo. A área abrange as margens direita do rio Piquiri, ultrapassa o Rio Ivaí e alcança o curso do Rio Paraná. Nessa Última fase insere-se a fundação de Cianorte que, com Umuarama. Situam-se nos limites extremos das terras da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, a noroeste do estado.⁴³”*

A política de ocupação do território da CMNP previa uma frente de expansão por meio de interligação entre centros mais populosos, que deveriam se consistir em cidades novas sedes regionais distantes cerca de 100 km entre uma e outra, numa linha que partia da região central do Norte e atingiria em sua fase final a região do Novíssimo Norte. Cioffi (1995) coloca que *“Na ordem situam-se Londrina, Maringá, Cianorte, Umuarama, cidades abertas segundo as mais modernas normas de planejamento e atendidas nos mínimos detalhes, diferentes de núcleos ela limitou-se a planejá-las, construir um escritório de vendas, uma pequena estação ferroviária e*

*alguma escola, para desenvolverem-se depois por si mesmas*⁴⁴. Nesse sentido a CMNP inaugura o acampamento de Cianorte no dia 27/06/53 e inicia a venda das primeiras glebas. O jornal "A Hora"⁴⁵, de Maringá noticia que " *Surge mais uma cidade da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – Cianorte. Comemorando a inauguração de CIANORTE – e seu mais recente empreendimento em matéria de planificação de grandes centros de colonização, produção e comércio – a Cia Melhoramentos Norte do Paraná tem o grato prazer de convidar o laborioso povo de Maringá, para participar do churrasco que será realizado às 12h00 de hoje, dia 26, domingo, no local onde se erguerá a futura cidade*⁴⁶." Havia a necessidade de estabelecer as primeiras bases de infra estrutura urbana para o, então, patrimônio, subordinado administrativamente ao município de Peabirú.

Os primeiros trabalhos de arruamento ficaram ao encargo dos engenheiros Manuel de Mesquita, em 1953 e Pedro Garcia de Abreu, em 1954, os trabalhos de demarcação da terras ficaram ao encargo do Sr. Wladimir Babikoff, o sistema de distribuição de água ficou ao encargo do Sr. Jamil Boniconto, todos ligados à CMNP, que traziam seus operários para residir no local, através do sistema de acampamentos provisórios, tendo em vista a dificuldade de acesso a essas terras. O crescente número de novos colonos, a incipiente atividade comercial que necessitava de insumos e acarretavam necessidade de escoamento de produtos acabaram por ocasionar a construção de um campo de aviação, obra executada pela empresa França Simões, em 1954 (Cioffi, 1995)⁴⁷.

Nesse cenário, a especulação imobiliária chegara às terras novas. " *Essa concentração de corretores de diversos tipos de negócios, além da venda dos lotes, causou congestionamento e transtorno no centro da cidade e então o prefeito estruturou a praça, que durante a semana ficava ocupada pelos corretores e seus clientes*⁴⁸. As facetas positivas e negativas do modelo de atuação da CMNP devem ser objetos de estudos mais aprofundados que se dediquem à exaustão sobre tal questão. Há que se citar posicionamentos que questionam tal prática, como caso de César Miranda Mendes (1999) que coloca que " *Com a posse do solo urbano e rígido*

⁴³ CIOFFI, et Alli, Op. Cit., p.80

⁴⁴ Ibidem, p. 84

⁴⁵ Ver no jornal A HORA, edição do dia 26/07/53, nº 02 p.01.

⁴⁶. Embora se configure como notícia, suas características tornam claro de que se refere a um anúncio da própria Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – CMNP, na busca de investidores que encontrem na nova região desbrava, uma oportunidade de produção e ganho.

⁴⁷ Interessamos ressaltar que o estabelecimento de uma linha férrea não usufruiu do mesmo grau de importância que esse meio de escoamento de produtos e transporte teve na colonização inicial no Norte do Paraná, Londrina e Maringá, em específico.

*planejamento da organização territorial, a Companhia visando a maximização de suas propriedades, foi o grande entrave na expansão da cidade, sobretudo pela especulação imobiliária, tendo em vista, que poucos dispunham de capital para adquirir o solo urbano cianortense*⁴⁹ e que " *Cianorte nasceu de um ideal capitalista, materializado em propriedade monopolista, organizado como a grande propriedade, onde constata-se que seus cidadãos exercem funções de mero instrumento de interesses particulares*"⁵⁰. Uma primeira legislação urbana se fez necessária "A cidade foi dividida em zonas um, dois, três e quatro. Cada região exigia um tipo de construção. Zona um era comercial. Podia fazer residência, mas tinha de ser construído um salão anexo. Nas demais podia-se construir residência sem salão comercial. As casas na totalidade eram de madeira, simples, sem pintura, apenas para atender àquele fluxo de pioneiros. Na zona dois as casas tinham que ter 80 a 100 metros quadrados. Na zona quatro podia-se fazer uma casa de 60 m²"⁵¹.

Rompido o estágio inicial, a cidade nova exigiria um plano de urbanização rígido, de maneira e organizar seu desenvolvimento de forma integral e, a longo prazo, capaz de garantir o desenvolvimento das atividades econômicas e do núcleo urbano de modo a assentar as bases para a efetiva articulação de Cianorte como um centro regional. Para o projeto, a CNMP buscou em Jorge de Macedo Vieira, que já fora responsável, quando da Companhia Terras Norte do Paraná, pelo projeto urbano de Maringá, trabalho que mostrou-se extremamente adequado e bem sucedido, resultando no projeto para a cidade nova de Cianorte.

A última cidade nova projetada por Jorge de Macedo Vieira foi implantada, pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná - CMNP, em 1955. "*Cianorte fez parte da última etapa de comercialização de lotes rurais e urbanos da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná. Pertencendo à área do chamado Norte Novíssimo, foi inaugurado no começo da década de 1950. Seu projeto, entretanto, data de 1955, também tendo inspiração no modelo cidade-jardim, caracterizando-se pela preocupação com áreas verdes, um traçado viário sinuoso e a estrada de ferro como veia propulsora cortando o centro*"⁵²

⁴⁸ CIOFFI, Op. Cit. p.96.

⁴⁹ MENDES, César Miranda. II. Considerações sobre o processo de urbanização de Cianorte, In: *Urbanização, Desenvolvimento e Plano Diretor em Cianorte/PR*. GeoNotas – Revista multimídia do Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá – UEM . Volume 3, nº 01 Jan/Fev./Março de 1999, página 2 de 6. Endereço eletrônico: www.dge.uem.br/geonotas/vol3-1/ces.htm, acessado em 22/01/03.

⁵⁰ Ibidem, p. 4 de 6.

⁵¹ Depoimento de Mateus Biazzi em Cioffi, Op. Cit. p. 96.

A cidade (figura 2.13.), foi dividida em zona residencial popular, zona residencial principal, zona residência operária, zona comercial, zona industrial, armazéns, edifícios públicos, estação ferroviária e áreas verdes, dando uma conotação bastante nítida do sentido de *zoning*, característico dos projetos de cidades novas de Macedo Vieira. Macedo Vieira previu as seguintes funções das zonas (BJMV, 1999):

- a) Zona Residencial Popular: destinada aos trabalhadores de baixa renda;
- b) Áreas verdes: perfazendo um “*green belt*”, que por vezes se debruça sobre as regiões comerciais e residências, entrecortando os bairros;
- c) Zona Comercial: área central da cidade, destinada às empresas voltadas a prestação de serviços e pequenos insumos;
- d) Zona Industrial: destinada à implantação de empresas de médio e grande porte voltadas a produção de insumos;
- e) Armazéns: áreas de estocagem próxima às vias de escoamento, acompanhando toda a via férrea;
- f) Zona Residencial Principal: destinada às classes média e alta;
- g) Zona Residencial Operária: ao sudeste e sudoeste da região central, próxima à Zona Industrial, circundando-a;
- h) Edifícios públicos: situados ao longo do eixo monumental (Av. Brasil);
- i) Estação ferroviária: centro geométrico da cidade.

O traçado reservou ao sítio generosas áreas verdes, acompanhadas em seu contorno por “*park ways*”, integralizando, no plano geral, um desenho de rara beleza, onde o traçado reto na forma radioconcêntrica predomina na região central, permeado por áreas onde as linhas circulares, semi-circulares e ovais, existem em profusão, formando figuras que se harmonizam quando colocadas em conjunto. O desenho de Cianorte possui características próximas aos da cidade de Maringá, situando-se em um sítio caracterizado por uma morfologia suave do solo, onde o arruamento na região central - local escolhido para abrigar a ferroviária e a rodoviária - guarda uma certa semelhança com a “cidade-jardim” de Letchworth, na Inglaterra, entrecortada por uma linha férrea, embora, como citado alhures, tal meio de transporte não assumiu a importância que em outras cidades novas de colonização da CMNP.

⁵² Idem, p. 29

No plano geral de Cianorte, o traçado sinuoso dá lugar a um desenho muito próximo do clássico do século XIX, mesclando avenidas em semi-círculo, tendo em sua bisetriz a partida de um eixo monumental que segue rumo norte, passando pela área que abriga a praça da República, pelo Centro Cívico, que abriga Prefeitura Municipal e outros órgão, seguindo rumo norte, onde finalizaria em outra praça semi circular ao final do eixo.

Acessando a planta atual⁵³ de Cianorte, notamos que o eixo não chegou a ser implantado na sua totalidade, restando a finalização da praça semi circular final que fecharia o corpo do arruamento dessa área. A sudoeste da grande área em semi-circulo - na questão geométrica, é o centro da cidade - situa-se a área prevista para desenvolvimento industrial. No lado oposto à central concentra-se a área dedicada à prática de desportos, denominada Praça Olímpica. Duas grandes concentrações de bairros – seguindo um desenho ovalado - deixaram de ser implantadas: uma a oeste do centro, na forma oval completa destinava-se a bairro residencial popular e, outro, a noroeste da região central, sub-dividido em duas formas semi ovais, destinada à zona residencial principal. Entretanto, tais bairros podem vir a ser implantados em planejamentos futuros, tendo em vista permanecerem sem ocupação urbana organizada até os dias atuais.

As avenidas, seguem a mesma tipologia empregada em Maringá, com a criação de canteiros centrais reservando-os para a arborização, o que acabou, em conjunto com os parques, em acarretar uma cidade onde o verde se destaca entre o tecido urbano. Poder-se-ia considerar tal característica, típica das cidades projetadas por Macedo Vieira.

Em que pesem as conseqüências positivas e negativas de uma companhia única se responsabilizar pelo processo de colonização em tão vasta área, as cidades novas foram estabelecidas seguindo um critério de planejamento integrado regional, e originando uma hierarquia econômica e política e tendo um fluxo coordenado e organizado de vias de interligação, de troca de insumos e de escoamento de produção sistemática. No que tange à adoção de modelos de desenho urbano, tanto Maringá quanto Cianorte se caracterizam como exceções. Nas imensa maioria das cidades, tanto à época da CTNP quanto a na da CMNP, predomina o quadriculado urbano, um " tabuleiro de xadrês". O uso de modelos de desenho que

⁵³ A planta atual consta do arquivo documental pessoal do autor e foi cedida pela Prefeitura Municipal de Cianorte, em outubro de 2002.

se pautam na qualidade e na estética da cidade, como o "garden city", ou o "city beautiful" só se apresentam nessas cidades.

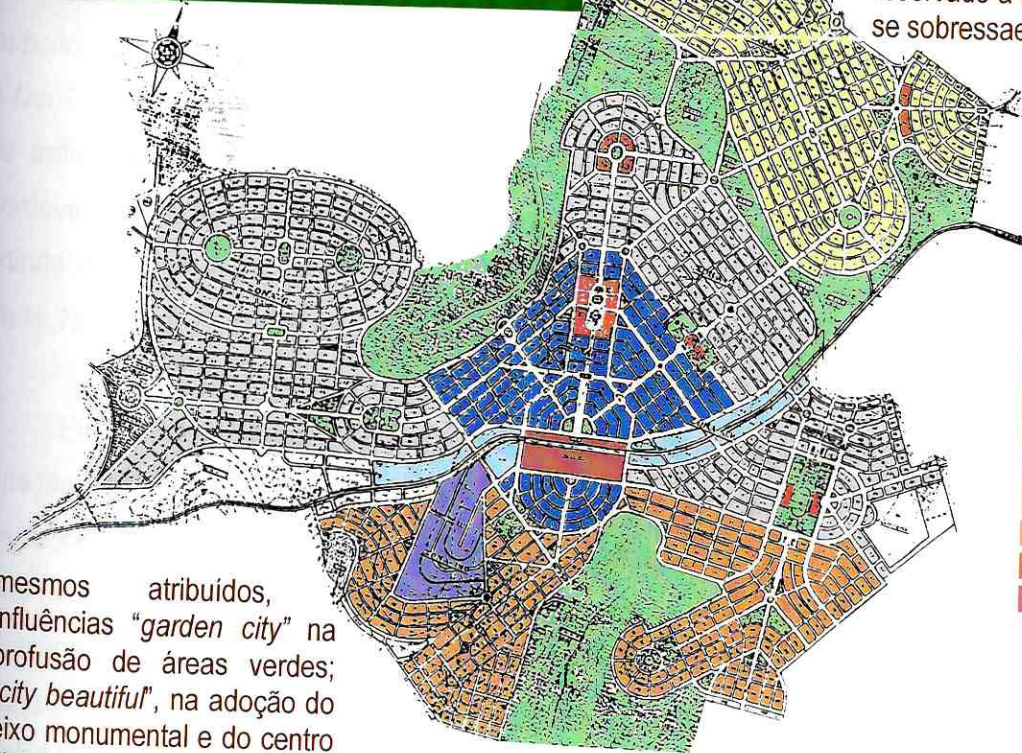
Ao final da década de 1990, através de negociação exaustiva entre a Prefeitura Municipal e a CMNP, com participação decisiva de entidades não-governamentais, conseguiu a implantação do parque Cinturão Verde, o que elevou a área verde para 66 m² por habitantes.

Figura 2.13. Cianorte/PR por Macedo Vieira (1951)



Cianorte, desenvolvida por Macedo Vieira para a CMNP – Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, em 1955, fazia parte da mais recente área a ser expandida. Já em uma época de perda de importância do sistema ferroviária, mantém, porém a malha férrea cortando o centro cívico.

No seu desenho, muito semelhante ao reservado a Maringá, se sobressaem os



mesmos atribuídos, influências "garden city" na profusão de áreas verdes; "city beautiful", na adoção do eixo monumental e do centro cívico, "beaux arts" nas praças e rotatórias.

Recentemente, a comunidade de Cianorte tem se movimentado na busca da criação de um "green belt" protetor. Organizações não governamentais da área ambiental conseguiram vitórias nas decisões judiciais. Ao lado a foto datada da época da criação da cidade mostra o terreno pouco revolto, se dando a uma maior liberdade na elaboração de traçados mais geométricos.

Observa-se também um rígido sentido de zoning, com uma compartimentalização das funções da cidade, de forma bastante definida.



Fonte: Mapa e foto antiga: Acervo JMV, sob consignação do DPH/PMSP; foto 2002: www.cianorte.org.br, acessado em 20/01/03

2.3. O método Macedo Vieira: o hibridismo como um *“modus operandi”*

A publicação de *Teoría General de La Urbanización*, em 1867, por Ideofonso Cerdá (1816-1876), consagrou o estudo da organização urbana de uma cidade como uma ciência. Foi um marco que elevou o planejamento da cidade para o patamar do estudo pragmático, calcado na análise crítica de suas inúmeras variáveis como beleza, praticidade, o transporte e a qualidade ambiental urbana, considerando as características inerentes ao conglomerado urbano e propondo sugestões que dialogavam com o espaço e sua forma de apropriação. Os tratadistas tais como Reinhard Baumeister (1833-1917), escritor de *Stadt-Erweiterungen in Technischer Baupolizeilicher und Wirtschaftlicher Beziehung*, de 1876 e Joseph Stübben (1845-1936) escritor de *Der Städtebau*, em 1890, já bastante evoluídos desde que Pierre Patte (1723-1812) escreveu seu tratado em 1769, denominado *“Mèmoires sur plus importants de L’Architecture”* (onde abordava os aspectos de salubridade da cidade), priorizavam a questão do transporte urbano, partindo dessa premissa para o estabelecimento de princípios aplicáveis à organização da cidade. No entanto os critérios de embelezamento possuíam forte influência em todos eles.

Em resumo, Toledo (1996) afirma que *“Esses escritos tratavam de temas como a formação das cidades, a legislação de vários países, os estudos preliminares de um plano urbanístico, os edifícios públicos e privados, a infra-estrutura urbana, a circulação, os diversos meios de transporte, as áreas livres. Versavam basicamente sobre a transformação, a extensão e o embelezamento das cidades, destacando-se a ênfase dada ao problema da habitação, higiene e tráfego, que se tornaram uma verdadeira obsessão da época. O crescimento das cidades fez com que a rede de transporte urbano se desenvolvesse, multiplicando as linhas de bondes e metrô (a partir de 1900), e também as de ônibus (a partir dos meados da primeira década deste século), permitindo a expansão da cidade e a redução da densidade de ocupação do solo”*⁵⁴. No centro dessa discussão o próprio processo de expansão do urbano sua correlação com a antítese: o campo. Aymonino (1972) coloca: *“La formación de la ciudad industrial está entendida como un proceso que no se inicia en sentido único (traslado de población del campo a la ciudad), sino más bien presenta momentos contradictorios, sea en el proceso de desintegración rural debido a modificaciones de la propiedad agraria por los que “ la movilidad*

⁵⁴ Tal descrição consta da obra onde Benedito Lima de Toledo analisa os movimentos que vieram a influenciar a obra de Prestes Maia, embora se saiba que Prestes Maia nunca considerou de grande importância o conceito de Howard da “cidade-jardim”. Ver em TOLEDO, Benedito Lima de. Os Bairros jardins. In: _____. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996, p. 243.

que está en origen del urbanismo tiene sus raíces en el campo antes de ser un hecho de atracción urbana"⁵⁵.

Paralelamente, o arquiteto, urbanista e escritor austríaco Camillo Sitte(1843-1903), cuja obra principal foi *Der Städtebau nach Seinen Künstlerischen Grundsätzen*,⁵⁶ de 1889, requisitava a beleza de volta à cidade. Tal beleza foi suprimida em prol da praticidade do fluxo, arquetípica da cidade industrial, onde o racionalismo retilíneo do capital se sobrepunha ao belo e ao charme da sinuosidade e do apelo artístico no desenho urbano. Mumford descreve que " *o erro da mentalidade comercial progressista foi dar exagerada importância à aqueles modos de circulação que prometiam os mais elevados lucros financeiros: isso levou o planejador a passar por cima do papel do caminhante e da necessidade de conservar a flexibilidade de movimentos de massa, que só a circulação de pedestres pode assegurar. Ao mesmo tempo obrigou-o mais tarde à solução unidimensional do transporte particular por meio de automóvel, e a dar ao próprio transporte prioridades sobre muitas outras funções urbanas, igualmente essenciais à existência de uma cidade.*"⁵⁷. Naturalmente toda essa discussão era transpassada para a cultura urbana brasileira e, em específico, a paulistana. Os tratados eram lidos e assimilados pelos profissionais paulistanos e a Escola Politécnica, bem como a Escola de Engenharia Mackenzie, possuíam papel fundamental nessa construção do conhecimento da cidade.

Steinke (2002) ao estudar a discussão sobre as formulações teóricas sobre o estudo da cidade insere nosso personagem nesse enredo ao afirmar que "*.....Por outro lado, avançando um pouco no tempo e elegendo outro espaço físico, também Jorge de Macedo Vieira estaria participando do circuito das novas formulações sobre a maneira de se construir bairros e cidades, colocada através da morfologia da malha urbana*"⁵⁸. As décadas de 1910 e de 1920 foram especialmente ricas nessas transferências e traduções. Portanto, nesse universo pulsante,

⁵⁵ Ver em AYMÓNINO. C. La formación de la Ciudad Industrial. In: _____, C. *Orígenes Y Desarrollos de la Ciudad Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972, p. 20. O primeiro parêntese é de Alessandro Pizzorno, *Sviluppo economico e urbanizzazione*, p. 39, e o segundo se refere a T.S. Ashton, *La rivoluzione industriale 1760-1830*, Bari, 1969.

⁵⁶ Trad.: "A construção da cidade segundo seus princípios artísticos". *Der Städtebau* foi uma obra de forte influência nos pensadores urbanos de então, embora a maioria das interpretações foram efetuadas através da tradução francesa de Camille MARTIN, em 1902, onde o capítulo das "Praças" foi substituído por um (elaborado pelo próprio Martin) denominado "Ruas". Tal fato é de denotada importância, tendo em vista que as praças sempre foram objeto de análises aprofundadas por parte de Sitte. A tradução brasileira, no entanto, preserva os aspectos originais da obra, organizada pelo Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade e traduzida por Ricardo Ferreira Henrique. Ver em SITTE, Camillo. *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.

⁵⁷ Ver em MUMFORD, Lewis. *A cidade na História – suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, ps. 466-467.

Jorge de Macedo Vieira estudou, iniciou-se na prática e conviveu com profissionais. Se somarmos a isso, a circulação, com caráter propagandístico e divulgatório dos tratados internacionais e a divulgação de anais de congressos internacionais, entendemos que Macedo Vieira deveria conter, em sua biblioteca pessoal, importantes indicativos sobre como se deu a formulação de uma metodologia pessoal, a qual se refletia em seus projetos.

Tanto Kawai (2000) quanto Steinke (2002) fazem referência às obras encontradas em seu acervo e são importantes indicativos sobre as fontes teóricas por ele buscadas. Segundo Steinke (2002) *"foram catalogadas 103 obras que compunham a sua biblioteca, havendo desde catálogos e dicionários até livros sobre os mais diversos assuntos, como resistência dos materiais, cálculo estrutural, pontes, saneamento e hidráulica, matemática, mecânica, estradas, física, geodésia, terraplanagem, arquitetura, planejamento e urbanismo"*⁵⁹. Para Kawai (2000), *"apesar de não ter deixado artigos ou publicações onde expusesse suas idéias, pudemos perceber, por seus projetos e memoriais técnicos que Macedo Vieira era sintonizado com a cultura urbanística de sua época, especialmente fértil em realizações urbanísticas nacionais e internacionais"*⁶⁰. Entre as publicações que destacamos estão:

- *"Nota sobre o traçado das ruas"*. Publicado por Francisco Saturnino Rodrigues de Brito, no Boletim de Engenharia, datado de 1920;
- *"L'Art de Bâtir les Villes"*, edição francesa de 1918, autoria de Camillo Sitte;
- *"The planning of modern city"*, de 1916, autoria de Nelson Lewis;
- *"Préliminaires d'art civique"*, de 1915, autoria de Luis van der Swaelmen;
- *"Anais do Congresso de Estrasburgo"*, de 1923, com artigos de Agache, Le Corbusier, Unwin, Forstier e outros autores;
- *"City, planning, housing"*, de 1936, autoria de Werner Hegeman;
- *"Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo"*, de Francisco Prestes Maia e;
- *"Urbanismo e indústria em São Paulo"*, de 1946, autoria de Henrique Dumont Villares.

⁵⁸ Ver em STEINKE, Op. Cit., p. 25.

⁵⁹ Ibidem, p. 38.

⁶⁰ Ver em KAWAI, Op. Cit., p.92.

No entanto, entendemos que estaríamos restringindo, em demasia, a tentativa de entender as influências assimiladas por Macedo Vieira apenas pela análise do acervo de sua biblioteca pessoal, pois muitas obras podem ter sido adquiridas, consultadas ou utilizadas mas não constarem, por diferentes motivos, desse acervo. O escritório técnico sofreu constantes mudanças e, ao longo de quatro décadas, muitas obras, que foram um referencial teórico para o engenheiro-civil, poderiam ter tomado outros destinos.

Pelo próprio ambiente de discussão sobre questões urbanas que cercava o grupo de amizades de Macedo Vieira, acreditamos que as referências do campo de conhecimento teórico do engenheiro civil era mais amplo. Seria muito improvável que Macedo Vieira não recorre a outras fontes de informação que não as publicações. Quando levanta uma discussão sobre a localização dos principais escritórios técnicos da área, na região central de São Paulo, Kawai (2000), nos traz uma pista: *"A proximidade destes escritórios, muitos deles situados no mesmo edifício, certamente propiciava discussões e troca de informações sobre os projetos, publicação e novidades que corriam no meio técnico. Essa proximidade se dava também com os escritórios dos capitalistas, bancos e empresas que contratavam projetos de lançamento de edificações."*⁶¹ Portanto, o campo de discussão de Macedo Vieira era amplo e diversificado e encontramos nesse personagem, um profissional atualizado e conhecedor das inovações e consagrações do campo da teoria urbana.

A partir dessas colocações, buscamos estabelecer, através da análise dos variados projetos, uma forma de atuar do engenheiro-civil, ou seja, na passagem da teoria para a prática urbana, detectar como sua cultura urbanística se materializava. Estabelecemos algumas características mais típicas e incidentes, o que resultou na constituição de uma metodologia híbrida, rica de soluções consagradas na urbanística internacional, e que aparecem mescladas em variados momentos de sua carreira e sempre tendo como premissa o ótimo aproveitamento das principais qualidades morfológicas dos diferentes sítios.

A análise dos projetos de Jorge Macedo Vieira, seja para cidades novas, seja para loteamentos, permite-nos identificar uma forma de aplicação de conceitos que acabaram por caracterizar o desenho do engenheiro civil. Nesse sentido observamos que várias soluções urbanas são utilizadas de forma freqüente, dando uma personalidade ao desenho de Macedo Vieira. Podemos enumerar algumas mais significativas

A solução para os fundos de vale.

Típica solução urbana adotada por Macedo Vieira e diretamente descendente da cultura sanitaria – lembremos que o contato com os Saturnino de Brito, pai e filho, foi uma constante no decorrer da carreira do engenheiro civil. Com relação ao Saturnino de Brito – o pai-, Kawai (2000), coloca que *“O contato entre eles parece ter se dado por intermédio de seus colegas de turma, nos engenheiros Geraldo Ferreira Sampaio e José de Toledo Moraes que trabalharam longamente com Saturnino de Brito, e que deram continuidade ao seu escritório por muitas décadas após sua morte em 1929”*. Saturnino de Brito – o filho-, atuou com Macedo Vieira em outros projetos, como Águas de São Pedro. O encontro, como acervo da biblioteca pessoal, de artigo de Saturnino de Brito, reforça o grau de influência que esse engenheiro sanitaria exerceu sobre Macedo Vieira.

Segundo o conceito sanitaria o fundo de vale serviria como um área nevrálgica no que tange às águas pluviais. Representa o equilíbrio de todo o entorno. O fundo do vale deveria se manter desobstruído de qualquer arruamento ou edificação a fim de poder liberar o escoamento dessas águas pluviais de maneira mais eficiente possível. Jorge de Macedo Vieira trabalha essas áreas destinando-lhes porções generosas de espaços verdes procurando evitar assim possíveis processos erosivos e mantendo-os livre de incômodos como cheias provocadas pelo não escoamento do volume das águas. Deve-se ressaltar o ocorrido por ocasião do projeto para Águas de São Pedro, onde inicialmente o Escritório Saturnino de Brito havia previsto um escoamento através de tubulações subterrâneas. Após uma primeira cheia tal projeto apresentou problemas e foi substituído por um canal a céu aberto, por Macedo Vieira. Tal solução permanece até os dias atuais, sem apresentar quaisquer tipos de problemas.

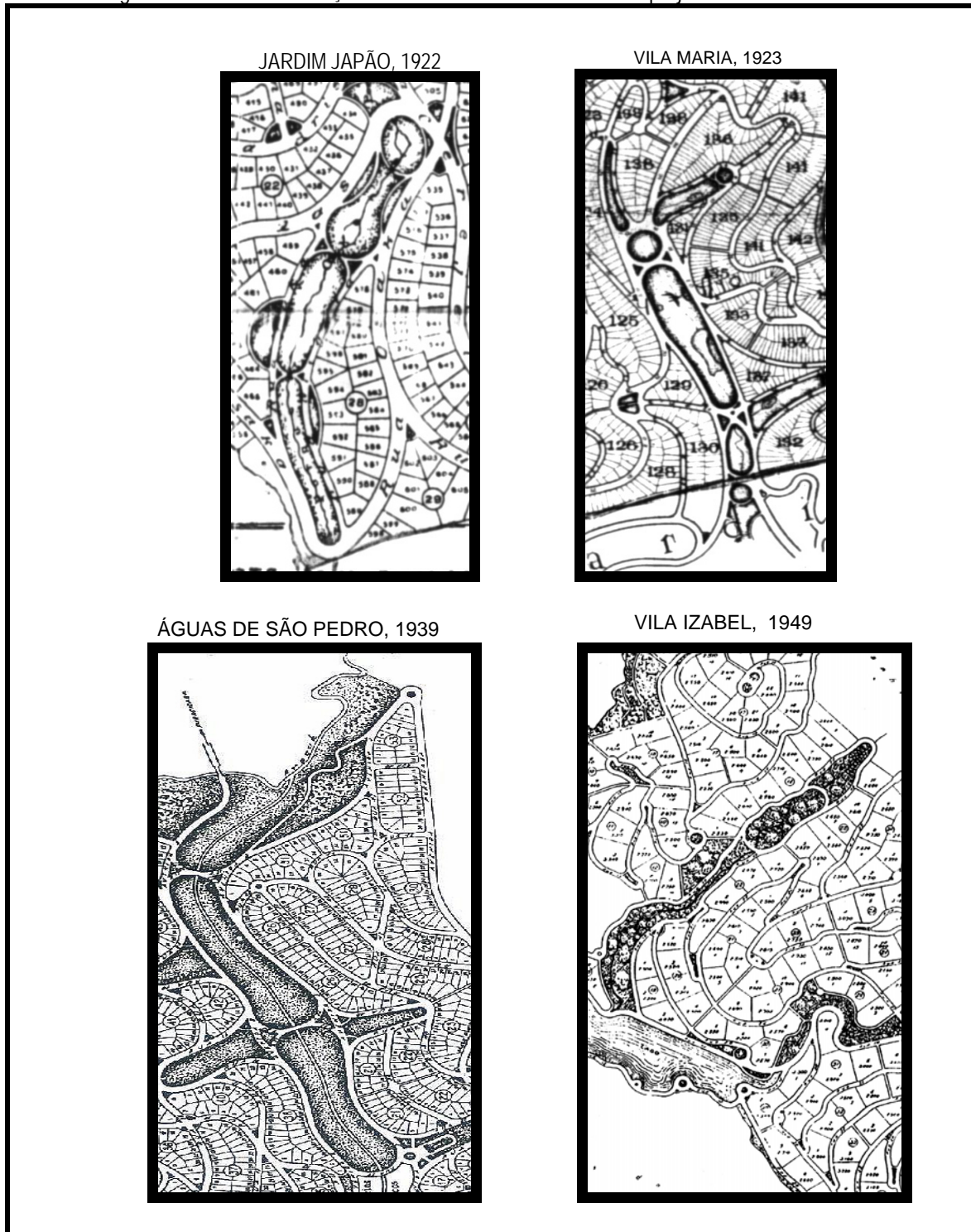
Na questão econômica, a implantação correta dos esquemas de drenagem eram entendidos como fatores que gerariam uma economia da pavimentação das ruas. Essas deveriam, se possível, manter ângulos de declividade abaixo de 8% (Kawai,2000), também visando diminuir os custos de manutenção.

⁶¹ Ver em KAWAI, Op. Cit. . p. 93

No que tange ao desenho urbano, Macedo Vieira faz com que tais áreas se insiram na trama dos arruamentos, originando uma espécie de “veio” que se estendem pelas áreas residenciais, ressaltando-lhes a qualidade do pinturesco. O respeito à morfologia do solo pode ser percebido ao vermos que qualquer área que apresentasse tal configuração topográfica - de vale ou de pequeno vale secundário (grotas) -, recebia esse tipo de tratamento de engenharia urbana. Por algumas vezes o vale principal é estendido em pequenas ramificações laterais, onde as grotas que a formavam também estavam livres de ocupação. O vale central da cidade balneária de Águas de São Pedro serve como exemplo típico dessa solução de cunho sanitaria. Também no que tange ao desenho, geralmente as áreas eram entornadas, em quase sua totalidade, por arruamentos sinuosos, seguindo as curvas de nível, que lhe impunham os limites.

As soluções passavam desde manter um córrego sem realizar processos de canalização, quando a vazão fosse pequena, como no caso do Jardim Japão (1922), até a execução de canais a céu aberto, como no caso da cidade *ex novo* de Águas de São Pedro. O projeto de canalização do córrego Proença em Campinas serve como um típico exemplo da solução adotada por Macedo Vieira (figura 2.14.).

Figura 2.14 – A desobstrução do fundo de vale em diferentes projetos de Macedo Vieira



Fonte: Acervo Macedo Vieira sob consignação do DPH/PMSP

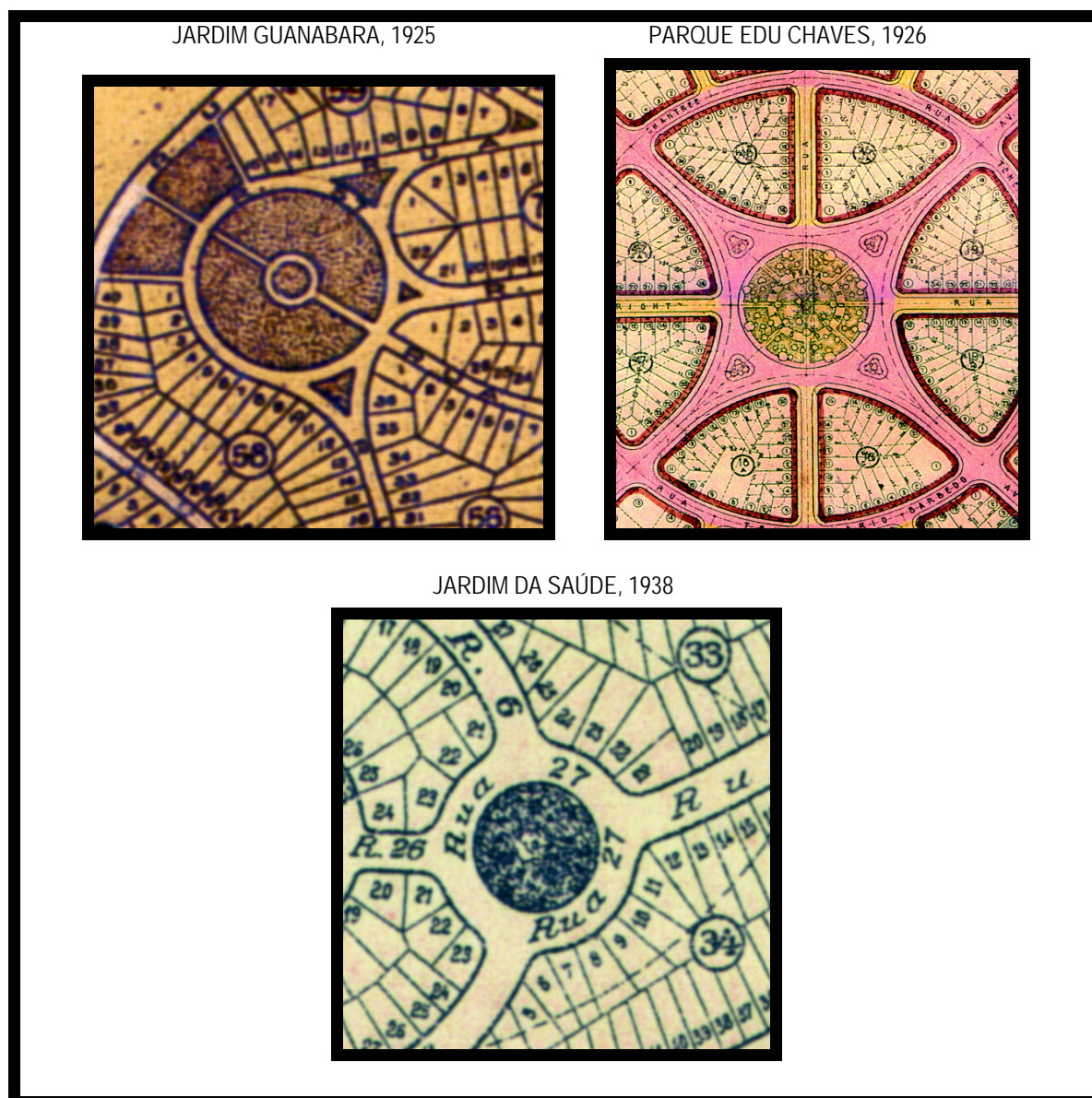
Rotatórias

Solução adotada à suficiência nos desenhos de Macedo Vieira, diretamente resultante da solução criada por Eugène Hénard, e da escola "*beaux arts*" francesa. Nesse ponto Macedo Vieira materializa sua cultura acadêmica oriunda da Escola Politécnica - onde o "*beaux arts*" foi estudado à suficiência. Mescla isso a leituras de obras de profissionais que se utilizaram da solução francesa e que estavam envolvidos na vanguarda do *town planning* da escola "*city beautiful*" norte-americana. O encontro de artigos como o de Forestier em sua biblioteca, reforçam a hipótese que Macedo Vieira recorria freqüentemente às soluções urbanas originárias desse pensar francês.

Em Macedo Vieira, as rotatórias possuem a dupla função de uma rótula de modo a coordenar a distribuição do tráfego pelas vias que se originam a partir daí e conter áreas verdes agradáveis. Macedo Vieira adota essa solução barroca, as empregando sempre como a articuladora o espaço. Mas ressalte-se, ao contrário da cultura "*city beautiful*", dificilmente tais rotatórias eram destinadas a conter monumentos arquitetônicos ou representativos da comunidade. Em Macedo Vieira, o uso da arborização no interior das mesmas é constante, visa dotar os "bairros jardins" com maior proporção de espaços verdes e, ao mesmo tempo, proporcionar estética e perspectivas, melhorando a harmonia dos espaços.

A título de exemplificarmos, utilizamo-nos de diferentes momentos da obra de Macedo Vieira, buscando entender a utilização dessa solução urbana. Elas surgem tanto nos projetos mais "orgânicos", quanto nos de desenhos mais geométricos. A solução serviria tanto para terrenos com do Jardim Guanabara/RJ, quanto para terrenos sem declividades, como Parque Edu Chaves/SP. Alguns projetos mostram que a rotatória também possui a função de praça, prevendo passeios em seu interior. O projeto da cidade nova de Cianorte/PR, serviria como exemplo. A rotatórias complementadas com espaços de menores dimensões tais como ajardinamentos no formato triangular, beneficiando a beleza do desenho. A solução mais comum, no entanto era a de conter um ajardinamento na forma circular, com uma arborização, sem passeios internos, como o caso do Jardim da Saúde/1938 (figura 2.15).

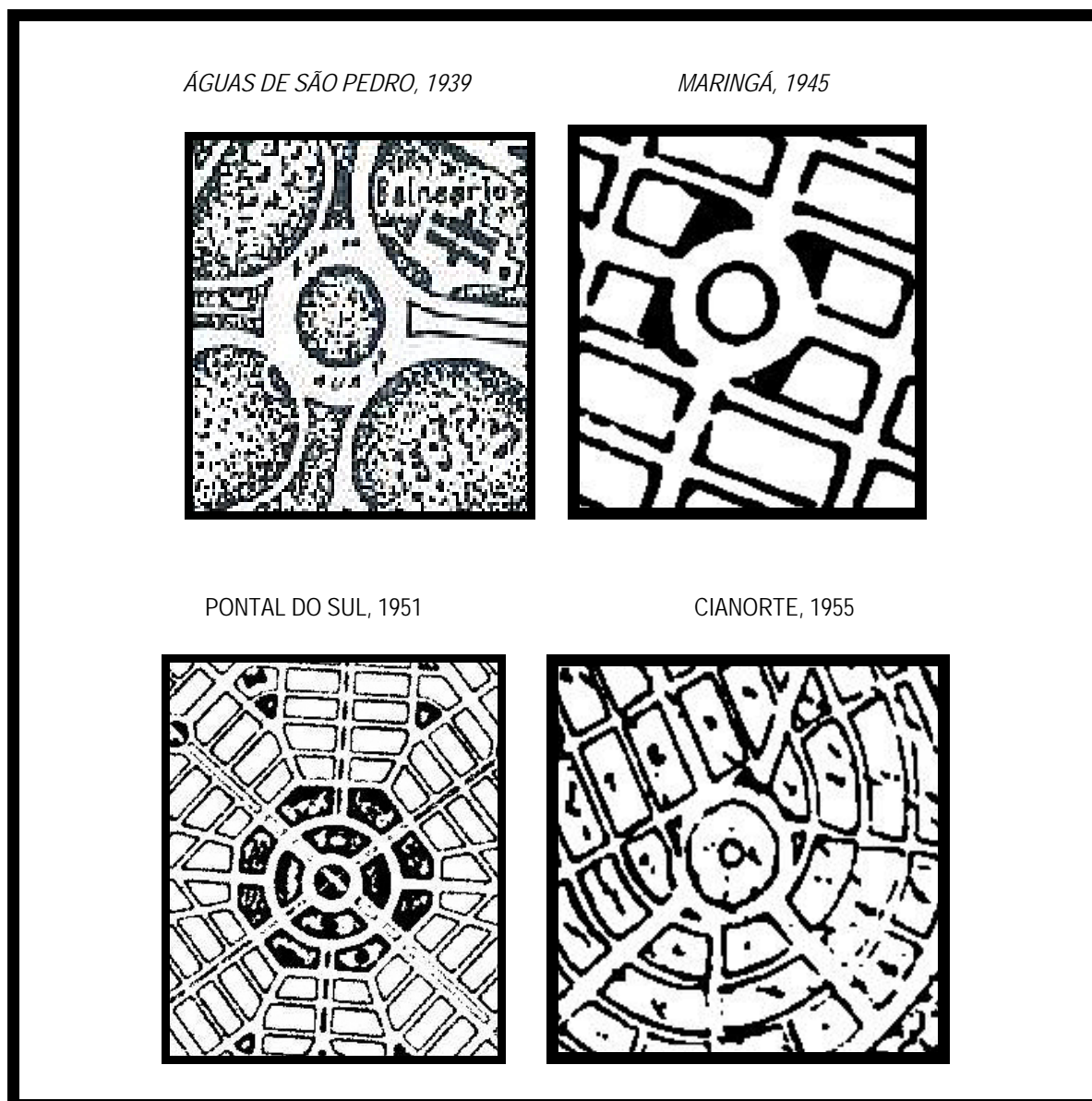
Figura 2.15 – Rotatórias em projetos de loteamentos executados por Macedo Vieira



Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

Exemplificamos diferentes opções para praças rotatórias, nos quatro projetos de cidades novas de Macedo Vieira. No projeto para Águas de São Pedro/SP (1939), a rotatória aparece sendo cortada pela canalização do córrego que percorre todo o vale central. Em Maringá/PR(1947), há a previsão da ocupação do canto das quadras, em Pontal do Sul/PR(1951), a rotatória esta inserida em um parque maior no formatado octogonal na região que seria a central da cidade. No projeto de Cianorte/PR(1955), as rotatórias aparecem muito próximas aos desenhos normalmente utilizados em bairros-jardim, sendo complementada no entorno, ajardinamentos triangulares (figura 2.16).

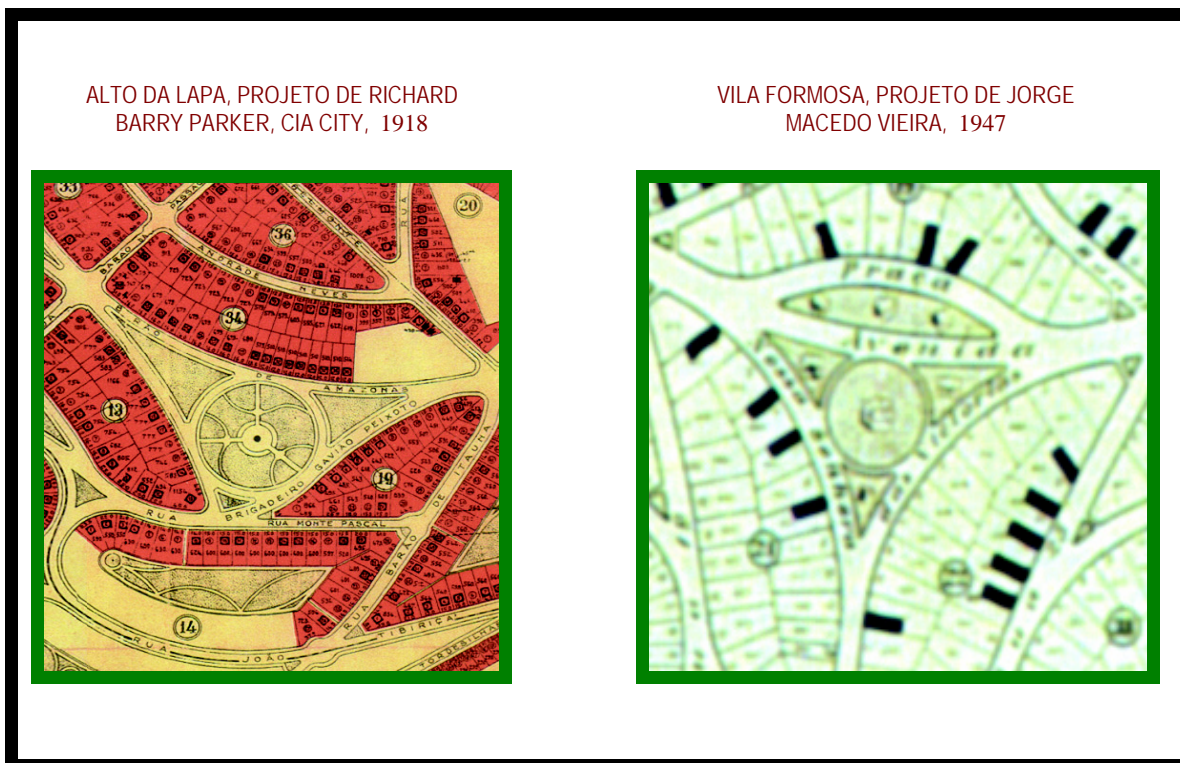
Figura 2.16 – Rotatórias para cidades *ex-novo*, projetos de Macedo Vieira



Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

A figura 2.17., indica que a origem de algumas soluções para rotatórias adotadas por Macedo Vieira podem se inspirar nos projetos de Richard Barry Parker para a Cia City. Há muita semelhança na rotatória adotada para o Alto da Lapa, de Parker, e para a Vila Formosa, de Macedo Vieira. Ambas contêm complementos, na forma de extensões triangulares ajardinadas.

Figura 2.17 – Praças Rotatórias, por Richard Barry Parker e Jorge de Macedo Vieira



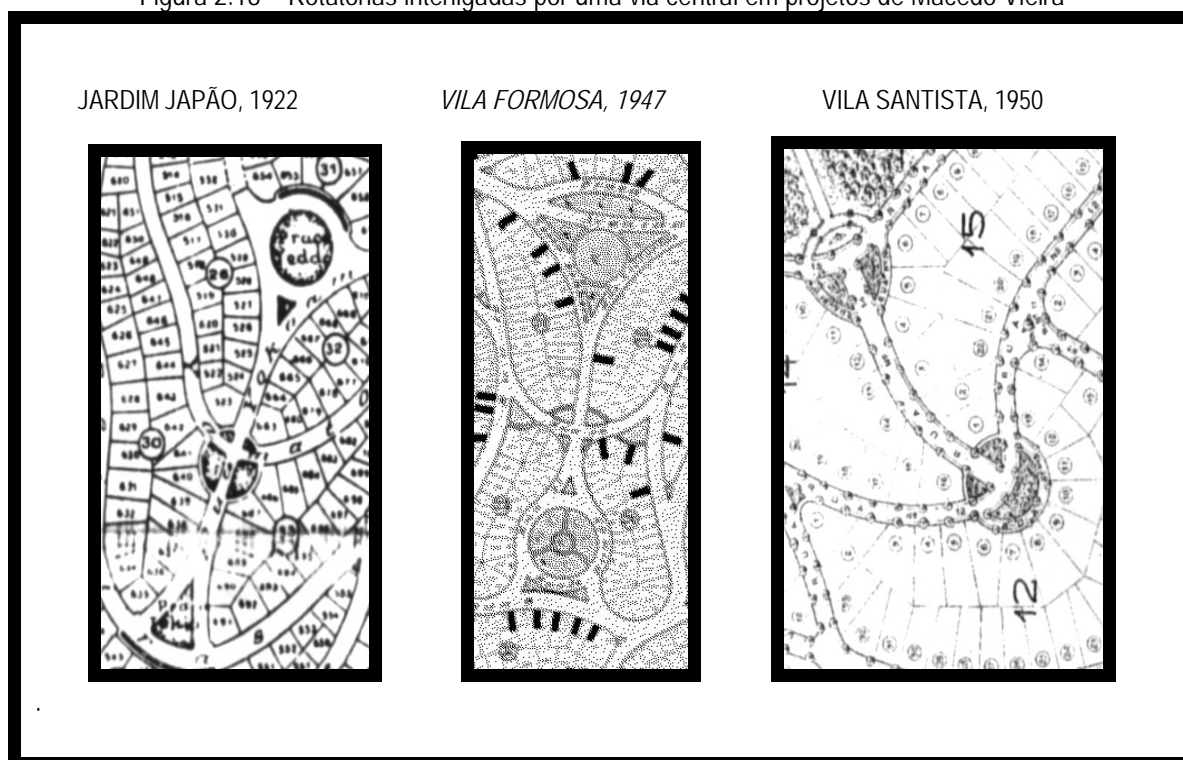
Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignaço DPH/PMSP

Embora projeto de Vieira seja de 1947, a uma distância de quase três décadas de Parker, ela já havia sido adotada por Macedo Vieira em loteamentos como o Jardim Guanabara, no Rio de Janeiro, executado em meados dos anos de 1920. Deve-se salientar que à época fluxo de veículos era ínfimo se comparado aos dias atuais. A “*rua corredor*” não admite esse tipo de solução mais dada ao pintoresco, onde se ressalta a valorização do desenho e a beleza da paisagem.

Rotatórias interligadas

Solução constantemente utilizada por Macedo Vieira, por ocasião da articulação dos espaços verdes nos loteamentos, era a interligação entre duas praças rotatórias que serviriam como pontos de referência, sempre interligadas por uma via central. Macedo Vieira adotava a solução de um terceiro espaço verde entre as duas rotatórias, como os projetos do Jardim Japão (praça circular entremeando) e Vila Formosa (cantos das quadras ajardinados), (figura 2.18).

Figura 2.18 – Rotatórias interligadas por uma via central em projetos de Macedo Vieira

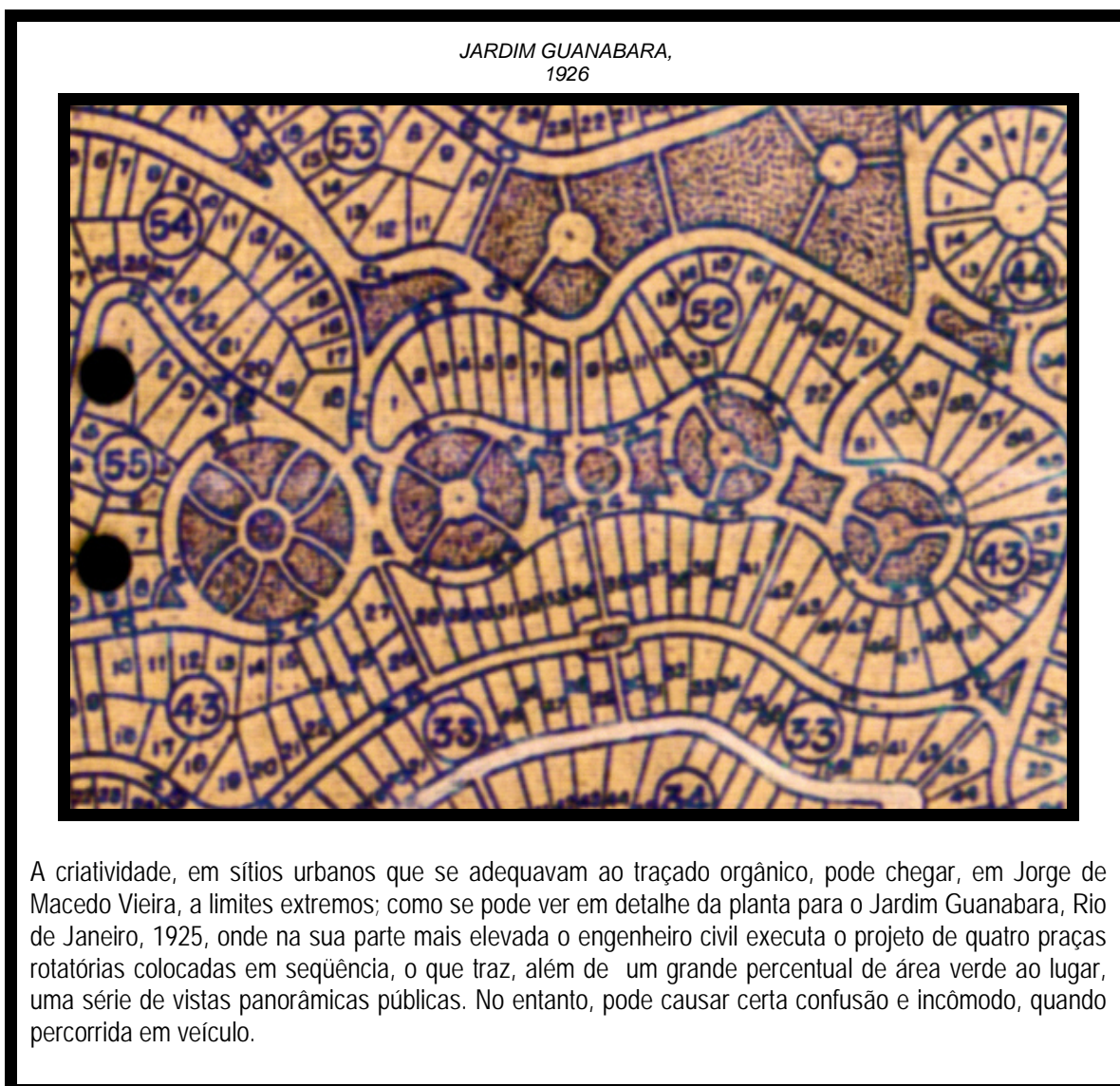


Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

A solução esteve presente em toda a carreira de Macedo Vieira, sendo possível encontrar inúmeras derivações com o do projeto da Vila Santista, Atibaia/SP, onde a opção é pela interligação direta - via avenida - entre as duas praças.

A profusa utilização, por Macedo Vieira, da rotatória como uma articuladora do espaço verde no tecido dos bairros, era uma solução que, se empregada de forma exaustiva, poderia ocasionar uma situação problemática para a circulação, principalmente de veículos. Podemos registrar que pelo menos uma vez tal fato ocorreu. O projeto de Jorge de Macedo Vieira para o Jardim Guanabara/RJ, de 1926, foi executado para um sítio excessivamente acidentado e Vieira, buscando obter um ganho da paisagem, prevê que todas as áreas que permitissem uma vista panorâmica seriam preservadas da utilização para lotes privados. Na parte central do loteamento, em suas cotas mais altas, Macedo Vieira adotou uma solução que ocasionou um sem número de pequenas praças circulares, (figura 2.19.).

Figura 2.19. – Sucessão de rotatórias na área central do Jardim Guanabara (1926)



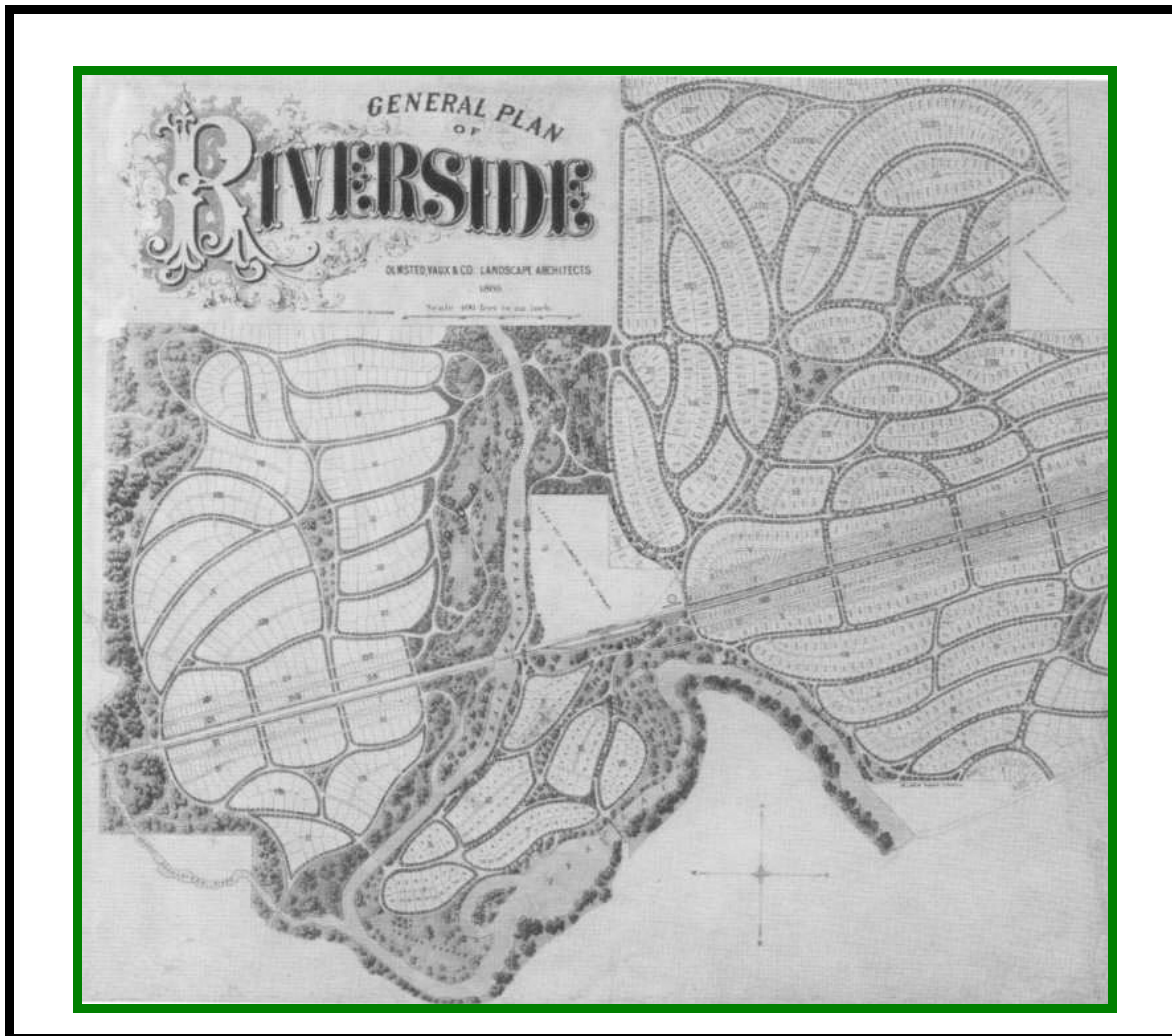
Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

Ajardinamento do canto das quadras

Uma das alternativas utilizadas por Macedo Vieira em quase todos os loteamentos e cidades novas são os ajardinamentos nos extremos das quadras. Podemos afirmar que a profusão da utilização dessa solução se constitui num dos marcos visuais dos projetos do engenheiro civil. Certamente essa é uma das mais fortes influências de Richard Barry Parker sobre os trabalhos de Macedo Vieira. Embora não encontremos tais soluções nem em Letchworth(1903), nem em Hampstead Garden (1907), Parker aplica-as em inúmeras ocasiões nos projetos para a Cia City, tais como Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa e Bela Aliança.

Um retorno no tempo, e encontramos no projeto do subúrbio de *Riverside* para Chicago, tais soluções já adotadas por Frederick Law Olmsted. Tais ajardinamentos, mais tarde, viriam a encantar Ebenezer Howard, por ocasião da visita desse ao local (figura 2.20.).

Figura 2.20. *Riverside Suburb*, projeto de Olmsted de 1869.

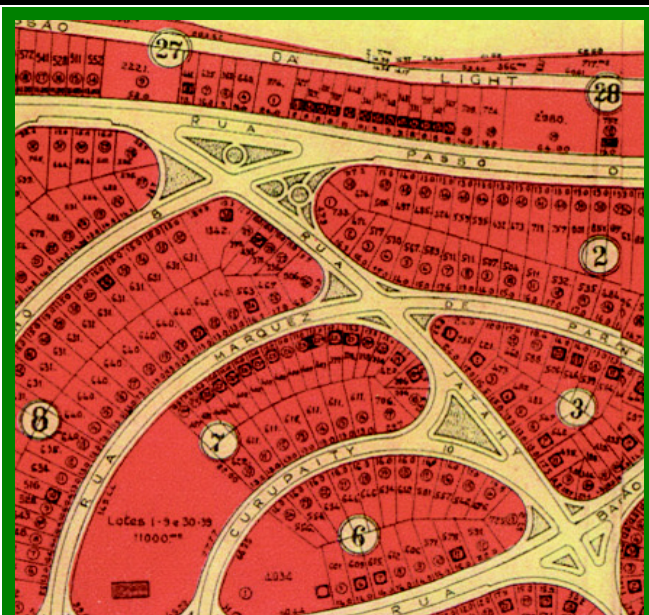


Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

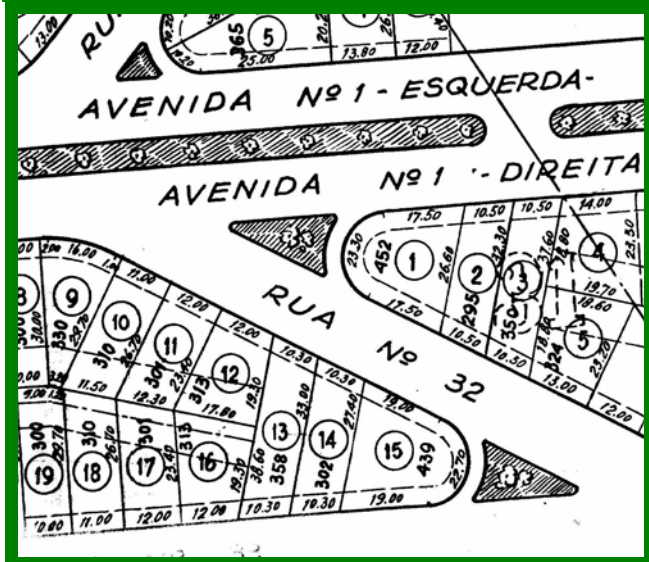
Portanto, uma tentativa de conexão nos leva traçar uma linha entre Frederick Law Olmsted, Ebenezer Howard, Richard Barry Parker e Jorge de Macedo Vieira, comprovando que o trabalho por dois anos ao lado de Richard Barry Parker, trouxe várias influências que não apenas aquelas aplicada por Parker e Unwin nos primeiros projetos de cidades e bairros jardins.. A figura 2.21 mostra a semelhança da solução proposta por Parker para o Alto da Lapa e as adotadas por Macedo Vieira.

Figura 2.21- Propostas de Parker e Macedo Vieira para o canto das quadras

Ao lado, a solução de uso dos cantos das quadras com destinação para ajardinamentos no projeto do bairro de Bela Aliança, executado por Richard Barry Parker para Cia City no ano de 1918. Tratava-se de um loteamento destinado às classes trabalhadoras e que viria a compor um conjunto com os loteamentos do Alto da Lapa, Vila Romana e Vila Anastácio (primeiro bairro projetado por Jorge de Macedo Vieira em 1920) de bairros com traçado orgânico



Ao lado, exemplo onde a solução é utilizada por Jorge Macedo Vieira. No caso dos loteamentos com a morfologia do solo mais agitada, a solução aparece em quase todas as quadras. Mesmo em locais com topografia mais suave, quando Macedo Vieira recorria ao desenho mais geométrico, encontramos tais soluções. A figura refere-se ao bairro da Chácara da Barra, no município de Campinas, projeto de 1950 de Jorge de Macedo Vieira



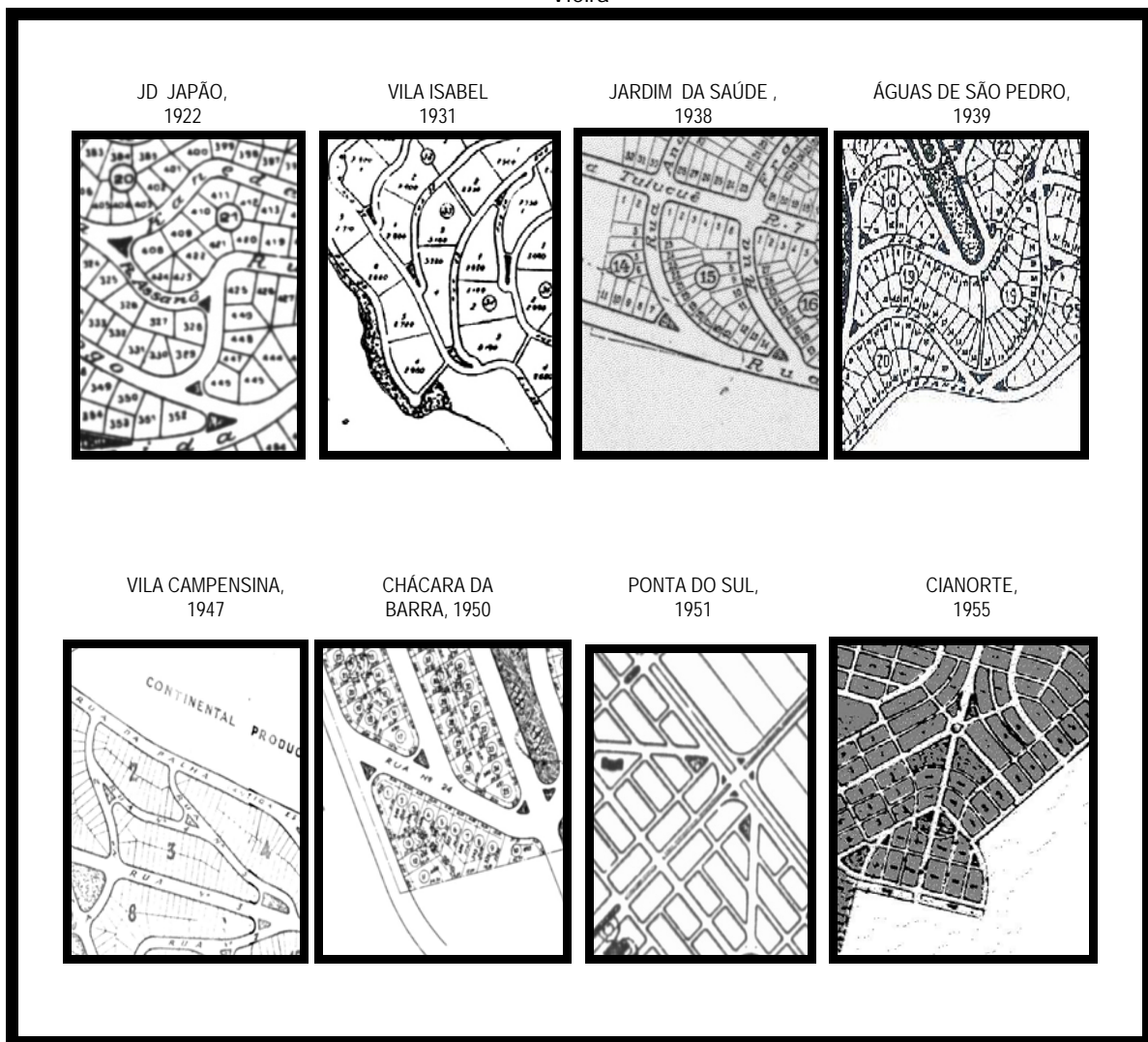
Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignaço DPH/PMSP

O ajardinamento do canto das quadras possui várias funções, tais como:

- trazer um beleza estética ao bairro, inserindo-lhe pequenas porções de áreas verdes passíveis de serem utilizadas;
- melhorar a visibilidade para o tráfego de veículos, deixando os cruzamentos sempre desobstruídos de edificações. O ajardinamento não impede a visão para a via contrária à do condutor do veículo;
- As áreas internas desses pequenos triângulos oferecem espaços quase privados na área pública, poderíamos chamá-la de pontos semi-privados, no tecido urbano.

Macedo Vieira as utiliza no Jardim Japão em 1922 e recorre a esses ajardinamentos até os últimos loteamentos por ele executados. Os projetos estão distribuídos por toda sua carreira de mais de quatro décadas, se exemplificando nas mais de três dezenas de loteamentos projetados (figura 2.22.). Ao longo do tempo, algumas dessas áreas internas acabaram por serem apropriadas de modo indevido por habitantes que a transformam em extensão de seu próprio lote, bloqueando-o com barreiras, como ocorre em Águas de São Pedro/SP.

Figura 2.22. Diferentes momentos do uso do ajardinamento do canto das quadras, Jorge de Macedo Vieira



Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignaço DPH/PMSP

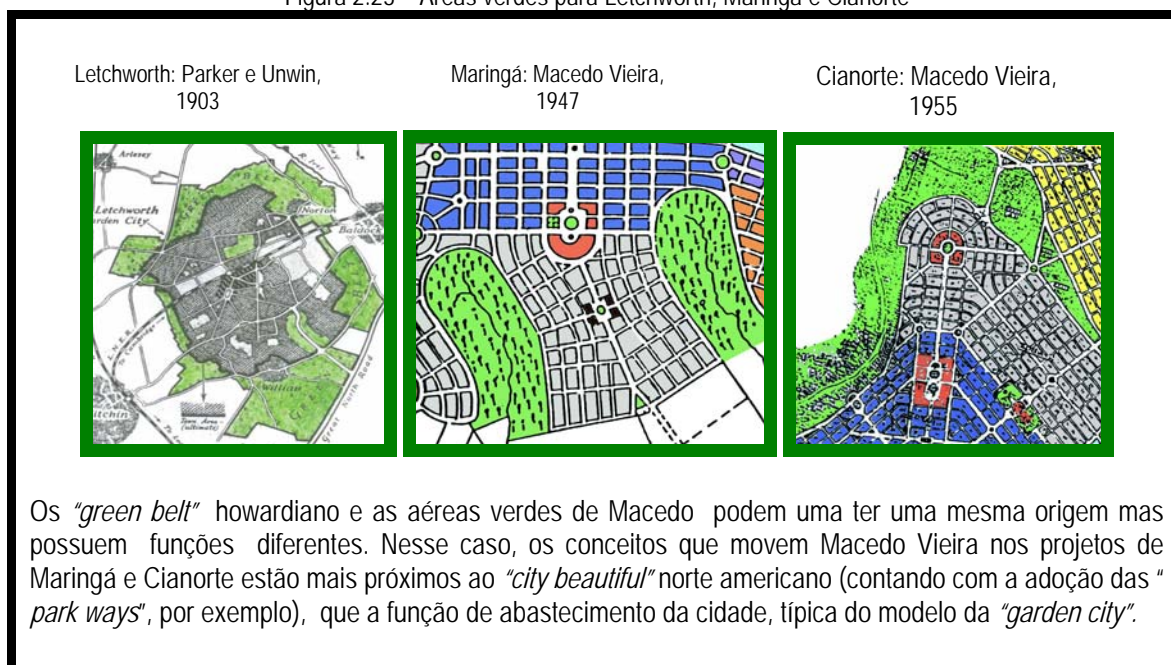
Pela intensidade da utilização dessa solução não só por Macedo Vieira, mas também por outros projetistas de bairros orgânicos, como Paulo Amaral, poderíamos classificar esse recurso como “típico” desses profissionais politécnicos da época, quando da implantação dos loteamentos denominados de “orgânicos”. Não há dúvidas quanto à melhor condição ambiental

proporcionada por essa solução. E tal fato pode ser observado *"in loco"* em visitação a esses loteamentos.

Os parques

A questão das áreas verdes estava presente desde os tempos *de Garden Cities of Tomorrow*, onde Howard as previa para o abastecimento de hortifrutigranjeiros para a cidade. Macedo Vieira faz com que as áreas verdes não sejam, necessariamente, utilizadas para a agricultura e, sim, também destina-as para reflorestamentos e a manutenção de um pulmão para a cidade. No tecido urbano, transforma-as em parques e reservas públicas que penetram até às regiões próximas ao centro cívico, no caso de projetos mais geometrizados. No que tange à composição estética entre os parques, o centro cívico e o eixo monumental tanto de Maringá (1947), quanto de Cianorte (1955), Jorge de Macedo Vieira opta por um desenho mais próximo ao tradicional, à semelhança do projeto de Unwin e Parker, para a região central de Letchworth. Ao contrário do que fizera antes, em Águas de São Pedro (1940), uma estância hidromineral, adota uma solução mais orgânica e expande os parques até atingir cerca de um terço da área total da cidade, mostrando um rico repertório de soluções, aplicáveis conforme a necessidade do terreno e a finalidade da cidade.

Figura 2.23 – Áreas verdes para Letchworth, Maringá e Cianorte



Fonte: Acervo Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

Se entendermos que o *"green belt"* era destinado às atividades rurais e que necessariamente não seriam utilizadas para parques e reflorestamentos, e retirássemos o

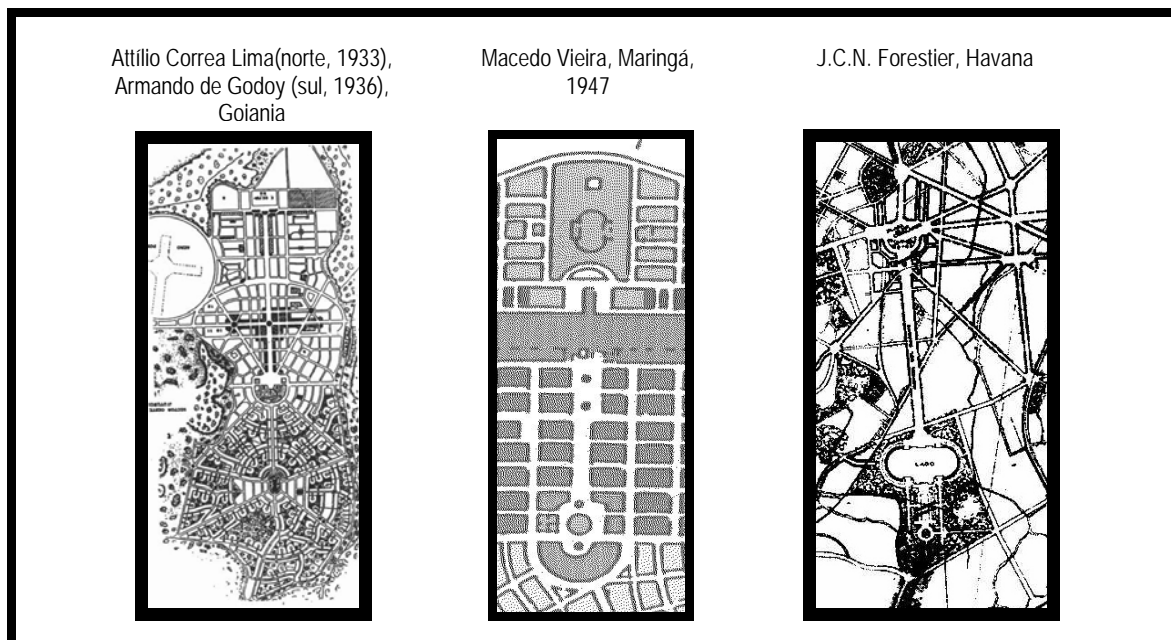
preenchimento no tom verde do *green belt* e deixarmos tão somente os parques públicos, verificamos que Jorge de Macedo Vieira é mais generoso na profusão de áreas verdes, que os projetos de Unwin e Parker para Letchworth, por exemplo

O eixo monumental e o centro cívico

As avenidas sempre partes de posições e sobreposições diagonais a partir do Eixo Central. Essa disposição acaba por gerar um grande número de rótulas e praças que via de regra se adequam ao traçado na figura geométrica de pequenos triângulos isósceles – essa, também, uma solução adotada em profusão, por Macedo Vieira, nos desenhos mais orgânicos -, partindo do eixo acabam por gerar uma hierarquia que estabelece as prioridades de tráfego no tecido urbano.

Abaixo, três projetos, respectivamente por Atílio Correa Lima/ Armando de Godoy para Goiânia, Macedo Vieira para Maringá e Forestier para Havana, mostram a transposição de soluções, que são assimiladas, interpretadas e formatadas sob nova roupagem, segundo as necessidades de cada projeto (figura 2.24).

Figura 2.24. Eixos de Goiânia, Maringá e Havana



Fonte: Macedo Vieira: Acervo DPH/PMSP; Forestier, Choay, Op.Cit., p. 217

2.4. Um arquetípico engenheiro politécnico da primeira metade do século XX

“Welwyn é muito mais formal que Letchworth ou Hampstead, sobretudo pela sua enorme alameda central, no estilo Lutyens, de quase uma milha de comprimento: espécie de cidade=jardim monumental, uma “garden City Beautiful”⁶².

Encontramos na obra de Macedo Vieira traços das soluções tipo “garden city”, em predominância, mas também fortes traços do urbanismo americano denominado “*City Beautiful*”, esse influenciado pela “*Beaux Arts*” francês. O hibridismo se manifesta em Macedo Vieira de modo pleno, as soluções são trabalhadas durante todo o decorrer da obra do engenheiro. A principal argumentação destas presenças é pautada na constatação de que a cultura urbanística que se desenvolvia nos EUA e na Europa, no período de atuação do profissional Jorge de Macedo Vieira, não lhe é alheia ou ignorada. As relações culturais, que o corpo técnico brasileiro estabelece, com profissionais no exterior, já foi comprovada por nossa historiografia. Seguramente Jorge de Macedo Vieira não estava alheio a estas culturas nem ao conhecimento das obras dos principais profissionais do ramo, que atuaram no exterior.

Entendemos que muitos profissionais possuíam, neste período, uma obra de caráter internacional, como é o caso de um dos autores de artigos que constam na biblioteca pessoal de Macedo Vieira: o engenheiro politécnico francês, formado pela Escola de Nancy, Jean Claude Nicolas Forestier (1861-1930). Tal profissional exemplifica a forma como a cultura urbanística do período adquire caráter universal. Pesquisamos seus desenhos, e notamos semelhanças com o traçado adotado por Macedo Vieira. Forestier foi inicialmente influenciado por Frederick Law Olmsted⁶³ e seus trabalhos para parques públicos americanos. Outra denotada influência surgiu com o “*City Beautiful Movement*” que teve como marco inicial a Exposição de Chicago, em 1893, e em Daniel Burnham e Edward Bennett encontrou destacados “*preachers*”. Ambos momentos retratam urbanistas que pensam a cidade enquanto um organismo que necessita de áreas

⁶² Ver em HALL, Peter. Cidades do Amanhã. São Paulo: Perspectiva, 1ª ed. ampliada, 2002, p. 124.

⁶³ A forte influência do trabalho de Olmsted no trabalho de Forestier pode ser encontrada em sua obra literária de maior renome: *Grands Villes et systèmes de Parcs*, publicada na França em 1906

urbanas naturais entremeadas ao caos, no sentido de funcionarem como “válvulas de escape” para os habitantes das cidades já então congestionadas. Forestier adota os ideais “progressistas” desses pensadores e transcreve para seus projetos⁶⁴. Em 1911 entra para o grupo dos mais avançados pensadores urbanos franceses como nos relata Choay (1994): “*En 1911, Forestier s’associa à Tony Garnier, André Bérard, Ernest Redont, Jean-Michel Auburtin, Dontat-Alfred Agache, Henri Prost, Léon Jaussely, Ernest Hébrard, pour fonder la Société française des urbanistes (S.F.U.). Imprégnés des thèses de Camillo Sitte, Raymond Unwin et de l’utopie d’Eugène Hénard, forts de la rationalité Haussmannienne et du savoir-faire de l’Ecole des Beaux-Arts, ces urbanistes visaient à créer un art d’aménager les Villes, un art civique. Selon les mots de l’architecte belge Louis Van der Swaelmen, dans ses Préliminaires d’Art Civiques.....*”⁶⁵. Certamente as conexões começam a surgir.

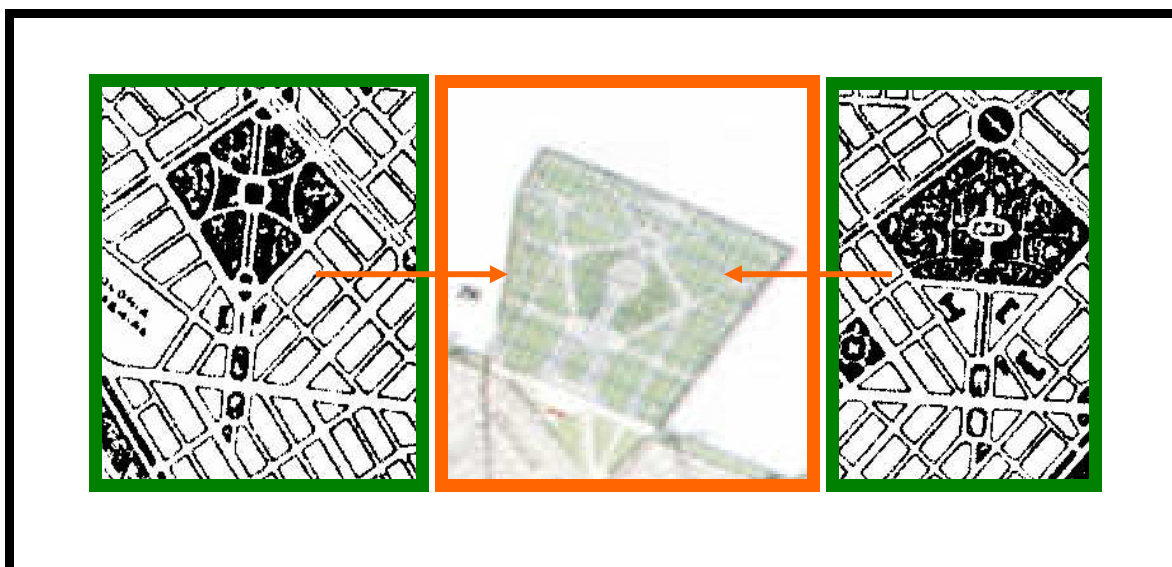
Além dos projetos Forestier assumiu cargos de expressão e de direção em entidades de planejamento urbano, deixando um sem número de obras realizadas, onde mostra sua dedicação ao embelezamento da cidade através da utilização da vegetação de forma a trabalhar o aspecto lúdico. Sua perspectiva unindo a geometria e o natural proporcionou um sem número de obras. Sua vinda para o continente sul-americano, em 1923, para trabalhos em Buenos Aires certamente chegou ao conhecimento dos atores envolvidos nas questões urbanas de São Paulo. E Macedo Vieira compunha esse círculo. Há que se lembrar que Forestier acompanhou os projetos de Agache, para o Rio e de Bouvard para São Paulo, tendo em vista haver escrito análises de tais trabalhos. Os projetos de Forestier para Buenos Aires (1924) e Jorge de Macedo Vieira para Pontal do Sul (1951) podem ser classificados dentro de uma mesma linguagem urbanística onde observamos os mesmos procedimentos projetuais.

A título de exemplo, encontramos semelhanças entre Forestier e Macedo Vieira na solução para praças. Macedo Vieira projetou duas praças nos arredores do centro cívico de Pontal do Sul, que guardam grande semelhança à solução adotada por Forestier, quando da realização do projeto de melhoramentos para a área norte de Buenos Aires, (figura 2.25).

⁶⁴ Para uma leitura mais aprofundada dessa fase consultar Lejeune, Jean-Francois. La Ville Et La Paysage – Influences et projets américains. In: *Choay, F. et alli, Op. Cit. ps. 173-187.*

⁶⁵ Ver em Choay, F. Et alli. Op. Cit, p. 180

Figura 2.25 – Nos quadros verde, praças de Pontal do Sul projetadas em 1951 por Jorge de Macedo Vieira; no quadro laranja central, praça para Buenos Aires, por Jean Claude Nicolas Forestier, 1923.



Fonte: Macedo Vieira: Acervo DPH/PMSP; Forestier, Choay, Op.Cit., p. 37

Macedo Vieira personifica uma fase rica dos engenheiros politécnicos. Um conhecimento urbanístico moldado em modelos urbanos consagrados no âmbito internacional, tais quais o “garden city” e o “city beautiful”. Tais influências se materializavam em estética para a cidade apontavam para a boa qualidade de vida dos centros urbanos. No entanto, como Macedo Vieira, os engenheiros-civis que se dedicavam ao urbanismo dessa fase, acabaram por não ter suas obras suficientemente estudadas.

O desenho sinuoso, denominado de “*caminho das mulas*” por Le Corbusier, mas apregoados à exaustão por Camillo Sitte e Raymond Unwin, parecem não se adaptar à lógica do caminho reto do cidadão capitalista, a forma mais racional condizente com a rapidez e efemeridade, característica de um modelo econômico e social onde o capital tece suas regras. No entanto, nesse caminho racional, as individualidades, inerentes a cada ser humano, acabam por se perder, numa monotonia de atitudes previsíveis. Pode-se afirmar que, ao transpormos tal idéia para o desenho urbano, com a linha reta utilizada de forma constante e única, num quadriculado de arruamentos, o tecido se transforma num monótono suceder de ruas e esquinas onde a homogeneização do espaço se sobrepõe às peculiaridades e a própria identidade do lugar.

No rescaldo do estudo da urbanística nacional, o trabalho de uma vertente de profissionais não ligados, em específico, ao urbanismo com regras ditadas por Le Corbusier, acabou por sucumbir dentro da historiografia urbana, tomada pelo domínio académico dos estudos de modelos racionalistas. Entretanto, é possível construir uma história diversificada. Dentre esses profissionais politécnicos, trabalhos se destacam e planejadores urbanos como Jorge de Macedo Vieira estabelecem um contraponto ao domínio puro e funcionalista do quadriculado urbano. Procuram se utilizar de um urbanismo carregado de contornos e graciosidades que primam pelo pintoresco, preservando a morfologia do solo e valorizando o característico de cada local, colocando em destaque a plástica do desenho de cada paisagem.

. A conjugação dos adjetivos beleza urbana x praticidade no uso parecem, ao primeiro momento, incongruentes; no entanto, Macedo Vieira consegue estabelecer, em seus projetos, um elo de equilíbrio. É pragmático e em concomitância investiga exaustivamente a topografia, explorando seus aspectos vantajosos e interferindo nos pontos fracos do terreno, redesenhando a paisagem, sem contudo, colocar a perder a "alma do lugar". O contato permanente com profissionais extremamente gabaritados, tais quais Richard Barry Parker, Saturnino de Brito e Prestes Maia, alçaram seus projetos ao mais elevado grau. Em que pese a falta de uma produção académica consistente, os loteamentos e as cidades novas surgem como testemunho da beleza da obra, sem se perder a diversidade do uso do espaço urbano.

"Com tais referências teóricas, Macedo Vieira articulará tanto uma concepção racional e funcionalista em relação à cidade, quanto um ponto de vista culturalista, que privilegia a paisagem a ser configurada e o panorama a ser descortinado. Associando traçados conforme o tipo cidade-jardim com princípios do urbanismo sanitário de Saturnino de Brito, Macedo Vieira cria soluções bastante originais, criando bairros-jardins e cidades-jardins agradáveis e com preocupações ambientais, preservando grandes áreas verdes e valorizando os cursos d'água e outros elementos da paisagem. Cria assim um urbanismo que é moderno, mas distinto daquele que deu origem a Brasília.⁶⁶"

Os projetos elaborados por Jorge de Macedo Vieira caracterizam-se por se mostrarem plenos, a longo prazo, bastando observar que, nos dias atuais, seus loteamentos situam-se em áreas valorizadas, que se caracterizam pela generosidade destinada ao verde, pela beleza dos

⁶⁶ Ver em BJMV, Op.Cit. p. 34.

arruamentos e das “*park ways*”, numa cidade moderna dominada pela monotonia das quadras, pela falta de parques e praças e pelo uso efêmero como local de passagem ou apenas de dormitório, dos bairros residências. Ao contrário, as cidades novas de Macedo Vieira são feitas para os habitantes, para se residir.

No que tange aos dados quantitativos, observado-se conjunto de sua obra e, não se considerando aí, a metragem de algumas intervenções e das obras menores, chegamos a uma totalização de áreas que servem de base para o entendimento da abrangência dos projetos elaborados pelo Escritório de Jorge de Macedo Vieira. A tabela 06. totaliza os números desse cálculo:

Tabela 06. Totalização, em m², dos projetos executados por Jorge de Macedo Vieira

| PROJETOS POR TIPOLOGIA | ÁREA (M ²) |
|---------------------------------|------------------------|
| Loteamentos planejados* | 24.520.360 |
| Loteamentos implantados** | 23.668.347 |
| Cidades ex novo planejadas*** | 28.181.425 |
| Cidades ex novo implantadas**** | 22.286.325 |
| Total de área planejada | 52.701.785 |
| Total de área implantada | 45.954.672 |

* Incluindo Jardim Universidade, sem metragem Vila Santista, Atibaia/SP

** Sem Jardim Universidade, sem metragem Vila Santista, Atibaia/SP

*** Incluindo Pontal do Sul, Estado do Paraná

****Excluindo Pontal do Sul, Estado do Paraná

A somatória desses números, bastariam, por si, para inserir o engenheiro-civil entre os mais atuantes no contexto urbano da primeira metade do século, mas a qualidade de seus projetos, onde a harmonia do uso dos espaços, a beleza de seu traçado, por vezes sinuoso, por vezes geométricos, por vezes entrelaçados, acabam por conferi-lhe uma capacidade de harmonizar a necessidade de uso com uma leveza nas linhas, que apenas o trabalho levado a exaustão, de forma precisa e metódica, seria capaz de propiciar. Na obra do engenheiro civil, três grandes características serão analisadas quando tratarmos de seu primeiro projeto de cidade nova, Águas de São Pedro/SP: o gosto pelo sinuoso; a influência da escola sanitaria e o forte sentido de *zoning* no engenheiro-civil.

Capítulo III.

ÁGUAS DE SÃO PEDRO POR JORGE DE MACEDO VIEIRA: um mosaico de traduções, incorporações e transferências de idéias

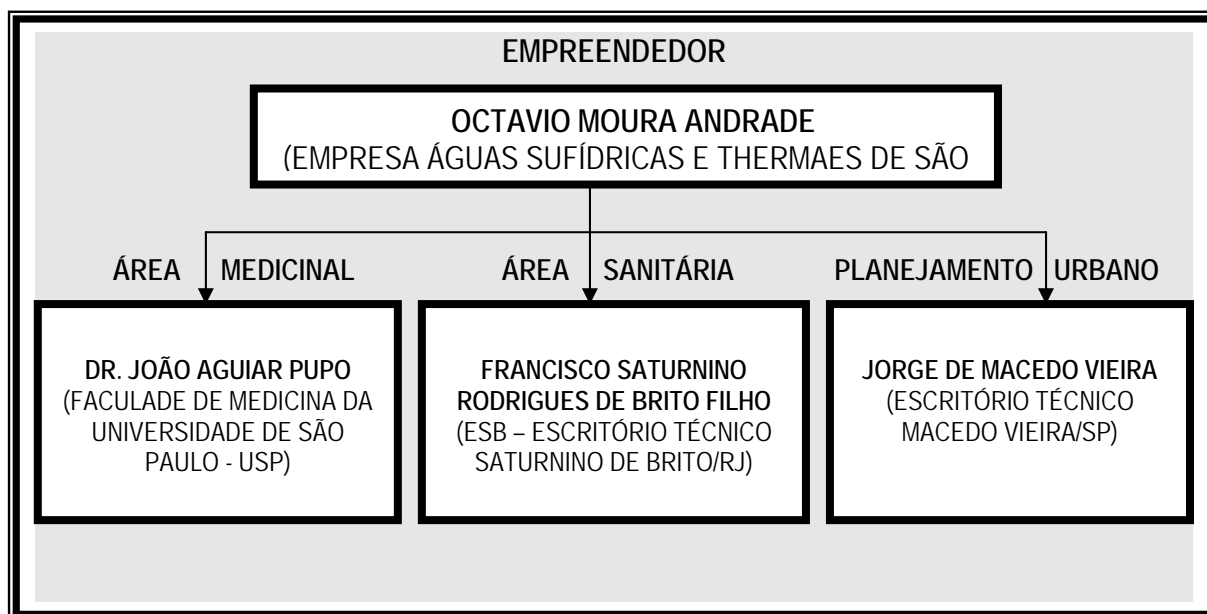
O presente capítulo dedica-se à análise do projeto da cidade nova de Águas de São Pedro, primeira projeto urbano integral empreendido pelo engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira (1894-1978). Objetiva-se compreender, no âmbito dos projetos urbanos brasileiros da primeira metade do século XX influenciados por soluções urbanas consagradas internacionalmente, o grau de significância historiográfica do estudo elaborado por Macedo Vieira para essa cidade nova. Encontramos nessa cidade, ressonâncias, traduções e transferências de soluções. Não nos apegamos, propriamente dito, às diferentes formas de aplicação de modelos, já exploradas no capítulo anterior, e sim buscamos entender como as informações são trocadas e aplicadas segundo o que poderíamos chamar de macro influências de Macedo Vieira: o traçado sinuoso, a influência sanitarista e o rígido *zoning*. Por outro lado analisamos o projeto urbanístico em partes, levantando seus pormenores, suas intervenções mais pontuais, suas sutilezas, fazendo analogia com outros projetos do autor, buscando detectar, na forma da aplicação pragmática do projeto, traços e pistas que conduzam ao que poderíamos denominar uma “metodologia” que viria se constituir numa técnica específica de planejamento urbano que caracterizaria a forma de atuar do engenheiro civil. A reunião dessas partes na forma de praças, canais, quadras, “*park ways*” e parques públicos aliados ao *zoning*, conduz à compreensão do projeto integral da cidade projetada por Macedo Vieira.

A título de introduzirmos a discussão, cabe-nos delinear o papel dos atores sociais envolvidos no projeto da estância, iniciando pelo empreendedor: Octavio Moura Andrade (1905-1972), que seria então diretor presidente da *Empresa Águas Termaes e Sulfídricas de São Pedro*. A estruturação do projeto para a futura estância, se calcaria em três personagens, que poderíamos denominar os pilares para a empreitada de Octavio Moura Andrade:

- a) para a questão da hidroterapia, contratou-se os serviços do médico, Dr. João Aguiar Pupo, Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP, que deveria conduzir todos os trabalhos segundo as modernas tendências da medicina referentes aos tratamentos termais;

- b) para a questão sanitária, essencial para a Estância Hidromineral, o Escritório Saturnino de Brito -ESB, do Rio de Janeiro, foi contratado e deveria prover de infra-estrutura básica toda a gleba que abrigaria a futura cidade;
- c) para a questão do planejamento urbano, Moura Andrade contrata os trabalhos do engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira, que deveria executar o projeto de uma cidade balneária “modelar”, segundo as mais modernas práticas urbanas.

Esquema - estruturação do empreendimento da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro.



Fonte: Quadro elaborado pelo autor

É na atividade desenvolvida por esse último profissional, o engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira, que concentramos nossos estudos, sem deixar de mencionar e reconhecer a importância dos serviços prestados pelo Dr. João Aguiar Pupo e pelo engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho - à frente do ESB e filho do engenheiro sanitarista Francisco Rodrigues Saturnino de Brito-, no que tange à integralização da implantação da cidade balneária. A construção do capítulo foi dividida em duas fases, onde procurou-se delimitar o histórico da região, a fundação da *Empresa Águas Sulfídricas e Termas de São Pedro*, a contratação dos profissionais para elaborar o projeto da futura estância hidromineral, a primeira planta, a segunda intervenção de Macedo Vieira, até meados da década de 1960, quando Macedo Vieira retornou à cidade para projetar novos bairros residenciais, finalizando sua obra.

Na primeira fase, de 1920 a 1939, que denominamos "*Petroleum Quod Serum Tamem*", o estudo é de caráter historiográfico, onde procuramos fazer uma descrição dos antecedentes que culminaram na escolha do sítio que viria a acolher o projeto de uma estância hidromineral. Buscamos retratar as experiências iniciais da extração de petróleo nas terras do Araquá, pertencentes, à época, ao município de São Pedro. Tais projetos foram conduzidos por empreendedores, dentre os quais se destacam Monteiro Lobato e Angelo Balloni. Houve uma frustração provocada pela inviabilidade da extração do mineral negro e a incipiente economia do lugar permaneceu estagnada. As águas sulfurosas foram encontradas por ocasião do serviço de sondagem de subsolo, oriunda da abertura dos primeiros poços de petróleo. A área onde incidia tal água pertencia ao fazendeiro Ângelo Franzin, que não se mostrou interessado em sua exploração. A venda das terras, no ano de 1934, para um grupo de sócios e sete meses após, já em 1935, para os irmãos Octavio e Antonio Moura Andrade, resultou na fundação da empresa "*Águas Sulfídricas e Termaes de São Pedro*". O objetivo principal da empresa era levantar, no local, uma estância termal nos moldes europeus. Para a concretização desse objetivo tornou-se condição "*sine qua non*", a organização urbana do sítio rural, o que resultou num desenho urbano que pretendia ser "modelar" no que tange à cidades balneárias "*ex-novo*" brasileiras.

Tratando de como se materializou a atuação de Macedo Vieira em Águas de São Pedro, introduzimos nova temática, situada temporalmente entre o final da década de 1930 e meados de 1960, época da última intervenção de Macedo Vieira na cidade. Este sub-item é denominado de "*Estância modelar: no projeto de Águas de São Pedro um mosaico de traduções, incorporações e transferências de idéias*", versa sobre a implantação do projeto. Iniciamos com no projeto desenvolvido por Jorge de Macedo Vieira. O engenheiro civil teve o primeiro contato com o sítio logo após a aquisição da área pela *Empresa Águas Sulfídricas e Termaes de São Pedro*. A convite de Octavio Moura Andrade ele visitaria o lugar. O empreendedor, desde o momento do convite, tinha a intenção de implantar uma obra que se pretendia única. À época Macedo Vieira fora responsável por uma série de obras urbanas, na forma de loteamentos, para a capital paulistana, tais como Jardim Japão (1922), Chácara da Mooca (1923) e Parque Edu Chaves (1926), além de outros projetos como Jardim Guanabara (1925), no Rio de Janeiro e Vila Izabel (1931), na cidade de Campos do Jordão. Essa intensa atividade justificaria a contratação do profissional, pelo empreendedor. As primeiras diretrizes sobre o modelo urbano a ser adotado para o local, distante oito quilômetros da cidade sede de comarca São Pedro, apontaram para uma solução do tipo orgânica. O desenho concebido por Macedo Vieira é analisado em seus

detalhes e posto em analogia com outros projetos de sua autoria. Concomitantemente um “código de urbanismo” é elaborado para regulamentar a implantação de residências na futura cidade. Nessa parte concentramos o corpo principal do presente trabalho, onde buscamos um modelo de desenho arquetípico “Macedo Vieira” e buscamos entender a lógica do trabalho desenvolvido em conjunto com o ESB – Escritório Saturnino de Brito que, aos moldes da cultura sanitaria estabelecida à época, aplicou as técnicas que resultaram na estruturação de toda a infra-estrutura básica do sítio. Nos concentramos, bem como buscamos levantar quais os atributos de destaque do projeto, analisando a forma integral do desenho e do planejamento urbano para a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, cidade nova empreendida por Octavio Moura Andrade e projetada por Jorge de Macedo Vieira durante o segundo quartel de anos do século XX.

No que tange à metodologia, utilizamos a pesquisa qualitativa, que recorreu a fontes primárias, na forma de impressos, leis e jornais de época, permitindo-nos a análise de forma cronológica do histórico dos projetos originais datados de 1940, 1957 e 1964/65, da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, englobando aí, os contextos social, turístico e econômico, inerentes à época, de modo a permitir uma visão abrangente do empreendimento. Levantamos o histórico da apropriação turística do espaço e analisamos a articulação das regras de uso do solo, incluído o zoneamento e o pequeno código de obras, elaboradas à época por Jorge de Macedo Vieira. Para tal fase recorreremos à pesquisa documental histórica. Esta, de caráter investigativa, resultou em visitas ao acervo da Câmara Municipal de São Pedro, da Biblioteca Gustavo Teixeira, em São Pedro, no Cartório de Imóveis da Comarca de São Pedro, na Prefeitura e na Biblioteca Municipal da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro. De grande importância foi o acesso às informações fornecidas, na forma de história oral e escritos, por Antonio Falcão Moura Andrade, varão e primogênito do fundador da cidade, Octavio Moura Andrade, bem como o registro de memória junto aos residentes mais antigos da localidade, tais como Margarida Santin (1919 -).

3.1. 1920 a 1939: Petroleum Quod Serum Tamen?¹

Águas de São Pedro, situada na região central do Estado de São Paulo, pertence à série de cidades novas projetadas, entre 1930 e meados da década de 1950, pelo engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira. A escolha do sítio foi a resultante da existência de três fontes de águas termais, com valor medicinal reconhecido². No seu desenho sinuoso, de zoneamento simplificado e onde predominam as áreas verdes, encontramos um exemplo ímpar no que tange á resultante da circulação das idéias entre os urbanistas da primeira metade do século XX. A adoção de soluções urbanas já consagradas internacionalmente faz-se perceber nesse projeto de Macedo Vieira, onde prevalece a adoção do modelo urbano denominado *"garden-city"*. Foi projetada como uma cidade balneária, com base econômica centrada na atividade turística e sem atividade industrial. Desde sua inauguração, em 25 de julho de 1940, e ao longo de sua história, Águas de São Pedro se firmou como um centro termal. Dedicamo-nos, nesse item, a um levantamento, de cunho histórico, dos antecedentes do uso da área até a formação da *"Empresa Águas Sulfúricas e Thermaes de São Pedro"*, que culminaria na criação de uma cidade nova. Discorreremos sobre os primeiros contatos entre Jorge de Macedo Vieira e Octavio Moura Andrade, e a formação de uma equipe multidisciplinar, com João Aguiar Pupo, médico, e Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho, engenheiro sanitário, que objetivava a construção da cidade segundo os correntes preceitos de estética e de qualidade urbana. Águas de São Pedro trata-se da primeira experiência de Macedo Vieira em projetar uma cidade em sua forma integral, se tornando um rico e fértil campo de aprendizado do projeto urbano. Some-se a tal fato a oportunidade de atuar com profissionais renomados de outras áreas, encontramos nesse projeto oportunidade única, para Jorge de Macedo Vieira, em ampliar seu arcabouço de conhecimento e de recursos técnicos, além de elevar sua compreensão sobre as diferentes funções de uma cidade voltada á atividade termal e ao turismo.

¹ "Petróleo antes que seja tarde?"

² A saber: Juventude: água clorossulfurosa alcalina, bicarbonatada e boratada de característica mesotermal (30,2°C); Gioconda: água clorosulfatada sódica, alcalina, boratada e radioativa de característica mesotermal (32,3°C) e Almeida Salles: água clorobicarbonatada sódica, boratada sódica e radioativa, de característica hipotermal (27°C). Para maiores informações sobre as características termais das águas, consultar Boletim nº 26 do Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, de Set/1940.

3.1.1. Ouro negro e as fontes terapêuticas – as origens

A busca do entendimento histórico do processo de apropriação e uso desse território nos remete à década de 1920, quando a área denominada de "*Bairro Querosene*" e todo seu entorno pertenciam ao, hoje, município de São Pedro. O primeiro período histórico foi caracterizado pela exploração econômica do sítio - na forma da monocultura do café e da pecuária extensiva - por um grupo predominantemente formado por pequenos agricultores. Um dos pioneiros na apropriação do solo rural enquanto um sítio produtivo foi o Sr. Ângelo Franzin, imigrante italiano, nascido no distrito de Uderso, Comuna de Quiarano, Província de Treviso, Itália, em 05 de setembro de 1863, e falecido em São Pedro, Estado de São Paulo, Brasil, em 17 de dezembro de 1935. O Sr. Ângelo Franzin desembarcou no porto de Santos em dezembro de 1887, no bojo da primeira de uma série de levadas de imigrantes europeus atraídos pelo governo republicano brasileiro, objetivando a substituir a mão-de-obra escrava, na qual a economia brasileira havia se calcado por três séculos³.

Em fins da década de 1880, Franzin trabalhou na Fazenda Recreio, região de Piracicaba/SP, de propriedade do Sr. João Rezende da Cruz. Um ano após sua chegada deslocou-se para São Pedro, onde passou a administrar as fazendas Santa Rita, Santa Eulália e Rosário. Em quase três décadas amealhou razoável quantia em dinheiro, o que possibilitou adquirir terras em sociedade com o irmão Jacomo Franzin, ocasião em que se dedicou à cultura do café, máquina motriz das exportações brasileiras de então. As primeiras glebas de terras adquiridas foram as fazendas Palmeiras e Limoeiro; em seguida as terras da Floresta Escura, Gonçalves, Tuncun e a Invernada do Araquá compuseram o lote final. Todas elas perfaziam, de modo integral ou em partes, o que constituiria, hoje, a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro e entorno. Na região encontrava-se um local denominado Bairro Querosene. Provinha-lhe este apelido do forte cheiro característico que emanava de sua terra, similar ao querosene. Isso despertou a curiosidade de todos aqueles que se interessavam pela exploração de petróleo em terras nacionais, inclusive do Governo Estadual. Em 1915, Francisco Souto recolheu amostra de material no vale dos ribeirões Araquá e Tuncun. De 1915 a 1917, porém não houveram atividades de pesquisa ou prospecção. Segundo Rodrigues (1985), "*Os municípios de Rio Claro, Brotas e São Pedro foram os primeiros a serem objetos de pesquisas oficiais em busca do*

³ A fonte da maioria das informações dessa página é o esboço histórico da fundação de Águas de São Pedro, elaborada pela Secretaria Municipal de Turismo da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, ano de 2002.

*petróleo no Estado de São Paulo, a partir de 1917 pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil – SGMB e pela comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*⁴.

Em 1921 o local foi objeto das primeiras prospecções patrocinadas pelo Governo do Estado de São Paulo, sendo seus poços dos primeiros a serem instalados em território nacional, a saber: Poço Graminha: quinto poço perfurado no Brasil (*registrado sob o nº 22 pelo SGMB*). A perfuração foi iniciada em 24/07/21. Atingindo a profundidade de 320 metros, manifestou-se a presença de gás natural e água mineral (hoje, conhecida por Almeida Sales). Esse poço chegou a atingir 550 metros, sendo logo suspensa a perfuração; Poço Querosene: sexto poço perfurado no Brasil (*registrado sob o nº 28 pelo SGMB*). Localizado à margem esquerda do Ribeirão Araquá, a sua sondagem foi iniciada em agosto de 1921. Na profundidade de 145 metros jorraram águas sulfurosas. Chegou a atingir a profundidade de 497 metros, quando houve sua paralisação; Poço Franzin: sétimo poço perfurado no Brasil, (*registrado sob o nº 55 pelo SGMB*). A sondagem foi iniciada em 1925. Na profundidade de 412 metros, jorrou, em quantidades abundantes, água sulfurosa. Hoje é conhecida como Água Juventude; Poço Giocondo: oitavo poço perfurado no Brasil (*registrado sob o nº 112 pelo SGMB*), A sondagem foi realizada em fins de 1925. Atingiu a profundidade de 506 metros. Desse poço nasceram a água clorosulfatada sódica, denominada de Água Gioconda. Poço Tuncun: Sua abertura iniciou-se em 1928. Alcançou a profundidade de 758 metros e revelou várias camadas impregnadas de óleo. No dia 14/07/28, foram recolhidos gases que escoavam do poço, na ordem de 4.200 litros por hora, igualmente, jorrava a temperatura de 28°C. Foi verificada a existência de 20 litros de petróleo na profundidade de 314 metros. No dia 03 de Setembro do mesmo ano, houve ocorrência positiva de petróleo de base paranífica de cor verde, já na profundidade de 760 metros. Esse poço foi entupido e abandonado. A Petrobrás, que tomou conhecimento do fato pelos noticiários dos jornais e rádios de então, enviou dois técnicos, geólogos Luiz Meira Chaves e Franklin Andrade Gomes, para efetuar pesquisas no solo local. O resultado do trabalho se traduziu na constatação de gás metano de ótima pureza.

No cenário político a classe dominante dos destinos econômicos de São Paulo se compunha de uma conjunção de fazendeiros - detentores do capital oriundo das exportações do

⁴ Ver em Rodrigues, Adyr Balastrieri. *Águas de São Pedro – estância paulista. Uma contribuição à geografia de recreação*. São Paulo: FFLCH-USP, tese de doutoramento. 1985.

café - e alguns importadores de produtos que, por dominarem todo o processo dessa tipologia de comércio, conseguiam angariar razoável quantidade de bens. No entanto, no que tange ao estabelecimento de um programa social e político racional de exportações e aos incentivos à incipiente industrialização nacional, os governos tanto na esfera estadual, quanto na federal, mostravam-se claramente conservadores.⁵

Desafiando tal inércia, intelectuais brasileiros denominados de “*desenvolvimentistas*”, demonstraram não se conformar com a imobilidade geral dos principais agentes econômicos e políticos. Os “*desenvolvimentistas*” por um lado atacam a classe política nacional, intitulado-a de principal alçoz do desenvolvimento social da nação e, por outro, creditaram parte da culpa à iniciativa privada, que sempre mostravam excessiva dependência para com o estado, ao qual devia favores e sempre retribuía de forma subserviente. Monteiro Lobato se apresentava como um dos principais representantes dessa corrente. As posições desse grupo uma relação incômoda para com os regimes populistas e autocráticos de então, levando a uma natural ruptura com o *status quo* oficial. Após campanha por uma genuína produção siderúrgica nacional - onde enfrentou os “interesses do capital estrangeiro” - empreendeu campanha pela exploração do petróleo, fazendo-se ouvir em vários locais do país, sempre priorizando, nos discursos, a necessidade da iniciativa privada tomar à frente e, por conseqüência, negando parcerias com o Estado. Na edificação desse novo caminho, em parceria com Ângelo Balloni, constituiu a Companhia Petróleo Nacional⁶ que iniciou suas atividades na região do Rio Araquá, em São Pedro, próximo à divisa com Charquedá. “*Em 21 de maio de 1933, um domingo, chegava a São Pedro um trem especial trazendo numerosos acionistas para uma visita ao campo de Araquá. Três meses antes, aliás, Lobato havia convidado o jornalista Assis Chateaubriand para conhecer o sítio.*”⁷ O aparecimento de algum sinal do líquido no Poço Araquá, na fazenda de Celso Lima, hoje, Fazenda São João do Araquá, alentaram as intenções de Monteiro Lobato: “*Estive na sonda e tive o gosto de assistir ao primeiro contato com um veiozinho de petróleo, do qual incluo aqui uma isca. Isto vem mudar muito o aspecto de tudo*”, informa ao cunhado Heitor de Moraes em Junho de 1933, comparando o petróleo a uma árvore cujo tronco ele procura. “*O*

⁵ Tal assunto foi devidamente analisado por Warren Dean em “*A Industrialização de São Paulo*”, São Paulo: Difel, (s.d.).

⁶ Monteiro Lobato funda em 1931, a Companhia Petróleos do Brasil, em 27/12/1931 e motivado pelo sucesso da venda das ações, logo após funda a Companhia Petróleo Nacional. Monteiro Lobato foi um grande incentivador da busca de uma produção petrolífera nacional, tanto que, em sua homenagem, deu-se o nome de Poço Lobato ao primeiro poço a jorrar petróleo em solo brasileiro, em 1939, na Bahia.

⁷ Ver na biografia de Monteiro Lobato em Azevedo, Carmem Lucia, *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, São Paulo: SENAC, 1997, p.275

encontro do primeiro galhinho dessa árvore vale pelo encontro da árvore inteira, porque atrás do galhinho estão os galhos grandes e no extremo dos galhos grandes está o tronco”⁸.

Pela Companhia de Petróleo Brasileira, sob a direção de dos geólogos Ângelo Balloni e Miglieta, foram instalados o poço Balloni I - junto à área onde viria a jorrar, anos depois, a água que se denominaria “Almeida Salles” - logo desativado, e o poço Balloni II, localizado na estrada velha para São Pedro, onde, através uma série de adaptações efetuadas pelo próprio Ângelo Balloni, chegou-se a 1815m, a maior profundidade atingida por uma perfuração no Brasil⁹. Após retiradas as torres de petróleo, as águas brotaram naturalmente do solo, formando pequenos lagos. O proprietário da fazenda, Ângelo Franzin, receando que seus animais adoecessem ao beberem daquelas águas malcheirosas, tampou o poço. Entretanto a água, altamente mineralizada, continuou a fluir e era a preferida pelos animais que, ao bebê-la, melhoravam de aspecto, ficando sadios e com pelugem mais bonita. Mais tarde Ângelo Franzin descobriu que a filha de Rafael Contador Sobrinho sentiu-se curada de reumatismo, banhando-se em uma das poças formadas por essa água.

Em 1930, Ângelo Franzin foi a Poços de Caldas/MG para tratamento de seu reumatismo e constatou que as águas da cidade possuíam o mesmo odor e características das águas de sua propriedade. Em 1932, Franzin construiu quarto de banho. Como os resultados clínicos foram positivos para Ângelo Franzin e outros usuários, houve-se por bem o aumento para quatro quartos, passando a cobrar pelo uso. Surgiu o primeiro balneário. A primeira análise bacteriológica da água sulfurosa foi feita por Paulo Andrade, em 1933. Segundo Rodrigues (1985), mais tarde se estabelecia uma sociedade de fato, composta por Carlos Mauro, Patrício Miguel Carreta, Joviano Nouer, Ernesto Giocondo, Vítório Mazziero, José Matarazzo, Antonio Albino Ribeiro, João Batista Algodual e Emílio Marozzi¹⁰, que adquiriram quatro alqueires de terras circundando a fonte onde jorrava a água sulfurosa; construiu-se novo balneário de alvenaria, com dez quartos, que entrou em funcionamento em fevereiro de 1935, e para melhor atendimento aos banhistas, foi adquirida uma jardineira, que fazia o transporte entre São Pedro e o novo balneário. Não se sabia o valor medicinal das outras duas fontes existentes, nem quais composições químicas apresentavam. Sabia-se que eram quentes, mas nada havia sido feito

⁸ Ibidem, p.279

⁹ A sonda permanece no local até os dias atuais e é um dos atrativos turísticos da Estância Hidromineral.

¹⁰ O registro da venda da área está lavrada no 2º Cartório da Comarca de São Pedro, no livro nº 59, às fls. 37 com transcrição sob o nº 647, livro 3-J, fls. 80, de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro. Tal escritura é datada de 1935.

com o intuito de pesquisá-las e explorá-las. A passagem das glebas para tal grupo de pessoas, marca a mudança das intenções do uso da área. O grupo constituído adquire as terras com o objetivo de explorá-la comercialmente – fato que Ângelo Franzin não aprofundou, por se caracterizar como um explorador da atividade agrícola e da pecuária. A intenção de exploração comercial das águas ali encontradas são afirmadas já na Escritura. Segundo Rodrigues (1985) “*consta ainda no citado documento que os vendedores transferem e cedem aos compradores todo e qualquer direito sobre a fonte de água mineral, já mencionada, inclusive os das análises da mesma, obrigando-se a fazer ao Serviço Sanitário do Estado, as comunicações de transmissão*”. Portanto, se fizermos uma analogia com o uso do entorno, tal fato serve como marco referencial no que tange à diferenciação do uso comercial da terra. Nota-se claramente que essa “*diferenciação*” na intenção do uso, o que acaba por traçar o destino do lugar de modo a diferencia-lo definitivamente dessas terras do entorno – que, por décadas, continuariam a se caracterizar como de agricultura e de uso pecuário extensivo.

Um ano antes, em 1934, deslocou-se até o município de São Pedro, o Sr. Octavio Moura Andrade¹¹, Diretor da Associação Comercial de Santos e da Casa Comissária do Café “Moura Andrade & Cia”¹², ligada às exportações e importações do café no porto de Santos - onde ocorria cerca de noventa por cento da movimentação de comércio exterior do país - a fim de tratar de negócios da firma, na qual era sócio de seu irmão Antonio Joaquim de Moura Andrade. O aguardo na resolução de assuntos comerciais cotidianos acabou por levar Octavio Andrade a conhecer as atividades desenvolvidas pelos administradores do lugar, visitando não só a fonte de água sulfurosa e o balneário remodelado, como também empreendendo visita às demais fontes existentes e ainda não exploradas. Tendo em vista o observado e divisando um cenário propício uma atividade que envolveria o uso dessas águas - tanto para fins terapêuticos quanto para a atividade do turismo - retornou a Santos, onde relatou ao irmão-sócio, Antonio

¹¹ Octavio Moura Andrade, de formação humanista, nasceu em Brotas, interior paulista aos 07 de maio de 1905. Em 1917 mudou-se para São Paulo, onde iniciou os estudos mais avançados culminando com o ingresso na prestigiada Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Formou-se em 1930, e passou a prestar serviço para a Empresa Moura Andrade & Cia, com sede em Santos/SP. Aprofundou-se na cultura humanista, ampliando de forma constante sua biblioteca e sua cultura. Tal fato, que no primeiro momento, pode parecer não relevante, mostrou-se decisivo num futuro próximo, pois forneceu-lhe conhecimento necessário para transferir para o engenheiro civil Jorge de Macedo Vieira, suas necessidades e expectativas quanto à cidade nova. Sua cultura o colocara ao par das mais variadas tendências das ciências estabelecidas à época, incluída aí, o entendimento das regras que norteavam o funcionamento de uma cidade

¹² As casas comissárias tratavam-se de empresas de cunho privado que ao receber o café enviado pelos fazendeiros do interior do estado de São Paulo, executavam o serviço de intermediação – com o ensacamento, sistematização, e despacho da mercadoria para embarque. Recebiam, para isso, uma comissão, previamente combinada com os fazendeiros fornecedores. As comissões originaram os nome de Casas Comissárias.

Joaquim Moura Andrade, as possibilidades nas terras ainda pertencentes ao município de São Pedro¹³.

Figura 3.1. – O uso inicial do território: busca do petróleo e o uso terapêutico das águas



Início a década de 1930: Poço Araquá (alto á esquerda); Monteiro Lobato, Octalles Marcondes Ferreira, Anísio Teixeira e Édson Carvalho, na “Invernada do Araquá” (região da futura cidade balneária). Abaixo, à esquerda: 1934, primeiro balneário, propriedade de Ângelo Franzin; à direita, 1935, novo balneário, propriedade do grupo de sócios que adquiriram a área a Franzin. Utilização para banhos marca a alteração da forma de uso do sítio.

Fonte: Poços e foto Monteiro Lobato e amigos: *Azevedo, Carmem Lúcia. Furacão na Botocúndia, 1997, p.278*; *Balneário, 1934 e 1935: Acervo Família Moura Andrade*

¹³ A fonte da informação é Antonio F. Moura Andrade, filho do fundador da cidade *ex novo* – em entrevista concedida dia 16/05/2003 e guardada na forma de mini cassetes no arquivo documental do autor da presente.

3.1.2. A Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro S/A articula a cidade nova: Jorge de Macedo Vieira, João Aguiar Pupo e o Escritório Saturnino de Brito.

O grupo que adquiriu as terras de Ângelo Franzin, sofreu alterações logo após ser constituído, com a saída de alguns empreendedores originais. Segundo Rodrigues (1985), " *um ano depois, em 21 de Setembro de 1935 foi constituída a " Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro", que além dos sócios já mencionados, incorporam dois novos investidores: Antonio Joaquim Moura Andrade, que entra com 31,2% do capital e Octavio Moura Andrade com 17,5%,, perfazendo sua participação com quase a metade do capital da Empresa(Diário Oficial, nº 239, 16/10/1935)*"¹⁴. À empresa, caberia estabelecer - nas glebas distantes oito quilômetros da cidade de São Pedro - os próximos ditames de desenvolvimento que resultaria na criação da estância Hidromineral de Águas de São Pedro, voltada para a atividade do turismo e do termalismo.

Visando maior facilidade para cumprir os objetivos da empresa, fixou-se escritório na cidade de São Pedro, onde além das atividades de organização da exploração da terra, lançou-se um jornal periódico – denominado inicialmente de *Nosso Jornal e "a posteriori" Caldas de São Pedro* - dirigido os interessados em conhecer as terras onde seria implantada uma estância hidromineral " modelar" . O periódico era dirigido por Auro de Moura Andrade, filho de Antonio Joaquim Moura Andrade, e tinha como redator chefe, o Sr. Patrício Miguel Carreta, farmacêutico em São Pedro. O jornal possuía caráter divulgatório. Entre outros assuntos tratava da necessidade de se urbanizar a área que acolheria as futuras atividades comerciais.

A princípio, havia dúvida sobre a implantação ou não de uma cidade nova. Em um manuscrito elaborado pelo próprio, Octavio Moura Andrade observa que *"devíamos, então, encarar o aspecto primordial do assunto: urbanizar o local das fontes ou aproveitar a cidade velha de São Pedro ? Problema de solução urgente, que a população flutuante de acqistas reclamava insistentemente, em críticas, apodos, reparos e conselhos. É que um contraste enorme realçava a necessidade de uma ação pronta e imediata: de um lado, as virtudes mirificas da água sulfurosa, única usada e conhecida ali, sem rival no país pelo seu elevado teor de enxofre, pelo fortíssimo desprendimento de gás sulfídrico e pela admirável e abundante vazão;*

¹⁴ Ver em Rodrigues, Op.Cit, p. 71

de outro lado, o horror do desconforto na cidade, a precariedade da viagem diária de ônibus num percurso de dezesseis quilômetros de ida e volta, a pobreza do pequeno “balneário”. O hábito generalizado de tomar banho sulfuroso antes de ingerir qualquer alimento obrigava os acquistas a um incomodo jejum, agravado pela grande madrugada de alcançar o ônibus das 6 horas da manhã, que só voltava às 9:30, 10 e às vezes 11 horas, em conformidade com o número de banhistas a ser atendido na modesta casinha¹⁵. E prossegue “Enquanto isso, estudávamos o assunto básico da escolha entre a cidade e o local das fontes para sede da Estância. Mandavam o comodismo e a economia que optássemos pela primeira. Realmente, ali tínhamos água encanada, luz elétrica, estação ferroviária, ruas abertas ao tráfego, facilidade de acesso, casas para nossos empregados, desde o mais graduado até o garçom ou o operário, além de um comércio organizado, que constituía a primeira fonte de abastecimento, modesta, porém útil. Nada mais simples, pois, que adquirir um terreno, entre os muitos vagos que a cidade continha, e levantar ali o hotel da Empresa, asseado e confortável, para atender aos reclamos dos acquistas mais exigentes. Se o banho que procuravam era satisfatoriamente servido em um prédio de bom aspecto interior, ainda que distante, é claro que, associado a um bom alojamento na cidade, constituiria tudo o que poderiam ambicionar os reumáticos, diabéticos, eczemáticos frequentadores de São Pedro. Construir um hotel, pois, era lançar a Estância. . . .”¹⁶

A opção pela cidade nova, no entanto prevalece: “Não quisemos endossar os argumentos, nem concordar com a solução, por mais cômoda e tentadora que se nos afigurasse. Sabíamos do valor das águas de São Pedro e antevíamos o seu futuro prestígio como poderosos agentes terapêuticos. Não era possível enquadrá-las dentro de uma solução simplista, ditada unicamente pelo comodismo ou pela desconfiança. Batemo-nos, pois, por uma solução mais ampla, condizente com o valor da fontes, com o nosso progresso e a nossa civilização. Urbanizar o local das nascentes era a tese verdadeira; triunfante ela, cuidamos de pô-la em execução. Estávamos em 1.936”¹⁷.

Para o empreendimento, Octavio Moura Andrade opta por uma cidade onde devem prevalecer as funções terapêuticas: “Sempre entendemos que uma estância hidro-mineral,

¹⁵ A fonte foi fornecida por Antonio F. de Moura Andrade e trata-se de transcrição de minuta datilografada e corrigida de próprio punho por Dr. Octavio Moura Andrade, provavelmente redigida por volta de 1.941, não completada nem integralmente corrigida, nos dá sua visão de São Pedro entre os anos de 1.934 e 1.940 e os primeiros trabalhos e estudos para a construção de Águas de São Pedro. Este trabalho, encontrado em seu arquivo particular, nunca foi publicado.

¹⁶ Andrade, Antonio F. Moura, Op. Cit..

¹⁷ Andrade, Antonio F. Moura, Op. Cit.

verdadeira estação de cura e repouso, deve fugir de tudo quanto lembra a cidade grande, no que diz respeito à vida agitada e cansativa, seus ruídos particulares e sua poeira malfazeja. Deve oferecer, por outro lado, todo o conforto da mesma cidade. Obtém, assim, o acqvista os resultados do repouso completo, sem sentir muito acentuado o sacrifício de se privar do bem estar a que por ventura esteja habituado em sua própria casa¹⁸.

Decidida a questão, Octavio Moura Andrade dedica-se a buscar um profissional que, munido das melhores qualidades na execução de projetos urbanos, pudesse elaborar um projeto que primasse pela qualidade. A escolha recaiu sobre um dos profissionais mais ativos na elaboração de loteamentos na capital paulistana: o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira, que foi um dos primeiros visitantes das glebas. A visita inicial ao sítio visava efetuar os primeiros estudos e levantamentos para a implantação da cidade nova. Na seqüência o engenheiro passaria dois anos no local, fazendo o levantamento topográfico. Antonio F. Moura Andrade, filho de Octavio Moura Andrade, assim relata a escolha do profissional: *“Assim sendo, a primeira dificuldade com relação à urbanização de Águas de São Pedro foi a de achar um engenheiro que, prevendo as necessidades e condições de vida das gerações futuras se encarregasse de projeta-las de modo a hamonizá-las ao uso das águas minerais, à topografia, ao solo, ao clima, etc. Nesse aspecto devemos render merecida homenagem à saudosa figura do Eng. Jorge de Macedo Vieira, urbanista, que veio a São Pedro e durante quase dois anos fez o levantamento em curvas de nível, metro a metro, de uma área de aproximadamente quatro milhões de metros quadrados para então projetar a Estância.^{19”}*

Octávio de Moura Andrade, em manuscritos de 1941, justifica a escolha do profissional: *“Dentre os urbanistas patricios de maior nomeada escolhemos o Dr. Jorge de Macedo Vieira, moço de extraordinária competência e invulgar modéstia, a quem confiamos a tarefa de projetar a futura estância de Águas de São Pedro”.²⁰* O Empreendedor comenta, em seu manuscrito, sobre o trabalho de campo realizado por Jorge de Macedo Vieira: *“Discutido o assunto, assentadas as bases e o programa de ação, em . . . de instalava-se*

¹⁸ Ibidem, 1941

¹⁹ Entrevista concedida por Antonio F. De Moura Andrade, em 16/05/2003, ao autor do presente estudo. Registrado e guardado em fitas de mini-cassete.

²⁰ Andrade, Antonio F. Moura em transcrição de minuta datilografada e corrigida de próprio punho por Dr. Octavio Moura Andrade, provavelmente redigida por volta de 1.941, não completada nem integralmente corrigida, nos dá sua visão de São Pedro entre os anos de 1.934 e 1.940 e os primeiros trabalhos e estudos para a construção de Águas de São Pedro. Este trabalho se encontra no acervo particular da Família Octavio Moura Andrade e nunca foi publicado.

aquele ilustre engenheiro no ex-sítio do Franzin, com mais três companheiros e uma turma de auxiliares de campo, dando início logo a seguir aos trabalhos topográficos de levantamento altiplanimétrico da bacia do Bebedouro. Durante dois longos anos ali trabalharam com afinco, residindo em modesta casa de colono construída ao lado do balneário. Foi então levantada em curvas de nível de metro em metro, a respeitável área de metros quadrados, trabalho básico para o estudo da localização da sede da Estância e da pequena cidade, logo a seguir projetada²¹. Para o início dos trabalhos da cidade nova seria necessária a compra de um maior número de glebas no entorno, de modo a assegurar a propriedade das outras duas fontes medicinais. Após a incorporação, empreendeu-se a análise aprofundada das qualidades dessas outras águas. O material colhido foi enviado pela empresa para técnicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas -IPT, com sede em São Paulo, para posterior análise. Os resultados das análises foram surpreendentes e, para maior credibilidade e oficialização dos resultados, foi necessária a implantação de um laboratório "in loco", deslocando de técnicos e equipamentos sob a chefia do professor Dr. Francisco J. Maffei, Diretor do Departamento de Química do Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT²², cujos resultados foram publicados no boletim de nº 26, de Setembro de 1940, quatro anos após os primeiros estudos. A profundidade dos métodos reservados à análise das águas elevou os estudos ao grau de o mais completo realizada com relação às águas medicinais no Brasil, até hoje.

A essa altura, um profissional se incorpora aos trabalhos já iniciados por Jorge de Macedo Vieira, trazendo contribuição ímpar no que tange a articulação das funções medicinais de uma cidade terapêutica: o Professor Dr. João Aguiar Pupo, então diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo –USP, é procurado por Octavio de Moura Andrade. De posse dos primeiros resultados da análise das águas, Aguiar Pupo se interessou pela idéia da criação de uma estância, e entendendo que haveria de ser bem sucedida a criação de uma cidade nova dedicada à atividade terapêutica, passou a ser consultor da nova empresa, supervisionando o setor médico e elaborando um extenso trabalho que as aplicações das águas no tratamento da saúde e a forma de utilizá-las.

Jorge de Macedo Vieira, ainda na fase do levantamento altimétrico, e João Aguiar Pupo empreendem delongadas discussões sobre as necessidades e funções da cidade nova.

²¹ Idem Andrade, Antonio F. Moura em transcrição de minuta datilografada e corrigida de próprio punho por Dr. Octavio Moura Andrade, Op. Cit. 1941.

²² À essa época o Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, situava-se junto à Escola Politécnica de São Paulo.

Os estudos visavam compreender a dinâmica de uma cidade termal, do ponto de vista da saúde. Antonio Falcão de Andrade relata que *“Dedicou-se o Dr. Jorge de Macedo Vieira a estudar as necessidades dos futuros moradores e frequentadores de Águas de São Pedro, especialmente crianças, jovens, aposentados, turistas e curistas, dedicando incontáveis horas junto com o Prof. João de Aguiar Pupo, assessor médico contratado por Dr. Octavio Moura Andrade, a detalhar as necessidades específicas dos doentes, seus acompanhantes, das formas de tratamentos hidroterápicos, das necessidades do homem quando em repouso e em vilegiatura”*. Depois de mais de quatro anos de estudos, iniciados em 1.935, o projeto fica pronto e em 1.940 é registrado no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro, sob nº. 1, já de acordo com as exigências do Decreto Lei 58/39. Quanto ao projeto urbanístico, elaborado pelo Dr. Jorge de Macedo Vieira, dividiria a cidade a ser construída em duas áreas distintas: o “parque” e a “área loteada”²³.

Uma Estância ou uma “Cidade-Saúde” deve possuir características próprias diferentes das cidades pioneiras de colonização, pois além da atração de residentes fixos, de trabalhadores e de visitantes, as águas medicinais poderiam proporcionar um novo fluxo de demanda à futura estância: a de pessoas convalidas, que viajavam à Europa para tratamento hidroterápico. Tal característica fez da questão sanitária um dos pontos chaves para o empreendimento. O projeto da nova cidade prossegue e a necessidade de criar um espaço planejado segundo as modernas tendências da engenharia sanitária faz a empresa buscar o que se tinha como o melhor no planejamento sanitário brasileiro. Ao final de 1938 e início de 1939, a *“Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”* entra em contato com o Escritório Saturnino de Brito - ESB, do Rio de Janeiro²⁴. Havia a necessidade do cuidado com a harmoniosa articulação de sua apropriação, buscando encaixar na execução profissionais de comprovada relevância no urbanismo brasileiro. O ESB, tendo à frente Francisco Saturnino

²³ Andrade. Antonio f. Moura. Op.Cit. 16/05/2003.

²⁴ Francisco Saturnino Rodrigues de Brito²⁴ (1864-1927), – o pai – formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1887 – alinhou-se aos princípios sanitários que Luis Pasteur apregoava pela Europa em finais do século XIX. A partir da nova visão da importância da questão da sanitização dos aglomerados urbanos, produziu os melhores trabalhos integrais promovidos em cidades brasileiras. Projetos como Novo Arrabalde, para Vitória em 1896 e para Santos (entre 1898 e 1910), são exemplos da atuação desse profissional que interviu em vários estados como Minas Gerais, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e outros. Em 1920 funda o ESB - Escritório Técnico Saturnino de Brito, com sede na cidade do Rio de Janeiro, Capital Federal, no então, Estado da Guanabara. Após sua morte os trabalhos do escritório foram conduzidas pelo filho Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho (1899-1977). A trajetória de Francisco Saturnino Rodrigues de Brito (pai) foi suficientemente estudada na obra de autoria do Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade(EESC/USP), por ocasião da defesa de sua dissertação de Mestrado, em 1992. O trabalho é intitulado *“A Peste e o Plano – O urbanismo sanitário do Engº Saturnino de Brito”*, apresentado à FAU/USP no mesmo ano. Existem exemplares nas bibliotecas da própria FAU/USP, na Escola de Engenharia de São Carlos – EESC/USP e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - FAU-PUCCAMP.

Rodrigues Filho, realizou estudos e dirigiu os trabalhos de saneamento num raio de três mil metros, partindo-se do Grande Hotel São Pedro, principal ponto de irradiação das atividades sociais da futura cidade. A empresa *Águas Sulfúricas e Thermaes de São Pedro* caracterizou-se por um planejamento urbano de médio e longo prazo, moldada em dotar todo o sítio de infraestrutura básica - canalização das águas e dos esgotos, além da captação e condução das águas termais, desde suas fontes, antes de iniciarem-se os trabalhos de parcelamento das glebas e loteamento das áreas.

Em paralelo, as diretrizes sobre a implantação da nova cidade eram traçadas e colocadas à público, conforme notícia do *Caldas de São Pedro*, em sua edição de nº 32, sob o título de " *Directores das Thermas*" onde informava que " *Passaram o dia de Domingo, 18 do corrente, nesta cidade, os directores proprietários da Empreza das Águas, Srs. Antonio M. Andrade e Dr. Octavio Andrade que, conjuntamente com Sr. Carlos Mauro, gerente da mesma, tomaram importantes deliberações e outras providencias acerca do programma que deverá ser desenvolvido para prover a nossa estancia dos indispensáveis melhoramentos capazes de collocar a á altura de prestar as necessárias garantias de conforto aos que aqui accorrem em busca de saúde. Tratou-se nessa reunião das construcções de um grande hotel e de um hangar junto ao campo de aviação, cujas plantas estão sendo já submettidas a estudos para a sua mais rápida aprovação e execução. Ficou nessa reunião definitivamente marcado o local onde deverá ser erigido o hotel, bem assim estipularam-se as clausulas para a doação dos terrenos ás Irmãs de S. José, para a cosntrução do collegio, próximo á nossa Santa Casa.*"²⁵ Nesse sentido a empresa divulga as ações necessárias não só à nova cidade, como também exercia e fazia pública a atividades desempenhadas na própria cidade-sede de São Pedro. Notícias sobre a melhora das condições de acesso não só à nova estância, como também a São Pedro, eram relatadas de modo a deixar claro a atuação da empresa no que tange às necessidades desses melhoramentos gerais.

Alicerçadas as bases de operação local, a Empresa seguiu para o próximo passo: articular a campanha do lançamento da Estância nos níveis estadual e nacional. Já nos números iniciais, o jornal *Caldas de São Pedro*²⁶ trazia relato do médico Benedicto Brigadão, sobre a necessidade de dotar o Estado de São Paulo de uma Estância, se não nos moldes, superior a Poços de Caldas, com perfeita urbanização. Ressalte-se que a necessidade de prover o novo

²⁵ Ver no Jornal *Caldas de São Pedro*, edição de nº 32 de 25 de abril de 1937, p.6.

²⁶ Ver no Jornal *Caldas de São Pedro*, edição de nº 04, de 08 de Março de 1926., p. 01

destino com fluxo de capital já em sua fase inicial, fez prever a exploração dos jogos através da possível instalação dos hotéis-cassino, via arrendamento. O lançamento do projeto da nova estância foi publicada no jornal paulistano "*A Gazeta*" no ano de 1937, chamando a atenção das autoridades estaduais em especial, do governador Armando de Salles Oliveira, que buscava novas formas de prover seus cofres – um tanto abalado pelas crises - com capital adicional via taxas de cobrança pela exploração dos jogos²⁷.

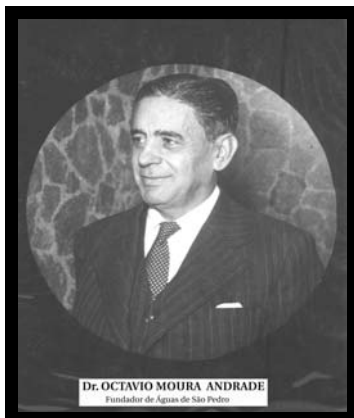
A área da empresa, inicialmente chamada de *Thermas de São Pedro* passam a se denominar Caldas de São Pedro, unindo o nome do jornal com a futura estância. De modo rápido, a *Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*, se estruturava para empreender a obra.. Foram implantadas as bases da indústria da construção civil: serraria, olaria, fabrica de ladrilhos e carpintaria que serviriam como fornecedores de insumos a nova cidade. O aeroporto foi criado e foram melhorados os acessos por São Pedro²⁸. Em 06 de fevereiro de 1938, em meio a grande festa, foi lançada a pedra fundamental do "Grande Hotel São Pedro", já na área prevista para a nova cidade. O Jornal Caldas de São Pedro, nº 51, de 28 de janeiro de 1938, traz em anúncio de capa o lançamento do hotel e informa que serão também inaugurados nesse dia o novo campo de aviação "*hangar e demais instalações, com visita de uma esquadrilha, da Escola de Aviação de Santos e aparelhos particulares.*"

²⁷ De grande repercussão foi o artigo publicado originalmente no jornal "*Gazeta profissional*" da capital paulistana e reproduzido na página dois do Caldas de São Pedro, edição de nº 36 de 20 de junho de 1937, ano II, onde os jornalistas, Dr. Castro Lagreca e Fabio G. Barbosa expõem, podemos dizer, de forma um pouco ufanista, reportagem sobre as qualidades do lugar. O artigo se inicia descrevendo as águas medicinais: "*Portugal e França, que são os dois mais ricos pazes do mundo em águas mineraes, não possuem thermaes tão preciosas como a de São Pedro... Quem conhece as águas Santas de Portugal, Absac na França, Acircale na Itália, Aix-La-Chapelle na Prússia, Buyerres de Nava na Hespanha, Coiners nos Estados Unidos, Fez em Marrocos, Garriga na Syria, Hamma (el) Tunísia, Aypati na Grécia, Laja na Republica Argentina, observará que os principios dominantes das thermas de São Pedro, quer pela temperatura, mineralisação, propriedades chimicas são grandemente vantajosas e não encontram simile*" Em seguida, são descritas as formas de acesso ao município de São Pedro e as facilidade de deslocamento até as Thermas. Nesse ponto, chamamos a tenção, percebe-se que algumas benfeitorias já haviam sido executadas pela Empresa: "*O prédio installado para os banhos, está dotado de todos os requisitos indispensáveis, com conforto, hygiene e commodidades. Possui vasto salão de espera, cabines para toilettes, bar, café, e conta com trinta e cinco óptimos banheiros. O estabelecimento possui corpo médico e enfermeiros especializados. Fichário completo dos enfermos.....*" O artigo é finalizado com a divulgação das novas águas: "*Além das águas sulfídricas já descritas, existem mais duas fontes de águas maravilhosas, de grande valor therapeutico, dotadas de um sabor agradável, de facilíma digestão, encontrando prompta applicação nos distúrbios do aparelho digestivo; a primeira; a "Água Gioconda" e a segunda "Almeida Salles", águas que têm operado as mais esplendidas curas. São assim os valores das thermas de São Pedro, as mais prodigiosas do mundo,*"²⁷

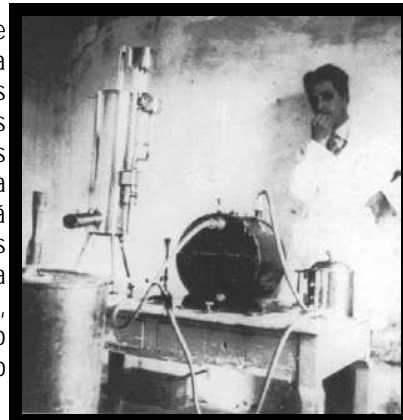
²⁸ Todas as edições de 1938 em diante, do Jornal Caldas de São Pedro, foram enumerando as melhorias da estância.

Figura 3.2. A chegada da “ Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”

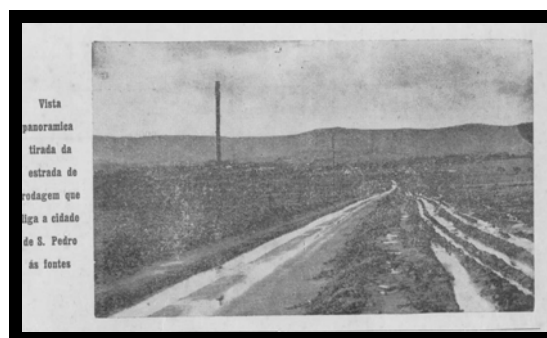
Abaixo, à esquerda, Octavio Moura Andrade, diretor presidente da empresa “ Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”, que desde a criação tinha como objetivo a criação de uma estância hidromineral modelar, na região ainda pertencente ao município de São Pedro . à direita análise das águas empreendida pelo Prof. Francisco J. Maffei, do IPT, em 1936.



Abaixo, á direita, foto de 1938 que nos mostra o acesso á futura cidade balneária. As necessidades de obras de melhoramentos compreenderiam também as vias que ligavam a área destinada à futura cidade balneária à já existente cidade de São Pedro. As glebas destinadas à cidade nova tratavam-se de áreas particulares, onde o arruamento e o processo de urbanização estariam ao encargo da empresa.



Abaixo, à esquerda, Médicos e autoridades examinam as águas sulfurosas, 1936, em companhia de Octávio Moura Andrade, último à direita. Observe-se ao fundo a vegetação degradada, oriunda da exploração da monocultura do café nas décadas de 1900 a 1930. à direita, Secretários estaduais da Saúde e Educação, juntamente com Octavio Moura Andrade (terno branco – centro) e Carlos Mauro (ao lado de Moura Andrade, á direita), examinam as águas sulfurosas.



Fontes: Fotos de Octávio Moura Andrade; Francisco Maffei e Técnicos analisando as águas sulfurosas: Acervo Família Octavio Moura Andrade. Acesso a São Pedro Caldas de São Pedro, nº 29, ano II, p. 03; Octavio Moura Andrad; Carlos Mauro e Secretários Estaduais: Caldas de São Pedro, nº 29, ano II, p. 02

3.1.3 A contribuição de Luiz Carmelino: do Grande Hotel São Pedro aos pensamentos sobre uma cidade termal

Uma das primeiras partes do empreendimento consistia no estabelecimento de uma estrutura hoteleira, voltada à hospedagem dos visitantes. Assim as primeiras edificações para fins hoteleiros seriam: a construção de um hotel de luxo para acolher a demanda da classe média alta/alta (Grande Hotel São Pedro, 1940), outro hotel para classe média (Hotel Avenida, 1942), e uma pensão de construção menos requintada (Pensão Santo Antonio, 1941) para acolher pessoas da classe média baixa. O crescente fluxo, no entanto, demandava a criação rápida de toda uma infra estrutura urbana, além da instalação de residências para moradores e pequenos comércios. Há época, residia em São Pedro, o engenheiro civil Luiz Carmelino, que vira a participar da implantação da cidade nova na forma de um projeto para o Grande Hotel São Pedro, primeira edificação a receber turistas e projetada para ser inaugurada em conjunto com a fundação da cidade. O projeto do hotel de luxo, o Grande Hotel São Pedro, sob a responsabilidade de Carmelino, segue as tendências modernas na construção de hotéis da época. Carmelino, também formado na Escola Politécnica de São Paulo, matem contato com Macedo Vieira, por ocasião dos dois anos que Macedo Vieira fixou residência no local para efetuar o levantamento das curvas de nível do terreno. Carmelino torna-se um discípulo das idéias de Macedo Vieira.

A construção do Grande Hotel enfrentou alguns problemas (períodos de chuva, mão de obra não qualificada), mas a parte árdua foi o término da construção, pois em 1939, com a Europa entrando em guerra, racionaram-se os estoques de gasolina, desapareceram praticamente do mercado peças e tratores, caminhões e máquinas em geral. E o hotel, com sua estrutura pronta, estava à espera do acabamento, quer interno, em sua decoração, quer externo, no ajardinamento do parque que o circundaria. As obras continuaram a duras penas a custa do gasogênio e das carroças puxadas por animais. O projeto do parque florestal, no qual se inseria o Grande Hotel São Pedro, demandava a instalação elétrica subterrânea, a fim de que a arborização prevista, pudesse se desenvolver sem problemas. Previa-se também a construção do *Palace Hotel* que deveria ser o maior e mais sofisticado empreendimento hoteleiro da

estância e do país, com previsão de 450 UH²⁹ de alto luxo. O projeto desse hotel não chegou a ser implantado.

Carmelino também escreveu artigos para o Jornal Caldas de São Pedro, de propriedade da empresa *Águas Sulfidricas e Thermaes de São Pedro*, onde discorria e dava sugestões sobre o que deveria ser uma cidade voltada para a atividade termal. Na leitura dos artigos de Carmelino, reconhecemos a influência de Jorge de Macedo Vieira. Em 26 de setembro de 1937, Luiz Carmelino publica um artigo no jornal *Caldas de São Pedro* denominado " *Como um arquiteto e urbanista deve orientar um programa para a organização de um projeto de uma cidade de águas e estância de repouso*" . Segundo Rodrigues (1985), Luiz Carmelino " *Ressalta a necessidade de estudos de base como o levantamento da capacidade dos mananciais para o abastecimento de água, assim como a sua proteção, como a preservação da mata natural, aconselhando tratar-se desapropriação da área...*"³⁰. Quanto ao traçado da futura cidade, Carmelino relata " *a necessidade de se adequar o traçado urbano à topografia*", mostrando uma concepção arrojada para a época. Enfatiza a necessidade de se reservar 10% da área total para parques e jardins³¹ que teriam a função de "pulmões" da nova cidade, já que o uso anterior das terras, até o início da década de 1930, acabou por degradar o solo, devastando as áreas verdes e ocasionado processos erosivos por todo o sítio. Para o zoneamento da cidade Carmelino propunha compartimentar as funções urbanas, segundo quatro zonas de uso:

- 1) **Zona residencial:** destinada a trabalhadores e segundas residências;
- 2) **Zona cívica:** destinada aos órgãos públicos;
- 3) **Zona industrial:** destinada a indústrias não poluidoras e;
- 4) **Zona agrícola:** para abastecimento hortifrutigranjeiro á estância termal.

²⁹ O termo técnico UH é empregado, aqui, no sentido de determinar o apartamento, segundo os padrões da hotelaria e não como na arquitetura, para referenciar uma residência. A EMBRATUR – Instituto Brasileiro do Turismo, em seus artigos 7º e 8, da Deliberação Normativa nº 387, de 28/01/98, no Regulamento para Meios de Hospedagem - RMH, define UH como " *espaço destinado à utilização do hóspede, para seu bem-estar, higiene e repouso*" .

³⁰ Rodrigues, Adyr B., . *Águas de São Pedro – estância paulista. Uma contribuição à geografia de recreação*. SãoPaulo: FFLCH-USP, 1985 – tese de doutoramento, p. 122.

³¹ Idem, p. 122. Na realidade, o percentual reservado a conter as áreas verdes foi muito acima dos dez por cento, recomendados por Carmelino. Na primeira planta para o Loteamento Estância (1940) Jorge de Macedo Vieira reserva sessenta por cento da área total ao verde, como veremos à frente.

Carmelingo discorre, também, sobre as adequações necessárias às funções da cidade. Segundo Rodrigues (1985), *“posteriormente publica no mesmo jornal (ano 3, nº 51, 26/01/38), o programa específico para a Estância de Águas de São Pedro, a pedido da Cia. Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro, que “pretende construir uma ‘Vila Balneária’ nos terrenos onde surgiu a maravilhosa água sulfídrica ‘ Fonte Juventude’ desejando para esse fim fazer um arruamento moderníssimo, seguindo rigorosamente os mais modernos princípios de urbanismo” . Dá especial destaque ao Parque das Águas, que deveria ser construído em frente ao Grande Hotel, por ele projetado. O parque “terá um traçado absolutamente moderno, seguindo de perto a natureza do terreno, que é uma colina” Na sua concepção a zona residencial será reservada pra casas senhoriais separadas e rodeadas de jardins, “observando-se com todo o rigor os mais modernos princípios de urbanismo, podendo se conseguir destarte que os agentes fundamentais do saneamento, sol, luz, ar puro em movimento tenham fácil acesso direto nos compartimentos da parte posterior das habitações³²”*. No entanto, o ano de 1939 é marcado pela morte prematura de Engº Luiz Carmelingo, projetista do Grande Hotel São Pedro.

Na questão da macroeconomia regional podemos entender que, há essa época, a área onde seria edificada a futura cidade, não passava de um cenário desolado, ocasionado diretamente pela intervenção antrópica, inicialmente pela monocultura do café - o que lhe provocou processos erosivos - e depois pela pecuária extensiva, única atividade possível, devido à baixa produtividade das terras degradadas e excessivamente argilosas. A existência do novo balneário, com 35 banheiras saltava como única edificação no sítio. Os visitantes eram submetidos a constantes deslocamentos entre São Pedro, Rio Claro, Charqueada e Piracicaba para tomar os banhos seqüenciais que permitiriam a cura dos males. As vias de acesso eram precárias. Nesse ponto há que se entender que a intervenção da *Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro* trouxe uma nova dinâmica no âmbito das relações econômicas e sociais, contribuindo com fatos novos que viriam a marcar o histórico de ocupação do lugar.

Aos moldes das companhias de colonização, a *“Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”*, nasce sob a necessidade de estabelecimento de um processo de geração de riquezas através do fomento das atividades econômicas, tendo como base o desenvolvimento de novos sítios urbanos. A mão de obra lhe era barata, como afirma Rodrigues(1985), mas essa mesma mão de obra - oriunda dos imigrantes do entorno - não possuía qualquer qualificação; a região era carente de bons empregos, portanto o projeto de

³² Idem, p. 122/123

cidade nova – aos moldes do que ocorreria por ocasião da construção da cidade modernista de Brasília em finais dos anos de 1950 – proporcionaria oportunidade única aos trabalhadores que encontrariam, ali, uma forma de romper com a arcaica estrutura de atividade rural anterior. Não há que se negar a necessidade de uma viabilidade econômico financeira do projeto, pois, tratava-se de um empreendimento de cunho privado, mas no sentido geral, tal metodologia permitiu, antes, o estabelecimento de uma organização econômica nova e mais dinâmica, com o surgimento de empregos de melhor qualificação de mão de obra, que um uso abusivo do capital. Ofícios tais como pedreiros, marceneiros, carpinteiros, encanadores, mestres de obra, garçons, maitres, porteiros cozinheiros, recepcionistas de hotéis, etc. mostraram-se superiores aos exercidos até então. Ao ler-se o próprio Estatuto de criação da empresa, entende-se se propunha a exploração comercial e industrial das águas sulfurosas; parcelamento do solo, transformando as glebas em loteamentos para fins de comercialização, organizar os transportes como qualquer outra empresa, e, também, de construir balneários, hotéis³³ e restaurantes, se reservando a explorá-los de forma direta ou não ³⁴. O local era preparado para a implantação de um projeto inédito, no que tange ao aproveitamento hidroterapêutico - nos moldes de Bath, Inglaterra - e turístico, de uma cidade inteira. As terras se localizavam na região central do Estado de São Paulo, eqüidistante de várias cidades pólos regionais. Com os paulistanos buscando novas alternativas de viagem e de tratamento, devido o momento político conturbado passado pela Europa, era inequívoca a potencialidade de desenvolvimento de um empreendimento voltado ao atendimento dessa demanda.

As diretrizes comerciais se mostrava pavimentadas para a *“Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro”*: i) adequação do local para o recebimento de turistas, através do provimento de infra-estrutura hoteleira; ii) uso comercial dos banhos sulfurosos; iii) uso industrial das águas através do estabelecimento de um engarrafamento de bebidas; iv) exploração do aluguel de espaços para empresas interessadas nos jogos de cassino; v) parcelamento das glebas e da comercialização dos lotes assim que se inicia-se a urbanização; vii) otimização do uso das atividades comerciais correlatas, tais como comércio de *souvenirs*, restaurantes, entretenimento e transporte; viii) fomento às atividades econômicas desenvolvidas por pequenos

³³ Ressalte-se, no entanto, que a empresa *Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro* não explorou diretamente os jogos de azar. Essa atividade foi executada por terceiros. À *Águas Sulfídricas*.... coube o arrendamento do local

³⁴ Consultar o Estatuto da Criação da Empresa *Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*, no Diário Oficial, nº 239, de 16/10/1935.

comerciantes, na busca de estabelecimento de um mercado interno ativo e na fixação de residentes a médio e longo prazos.³⁵

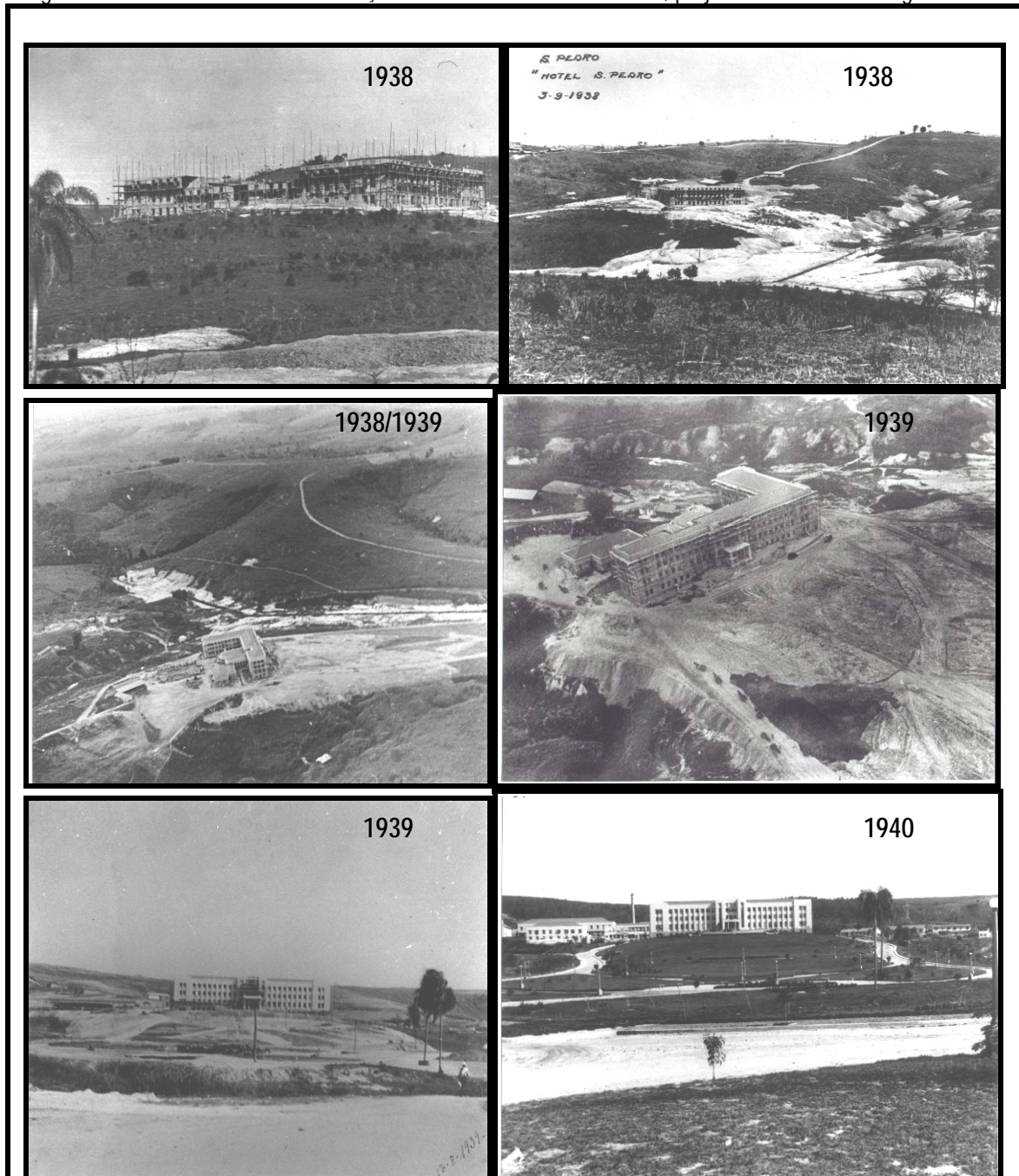
A partindo do sítio inexplorado, revelava-se a oportunidade única de trabalho integrado entre Macedo Vieira, João Aguir Pupo e o ESB, e a partir da obra resultante, demarcavam-se as características da engenharia urbana da estância hidromineral:

- a) predominância modelo *"garden city"*, para a área de parques, no desenho sinuoso das ruas e na generosidade dos lotes;
- b) dotação de infra-estrutura básica segundo os mais modernos preceitos da escola sanitarista, que teve em Saturnino de Brito, seu maior expoente;
- c) forte sentido de *zoning*, onde, de modo simplificado, o circular, trabalhar, residir, descansar, recuperar e entreter teriam reservados seus espaços.

As influências no que tange à adoção de modelos e de soluções de forma híbrida, serão objetos de estudo a partir do próximo item.

³⁵ A título de ilustração, um ano antes, em 1937, os Irmãos Moura Andrade, Octavio e Antonio Joaquim - num programa de desenvolvimento de novas de fronteiras e da expansão do capital através do estabelecimento de núcleos urbanos, fundaram a cidade de Andradina, na região Noroeste do Estado de São Paulo, no rumo do Mato Grosso. Embora os irmãos participassem dos processos de urbanização nos dois locais, os negócios relativos à Andradina, foram conduzidos pelo Sr. Antonio Joaquim Moura Andrade; ficando Águas de São Pedro, ao encargo de Octavio Moura Andrade. Para promover o desenvolvimento e a exploração das águas recém descobertas de forma economicamente rentável, os empresários conceberam e projetaram uma cidade voltada para fins hidroterapêuticos e residenciais: um "balneário-cidade". Se desenhava Águas de São Pedro, que deveria ser uma Estância Hidromineral, funcional e agradável, na forma de uma cidade totalmente planejada, com o objetivo de atender os que necessitavam de tratamento de saúde e turistas em busca de descanso e diversão em seus futuros cassinos.

Figura 3.3. As várias fases da edificação do Grande Hotel São Pedro, projeto de Luiz Carmelino



O Grande Hotel São Pedro teria a função de irradiador de atividade social na cidade nova. A partir dessa obra, executada antes do arruamento e da canalização do vale principal, iniciaram-se os trabalhos de urbanização da Estância Hidromineral. Na foto de 1940, nota-se a constituição do parque frontal ao Grande Hotel São Pedro, onde a rede elétrica subterrânea foi adotada com o intuito de não impedir o crescimento das diversas espécies arbóreas a serem plantadas em todo o parque.

Fonte: Acervo Família Octavio Moura Andrade/Acervo documental do autor

3.2. Estância modelar: no projeto de Águas de São Pedro um mosaico de traduções, incorporações e transferências de idéias

Em 1938, Jorge de Macedo Vieira finaliza os estudos de levantamento topográfico e inicia o projeto das quadras, arruamentos e parques. Organiza o espaço e o desenho urbano se delinea: traçado orgânico, ruas ajardinadas, lotes generosos, grandes áreas para o verde, tanto nos espaços públicos quanto nas áreas residenciais. Águas de São Pedro está encravada em um vale, e o veio de trânsito principal se constitui nas avenidas que correm ao longo do córrego que nasce no fundo do vale, na cota de 475m, e segue até o ribeirão Araquá, a 458 m. As encostas do vale, dos 450 aos 500 m são destinadas ao loteamento residencial. Na realidade, tratam-se de duas áreas de encostas cujo centro, na forma radioconcêntrica, partem as avenidas adjacentes, rumo aos variados bairros.

3.2.1. Os projetos de Macedo Vieira para a cidade balneária de Águas de São Pedro

A primeira planta da cidade é registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro em 28 de Abril de 1940, sob o nº 01 e mostra a articulação dos trabalhos desenvolvidos pelos profissionais contratados por Octavio Moura Andrade: Dr. João Aguiar Pupo, Escritório Saturnino de Brito e Engº Jorge de Macedo Vieira. Uma das primeiras atitudes tomadas, visando manter a cidade com aspecto turístico e de repouso, foi a determinação, por parte de Octavio Moura Andrade, da proibição da instalação na cidade de indústrias e estabelecimentos de serviços pesados.

Para a localidade previam-se apenas pequenos estabelecimentos comerciais e de serviços - hotéis, restaurantes, farmácias, pequenas lojas de artesanato e de comércio, atividades necessárias para movimentar o turismo na estância em seu funcionamento cotidiano. Os demais serviços seriam prestados pela cidade de São Pedro.

Registrado o loteamento, denominado "Estância", os trabalhos de implantação de quadras, arruamentos, parques e praças tiveram início. Octavio Moura Andrade, em carta manuscrita, reorganizada *a posteriori, pelo seu filho*, Antonio F. de Moura Andrade, relata tal feito: "A enorme área de aproximadamente dois milhões de metros quadrados dividiu-se, nesse estudo, em duas partes bem distintas: uma, destinada à sede da Estância propriamente dita, com mil metros quadrados; nela se formará um grande

parque florestal, com avenidas, ruas e caminhos de penetração, circundando a bacia natural existente e constituindo, só por si, um dos maiores atrativos e mais agradáveis passeios. Localizar-se-ão ali todos as peças essenciais ao estabelecimento da Estância: balneários, grandes hotéis, sanatórios, buvetes, piscina, tênis e outros esportes. A segunda parte, com mil metros quadrados, destinou-se à localização de uma cidadezinha-jardim, com abundância de espaços livres, largas avenidas e amplas ruas.....E assim, nem bem terminaram os trabalhos de escritório, iniciamos a locação das ruas e respectivas construção, nos distritos mais próximos ao “balneário popular”³⁶.

Por ocasião do registro de nº 01, todas as glebas destinadas à futura cidade nova eram pertencentes à *Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*. A cidade balneária foi dividida em duas áreas: i) Áreas de parques florestais: destinadas a conter o reflorestamentos, hotéis, colônias, passeios que permanecem sob propriedade total da empresa e; ii) Área do loteamento Estância: que deveria conter as zonas residenciais, comerciais e seriam repassados à propriedade de particulares assim que esses adquirissem seu lote.

Uma cidade com fins específicos, onde a paisagem funcionaria como um indutor ao descanso e ao ócio, estabelecendo um contraponto à cidade de tons frenéticos que se delineava na capital paulistana. O aproveitamento das características topográficas, ocasionara um sem número de vistas panorâmicas em todo o entorno do vale principal. Tais locais eram desocupados de edificações privadas e o arruamento concebido, seguindo as curvas de nível, permitiria a apreciação visual dos parques e do vale central, a partir de variados pontos situados nas cotas mais altas das duas colinas principais.

A concepção, inspirada na solução urbana denominada “*garden-city*”, não se fazia notar apenas no arruamento mas também no grande parque florestal oeste - onde foi construído o Grande Hotel São Pedro - que totaliza 982.000m² . Dessa área, de fundo do vale, o ajardinamento se estendia pelo canal central, até atingir, ao final desse vale, o local que se destinaria ao parque florestal leste, ao lado ocidental do Rio Araguá.

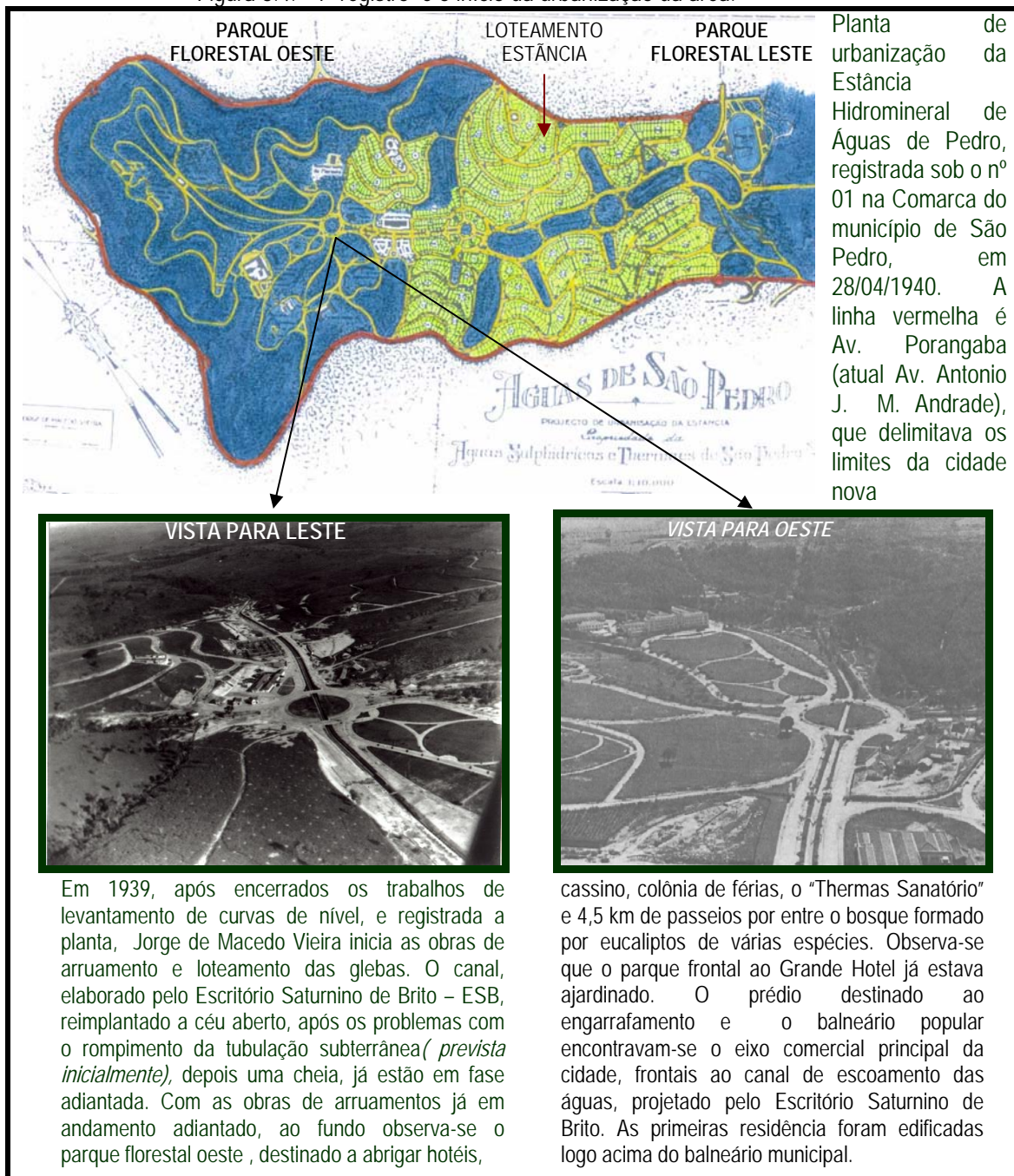
No que tange ao arruamento, as vias principais possuíam 14 metros de largura, se reservando 12 metros de largura às vias secundárias, estruturando a hierarquia das vias no

³⁶ Andrade, Antonio F. Moura Andrade, Op. Cit., 16/05/2003

tecido urbano. No que tange ao desenho nota-se a opção pelo pinturesco, resultado da cultura dominante tanto em Macedo Vieira, quanto nos trabalhos do Escritório Saturnino de Brito.

Recuando no tempo, lembramos que a tradução de Camillo Sitte, efetuada por Camille Martin, *L'Art de Bâtir les Villes – Notes et réflexions d'un architecte*, na qual o próprio Martin inseriu o capítulo *Ruas*, foi objeto de análise por Saturnino de Brito que as utilizou em *Le Tracé Sanitaire des Villes* (Andrade, 1998: 288). Tanto os artigos de Saturnino de Brito quanto a reedição da tradução de Martin também foram encontradas na biblioteca pessoal de Jorge de Macedo Vieira ((Kawai, 2000). Constando-se tais antecedentes, torna-se claro que para o projeto elaborado para Águas de São Pedro, tal opção se viabilizaria, dado a que as condições morfológicas do solo também contribuiriam para a adoção dessa opção de arruamento.

Figura 3.4. - 1º registro e o início da urbanização da área.



Fonte: Acervo Família Octavio Moura Andrade

A Avenida Porangaba delimitava as bordas do loteamento e contornava noventa por cento dos limites da Estância Hidromineral. Até 1948, data da emancipação do município, as áreas compostas pelas ruas, alamedas, avenidas, praças e áreas livres pertenciam à municipalidade de São Pedro, sede de comarca. Sendo assim, as atitudes urbanas eram regulamentadas pelo poder público de São Pedro. Antonio Falcão de Andrade comenta que *"Para que o Grande Hotel pudesse ser operado, pudesse ser inaugurado e fazer publicidade e captar hóspedes e usuários de suas águas e ficando nesse local que, hoje, é Águas de São Pedro, foi necessário que o governo reconhecesse a existência desse agrupamento humano. O projeto foi registrado no dia 28 de março de 1940 e se constitui no primeiro registro de loteamento da Comarca de São Pedro, sob a regulamentação do Decreto Lei de nº 58 de 1937, lei federal que passou a disciplinar a criação de todos os loteamentos no Brasil. A comarca de São Pedro englobava os municípios de São Pedro e Santa Maria da Serra"*³⁷.

No primeiro registro, as quadras enumeravam-se de 01 a 43, o restante englobava extensa área verde. Basicamente foram concebidos dois parques florestais: um a leste e outro a oeste e eram separados pelo loteamento destinado a conter as áreas comerciais, residenciais, edifícios públicos e o engarrafamento das águas. O Parque de cabeceira do loteamento, a oeste, continha dimensões bem superiores ao do outro extremo e englobava as áreas originalmente destinadas aos hotéis tais como o Grande Hotel, o Palace Hotel e o Thermas Sanatório, além do balneário, se localizando próximo aos serviços públicos na região central.

Jorge Macedo Vieira reserva à área interna do parque florestal oeste, uma série de passeios, com 4 Km de extensão, destinados ao simples caminhar, prevendo com espaços para parada e descanso, onde o visitante poderia se dedicar ao ócio e à contemplação. Na sua entrada situavam-se quiosques que lhe ressaltavam as qualidades do pintoresco. Tais espaços foram concebidos segundo os ditames do tradicional parque público inglês.

³⁷ Depoimento concedido por Antonio F. de Moura Andrade em 16/03/2003.

Figura 3.5. Paisagens construídas em Águas de São Pedro, predominância do pintoresco.

Parque florestal situado a oeste do loteamento. Grande Hotel São Pedro ao fundo. Os quiosques construídos em madeira foram instalados em vários pontos do parque. Eram destinados ao descaso e à contemplação da natureza. Com o passar dos anos e o crescimento dos eucaliptos, acabou por surgir uma vegetação de características secundárias,



formadas, essencialmente, por plantas rasteiras e pequenos arbustos. O uso da madeira na confecção dos quiosques, aliado ao paisagismo ocasiona um cenário pintoresco e agradável aos olhos.



Foto atual do parque florestal oeste, denominado atualmente, Parque Dr. Octavio Moura Andrade, com cerca de um milhão de m². Apresenta boas condições de uso, sendo utilizado para passeios e atividades escolares (botânica). Abriga em seu interior o Grande Hotel São Pedro- Hotel escola SENAC e o Centro Universitário SENAC, *Campus* Águas de São Pedro

Fonte: Acervo Família Octavio Moura Andrade Fonteda foto:Secretaria de turismo Águas de São Pedro, foto: Sergio Osvaldo Rehder – Brascard Gráfica e fotolito, 2002.

Um outro destaque no desenho de Macedo Vieira diz respeito aos ajardinamentos no extremo das quadras. Como visto no capítulo II, tal solução foi empregada de forma exaustiva por Macedo Vieira, desde os primeiros loteamentos por ele executados, como Chácara da Mooca, Vila Maria, dentre outros. A influência de Richard Barry Parker é percebida de imediato.

O outro parque florestal localizar-se-ia ao final do loteamento, na sua face leste, à margem direita do rio Araquá, entre as quadras 25,27,28,30, 41 e 43. Tal parque abrigaria espaços para atividades físicas e esportivas e era destinado à frequência de visitantes e moradores. Previa, entre outros equipamentos, uma pista de atletismo e um estádio para a prática do futebol. Quando do início dos trabalhos, as obras de urbanização começaram na cabeceira (leste) sentido rio Araquá (leste). Seguindo esse esquema, e essa é uma suposição, o Parque Florestal a leste seria uma das últimas áreas a serem implantadas, fato não chegou a ocorrer. Quanto ao loteamento inicial de 43 quadras, foi totalmente implantado.

Antes do final das obras principais de urbanização, estive em visita ao local o, então Interventor do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros que, segundo o histórico oficial da cidade, "*ficou impressionado com o projeto levado a cabo pela empresa Águas Sulfídricas e Themas de São Pedro.*" Contando com o auxílio do interventor, a cidade foi oficialmente fundada em 25 de julho de 1940, em concomitância com o início do funcionamento do Grande Hotel São Pedro, sob administração de Octavio Moura Andrade e Gerência Geral de Oldrich Kocoureck, de origem tcheca e experiência em outros hotéis do Brasil. Na questão da legislação urbana, o decreto de nº 11.168, de 19 de junho de 1940 cria a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro em zona situada no município de São Pedro. Sob o governo do Interventor do Estado, Dr. Adhemar de Barros, através da Lei de nº 233, de 24 de Dezembro de 1948, a área que a *Empresa Águas Sulfídricas e Themas de São Pedro* havia destacado para a cidade nova foi transformada em município autônomo, desligando-se de São Pedro³⁸.

Postos os lotes à venda os lotes foram vendidos com rapidez, principalmente para os paulistanos. O ritmo seguiu conforme tabela 07.

³⁸ Em 02 de abril de 1949, a estância confirmou sua emancipação político administrativa, através da instalação da Câmara Municipal, tendo como Presidente Geraldo Azevedo, vice presidente Armando Brandini e como vereadores Antonio Chagas Machado, João Pereira de Carvalho Sobrinho, João Possato, Manoel Garcia, Lincoln Aguiar Ramos, Heitor Mariotti, Antonio Feijó, José Azevedo, João Luiz Antonelli, Raul Ribeiro da Costa e Antonio Francisco Felizzola. Em 19 de abril de 1949, Carlos Mauro é designado Prefeito Sanitário de Águas de São Pedro. As informações foram obtidas junto ao Acervo documental da Câmara Municipal dos Vereadores da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro.

Tabela 07. Histórico da venda de lotes entre 1940 e 1950

| ANO | VENDA DE LOTES |
|-------|----------------|
| 1940 | 114 unidades |
| 1941 | 56 unidades |
| 1942 | 16 unidades |
| 1942 | 13 unidades |
| 1943 | 28 unidades |
| 1944 | 22 unidades |
| 1945 | 33 unidades |
| 1946 | 10 unidades |
| 1947 | 2 unidades |
| 1948 | 4 unidades |
| 1949 | 1 unidade |
| 1950 | 1 unidade |
| TOTAL | 300 unidades |

Fonte: 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro

Os primeiros anos foram caracterizados pela venda expressiva dos lotes onde deveriam ser edificadas casas para moradia permanente ou para segunda residência. Para tais edificações foram criadas algumas regras, denominadas de “código de urbanismo”, pelo empreendedor. Visavam harmonizar o padrão da volumetria das casas nos terrenos. À frente trataremos especificamente desse “código”, que ocasionou um aspecto de jardim à toda a cidade.

A edificação das residências, no entanto, não seguiu o mesmo ritmo da venda dos lotes, com poucas casas edificadas até o final da década de 1940. A atuação imobiliária da *Empresa Águas Sulfídricas e Themaes de São Pedro*, se caracterizou por colocar todos os lotes disponíveis à venda de forma simultânea, deixando de optar em manter, para uma reserva especulativa, partes ou algumas quadras da cidade. A intenção era a de ocupar de forma mais rápida possível todos os espaços destinados às residências e aos pequenos comércios. A venda rápida seria necessária para suprir o capital investido na infra-estrutura geral da cidade, encarecida pois, para a colocação à venda da totalidade dos lotes, seria necessária a urbanização e o provimento de infra-estrutura básica em cem por cento do sítio urbano. A empresa atua aos moldes da Companhia City paulistana que, por ocasião da implantação e

lançamento dos “bairros-jardim” em São Paulo, ainda em da década de 1910, dotou todas as áreas com infra-estrutura e, da mesma forma, a venda de loteamentos com infra-estrutura era uma novidade em toda a região de Piracicaba.

Margarida Santin³⁹, moradora pioneira relata o crescimento dos anos iniciais “ *As primeiras cinco casas foram construídas em 1940, quando a empresa colocou a venda os lotes. Eles vendiam e faziam a construção. Antes disso apenas quem residida na cidade éramos nós, da área de governança do hotel, nos alojamentos, os garçons residiam no local ao lado do hotel – a Sangri-lá, e na Vila Califórnia moravam os cozinheiros. Tivemos nossa casa e outras eram do Sr. Mirsk – engenheiro do Hotel, Sr. Gustavo – fiscal do cassino, do Sr. Carlos Karrel, massagista. Os demais chefes moravam em apartamentos do hotel.*” As primeiras residências populares foram construídas para os trabalhadores “braçais”, em local denominado Vila Operária, e datam de 1942. Na realidade, a estância, em 1940, só abrigava os trabalhadores do Grande Hotel, hotel que possui uma história que se confunde com a criação da própria estância termal, mantendo um cassino desde sua inauguração, em 25 de julho de 1940, até 1946, quando o governo de Eurico Gaspar Dutra colocou os jogos de azar na ilegalidade. No relato de Sra. Margarida, os sentimentos do que significava a cidade, em termos urbanos. “ *As casa eram boas possuíam uma sala, uma cozinha, dois quartos e um banheiro interno. Havia água encanada, esgoto e luz elétrica, na região central as ligações eram todas subterrâneas, não haviam fios aéreos, era tudo subterrâneo, era muito moderno e até hoje chama a atenção...*”. Nesse ponto, o relato mostra a vanguarda urbana contida no projeto de Macedo Vieira.

As casas eram adquiridas em prestações mensais em vários anos , segundo Sra. Margarida “ *pagávamos uns vinte mil réis por mês e dávamos o 13º salário para os Moura Andrade, que iriam abatendo do valor das casas – eles entregavam a casa prontinhas, mas a iluminação não era embutida, quem queria isso tinha que pagar à parte, eles já tinham o modelo de casa que seguia a legislação local*” . Percebe-se o domínio exercido pelos empreendedores durante todo o processo imobiliário, traçando uma linha desde venda do terreno até a entrega final das residências, ocasionando também um certo padrão de residências moldadas ao projeto de Macedo Vieira.

³⁹ A Sra. Margarida Santin, nasceu no então distrito de Ipeúna, em 7 de março de 1919. Na juventude foi lavradora, vindo a se deslocar para a Fazenda Paraíso e, em seguida, para uma área rural localizada na chamada Invernada do Araquá, no entorno da futura Estância. Sra. Margarida, primogênita de família, ouviu comentários, à época, sobre a cidade que estava sendo construída e se deslocou até Águas de São Pedro, fugindo da saga rural da família. Com o passar dos anos, trouxe todos os irmãos para morar na cidade nova.

Na comercialização das áreas residenciais, A *Empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro* busca estabelecer as bases de um empreendimento viabilizado a longo prazo, abdicando de uma possível reserva lotes, prática, essa, comum nas empresas loteadoras. Acrescente-se a isso o fato de que, *embora haja a* proibição da construção de novos hotéis, não existe um monopólio da demanda aos hotéis já instalados, pois há liberdade e até incentivo à criação de pensões para pessoas de menor poder aquisitivo. Os hotéis deveriam ser locais aprazíveis, longe do ruídos incômodos típicos de regiões centrais, devendo se localizarem no interior do parque florestal principal (o parque Oeste).

No início da década de 1950, o Governo do Estado de São Paulo desapropriou, por escritura pública as fontes, o Grande Hotel, o parque florestal a oeste e algumas outras áreas pertencentes à Empresa *Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*. Segundo indicação de 1º de dezembro de 1977, enviada pelo vereador Waldemar Miranda à Câmara Municipal de Águas de São Pedro, onde consta a bibliografia do Sr. Carlos Mauro, *“Aos 19 de julho de 1951, foi convocado (Sr. Carlos Mauro) pelo então governador do Estado, Dr. Lucas Nogueira Barcez, que o nomeou para o cargo de Administrador do Patrimônio do Estado em Águas de São Pedro, cargo que exerceu no período de 1º de julho de 1951 a 30 de julho de 1955. Esse patrimônio, um dos maiores, consistente de hum milhão, trezentos e cinqüenta e três mil metros quadrados de terrenos, com os edifícios do Grande Hotel, Balneário Popular, prédio do Engarrafamento, Vila Sangri-lá, prédios residenciais e de empregados, piscinas, quadras de esportes, parque, bosque, jardins, as três fontes de águas minerais Sulfurosa, Almeida Salles, Gioconda, além de todas as benfeitorias, móveis utensílios, máquinas, equipamentos, acessórios e outros, foram desapropriados amigavelmente pelo governo do estado da empresa Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro S/A, por escritura pública de 14 de março de 1950.”*⁴⁰ Há época a estância estava processo de estagnação, que já se anunciara desde 1946 – ano da proibição dos jogos de cassino. Tal cenário pode ser divisado na queda repentina da venda dos lotes.

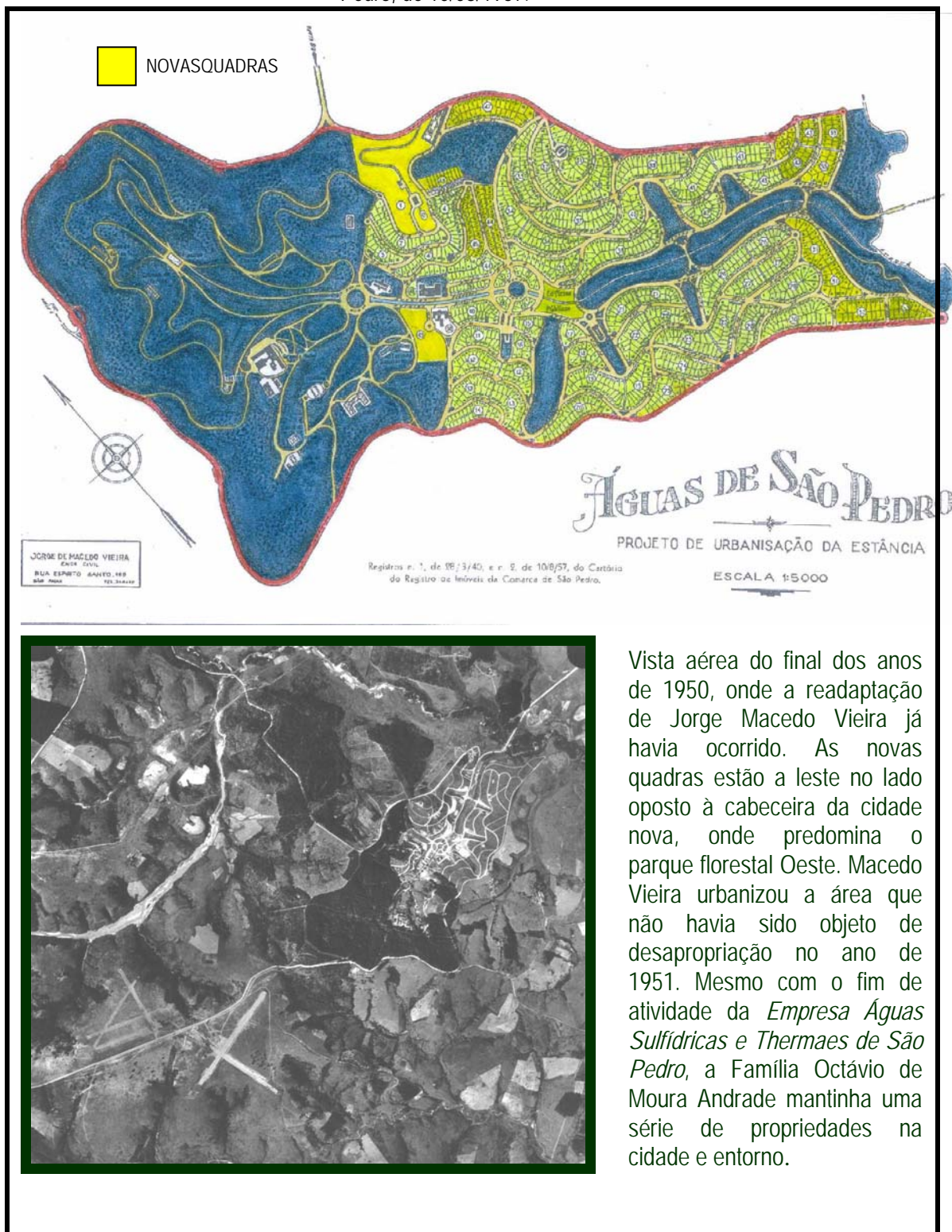
No entanto, Octavio Moura Andrade, ainda mantinha grande parcela das áreas da Estância Hidromineral, incluída toda a área que seria destinada ao Parque Florestal Leste. Em 1956, a pedido de Octavio Moura Andrade, Jorge de Macedo Vieira retorna a Águas de São Pedro para projetar novas quadras em área que não havia sido desapropriada e localizada, em

⁴⁰ Ver em indicação datada de 1º de dezembro de 1944, da Câmara Municipal de Águas de São Pedro, elaborada pelo então vereador Dr. Waldemar Miranda, enviada ao Exmo Sr. Dr. Paulo Egydio Martins, Governador do Estado, onde consta bibliografia do Sr. Carlos Mauro.

parte, na área inicialmente destinada ao parque florestal leste. Tal projeto resultou no Registro de nº 02 na Comarca de São Pedro, datado de 10 de agosto de 1957, onde novas quadras foram adicionadas: as de nº 44 a 55.

As novas quadras, de nºs 44 e 45, foram incorporadas perpendiculares ao eixo central da cidade. Passa a pertencer também à quadra 46, a Vila Operária, com residências unifamiliares de baixo custo e destinadas trabalhadores de menor renda. A quadra 47 foi criada no extremo nordeste do município, a quadra 48 contém um só lote e situava-se ao lado do engarrafamento das águas na área central. A quadra 49 contém um lote, que abrigaria futuramente o Hotel Jerubiaçaba. A quadra 50, também composta de um lote, abrigava desde 08 de dezembro de 1942, o Hotel Avenida. As quadras 51, 52, 53, 54 e 55 foram criadas junto ao espaço do parque florestal leste. Além dessas quadras, Macedo Vieira reordenou a quadra de nº 01, que continha a edificação residencial em madeira pertencente a Octavio Moura Andrade.

Figura 3.6. Planta de urbanização de Águas de São Pedro, registrada nº 02 na Comarca de São Pedro, de 10/08/1957.



Vista aérea do final dos anos de 1950, onde a readaptação de Jorge Macedo Vieira já havia ocorrido. As novas quadras estão a leste no lado oposto à cabeceira da cidade nova, onde predomina o parque florestal Oeste. Macedo Vieira urbanizou a área que não havia sido objeto de desapropriação no ano de 1951. Mesmo com o fim de atividade da *Empresa Águas Sulfídicas e Thermaes de São Pedro*, a Família Octávio de Moura Andrade mantinha uma série de propriedades na cidade e entorno.

Fonte: 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro/Foto aérea: Acervo Jorge Macedo Vieira, sob consignação DPH/PMSP

A tabela 08. traz a totalização das áreas:

Tabela 08. Total das áreas por uso do solo – Águas de São Pedro

| ÁREAS | M2 | PERCENTUAL |
|------------------------|------------------|---------------|
| Parques e áreas verdes | 1.697.791 | 60,24% |
| Ruas e avenidas | 322.186 | 11,43% |
| Lotes industriais | 11.545 | 0,41 % |
| Lotes comerciais | 63.480 | 2,25 % |
| Lotes residenciais | 723.363 | 25,67 % |
| TOTAIS | 2.818.365 | 100,00 |

Fonte: montado pelo autor através de dados obtidos no 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro

Num quadro geral, a somatória da áreas verdes com as áreas do sistema viário e as áreas resultantes dos recuos de lotes, totalizam um percentual em metros quadrados maior que o número de metros quadrados destinados às edificações.

Após a finalização do loteamento Estância, já com a alteração de 1957, a cidade entra em nova fase. Octávio Moura Andrade consegue a concessão para a exploração comercial do Grande Hotel a partir de 1960, que estava inserido na área desapropriada em 1951, através da empresa “Choma – Cia. Hotéis Octavio Moura Andrade”. O meio de hospedagem – ainda o centro nevrálgico da cidade – recebe investimentos para sua requalificação, volta a ser freqüentado e causa alento na cidade, possibilitando a Octavio Moura Andrade dar destino às áreas que ainda lhe pertenciam e não haviam sido objetos da desapropriação de 1951.

Jorge de Macedo Vieira, já em fins da atividade de seu escritório, é novamente chamado a intervir e dedica-se a projetar dois novos projetos. Após os levantamentos altimétricos, Macedo Vieira entrega o primeiro dos novos loteamentos: Jardim Iporanga, área nordeste da “cidade-jardim”. O loteamento é registrado sob o nº 03, de 25/03/1964 e possui um total de 412 lotes divididos em 13 quadras, com área média de 316 m². O percentual destinado às zonas se altera e é distribuída conforme tabela 09:

Tabela 09. Distribuição de áreas – Jardim Iporanga, 1964

| Finalidade | Área (m ²) | Percentual |
|----------------------|------------------------|---------------|
| Parques e área verde | 27.380 | 13,22 |
| Ruas e avenidas | 49.384 | 23,84 |
| Loteamento | 130.366 | 62,94 |
| TOTAL | 207.130 | 100,00 |

Fonte: Elaborada pelo autor com dados do registro de nº 03, de 25/03/1964, no Cartório de Imóveis da Comarca de São Pedro

O pequeno número de quadras faz com que elas sejam designadas por letras do alfabeto, partido de "A" até "M". Em 1965 é entregue o último projeto de Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro: O Jardim Porangaba, a sudoeste da "cidade-jardim". Suas dimensões são bem maiores que o do ano anterior, totalizando 854.735 m², contendo 1761 lotes com tamanho médio de 307 m², distribuídos por 43 quadras, designadas por numerais de 56 a 98. É registrado sob o nº 04 em 18/10/1965⁴¹. A Tabela 10 traz a distribuição de suas áreas:

Tabela 10. Distribuição de áreas – Jardim Porangaba, 1965

| Finalidade | Área (m ²) | Percentual |
|----------------------|------------------------|---------------|
| Parques e área verde | 215.399 | 25,20 |
| Ruas e avenidas | 98.247 | 11,50 |
| Loteamento | 541.089 | 63,30 |
| TOTAL | 854.735 | 100,00 |

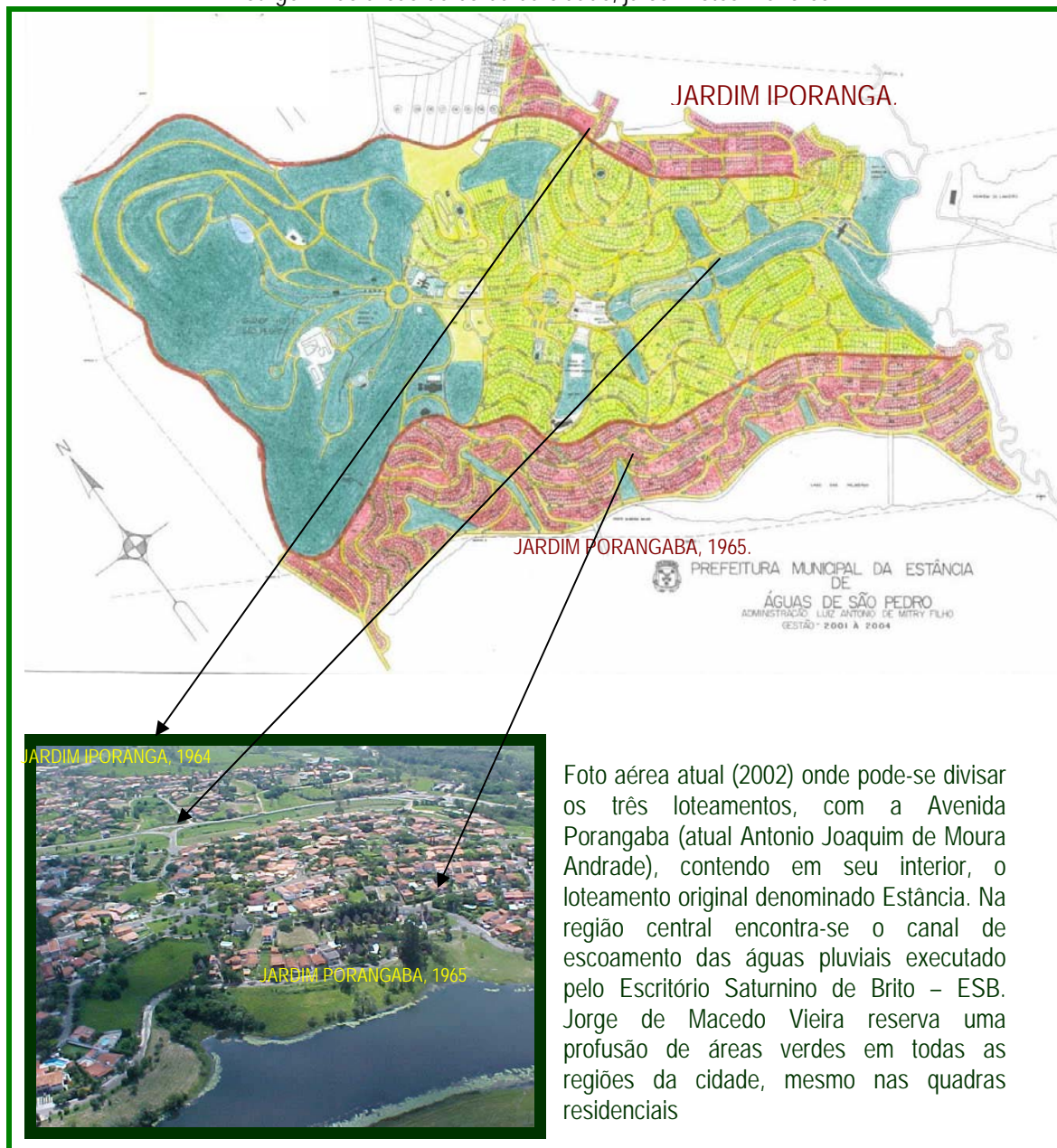
Fonte: Elaborada pelo autor com dados do registro de nº 04, de 18/10/1964, no Cartório de Imóveis da Comarca de São Pedro

Nos novos loteamentos, o desenho de Macedo Vieira continua a se caracterizar pelo traçado orgânico, pelo respeito á morfologia do solo, com arruamento em curvas de nível, mantendo nas bordas das praças os ajardinamentos, em uniformidade com o desenho original. Exemplo disso é a praça denominada "*Relógio do Sol*", situada na divisa entre o Loteamento "Estância (1940) e o Loteamento Jardim Porangaba (1965), onde o desenho novo se encaixa de modo pleno no desenho original, de modo a supor uma continuidade, como se a concepção

⁴¹ O Loteamento Estância original recebeu a designação de nº 01 no Cartório de Registros da Comarca de São Pedro; sua alteração, de 1957, recebeu o nº 02, o Jardim Iporanga, de 1964, recebeu o nº 03 e o Jardim Porangaba recebeu o nº 04. Tal fato demonstra que a única atividade econômica de monta, em toda a região, foram os loteamentos executados para Águas de São Pedro. Na verdade pela seqüência da numeração, observamos que foram os únicos loteamentos lançados em 25 anos, o que demonstra, no quesito produção de novas áreas urbanizadas, uma iniciativa que não foi acompanhada por nenhum outro empreendedor.

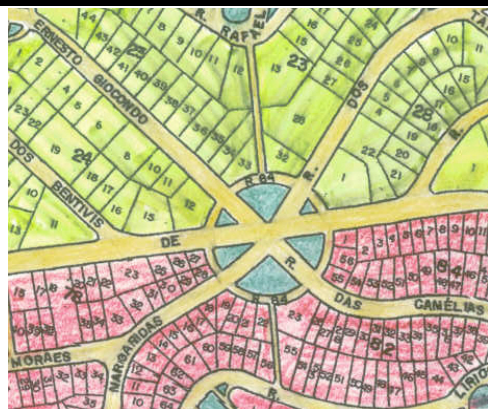
fosse única e datada da mesma época. A diferença é nota apenas pelo dimensionamento dos lotes, sendo os novos de menor tamanho.

Figura 3.7. Novos loteamentos, por Macedo Vieira: Jardim Iporanga, 1964, Jardim Porangaba, 1965 surgem nas áreas de borda da cidade, já com lotes menores



Fonte: Secretaria de Turismo, Prefeitura Municipal de Águas de São Pedro, 2003

Figura 3.8. Praça relógio do Sol, divisa de loteamentos Estância (1940) e Jd. Porangaba (1965)



A Praça Relógio do Sol serve para exemplificarmos a área de divisa dos loteamentos Estância (1940), com lotes entre 450 e 600 m² e o novo loteamento Jardim Porangaba (1965) com lotes de 310 m². Macedo Vieira adota a solução técnica de diminuição da área total dos lotes buscando evitar o desmembramento que era reclamado por alguns proprietários, fato que interferiria na qualidade do projeto, marcado pela influência



sanitaristas e dado ao pintoresco típico da solução "garden city". Macedo Vieira, busca, dentro do que lhe é permitido, harmonizar os espaços, fato observado na vista aérea da praça denominada "Relógio do Sol", onde observa-se o encaixe. O projeto se harmoniza de modo a tornar difícil a percepção de haver um espaço de 25 anos entre os dois projetos de Jorge de Macedo Vieira



Acima, vários ângulos de visão da praça "Relógio do Sol", onde observa-se a criação de pequenas vias secundárias circulares que se transformam em uma espécie de área semi pública. A finalização das quadras com praças no formato triangular transformam-se numa característica de Macedo Vieira que percorre toda sua obra, estando presente em todos os momentos de sua carreira.

Fonte: Secretaria Municipal de Truismo de Águas de São Pedro foto aérea: Sergio Osvaldo Rehder – Brascard Gráfica e fotolito, 2002, demais fotos: Acervo documental do autor

Os projetos do Jardim Iporanga e do Jardim Porangaba finalizam a obra de Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro e fornece-nos subsídios para completar o quadro dos percentuais destinados a cada função da cidade (tabela 11).

Tabela 11. Tabela final de destinação das áreas para a Estância Hidromineral de Águas de São Pedro pelo Engenheiro Civil Dr. Jorge de Macedo Vieira

| | TOTAL EM M ² | PERCENTUAL (%) |
|-----------------|-------------------------|----------------|
| ÁREAS VERDES | 1.823.418 | 46,99 |
| RUAS E AVENIDAS | 586.969 | 15,13 |
| LOTEAMENTOS | 1.469.843 | 37,88 |
| TOTAL | 3.880.230 | 100,00 |

Fonte: elaborada pelo próprio autor através dos registros de nº 01, 02, 03 e 04, do 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro.

Ao observarmos o quadro, notamos que ainda que tendo sua participação percentual diminuída, as áreas verdes totalizam 46,99% da área total, um índice elevado mesmo em se tratando de um destino turístico.

A visita de Antonio Falcão de Andrade, em 1976, por ocasião da implantação do represamento paralelo ao Jardim Porangaba, foi o último contato entre os empreendedores e Jorge de Macedo Vieira, que viria a falecer dois anos após, em 1978. Antonio F. de Moura Andrade coloca: *“ Eu mesmo, ao construir o “Lago das Palmeiras”, em 1.976, modifiquei alguns pontos do projeto original do Jardim Porangaba. Na época, de posse do levantamento da área a ser inundada e sua locação em relação ao loteamento, fiz uma visita ao Dr. Jorge de Macedo Vieira a quem apresentei meus planos. Ainda recordo com satisfação e orgulho suas palavras de entusiasmo e aprovação, bem como suas oportunas e pertinentes sugestões, que implementei. Ele ainda lamentou haver se desfeito de seu equipamento profissional, pois de outra forma, faria pessoalmente as adaptações necessárias. Essas minha visita ao Dr. Jorge de Macedo Vieira foi a maneira que tive de, homenageando-o pela sua visão no projeto de Águas de São Pedro, pedir licença para introduzir as alterações”*⁴²

⁴² Andrade, Antonio F. Moura. *A Urbanização de Águas de São Pedro*, trabalho escrito em 1.987, mas não publicado; o objetivo era alertar as pessoas sobre a necessidade de manutenção da qualidade do loteamento “estância”.

A implantação dos loteamentos previstos por Macedo Vieira para a cidade *ex novo* de Águas de São Pedro continuam até os dias de hoje conforme projeto original. Em especial, nos Jardins Iporanga e Porangaba, algumas quadras de borda do loteamento foram implantadas até 2003, restando ainda alguns pequenos trechos de arruamentos, também na mesma região limítrofe da cidade. Com pequenos hiatos históricos, hora provocado pela desativação da empresa *Águas Sulfídricas e Thermaes de São Pedro*, em 1951; hora por situações ligadas à configuração do macro ambiente econômico, a obra de Macedo Vieira está implantada em quase 100%, índice acima da média de outras cidades novas da primeira metade do século XX no país.

3.2.2 O zoning de Macedo Vieira e o código de urbanismo

O tratado de Reinhard Baumeister (1833-1917), intitulado *Stadt-Erweiterungen in technischer baupolizeilicher und wirtschaftlicher Beziehung, de 1976* e o trabalho de Joseph Stübben (1845-1936), intitulado *Der Städtebau*, de 1890, são exemplos de estudos que abordavam a compartimentalização das funções da cidade, levantando questões como as alçadas da esfera pública e da privado, além de pontos projetuais como infra-estrutura urbana, áreas livres e circulação, dentre outros. Ambos tratados circularam nas Escolas Politécnicas, principalmente a de São Paulo, pela sua denotada influência alemã. Inúmeros foram os profissionais que compunham o círculo dos engenheiros-civis e engenheiros-arquitetos que recorreram às soluções divulgadas nesses tratados, entre os quais Prestes Maia e Macedo Vieira se incluíam.

A partir desses tratados, diferentes formas de dividir as funções da cidade se estabeleceram, tanto no velho continente quanto nas Américas. Segundo Steinke (2002), " *ao longo dos anos 20 na Alemanha e nos Estados Unidos, se consolida a utilização do zoneamento como instrumento de planejamento, ainda que nesse dois países as experiências sejam bastante diferenciadas*"⁴³. Steinke cita Feldman que coloca que " *Na Alemanha se desenvolve como um método para projetar cidades, que atua como base para organização da cidade tanto do ponto de vista técnico/estrutural como do ponto de vista compositivo/formal...*"⁴⁴.

⁴³ Ver em STEINKE, Op. Cit. 19.

⁴⁴ FELDMAN citada por STEINKE, Op. Cit. p. 19

Steinke (2002) continua "*Já nos EUA o zoneamento é utilizado primordialmente como um instrumento para proteger as construções residenciais e os valores do solo das intromissões prejudiciais, criando condições para os investimentos na terra e na construção, se constituindo numa espécie mosaico de pequenas disposições legais, que se dão a partir de acordos e mediações entre forças econômicas e grupos políticos*". Tais informações não eram alheias a Macedo Vieira, bastando uma consulta em seu acervo pessoal.

Vieira mantinha em sua biblioteca dois dos melhores exemplares bibliográficos que alicerçaram a organização da cidade no início do século XX. A obra de Werner Hegemann, *City, Planning, Housing*, de 1936, foi publicada à época do início dos trabalhos de Macedo Vieira em Águas de São Pedro. Segundo Andrade (1998,) Hegemann em conjunto com Peets haviam publicado *The American Vitruvius*, em 1923 "*associando as traduções americanas com as européias*". Também pertencente à biblioteca pessoal de Vieira, a obra de Nelson Peter Lewis (1856-1924), engenheiro civil pelo "*Rensselaer Polytechnical Institute*", da cidade de Troy, NY, intitulada *The Planning of Modern City*, 1916, obra já fora citada várias vezes por Francisco Prestes Maia (Toledo, 1996:268), em suas palestras e escritos, e era referencial do modelo americano de *zoning*. Nelson P. Lewis era reconhecido por ter publicado em 1916, a obra *A Zoning Primer*, em conjunto com Basset, para a Russell Sage Foundation, por ocasião em que Lewis era o engenheiro Executivo da Engineering Division of Regional Plan de Nova York⁴⁵. Tal publicação lançava discussões sobre como se materializaria o *zoning* de características norte-americana, e se tornaram recorrente fonte de consultas pelos *town planners* (Tafari, 1975:439). Naturalmente havia um trânsito de ideais entre os amigos Macedo Vieira e Prestes Maia, na qual Lewis, Hegemann, dentre outros seriam referendados em mais de um momento.

Para Águas de São Pedro Macedo Vieira parece seguir a tendência européia para o zoneamento da cidade, mas também adota a forma norte americana ao elaborar um pequeno código de urbanismo para os lotes, a partir das necessidades da empresa empreendedora. Quanto ao princípio do *zoning*, o loteamento Estância era assim distribuído:

- 1) Zona Comercial(ZC): 8 quadras apresentando 36.278 m² distribuídos em 91 lotes. Com média de tamanho de 398 m² por lote, distribuídas conforme quadro:

⁴⁵ Ver em TAFURI, Manfredo. La Montaña Desencantada. In: CIUCCI, G. *La Ciudad Americana*. Barcelona: Gustavo Gili. 1975. p. 241

Tabela 12. Áreas destinadas a atividades comerciais

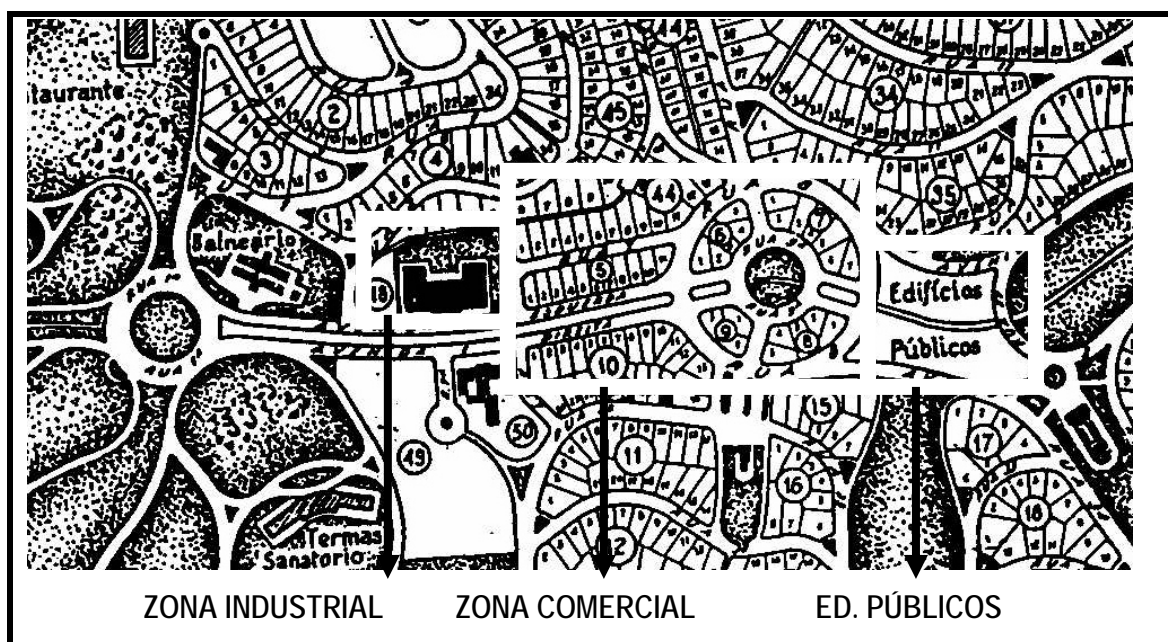
| QUADRA | Nº LOTES | TOTAL (M ²) | MÉDIA M ² POR LOTE |
|---------------|-----------|-------------------------|-------------------------------|
| 05 | 11 | 3.920 | 356 |
| 06 | 5 | 2.163 | 435 |
| 07 | 7 | 3.510 | 501 |
| 08 | 5 | 2.325 | 465 |
| 09 | 3 | 1.258 | 419 |
| 10 | 24 | 9.575 | 398 |
| 15 | 9 | 5.032 | 559 |
| 44* | 18 | 8.475 | 470 |
| TOTAIS | 91 | 36.278 | 398 |

Fonte: 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro

- 2) Zona Residencial (ZR) 44 quadras apresentando 734.774m², em 1.289 lotes, com média de 621m² por lote;
- 3) Zona Industrial: quadra destinada ao futuro engarrafamento e á fábrica de refrigerantes, com 11.545 m2.

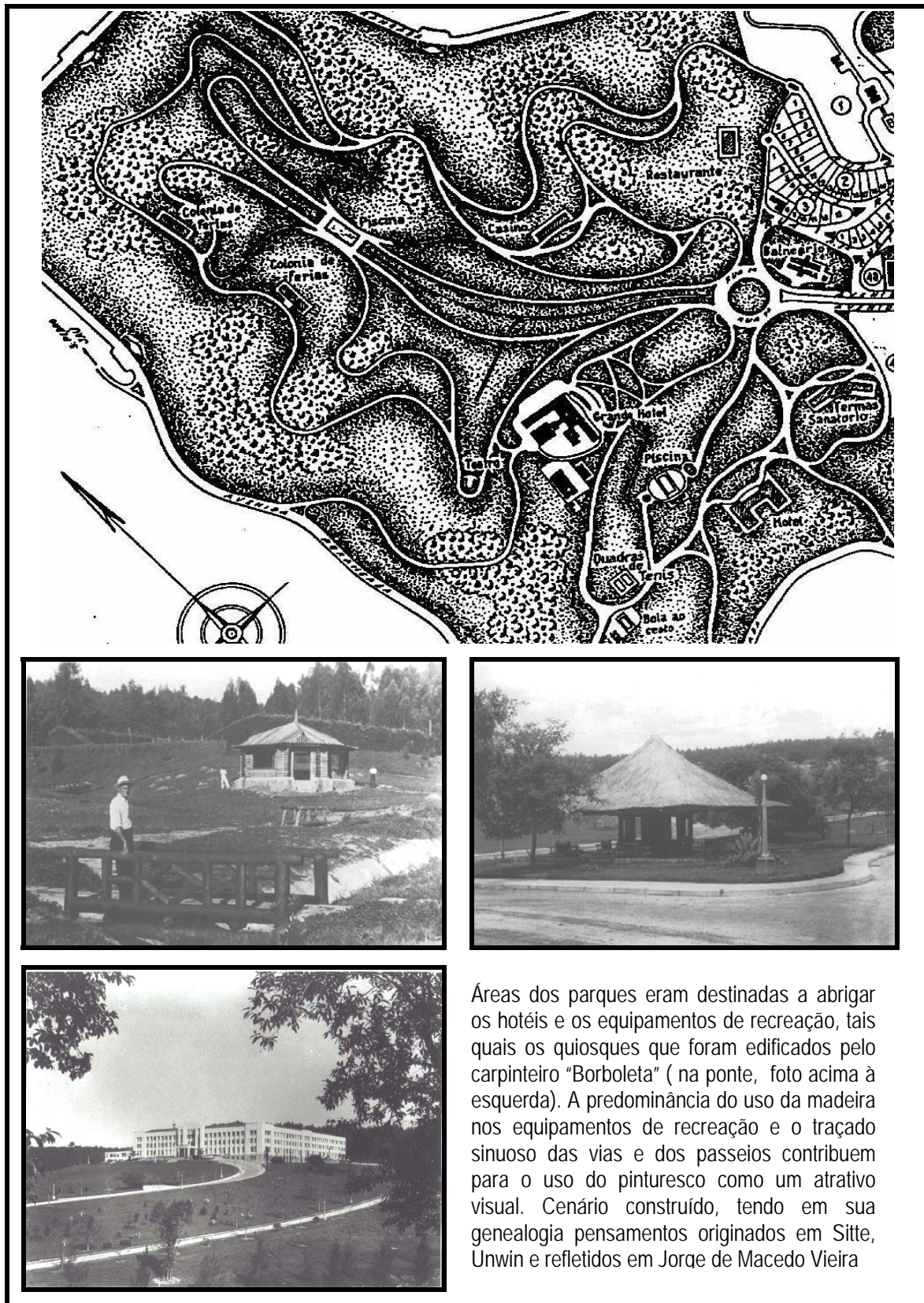
O restante das áreas seriam ocupadas por parques públicos, hotéis, além de um "thermas sanatório" que acolheria os visitantes mais enfermos que necessitassem de constante acompanhamento terapêutico.

Figura 3.9. Zoning: areas industrial (engarrafamento das águas), comercial e ed. públicos



Fonte: Mapa registro nº 02, Cartório de Imóveis de São Pedro

Figura 3.10. Área de parques (Florestal Oeste, atual Pq. Dr. Octávio Moura Andrade)



Fonte: Acervo Família Octavio Moura Andrade

Embora ligada à legislação de São Pedro, seria necessária uma regulamentação que mantivesse uma ocupação dos lotes coerentes com o objetivo da cidade, concebida nos esquemas do tipo "cidade-jardim". Nesse sentido, foi necessária uma regulamentação própria, denominada de "código de urbanismo"⁴⁶, e que regeram o uso e ocupação dos lotes até a

⁴⁶ Esse pequeno código de urbanismo foi denominado de "servidões dos lotes" e foi registrado em 28/03/40, junto ao 1º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Pedro em conjunto com a primeira planta da cidade onde constava:

1ª. - Nenhuma construção poderá ser iniciada no... lote... ora adquirido... sem que o seu projeto seja aprovado previamente pela Empreza.

2ª. - Na organização do projeto a ser apresentado à aprovação da Empreza, deverão ser observadas as seguintes disposições geraes:

- a) na zona comercial projetada só serão permitidas as construções de prédios destinados a fins comerciais, tolerando-se a construção de prédios mixtos - de comércio com residencia anexa - quando num só edificio;*
- b) nas zonas residenciais projetadas só serão permitidas as construções de prédios destinados exclusivamente a residencias e suas dependencias, taes como habitações de caseiros e galinheiros;*
- c) em qualquer das zonas projetadas, comercial ou residencial, não será permitida a construção de prédios destinados a hotéis, tolerando-se porém, a construção de prédios destinados a pensões, os quaes não poderão ter mais de dez dormitorios nem área superior a dezesseis metros quadrados para cada dormitorio;*
- d) em qualquer das zonas projetadas, comercial ou residencial, não será permitida a construção de prédios destinados a fins industriais;*
- e) em qualquer das zonas projetadas, comercial ou residencial, não será permitida a construção de cocheiras, chiqueiros ou estabulos;*

3ª. - Quando se tratar de casa para residencia ou pensão, o projeto deverá ser organizado com observancia dos seguintes dispositivos:

- a) não poderá ser construída mais de uma residencia em cada lote, compreendendo o prédio principal e suas dependencias, taes como garage, habitações de caseiro e galinheiro;*
- b) o prédio de residencia não poderá ser projetado com menos de quatro peças, a saber: uma sala para permanencia diurna, um dormitorio, uma cozinha e um compartimento para banheiro e privada;*
- c) o prédio principal deverá ser projetado isolado no lote e recuado, na frente e no fundo, dos mínimos estabelecidos no projeto de loteamento, e nas divisas lateraes do mínimo de dois metros;*
- d) é permitido agrupamento de, no maximo, duas residencias não destinadas a pensão, agrupamento esse ao longo da divisa de dois lotes contiguos, de forma que cada residencia ocupe um lote. Neste caso, os prédios residenciais deverão ficar afastados da frente e do fundo dos lotes, no mínimo, do quanto consta do projeto de loteamento, e das divisas laterais dos lotes, de, no minimo, tres metros;*
- e) o prédio principal e suas dependencias, terão, no maximo, dois pavimentos: o terreo e o andar;*
- f) a superficie coberta correspondente ao prédio principal e suas dependencias, não poderão ultrapassar a metade da área do lote para que foram projetados;*
- g) no alinhamento da rua o terreno será fechado por sebes vivas ou por fechos construídos com embasamento de alvenaria, com 50 centímetros de altura maxima, sobre a qual repousará gradil ou cerca aberta, de alvenaria, madeira ou metal, contanto que a parte cheia do fecho não ocupe mais do que 50% de sua área total. Qualquer destes fechos não poderá ter mais de 1,50 mts. de altura;*
- h) as superficies minimas das peças serão as seguintes:*
salas de permanencia diurna: 10 metros quadrados; dormitorios: 10 metros quadrados; cozinha: 7 metros quadrados; compartimento para banheiro e privada: 4 metros quadrados; compartimento só para privada: 2 metros quadrados;
- i) os pés direitos mínimos das peças serão os seguintes; sala de permanencia diurna: 2,50 metros; dormitorios: 3 metros; cozinhas e compartimentos para banheiro e privada ou só privada: 2,50 metros;*
- j) quanto a disposição das peças, sua insolação, iluminação, ventilação e demais requisitos necessarios ao desenvolvimento completo do projeto, deverá ser observado o que dispõe o Código de Obras "Arthur Saboya", em vigor atualmente na cidade de São Paulo;*
- k) fica reservado à Empreza o direito de desapropriar em qualquer tempo, pelo preço que houver vendido, uma faixa de, no maximo, 2 metros de largura, na frente daquele lotes que, pelo projeto de loteamento, têm um recuo*

primeira lei promulgada 37 anos depois, em 1977. Moura Andrade escreve em 1941: “*Organizamos um pequeno “código de urbanismo” onde condensamos as regras mais comezinhas de construção afim de que, decorridos os anos e constituída a cidade, apresente ela um todo homogêneo...*”⁴⁷ Esse “código de urbanismo” regia a ocupação das áreas. Na área residencial, as escrituras apresentam normas de uso e ocupação do solo onde constam os recuos a serem seguidos e a quantidade de andares que podem ser construídos, bem como a percentagem da área permitida para ocupação. No que tange á regulamentação da edificação residencial, o código estabelecia as seguintes regras:

- a) proibição de construção de nenhum prédio residencial com menos de quatro peças, devendo possuir as seguintes dimensões: sala de 10m² , dormitório de 10m² , cozinha de 7m² e um compartimento para banheiro de 4m²;
- b) os recuos eram especificados na escritura, da seguinte maneira: os afastamentos de frente de no mínimo 4m, nos fundos recuo mínimo de 6m e, de cada lado do terreno, recuo mínimo de 2m;
- c) permissão de construção de, no máximo, dois pavimentos: o térreo e um andar e;
- d) d) permissão de construção de casas germinadas, desde que cada unidade em um lote e com recuos laterais de 3metros para cada lote, com área permitida para a ocupação nos lotes de, no máximo, 50% dê sua área total.

Nos itens não abordados pelo código havia a exigência de se cumprir o código “Arthur Saboya”⁴⁸, quanto à disposição das peças, sua insolação, iluminação, ventilação e demais requisitos necessários ao desenvolvimento completo do projeto.

Como as residências deveriam ser afastadas de no mínimo 4m de frente, 6metros de fundo e 2m a cada lateral do lote e considerando que os terrenos do loteamento Estância possuíam em média 650m², tais afastamentos conferiam à cidade o aspecto da “cidade-jardim” como queriam seus idealizadores. Para complementar a idéia, os lotes deveriam ser fechados por cerca vivas no alinhamento da rua, ou fechos construídos com embasamento de alvenaria, com 50 centímetros de altura máxima, sobre o qual poderia ter gradil ou cerca aberta, de alvenaria, madeira ou metais, contanto que a parte cheia do fechamento não ocupasse mais que

obrigatorio minimo de 6 metros, desapropriação essa que se fará se se verificar necessidade de alargamento da respectiva rua.”

⁴⁷ Acervo Família Octávio Moura Andrade, Op. Cit. , 16/03/2003.

⁴⁸ Código de obras em vigor na cidade de São Paulo concebida em 1934, em substituição ao Código Sanitário do Estado de São Paulo, criado pelo Decreto nº 233, datado de 1894.

50% de sua área total, e a altura não poderia ultrapassar a 1,50m, deixando os vazios com um fechamento que não atrapalharia a visualização do horizonte. As residências teriam que possuir, no mínimo, quatro cômodos, determinando assim o padrão construtivo das casas. Quanto á taxa de ocupação dos lotes, as zonas se diferenciavam. Na zona comercial era permitida a ocupação total e o prédio poderia ser assobradado, e nas servidões, aparece a preocupação de proibir a instalação de cocheiras, chiqueiros e estábulos. O motivo pelo qual permitia-se o uso misto do lote na área central seria o de tornar menos onerosa a fixação de um comerciante na cidade, pois este poderia adquirir apenas um lote, abrir um comércio no piso térreo e residir no piso superior, eximindo-o de adquirir um lote comercial e um lote residencial. Tal regra permanece até os dias atuais .

Com a criação do município de Águas de São Pedro, em 1948, passou-se a ser discutido se prevaleciam o “código de urbanismo” de 1940 ou a autorização da prefeitura local – pressionada por alguns proprietários de lotes - para as construções em descordo com aquelas servidões. O poder de decisão do órgão do executivo acabou por prevalecer, pois teoricamente a prefeitura era responsável - e tinha como missão - o zelo do bem público. Tal fato acabou por ocasionar o surgimento de construções em lotes desmembrados no Loteamento Estância – o original. A força do órgão executivo prevaleceria sobre a legislação inicial concebida pelo empreendedor e pelo urbanista. Macedo Vieira, vendo a possibilidade da descaracterização da obra original, acabou por conceber os espaços dos lotes de modo a que eles não sofressem o processo de desmembramento. Assim projeta os lotes para os jardins Iporanga e Porangaba de modo evitar as modificações, se conformando com os critérios da nova legislação vigente.

Numa leitura mais sistêmica dessa primeira organização de uso do solo, nota-se que o edifícios públicos e comerciais se concentrariam em poucas quadras - os lotes comerciais restringiam-se às quadras mais centrais e eram apenas 8 - e a quase totalidade do loteamento era reservada ao uso residencial, que nos faz crer que a idéia era que os lotes fossem ocupados por casa de veraneio - as segundas residências – que criaria uma relação mais permanente do visitante para com a cidade e, por conseqüência, incrementariam a atividade econômica do lugar.

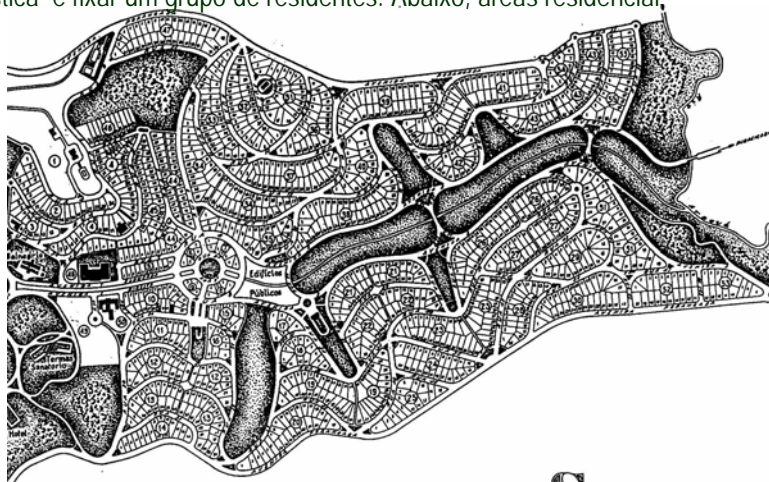
Figura 3.11. Resultantes do zoning e código de urbanismo de 1940



Residências atuais que mantêm os padrões estabelecidos ainda nos anos de 1940. O espaçamento e o percentual de área verde estão em harmonia e proporção com os lotes. As residências situam-se no Jardim Porangaba frontal à Avenida Antonio Joaquim de Moura Andrade, ex- Avenida Porangaba e na divisa com o loteamento Estância. Os padrões são de residências simples mas os espaçamentos que lhes dão o aspecto de arejadas; influência da engenharia sanitária de Saturnino de Brito.



Imóveis na região central (Av. Carlos Mauro), que se caracterizam como de uso misto. Na fase inicial da cidade nova tal atitude foi tomada visando desonerar um futuro comerciante de adquirir também um lote residencial para poder se instalar na Estância Hidromineral. Era essencial a ativação de uma economia turística e fixar um grupo de residentes. Abaixo, áreas residencial,



No que tange à circulação, em 1940, o automóvel não tinha a mesma importância que hoje vivenciamos, por isso os locais para estacionamentos não se consistiam em motivo de preocupação. Aproveitava-se na própria escritura que, como se tratava de uma cidade de repouso, tudo indicava que não haveria possibilidade de tráfego muito intenso. O fluxo de trânsito era controlado basicamente pela rotatória na área central que funcionava de modo a distribuir os veículos para todo o município. A figura a seguir nos mostra a Praça dos Rouxinóis, onde, ainda hoje a maior parte dos veículos que adentram ao município circulam a fim de buscar a própria região central, os parques ou os bairros.

O pequeno “código urbano” deixa claro, nas suas exigências, que a cidade deveria manter-se como “cidade-jardim”, com um grande parque instalado. Os recuos das construções manteriam a ventilação e a insolação ideais para um local, cuja principal finalidade era o cultivo à saúde. Há que se destacar que, no que tange ao zoneamento, a concentração de edifícios públicos, da fábrica, e do comércio entremeados de áreas verdes na região central da cidade, transformam-na em um centro de vida pública extremamente harmonioso, o projeto irrompeu a escala menor do loteamento isolado dentro da malha urbana, para promover um espaço novo, uma cidade inteira.

Chama-nos a atenção o fato da Empresa se reservar ao direito de desapropriar uma faixa de até 2m na área frontal aos lotes a qualquer momento, no intuito de impedir qualquer litígio jurídico quando da necessidade de alargamento das ruas. Na realidade as características eram as de um loteamento privado, onde as regras seguiriam um rigoroso, para a época, código de uso do solo a fim de impedir o crescimento desordenado da malha urbana.

Figura 3.12. rótula distributiva na região central da cidade balneária

Embora predomine a influência inglesa, através da adoção da solução "garden city", ao analisarmos o desenho da cidade despontam outras escolas, adotadas, em um ou outro momento, por Jorge de Macedo Vieira. Abaixo vista aérea da Praça dos Rouxinóis nos dias atuais. A rótula tem a função distributiva do trânsito e está à entrada da área comercial e dá acesso ao parque florestal oeste, atual Parque Dr. Octavio Moura Andrade. Influências do urbanismo francês, que chega pelo "beaux arts", via *carrefour* de Eugène Hénard, sendo também uma característica *das round ponds* de Burnham do *City Beautiful Movement* norte-americano. Macedo Vieira aplica as soluções conforme as qualidades da morfologia do solo requerem. Sua formação enriquecida pela adoção de modelos consagrados, permite inúmeras soluções, conforme a necessidade indicasse ser o melhor.



Fonte: Secretaria de Turismo de Águas de São Pedro, Foto: Alcione do Carmo Vieira, julho 2002

3.3.2. Traduções urbanas em Águas de São Pedro: a engenharia sanitária e o sinuoso nos trabalhos do Escritório Saturnino de Brito e de Jorge de Macedo Vieira,

Buscamos aqui entender como se materializavam, no sítio urbano, as intervenções de Macedo Vieira e do Escritório Saturnino de Brito, em como se dava o processo de encaixe desses trabalhos. Esta análise permite-nos ver que, embora tenham uma forma genealógica semelhante, os caminhos que covergiram na adoção do traçado sinuoso, no arruamento orgânico, ocasionando cenários pinturescos, circularam por estradas diferentes. O Escritório Saturnino de Brito atuava segundo a tradição da cultura sanitária cultivada pelo seu fundador, enquanto Jorge de Macedo Vieira chagara a essa solução pelas experiências assimiladas com profissionais como Barry Parker.

A cultura da urbanização das cidades circulava por entre os profissionais mais renomados da urbanística nacional e, em específico entre São Paulo e Rio de Janeiro. Jorge de Macedo Vieira manteve contato com Saturnino de Brito – o pai - no ano de sua morte (1927), por ocasião do projeto executado por Macedo Vieira para o Jardim Guanabara, na Ilha do Governador. Saturnino de Brito – o pai - elogiou largamente a qualidade técnica do projeto de Vieira⁴⁹. Com Saturnino de Brito – o filho – as relações foram mais intensas e marcadas por projetos em conjunto, como foi a cidade balneária de Águas de São Pedro

A década de 1930 marca a incorporação das idéias divulgadas pela teoria microbiana, prevalecendo essa sobre a visão anterior miasmática. Isso se incorporaria na cidade no aspecto da perda de importância dos preceitos medicinais. Segundo Cristina de Campos (2000) "*A consagração da teoria microbiana permitiu que não fosse mais preciso intervir no ambiente urbano para estancar a evolução das doenças epidêmicas. Agora seriam atacados os vetores de*

⁴⁹ Por ocasião da escolha do ante projeto de Macedo Vieira para o Distrito Industrial de Manguinhos, na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro em 1927, para a *Empresa Melhoramentos da Baixada Fluminense, o mesmo foi analisado e recomendado por Saturnino de Brito*, que chegou a destacar a sua qualidade: "*Ora, sendo assim, e uma vez atendido os objetivos essenciais acima discutidos, parece-me que se deve aceitar um dos anteprojetos Jorge Vieira, resultado de um estudo consciencioso da questão, de acordo com os elementos que dispôs. (...) com elementos das plantas anteriores e as novas alterações, temos a planta da revisão dos projetos*". ver na Bruchura sobre Jorge Macedo Vieira, elaborada para a Sala Especial "*O urbanismo de Jorge de Macedo Vieira*", da IV Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, em 1999. Existe um exemplar no Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paul – DPH/PMSP, sob guarda dos Profs. Walter Pires, Lia Mayumi e Celso Ohno. A citação está na página 19.

*transmissão das doenças e seriam tratadas as pessoas que manifestassem qualquer tipo de sintoma, uma tarefa aqui bem definida para o saber médico, ao passo que os problemas urbanos como o saneamento básico e a abertura de vias seriam tarefas especificamente desenvolvidas por um tipo muito determinado de técnico, aqui representado pelo engenheiro*⁵⁰. O Plano das Avenidas, elaborado por Francisco Prestes Maia seria o marco divisório no que tange ao papel do engenheiro-arquiteto. Agora com a saída de foco dos médicos sanitaristas e com o poder de atuar de forma integral nos melhoramentos necessários ao futuro da cidade brasileira, esses profissionais politécnicos assumem, também, uma vertente social, buscando entender a cidade de um modo mais integral, par a partir disso, intervir de modo que pense ser o mais correto.

No entanto, a visão sanitarista continuaria a exercer forte influência nas questões urbanas. Na busca de entendermos as linhas gerais adotadas pelo Escritório Saturnino de Brito para a cidade nova de Águas de São Pedro e fazermos uma correta interpretação de como o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira executou o arruamento em completa consonância, devemos recuar no tempo e buscarmos as origens do pensamento sanitarista brasileiro, em específico, o pensamento de Francisco Saturnino Rodrigues de Brito.

Segundo Andrade (1996) " *A engenharia sanitária de Saturnino de Brito, ao propor um novo traçado para as cidades brasileiras, redesenha suas paisagens, criando uma imagem urbana moderna, radicalmente diversa daquela da cidade colonial. No lugar dos lotes estreitos do tecido urbano colonial, que resultaram em quarteirões insalubres, Brito propõe lotes amplos. Com largura suficiente para garantir insolação e iluminação adequadas em quarteirões salubres cotados por vielas sanitárias e com pequenos jardins internos. Na cidade, avenidas-parque ou avenidas de fundo de vale, praças e jardins, onde serão instalados os edifícios que abrigarão o os equipamentos do sistema de saneamento, com estações elevatórias, usinas de tratamento de esgotos e banheiros públicos...*"⁵¹. Brito, após adotar o sistema unitário de vazão das águas (servidas e das chuvas) em Novo Arrabalde em 1895, adere ao sistema denominado "Waring", separativo entre as águas (Andrade, 1996). Nesse ponto "As conseqüências e implicações para o desenho e a imagem da cidade resultantes da aplicação, por Brito, do sistema "Waring", foram, por conseguinte, enormes, criando uma paisagem urbana marcada

⁵⁰ Ver em CAMPOS, Cristina de. Cidade e higiene: A atuação profissional de Geraldo Paula Souza em São Paulo. 1925-1945. In: Revista Sinopse, nº 33. São Paulo:FAU/USP, 2000, p. 39

⁵¹ Ver em Andrade, Carlos Roberto Monteiro de. Camillo Sitte, Camille Martin e Saturnino de Brito: traduções e transferências de idéias urbanísticas. In: _____RIBEIRO, L. C. Q. & PECHMANN, R. M. *Cidade, Povo e Nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 304.

*pelos canais ao céu aberto com passeios arborizados e avenidas laterais, como mostram algumas fotos da Cidade de Santos logo após a inauguração das obras realizadas pro Brito*⁵². Esse resultado do desenho urbano está muito próximo ao que Jorge de Macedo Vieira já havia utilizado anos antes do projeto para Águas de São Pedro, como no Jardim Japão (1922). Portanto temos aqui, uma concordância de pensamentos⁵³. O encontro de artigos de Brito na biblioteca de Macedo Vieira reforçam essa hipótese. Em Águas de São Pedro, a adoção dessa solução por Macedo Vieira e pelo ESB (agora dirigido pelo filho de Saturnino), reflete-se em toda sua área central.

Na implantação do canal que percorreria esse vale, houveram contratemplos técnicos. A construção de linhas adutoras, estação de tratamento de água, reservatório e linhas de distribuição deveriam abastecer uma população residente e os hotéis e estabelecimentos a serem edificados em sua área. Com o avançar dos trabalhos, em 1938, houve a necessidade da canalização do córrego que cortava o fundo do vale, fato que acabou não se mostrando eficiente, pois na primeira cheia a tubulação rompeu. No mesmo ano foi substituída por um canal a céu aberto que se mantém eficaz até os dias atuais. Destaque-se que as primeiras atitudes visando mitigação e contenção dos processos de erosão das terras, tiveram seu início nesse mesmo ano.

Recorremos novamente a Andrade (1996), quando discorreremos sobre a paisagem urbana que desenharia o canal central e o fundo de vale em Águas de São Pedro. Comenta Andrade que " *De acordo com sua preocupação com as características topográficas, Brito considerará a cidade conforme esteja edificada sobre terreno plano ou acidentado, dividindo-a em zonas altimétricas que constituirão distritos sanitários, visando aproveitar ao máximo a condução de esgotos por gravidade. Assim o desenho urbano proposto por Brito, resultante da rigorosa aplicação de princípios sanitários, dará origem a uma morfologia própria onde, ao lado de um traçado conforme a linha de drenagem, destacar-se-ão as avenidas de fundo de vale e as vielas sanitárias, essas últimas conforme os "alleys" (becos), então empregados em cidades norte americanas.*⁵⁴". Na morfologia do solo de Águas de São Pedro, o uso da gravidade seria a opção mais adequada. As vielas sanitárias seriam adotadas em profusão por Macedo Vieira

⁵² Ibidem, p. 304.

⁵³ Entre os artigos encontrados por Kawai, encontra-se o artigo 'Notas sobre o traçado de Ruas, publicado no Boletim de Engenharia em 1920 (Kawai, 2000:91).

⁵⁴ ANDRADE (1996), Op. Cit., p. 302.

No que tange aos estudos sobre o sítio a ser urbanizado, os trabalhos de Macedo Vieira e do Escritório Saturnino de Brito ocorrem paralelamente, originando discussões a respeito da melhor solução a ser adotada para um ou outro caso. Sobre os distritos sanitários e as malhas de água e esgoto, faziam-se os arruamentos, acompanhando as curvas de nível. Com os distritos sanitários já organizados, o arruamento orgânico começava a configurar o tecido da cidade nova, onde predominava o sinuoso.

A questão do canal central serve-se como típico exemplo. A decisão inicial de canalização subterrânea, os contratemplos e a adoção do canal a céu aberto mostram que o projeto de Águas de São Pedro, também funcionavam como uma espécie de laboratório de aprendizado no que tange a intervenção em grande escala. Uma solução que se mostrara eficiente em loteamentos de menores dimensões, não seria a mais adequada, quando ampliamos a escala e tratamos do escoamento de águas pluviais, em um projeto de maior porte. Nos acertos(grande maioria) e nos erros(poucos e pequenos), buscava-se aplicar o que de melhor se tinha como fruto da escola sanitaria e do traçado orgânico. A concordância com o ideário de Brito, se materializava no desenho de Jorge de Macedo Vieira. Esse teria, agora, ao oportunidade de compartilhar soluções técnicas “in loco”, com o ESB. Tais fatos fizeram de Águas de São Pedro, uma experiência única para Macedo Vieira.

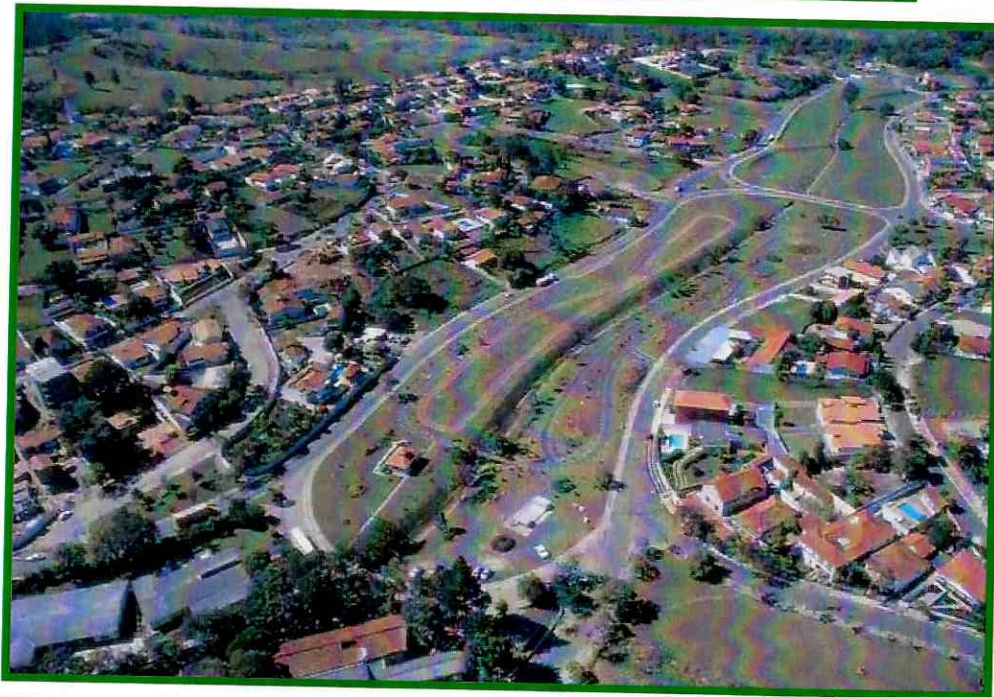
Figura 3.13. Vias sanitárias



A vias sanitárias cortam a maioria das quadras tanto no loteamento Estância quanto dos novos. Além da função de escoamento das águas e da passagem do sistema de águas, tornaram-se importantes obras urbanas: o arruamento em curva de nível acaba por provocar um incômodo ao caminhante quando esse tem a necessidade se deslocar rapidamente até a quadra abaixo ou acima. As vias também surgem como solução para o problema e são utilizadas de forma bastante intensa até os dias atuais.

Fotos: Antonio Carlos Bonfato, maio 2003

Figura 3.14. Vale central de Águas de São Pedro



O canal de escoamento das águas perdura até os dias atuais. À esquerda na região do parque florestal oeste no início do vale

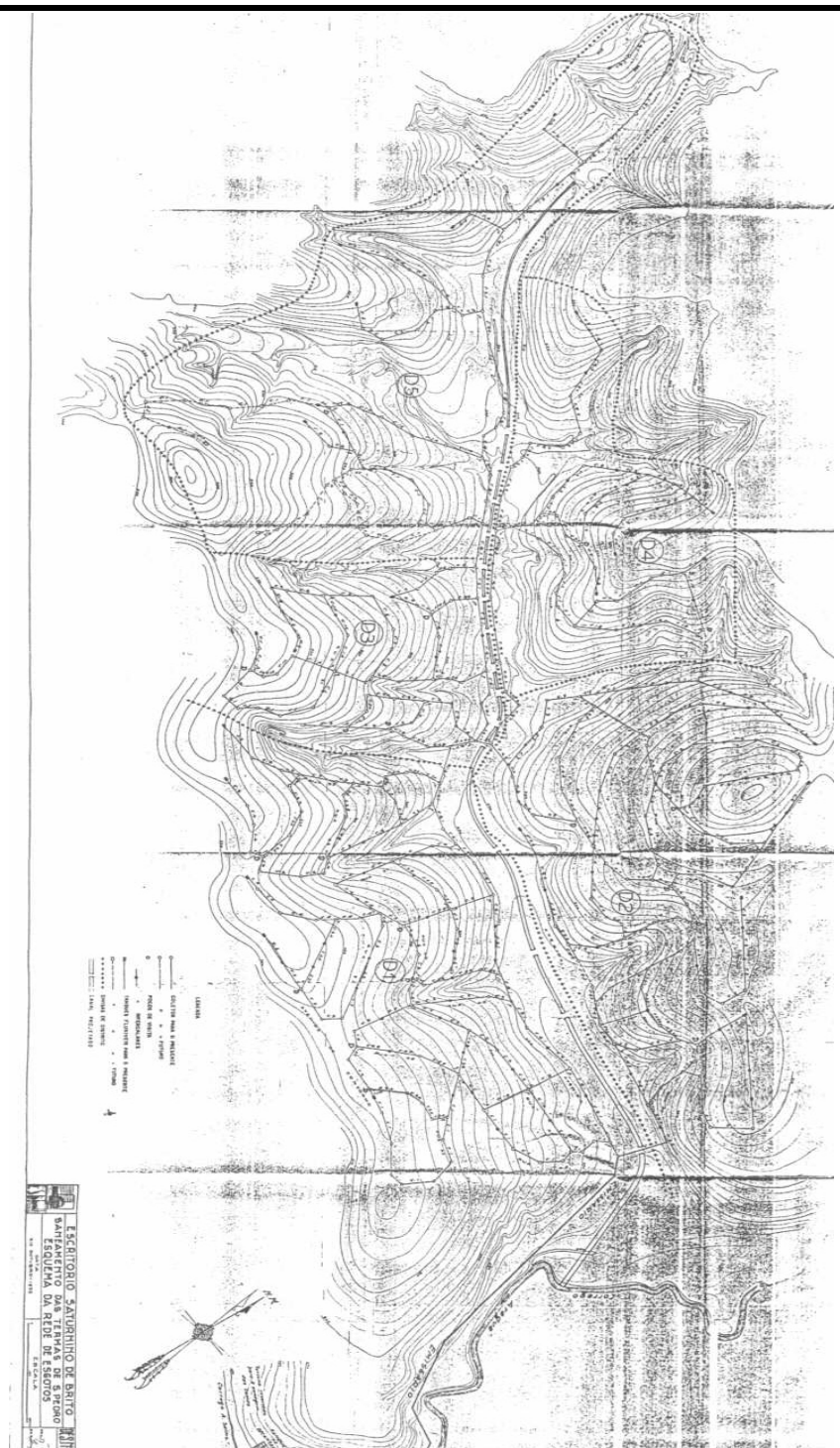


À direita, na área final do município a leste, próximo ao portal de entrada, para que vem de Piracicaba. Os canais cumprem sua função inicial até os dias de hoje.

Fonte: fotos históricas: Acervo Família Octavio Moura Andrade, foto aérea: Sergio Osvaldo Rehder – Brascard Gráfica e fotolito, 2002; fotos canal e parte final canal: acervo documental do autor. Foto de Março 2003

Figura 3.15. Ramificação da rede de água para Águas de São Pedro, pelo Escritório Saturnino de Brito, set/1939

O mapa de ramificação de águas adotado pelo Escritório Saturnino de Brito para Águas de São Pedro, adota as idéias de Brito – o pai, de forma plena. A escolha é pelo sistema “Waring” Andrade (1996:303) coloca Brito via nesse sistema a “simplificação do problema das águas pluviais – naturalmente acentuados numa cidade tropical – que não precisam ser depuradas, podendo ser lançadas nos corpos d’água natural, sem grandes galerias nem escavações profundas, reduzindo-se a elevação mecânica que se fizer necessário”. Observamos, ao lado, a adoção do princípio dos distritos sanitários. O escoamento se dá pelo fundo de vale, sempre livre de edificações, levando as águas a desembocar no ribeirão Araquá, na marca dos limites do município de 3,6 Km2 de extensão. Jorge de Macedo Vieira, seguidor das idéias de Brito – o pai -, tem a oportunidade de atuar na escala da cidade com o próprio Escritório ESB, o que lhe traria uma experiência que se mostraria única.



Fonte: Acervo pessoal do autor, cópia fornecida pela arquiteta e urbanista Ligia Nerina, Piracicaba/SP.

Entendemos pois que as características de formação de Jorge de Macedo Vieira, se alinhavam á tradição de trabalho do Escritório Saturnino de Brito. Se por lado, Macedo Vieira carregava todo um arcabouço técnico de arruamentos orgânicos, desde os tempos de Barry Parker na Companhia City, também os profissionais do Escritório Saturnino de Brito se calcavam na genealogia culturalista de seu próprio criador. Embora Brito – o pai-, priorizava questões sanitárias às de cunho artístico, Andrade (1996) coloca-nos que "*A adequação do traçado às características topográficas do sítio urbano será o princípio fundamental do urbanismo sanitaria de Brito, e o que possibilitará a conciliação entre as necessidades estéticas e as exigências técnicas relativas aos aspectos sanitários, de segurança e circulação, econômicos e administrativos*⁵⁵". Essa premissa dos trabalhos de Brito, não o impede de executar obras afeitas mais ao traçado geométrico, à semelhança do que faria Macedo Vieira em outros projetos.

No entanto é no pinturesco, na qual as obras de Sitte, Martin e Unwin são os condutores, que Brito calca maior parte das obras. Novamente recorremos a Andrade (1996) que coloca que "*A filiação de Brito às concepções sitteanas manifesta-se, por outro lado, na adoção do pinturesco no desenho urbano, ao adequar o traçado à topografia do sítio, conforme recomenda o critério sanitário de bacias de esgotamento e de aproveitamento da energia gravitacional no transporte dos efluentes líquidos, o qual coincide com um dos princípios fundamentais do paisagismo pinturesco. Assim para Brito o princípio de traçado do plano regulador, seja de uma cidade nova ou de uma área de expansão, deveria partir do esquema do escoamento das águas, ao qual subordinar-se iam todos os demais aspectos, o que nos permite denominar seu urbanismo de sanitaria.*" A cultura de Brito se estabelece no ESB mesmo após sua morte. A cidade nova de Águas de São Pedro é concebida segundo essas palavras de Andrade. Águas de São Pedro se torna o *locus*, onde o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira, já dominador das técnicas e das sutilezas do traçado orgânico, insere um arruamento compatível com as premissas sanitarias, impregnando a cidade de toques do pinturesco do fino jardim, ao gosto do que tanto queria seu empreendedor.

No entanto, somos levados a acreditar que não houve um processo de incorporação ou assimilação entre mestre (Brito o pai, via ESB) e aprendiz (Macedo Vieira) e sim, operaram um plano de cidade, no qual a afinidade profissional se evidenciava. Águas de São Pedro foi resultante de uma harmonia de propostas técnicas; projetos que tinham por

⁵⁵ Ver em ANDRADE (1996), Op. Cit. p. 298.

vocação se completarem, se harmonizaram e construíram o espaço de convivência social para os habitantes e visitantes da cidade nova. Por trajetos diferentes, os caminhos encontraram. Ressaltamos, porém que, na genealogia da formação profissional do engenheiro sanitaria e do engenheiro-civil, nos deparamos com algumas das propostas de Camillo Sitte, mesmo que chegando, para Vieira e para Brito, pelo viés da contestada versão de Camille Martin. Nessa formação, acreditamos ser também bastante evidenciada a assimilação culturalista de outros profissionais, tais quais Raymond Unwin.

Vemos também uma dose de pragmatismo e atenção aos detalhes, retratadas no *“modus operandi”* de projetar de ambos. Já abordamos no Capítulo II desse estudo, o pragmatismo e a busca da perfeição nos detalhes, característicos do profissional Jorge Macedo Vieira. Encontramos essa mesma busca nos trabalhos do Escritório Saturnino de Brito, qualidade originária também de seu criador, Francisco Rodrigues Saturnino de Brito – o pai. Um episódio, em Águas de São Pedro, serve-nos de exemplo.

Em 1939, a Empresa *Águas Sulfidricas e Thermaes de São Pedro* já demonstrava a intenção de instalar na Estância uma fábrica de refrigerantes. Esse uso comercial dos recursos hídricos seria contemplado em 1942 através da implantação de um engarrafamento destinado a oferecer a água denominada *“Almeida Salles”* e sal medicinal da Água *“Gioconda”* para os futuros visitantes. Também previa-se que as águas minerais do local seriam utilizadas, em mistura com a laranja (originária da vizinha cidade de Limeira), na fabricação e comercialização de refrigerantes.

Segundo Rodrigues (1985) *“Para se ter uma idéia do vulto desse empreendimento cabe informar que a Empresa importou dos Estados Unidos, uma gigantesca máquina de lavar garrafas⁵⁶, que pesava nada menos que 13.800 kg, tendo sido instalada na indústria quando o prédio se encontrava em seus alicerces, pois quando edificadas as paredes não havia condições de introduzi-las⁵⁷”*. Havia então a necessidade da canalização dessas águas até o edifício. O Escritório Saturnino de Brito faria esse projeto e o entregaria em setembro de 1939.

⁵⁶ Todos esses registros encontram-se em posse do Sr. Antonio Falcão de Moura Andrade, filho de Octávio de Moura Andrade, documentados na forma de filmes em 16 mm. O Dr. Octávio de Moura Andrade mantinha farta documentação cinematográfica desde os momentos iniciais de implantação da cidade até os anos de 1960.

⁵⁷ Ver em RODRIGUES, A.B. , Op. Cit, p. 97

“Ao conceber a cidade como manufatura, Brito irá esmiuçar o desenho de cada elemento da maquinaria urbana, como o faz com cada peça sanitária”⁵⁸

Para a guarda dos poços de captação das águas termais, o ESB -Escritório Saturnino de Brito, projetou residências unifamiliares para os que deveriam ali permanecer. Essas residências se tornariam padrão para a edificação de casas no futuro aglomerado urbano⁵⁹. Assim, a unidade projetada passa a ser referendada como unidade habitacional tipo, originando uma série de variações que configuraram as primeiras residências implantadas na estância. Ao longo dos anos alguns exemplares acabaram por ser modificados e outras foram derrubadas para dar lugar as residências tidas como mais modernas. Atualmente, encontramos poucos exemplares deste tipo original que, acreditamos, não possuir valor arquitetônico, devido à descaracterização à foram vitimadas. Restaram apenas pequenos fragmentos restritos às fachadas .

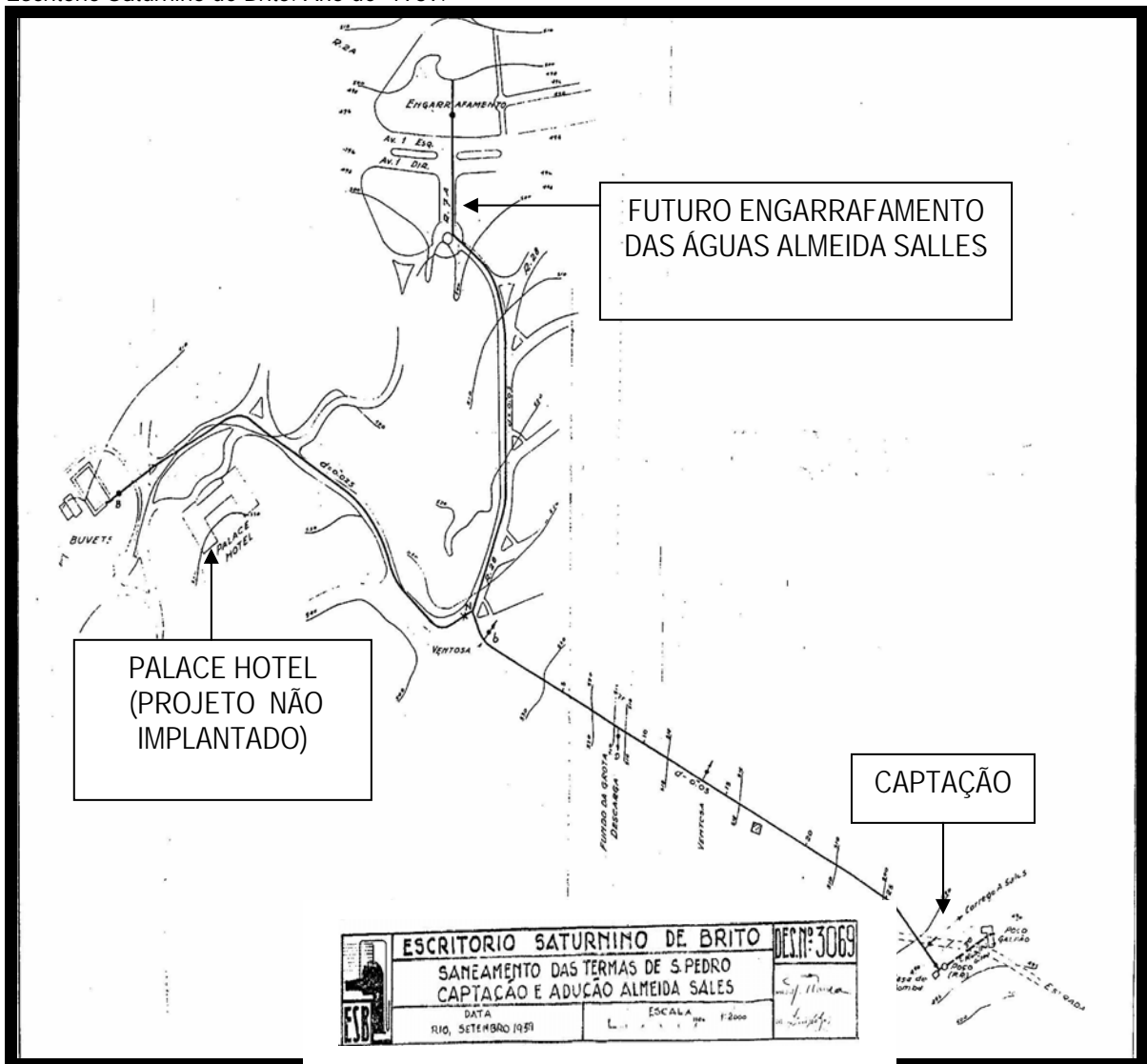
Finalmente, no que tange aos trabalhos do Escritório Técnico Saturnino de Brito – ESB, adentrando levemente no opaco campo das suposições, e não ousando ultrapassar tal gênero, somos instigados a pensar em um elo que poderia, eventualmente, haver ocorrido:

Octavio Moura Andrade, por anos, residiu na cidade balneária de Santos, litoral do Estado de São Paulo. Nessa mesma cidade, Saturnino de Brito – o pai – executou um dos mais perfeitos projetos de escoamento das águas através do estabelecimento de canais de drenagem superficial, que, ladeados por avenidas, dariam vazão às águas provenientes das regiões mais altas até o mar. Podemos supor, dado ao poder de observação de Octavio Moura Andrade, que o mesmo pudesse reconhecer a qualidade dos trabalhos executados por Saturnino de Brito – o pai - na cidade de Santos. Portanto acreditamos serem fortes os indícios de uma conexão entre o conhecimento prévio *“in loco”* das obras executadas pelo Escritório de Saturnino de Brito para Santos, e da resultante encomenda dos serviços referentes às obras sanitárias para a futura Estância Hidromineral. No entanto, não existem registros conhecidos que poderiam comprovar tal hipótese.

⁵⁸ Ver em ANDRADE (1996), Op. Cit. p. 304.

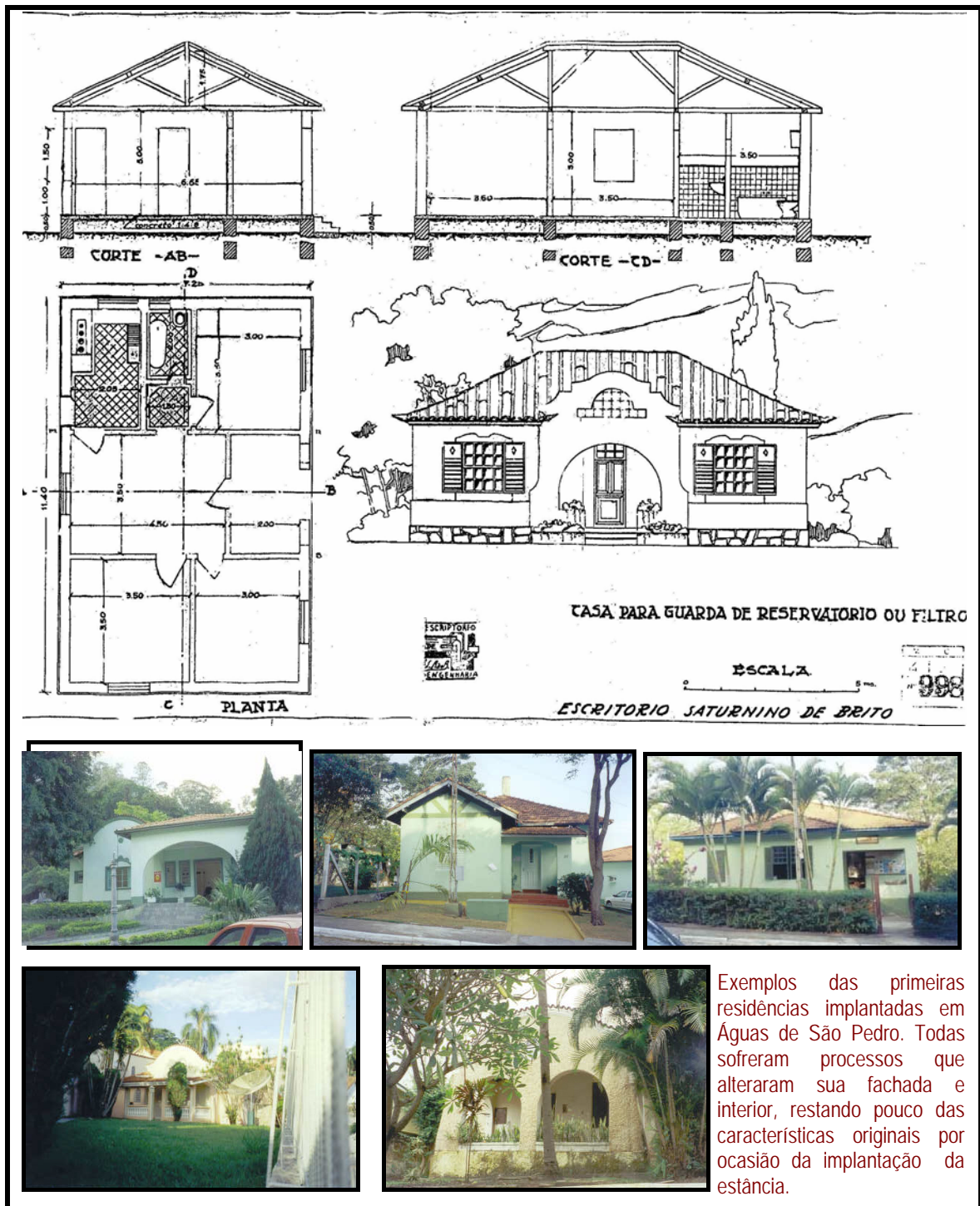
⁵⁹ Ainda hoje, encontram-se várias residências unifamiliares com esse padrão de construção e de divisão interna. Todas foram edificadas a partir do início da comercialização do loteamento, a partir de 1940.

Figura 3.16. Captação e adução das águas termais "Almeida Salles". Projeto de autoria do ESB – Escritório Saturnino de Brito. Ano de 1939.



Fonte: Acervo pessoal do autor, cópia fornecida pela arquiteta e urbanista Ligia Nerina, Piracicaba/SP.

Figura 3.17 Residência unifamiliar projetada pelo Escritório Saturnino de Brito, 1939. Tal padrão de residência se estabeleceu nos anos iniciais.



Fonte: fotos: Acervo pessoal do autor; planta: cópia fornecida pela arquiteta e urbanista Lígia Nerina, Piracicaba/SP.

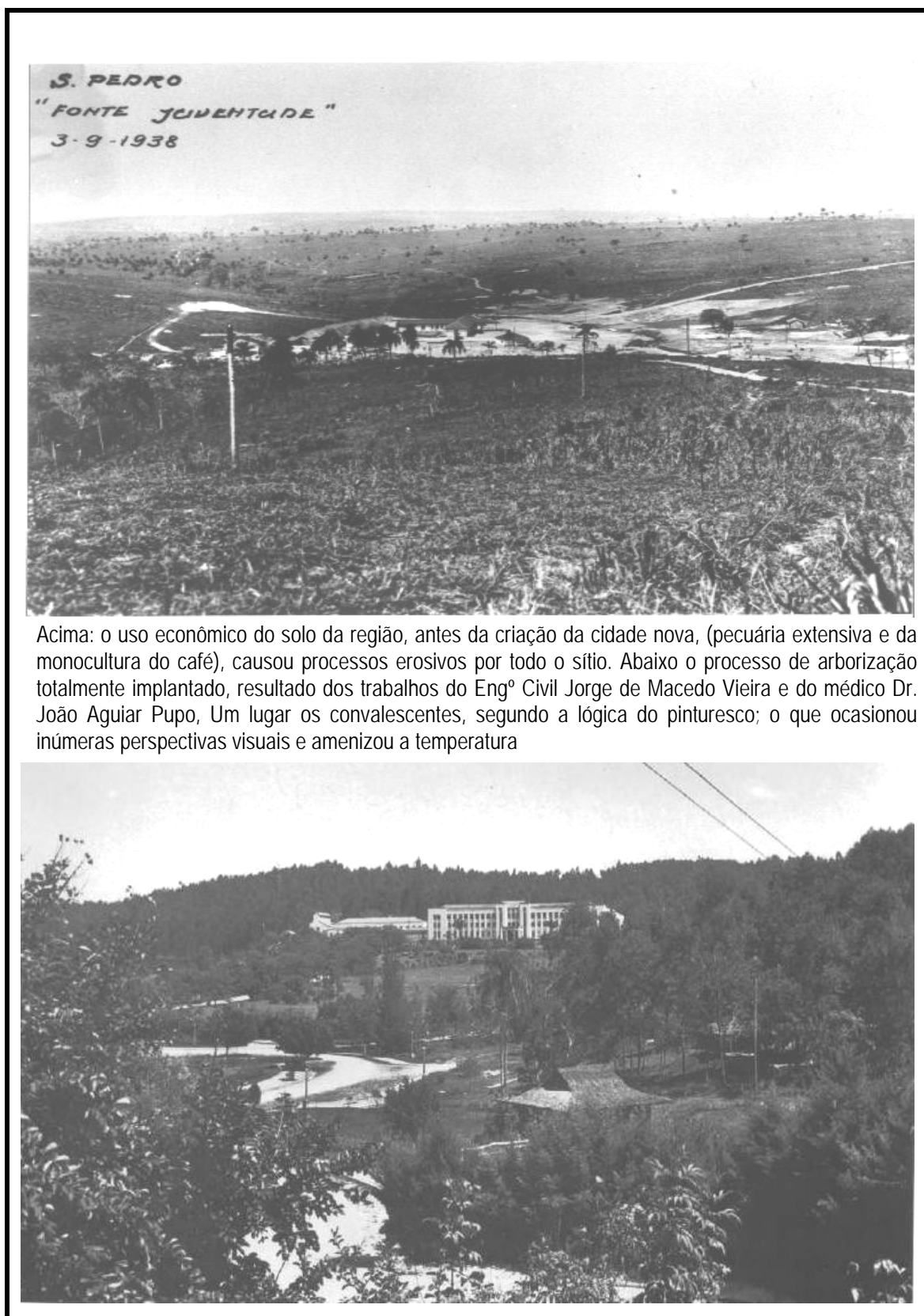
Outro profissional a empreender discussões sobre o que seria o ideal para uma cidade de características termais seria João Aguiar Pupo, Diretor da Faculdade de Medicina da USP e consultor da área medicinal da futura estância. Segundo Antonio F. Andrade, acompanhou Macedo Vieira na elaboração do projeto do Parque Florestal, passando lhe informações sobre as distâncias, áreas de descanso e de contemplação e as necessidades dos convalescentes.

Concomitantemente, resultante das discussões entre o empreendedor, Jorge de Macedo Vieira e Dr. João Aguiar Pupo, cerca de 260 alqueires foram reflorestados com o plantio de cerca de 1.200.000 mudas de eucaliptos de várias espécies. A abertura de valas, para plantio de tijuanas, jacarandás, *flamboyants*, grevilhas, pau-brasil, jatobás e outros, que inicialmente atingiam 1,5m de profundidade, tiveram que ser aprofundadas para 3m, para melhor adaptação desses tipos arbóreos ao terreno que, nas cotas mais altas, apresentava-se argiloso e, nas cotas mais baixas, era demasiado pantanoso.

Podemos deduzir que o plantio dos eucaliptos possuía uma função estratégica, sendo articulada na forma de prover resultados a longo prazo. Senão, veremos:

- a) as várias espécies de eucaliptos eram de rápido crescimento. Essencial para uma região degradada e com o histórico profícuo de processos erosivos do solo;
- b) os eucaliptos, quando crescidos, proporcionariam uma beleza no desenho da paisagem, que, à época, se apresentava sem atrativos para um possível veranista;
- c) Numa hábil interpretação climática, Octávio Moura Andrade e Macedo Vieira entenderam que – e de fato, o foi – o reflorestamento ocasionaria uma temperatura mais amena em todo o sítio urbano, contribuindo, assim, para o bem estar dos que ali viriam a residir ou estariam em visita;
- d) os eucaliptos poderiam proporcionar madeira não só para as caldeiras dos futuros estabelecimentos hoteleiros, como também alimentar a olaria que fora construída para fornecimento de tijolos e telhas.

Figura 3.18. Formação do bosque com variadas espécies arbóreas



Acima: o uso econômico do solo da região, antes da criação da cidade nova, (pecuária extensiva e da monocultura do café), causou processos erosivos por todo o sítio. Abaixo o processo de arborização totalmente implantado, resultado dos trabalhos do Eng^o Civil Jorge de Macedo Vieira e do médico Dr. João Aguiar Pupo, Um lugar os convalescentes, segundo a lógica do pinturesco; o que ocasionou inúmeras perspectivas visuais e amenizou a temperatura

Fonte: Acervo Família Octavio Moura Andrade

3.3.3. Águas de São Pedro, campo dos experimentos urbanos

A geração de engenheiros-civis formados pela Escola Politécnica de São Paulo, no decorrer do primeiro quartel de anos do século XX, representa uma singular tipologia de profissionais que faziam mais que interpretar a cidade em seu todo sistêmico. Na forma de intervir desses profissionais - tanto na cidade já edificada quanto partindo do *ex-novo*-, se exteriorizavam não somente os conhecimentos técnicos adquiridos durante os estudos acadêmicos, mas também a resultante prática, oriunda das discussões levadas no cerne dos círculos da cultura urbanística paulistana. Reflete um novo modo de intervir, enriquecido pela busca da assimilação do "*modus operandi*" dos habitantes, no âmbito do social, características inerentes aos núcleos urbanos. Essa última particularidade alçou esses engenheiros-civis a pensadores sociais da cidade, aderindo aos engenheiros-sanitaristas, já portadores dessa qualidade.

Entendemos ainda que à assimilação, tradução e transferência de modelos urbanos consagrados na urbanística internacional, somavam-se os conhecimentos construídos segundo uma forma empírica, ocasionados pela troca de argumentação, por ocasião em que esses profissionais se entrecruzavam, quando da elaboração e da execução, em conjunto, de uma ou outra intervenção. Na relação pragmática com o projeto - arquetípica desses engenheiros-civis-, e no trânsito das idéias, frutificada pela convivência cotidiana dos trabalhos de campo, fragmentos de conhecimentos eram trocados, interiorizados e expostos de modo a resultar em modelos que se tinham como híbridos, dotados de características diferenciadas que poderiam chegar quase a um novo modelo.

Se, para alguns, recomendável seria estarmos geograficamente mais próximos aos centros de discussões sobre a cidade, notadamente os europeu e norte-americano, por outro lado, o produto resultante do uso variado de soluções, ocasionou cidades com boa qualidade estética e ambiental, implantadas por profissionais mais livres, evitando o apego a uma única tipologia de modelo urbano. Uma variada e ilimitável gama de soluções, oriundas de diversificados ideários. Nessa linha encontra-se o trabalho elaborado por Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro.

Nessa cidade nova encontramos todos os principais referenciais teóricos de Macedo Vieira, unidos com a tradição da Escola Sanitarista herdada pelos profissionais do Escritório Saturnino de Brito. Apresentam-se, em Águas de São Pedro, ressonâncias da solução *"garden city"*, em sua maioria, mas também fragmentos do *"beaux arts"* e do *"city beautiful"*. Nessa liberdade, em adotar variadas soluções, está o fecundo conteúdo da obra de Jorge de Macedo Vieira para Águas de São Pedro.

Ao contrário das cidades de colonização, nascidas do veio da ferrovia, do escoamento de produção de matérias primas para o consumo nas grandes aglomerações urbanas, Águas de São Pedro nasce para ter seu produto consumido *"in loco"*: as águas medicinais, os banhos sulfurosos, o turismo de recreação nos hotéis, o pinturesco das paisagens construídas, o sinuoso das ruas, o caminhar pelas trilhas suaves, o conforto térmico dos parques. Ter-se-ia que se conceber naquele sítio e não em outros lugares.

Uma cidade para se residir e se visitar. Nesse ponto difere de outras cidades novas, pois não haveria novidade, para o visitante, em se fazer *tabula rasa*, ocasionando ruas tipificadas pelo monótono quadriculado urbano. Haveria de ser mais apropriado ao olhar do turista, a surpresa das vias sinuosas, feitas para se caminhar apreciando o vale, ocasionando vistas panorâmicas, sempre anguladas de modo a estabelecer uma nova forma compreender o entorno e o próprio lugar. Torna profícua a resultante do que os olhos vêem. O zoneamento rígido, gerou uma expansão controlada, fator de elevada importância em uma cidade que se pretende crescer aos mesmos moldes do motiva os visitantes a se deslocarem até o lugar: calma e contemplação.

Na profundidade genealógica dos que a conceberam, estão recônditos, o pensar de Camillo Sitte, Camille Martin, Barry Parker, Raymond Unwin, Saturnino de Brito – o pai. Na obra de Macedo Vieira revelasse o trânsito de diversos ideários, que compuseram a base logística do projeto, refletidas na harmonia dos espaços, na qualidade de um projeto que, passados mais de seis décadas a cada dia revela mais uma qualidade, que ainda não se fazia percebida.

Há que se reconhecer a contribuição que essa geração de engenheiros-civis - aqui representados pela obra de Jorge de Macedo Viera-, legou à beleza, à funcionalidade e à qualidade projetual das cidades novas.

Ao nos deslocarmos no tempo e estabelecermos uma base atual de análise crítica do projeto de Macedo Vieira para Águas de São Pedro, alguns fatos servem como ponderações. Algumas das soluções adotadas pelo engenheiro-civil para a cidade balneária, mostraram-se eficientes instrumentos de controle das funções, para cidades de pequeno porte.

O sistema da rótula distributiva, eficiente num pequeno aglomerado urbano, onde o tráfego do automóvel não se constitui num dos problemas da vida urbana, demonstra não ser o mais eficiente quando inserido em uma localidade de médio/grande (Campinas, São Paulo), onde sistemas como o de viadutos parecem mais coerentes com a carga de tráfego. Some-se a isso o fato do *zoning* funcional, que serviu bem a uma pequena comunidade, harmonizando o padrão do uso das áreas e das volumetrias assentadas na malha urbana, também é objeto de constante questionamento quanto à sua validade, quando adotada em uma grande aglomeração urbana. Nesse ponto, parece-nos que um zoning rígido acaba por conter as necessidades de expansão e de circulação da metrópole.

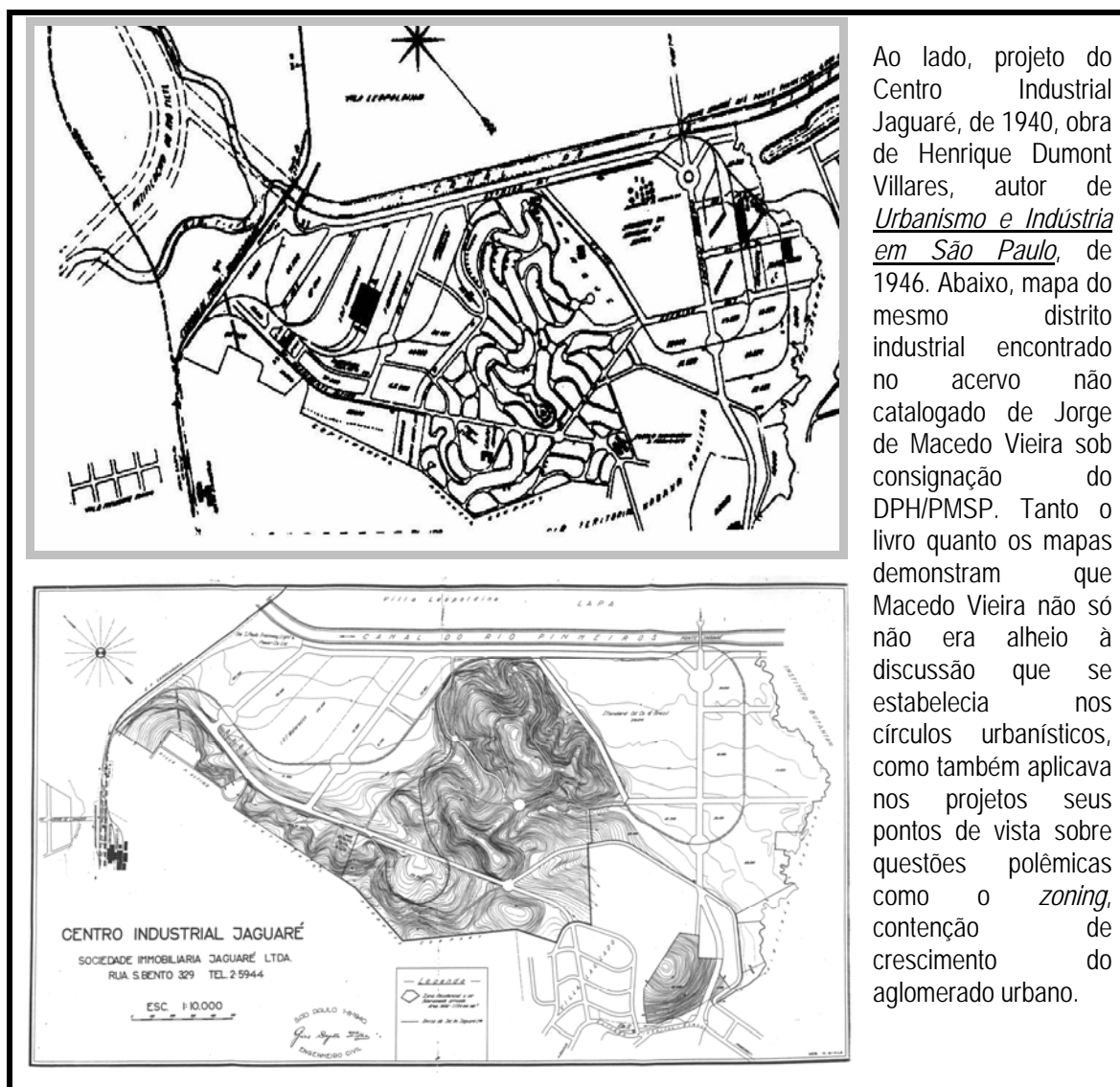
Chama-nos sobremaneira a atenção, o fato de que tanto Kawai (2000) quanto Steinke (2002) referendam o encontro da obra de Henrique Dumont Villares, denominada *Urbanismo e Indústria em São Paulo*, publicada em 1946, portanto seis anos após o primeiro projeto para Águas de São Pedro. Some-se a isso o fato de que no acervo pessoal de Jorge de Macedo Vieira sob consignação do DPH/PMSP, também constarem, várias das plantas do Bairro Industrial Jaguaré, de autoria de Villares em 1940.

Entendemos que Macedo Vieira manteve um relacionamento com esse profissional. Segundo Campos (2002) "*em obras como urbanismo e problemas de São Paulo (1948) e Urbanismo e Indústria em São Paulo (1946), Villares assinalou a importância de medidas como o zoneamento funcional, descentralização, controle de densidades, provisão de equipamentos e serviços coletivos, incluindo políticas de habitacionais. Visava evitar as mazelas da urbanização descontrolada: "congestão do trânsito [...] [interferências entre] zonas industriais e distritos residenciais; condições precárias e anti-higiênicas de habitação [...] enorme e prejudicial perda de tempo". A remodelação urbana racional permitiria não apenas infra-estrutura adequada nas áreas destinadas às indústrias, mas também a ordem social e ao bem-estar na forma de bairros residenciais cômodos e habitações subsidiadas, de preferência em um ambiente do tipo "cidade-*

*jardim*⁶⁰. Encontramos então uma coincidência nos pontos de vista sobre a cidade que permeou o pensar e o agir dos profissionais Dumont Villares e Macedo Vieira. No projeto de Viera pra Águas de São Pedro, fatores como os acima citados foram considerados.

Isso permite-nos dizer que embora Jorge Macedo Vieira não fosse uma das figuras centrais da discussão sobre o destino das cidades brasileiras, sua atuação refletia que esse ambiente não era ignorado ou desconhecido. Macedo Vieira mostra conhecer a problemática, adota o zoning conforme entende ser o mais adequado a determinada realidade, nunca fora de um contexto ou à margem das discussões sobre o assunto.

Figura 3.19. Centro Industrial Jaguaré, 1940, projeto de Henrique Dumont Villares



Fonte: Projeto Dumont Villares: Campos, Op. Cit. p. 604; Mapa no Acervo JMV: Acervo JMV sob consignaço DPH/PMSP

⁶⁰ Ver em Campos, Candido Malta, Op. Cit, p. 603

Capítulo IV

Considerações sobre o Eng^o Civil Jorge de Macedo Vieira

Observamos, no presente estudo, que a cultura urbanística internacional, circulou pelos grupos que se dedicavam às discussões sobre as questões urbanas, compostos esses, por profissionais envolvidos no processo de modernização da cidade brasileira durante os dois primeiros quartéis do século XX.

A circulação de idéias, ocasionadas pelo intercambio de profissionais brasileiros, tais como Victor da Silva Freire, Anhaia Mello, Ulhoa Cintra, seja para participação em congressos internacionais ou visitas a cidades novas projetadas, bem como a vinda de urbanistas como Richard Barry Parker para elaboração dos projetos de “bairros jardins” para a Companhia City, demonstram como os modelos e ideários urbanos transitavam de um lugar para outro.

Papel decisivo foi reservado às Escolas Politécnicas, como a de São Paulo, ou escolas como a da Universidade Mackenzie, onde os tratados urbanos de caráter divulgatório, circularam, foram assimilados e incorporados, trazendo significativa contribuição na formação do corpo dos engenheiros-civis e engenheiros-arquitetos. As características do conteúdo programático, com forte tendência urbanística, ocasionaria o surgimento de profissionais capacitados a intervir na cidade em sua forma sistêmica, dando o tratamento integral que a cidade carecia.

À formação das Escolas Politécnicas e à incorporação de diversos ideários, somaram-se as discussões empreendidas sobre as soluções que seriam as mais adequadas para uma ou outra intervenção. Os profissionais oriundos dessas escolas se dedicaram parte à implantação de numerosos loteamentos e obras de menor porte, parte à vida acadêmica vindo a lecionar nas cadeiras que compunham a grade curricular dos cursos de Engenharia dessas mesmas escolas Politécnicas.

Somando-se a isso o fato de alguns desses profissionais galgarem postos de direção junto aos órgãos que compunham a esfera pública municipal, estava criado o mosaico que comporia o cenário das intervenções urbanas. Cenário rico em discussões e profícuo em

intervenções tão necessárias ao processo de expansão e de melhoramentos necessários, notadamente na capital paulistana.

Soluções urbanas consagradas no panorama internacional tais quais os modelos "*garden city*", "*city beautiful*" ou "*beaux arts*", dentre outros, foram sistematicamente aplicados em uma variada tipologia de projetos, nos quais se sobressai o papel ativo desses engenheiros politécnicos.

Tais profissionais nos mostram uma fase rica, em que os modelos são incorporados, assimilados e adaptados, gerando, no modo geral, soluções que poderíamos classificar como híbridas, mas de denotada qualidade projetual. Dentre esses profissionais destacamos nosso objeto de estudo: o engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira, que concluiu sua formação profissional em 1917, e oriundo do ambiente acadêmica proporcionado pela Escola Politécnica de São Paulo.

Antes um desconhecido da historiografia urbana paulistana, foi objeto de estudo pelo grupo de pesquisadores, ainda em meados do ano de 1997 por ocasião da organização III Bienal internacional de Arquitetura. Esse grupo de pioneiros trouxe à tona a obra de um profissional pródigo em produção de projetos urbanos, seja quantidade de loteamentos e cidades novas projetadas, seja pela destacável qualidade ambiental de suas obras.

Vemos na obra desse engenheiro-civil, a forma de como se caracterizava o "*modus operandi*" da incorporação de ideários urbanos internacionais, e vemos nesse profissional o retrato do engenheiro civil da primeira metade do século XX: pragmático, metucioso, trabalha a morfologia do solo segundo suas características mais destacáveis, onde busca ressaltar-lhe os melhores adjetivos, construindo o desenho da paisagem, e para essa concretização recorre a uma diversificada gama de soluções urbanas de reconhecida qualidade.

Em Macedo Vieira vemos o planejador urbano que trabalha constantemente o terreno, adotando modelos urbanos como o "*garden city*" por ocasião do terreno mostrar-se agitado em sua morfologia, ou recorrendo a desenhos mais geometrizados, com adoção de modelos como "*city beautiful*" quando a suavidade morfológica do solo assim permitia. No entanto, as qualidades técnicas e estéticas de suas obras se destacavam em ambas tipologias de solo, mostrando sua diversificada e eclética formação.

Hábil personagem no campo das relações comerciais e sociais, empreendeu obras onde atuou junto de profissionais de renomado valor tais quais Francisco Prestes Maia, Goes Sayão, Francisco Rolin Gonçalves e Saturnino de Brito Filho. O Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira, de reconhecida competência em seus quadros profissionais, tornou-se um dos mais ativos da capital paulistana durante a primeira metade do século XX. No quadro geral suas obras superam a área de 50 milhões de m² objetos de intervenção, o que traz-nos a idéia quantitativa da obra deixada. Mas é na qualidade dos projetos que encontramos o destaque maior de suas intervenções.

Ao circularmos pelos seus projetos, nos deparamos com um híbrido de soluções adotadas de forma contínua em toda sua carreira profissional. Não é o engenheiro de um modelo apenas, mas o de vários. Em todos os projetos se destacam algumas características, tais quais a adoção do *zoning* funcionalista, à especial atenção dada à infra-estrutura urbana, notadamente às funções sanitárias.

Por consequência, não há como classificar o trabalho de Jorge de Macedo Vieira, dividindo-o em fases temporais onde adota um ou outro modelo. As soluções são aplicadas de forma livre de modismos ou tendências inerentes às varias épocas. Soluções tipo *"garden city"*, *"city beautiful"* e *"beaux arts"*, circulam em seus projetos, durante toda sua carreira e são resultantes diretas de seu apurado conhecimento técnico. Um amearhar de conhecimento construído desde sua formação pela Escola Politécnica, o acompanhamento dos projetos de Richard Barry Parker na Companhia City, e seu referencial teórico como os Boletins da Engenharia, e as obras de Raymond Unwin, Camillo Sitte, Nelson Lewis, Hegermann, Forestier, Saturnino de Brito – o pai -, Prestes Maia e Henrique Dumont Villares.

Escolhemos o projeto para a cidade balneária de Águas de São Pedro, por entendermos ser esse o sítio que estabelece um marco no que tange à ampliação dimensional da atuação do engenheiro-civil Jorge de Macedo Vieira. Tal projeto torna-se importante referencial do trabalho de Macedo Vieira ao se caracterizar como o primeiro projeto integral de uma cidade elaborado pelo seu Escritório Técnico. Águas de São Pedro, onde prevalece a solução *"garden city"*, foi rico campo laboratorial onde, ao lado de agentes de significância como o ESB – Escritório Técnico Saturnino de Brito, do Rio de Janeiro, e de profissionais de renomada atuação em outros campos do conhecimento, como o médico Dr. João Aguiar Pupo, organiza a ocupação do

espaço. Através desse projeto conseguimos entender a importância da multidisciplinaridade de profissionais das várias ciências estabelecidas, na elaboração do que seria um bom projeto de cidade.

A especial dedicação de Jorge de Macedo Vieira a esse projeto, com o qual manteve contato até praticamente o final de sua vida; o intercâmbio de conhecimentos aplicado na solução de problemas pontuais cotidianos da implantação de uma cidade balneária, fez o Escritório Técnico Jorge de Macedo Vieira manter um posto fixo nas glebas urbanizadas, durante dois anos. Tal fato resultou em importantes discussões de campo e, acreditamos, contribuiu de maneira significativa, para a ampliação do conhecimento do engenheiro civil, no que tange às nuances e detalhes que envolvem a implantação de uma aglomeração urbana destinada ao bom habitar, ao descanso e ao veraneio.

Mais que isso, ressalta-se o fato de uma pequena Estância Hidromineral, carregar em seu bojo, toda uma ordem de modelos e soluções urbanas internacionais, consagradas e reconhecidas pelas suas qualidades, em todos os continentes, resultando em uma cidade de destacáveis atributos ambientais e estéticos até os dias atuais.

Encontramos não só na intervenção de Águas de São Pedro, mas também em outros projetos de Macedo Vieira, o atributo do bom projeto urbano. Um local para se residir e para se visitar. Com o passar dos anos e das décadas e ao fazermos uma analogia com outras formas de urbanização de áreas, os projetos do engenheiro-civil paulistano, parecem assumir uma contínua e crescente linha de destaque, no item qualidade de projeto.

Constatamos também, que ao buscarmos a genealogia dos estudos sobre o Eng^o Jorge de Macedo Vieira, desde o grupo de pesquisadores inicial, até os estudos pontuais mais recentes, entre os quais esse estudo se incorpora, concluímos que esses profissionais formados pelas Escolas Politécnicas, durante os dois primeiros quartéis do século XX, trouxeram significativa contribuição para as cidades brasileiras, e entendemos que suas obras não devem se colocar à margem da historiografia urbana nacional.

Há uma nova história a ser contada. Rica, significativa, com pontos de excelência no que tange à qualidade projetual e resistente às formulas temporárias, essas apenas mitigadoras de processos degenerativos do ambiente urbano. Macedo Vieira se mostra como arquetípico

profissional dessa fase urbana, e a esse resgate histórico, iniciado pelo grupo de pesquisadores da EESC/USP, devemos colocar a necessidade de se efetuar o levantamento e análise das obras de outros profissionais dessa mesma fase, também, esses, não estudados à suficiência, vitimados que foram pela concentração das pesquisas acadêmicas em outros modelos que compõem o *corpus disciplinar* do urbanismo tal qual o modernismo derivado da Carta de Atenas. Paulo Amaral, Oscar Krug, Hyppolito Pujol Jr., Nelson Ottoni de Rezende, Paulo Arruda Botelho servem como exemplo de nomes pertencentes a essa rica fase da historiografia urbana. Existem, guardadas, novas histórias.

V. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABERCROMBIE, P.. *The Greater London Plan 1944*. Londres:H.M. Stationery Office, 1945.
- ACSELRAD, Henri, *A duração das cidades – sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*, Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ÁGUAS DE SÃO PEDRO, Histórico da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro.Secretaria de Turismo de Águas de São Pedro, 1996
- ANDRADE, Carlos R. M. *A peste e o plano: O urbanismo sanitário do engenheiro Saturnino de Brito*. São Paulo:FAU/USP, dissertação de mestrado, 02 volumes, 1992.
- _____, Carlos R. M. *Camillo Sitte, Camile Martin e Saturnino de Brito: traduções e transferências de idéias urbanas*, In: *Cidade, Povo e Nação. Gênese do urbanismo moderno*, PECHMAN R. e RIBEIRO, Luiz C. Q., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- _____, Carlos R. M. *Barry Parker: Um arquiteto inglês na Cidade de São Paulo*. São Paulo: FAU-USP, Tese de Doutorado, 1998.
- _____, Carlos R. M., “Novo Arrabalde”: O desenho de um novo modo de vida, In: Leme, Maria Cristina da Silva, *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999.
- AYMONINO. C. *Orígenes Y Desarrollos de la Ciudad Moderna*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- AZEVEDO, Carmem Lucia. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, São Paulo: SENAC, 1997.
- BEEVERS, R. *The Garden City Utopia: a critical biography of Ebenezer Howard*. Londres e Nova Iorque; Macmillan e St. Martin's Press, 1988.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 2ª Ed, 1993.
- _____, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*, São Paulo: Perspectiva, 3ª Ed., 2001.
- BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, Catalogo da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura, Coordenação geral e produção de Glória Bayeux. São Paulo: Fundação Bienal, 1999.
- CAMARGO, Ruy Bueno de Arruda. *Estância Hidromineral de Águas de São Pedro: Guia Turístico e Medicinal*. Águas de São Pedro: Edisenac, 1990.
- CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e modernização de São Paulo*. São Paulo: SENAC, 2002.
- CAMPOS, Cristina de. *Cidade e higiene: A atuação profissional de Geraldo Paula Souza em São Paulo. 1925-1945*. In: Revista Sinopse, nº 33. São Paulo:FAU/USP, 2000
- CARONE, Edgard. *A Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: SENAC, 2001
- CIOFFI, Helena et alli. *Cianorte: sua história contada pelos pioneiros*. Maringá: Ideal, 1995.

- CIUCCI, Giorgio et alli. *La Ciudad Americana. De la guerra civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gili S/A. 1975.
- CRUZ, Rita de Cassia. *Política de Turismo e Território*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DAL CO, Francesco. De los parques e la región. Ideología progresista y reforma de la ciudad americana. In: CIUCCI, Giorgio et alli. *La Ciudad Americana. De la guerra civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gili S/A. 1975.
- DAMATTA, Roberto. "Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil" In: _____, *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DEAN, Warren. A matriz econômica: A importação. In: _____, W. *A Industrialização de São Paulo (1880 – 1945)*, São Paulo: Difel, 3ª ed., s/d
- FEHL, Gerhard. The Nazy Garden City. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- FERRARI, Celson. Síntese da Evolução Urbana: de suas origens à cidade contemporânea In: *Curso de Planejamento Municipal Integrado – Urbanismo*, São Paulo: Pioneira, 1977.
- FISCHER, Sylvia. *Ensino e Profissão: O curso de engenheiro-arquiteto da escola politécnica de São Paulo*. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, Departamento de História.
- FISHMAN, Robert. The American Garden City: Still Relevant?. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- FREESTONE, Robert. The Australian Garden City. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- GALLET, Michael. *Claude-Nicolas Ledoux*. Collection "Architectures", dirigé par Michael Vernes, Paris: Picard, 1980.
- GAUDIN, Jean Pierre. The French Garden City. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- GRANDE HOTEL SÃO PEDRO, *25 anos de Administração SENAC*, São Paulo: SENAC, 1996.
- GEDDES, Patrick. Paleotécnica e Neotécnica In: GEDDES, Patrick. *Cidades em evolução*, Campinas: Papyrus, 1994.
- GUERRAND, Roger-Henri, "Espaços Privados" In: PERROT, Michele (Org) *História da Vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial*!. Vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HARDY, Dennis. The Garden City Campaign: An Overview. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de Amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.

- HUBNER, Maria M., Guia para Elaboração de Monografias e Projetos de Dissertação de Mestrado e Doutorado, São Paulo: Pioneira, 1999.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida das Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- KAWAI, Célia. *Os loteamentos de traçado orgânico no município de São Paulo na primeira metade do século XX. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, 2000*
- KNAFOU, Rémik. Turismo e Território. Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A B. (org) *Turismo e geografia – reflexões e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LE GOFF, Jacques. O apogeu do crescimento e a tomada de consciência urbana. In: _____, *O Apogeu da Cidade Medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEME, Maria Cristina da Silva (coord), *Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo, Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999.
- _____, M. C. S. . Formação do pensamento urbanístico, em São Paulo, no início do século XX. In: *Espaço e Debates – revista de estudos regionais e urbanos*, nº 34, 1991, ps. 64-70.
- LYNCH, Kevin. *La Buena Forma de la Ciudad*. Colección Arquitectura/Perspectivas. Barcelona: Gustavo Gili, s/d.
- LUCIO, Silvana T. M. Petinatti. Pernambuco no século XIX: A Herança de Vauthier. Dissertação de mestrado apresentada à FAU/PUCCAMP. 2000.
- MANIERI-ELIA, Mario. Por una ciudad “imperial” D.H. Burnhan y el movimiento City Beautiful. In: CIUCCI, Giorgio et alli. *La Ciudad Americana. De la guerra civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gili S/A. 1975
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na História – suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- OSBORN, F.J. e WHITTICK, A. *The New Towns. The answer do Megalopolis*.. Londres: Leonard Hill, 1963.
- OTTONI, Dácio A. B., Cidade-jardim: formação e percurso de uma idéia. In: HOWARD, Ebenezer. *“Cidades-Jardins de Amanhã”*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- PERROT, Michelle. “ Maneiras de Morar” In: PERROT, Michele (Org) *História da Vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial*. Vol. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PIRENNE, Henri. As cidades e os burgos. In: _____. *As Cidades da Idade Média*. Mira Cintra, Portugal: Publicações Europa-América, s/d.
- POURDON, C. B. *The Building of Satellite Towns*. Londres: J.M.Dent & Sons Ltd.

- RODRIGUES, Adyr Balastrieri (org.). *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____, Adyr Balastrieri. *Águas de São Pedro – estância paulista. Uma contribuição à geografia de recreação*. São Paulo: FFLCH-USP, 1985 – tese de doutoramento.
- ROLNIK, Raquel. Mercados, legislação urbana e valorização imobiliária. In: _____, Raquel. *A Cidade e a Lei – Legislação, Política Urbana e Território na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 1999.
- RONCAYOLO, M. E PAQUOT, Th. *Villes Et Civilisation Urbaine Xvllle = Xxe siècle*. Paris:Larousse, 1992.
- SANTOS, Regina Célia Bega dos. *Rochdale e Alphaville: Formas diferenciadas de apropriação e ocupação da Terra na Metrópole Paulistana*. São Paulo: FFLCH - USP. Tese de doutoramento, 1994.
- SCHAFFER, Daniel. The American Garden City: Lost Ideals. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- SEGAWA, Hugo. *Arquitetura no Brasil, 1900-1990*, 2º Ed. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 21.
- SENNET, Richard. "O Tumulto da vida pública no século XIX" In: _____. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. O Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHIN-ICHI, Watanabe. The Japanese Garden City. In: WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- SIMÕES Jr., José Geraldo. *Melhoramentos na Área Central de São Paulo – o caso da renovação da Rua Libero Badaró, 1911-1918*. In: . In: Leme, Maria Cristina Silva. *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*, São Paulo: Fupam/Nobel, 1999, p. 205.
- _____, J.G.. *Anhangabaú: História e Urbanismo*. São Paulo: FAU-USP, tese de doutoramento, 1995.
- _____, J.G. O setor de obras públicas e as origens do urbanismo na cidade de São Paulo. In: *Espaço e Debates – revista de estudos regionais e urbanos*, nº 34, 1991, ps. 71-74.
- SITTE, Camillo. *A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- STEINKE, Rosana. *Ruas curvas versus Ruas Retas. Na história da cidade, três projetos do Eng. Jorge de Macedo Vieira*. Dissertação de Mestrado ao programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP, 2002

- TAFURI, Manfredo. La montaña desencantada. El rascacielos y la Ciudad. In: CIUCCI, Giorgio et ali. *La Ciudad Americana. De la guerra civil al New Deal*. Barcelona: Gustavo Gili S/A. 1975
- TOLEDO, Benedito Lima de. Os Bairros jardins. In: _____. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.
- TREVISAN, Ricardo. *Incorporação do Ideário Garden-City inglesa na Urbanística Moderna Brasileira: Águas de São Pedro*. Texto para Exame de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos-UFScar, 2002,
- TUAN, Yi-fu, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- UNWIN, Raymond. Del arte público como expresión de la vida comunitaria. In: _____, Raymond. *La Practica del Urbanismo. Una introducción al arte de proyectar ciudades y barrios*. Barcelona: Gustavo Gili, 1984
- WARD, Stephen V., *The Garden City – Past, present and future*, London: E&FN Spon, 1992.
- WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*. São Paulo: Edusp, 1ª Ed., 2001.

ACERVOS

Acervo não catalogado do Escritório de Jorge Macedo Vieira, sob consignação do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo – DPH/PMSP, acondicionados junto ao subsolo, sala 10 do Departamento, no Edifício Ramos de Azevedo, Praça Coronel Fernando Prestes, 152 - Bairro da Luz(Estação Tiradentes do Metrô), CEP 01124-060, Tel.: (11) 3326-1010), na Capital Paulista, sob guarda dos Profs. Walter Pires, Lya Mayumi e Celso Ohno, área de projetos.

.Acervo de Projetos do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-FAU da Universidade de São Paulo- FAU/USP, São Paulo/SP. Rua Maranhão, 88, bairro Higienópolis, São Paulo/SP. Fone (011) 256-7341, ramal 21.

.Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Engenharia de São Carlos – EESC, da Universidade de São Paulo, São Carlos/SP, Av. Trabalhador São-carlense, 400 – CEP 13566-590, São Carlos/SP, Tel (016) 273-9207/9208/9236.

Acervo de mapas, jornais e fotos da Família Moura Andrade, sob guarda de Antonio de Moura Andrade e Francisco Falcão de Andrade, São Paulo e Águas de São Pedro/SP. Endereço Águas de São Pedro: Avenida Carlos Mauro, 168, Centro (Hotel Jerubiaçaba) – CEP 13525-000. Fone (19) 3482-1411.

Acervo de documentos históricos da Biblioteca Municipal “ Gustavo Teixeira” de São Pedro da Prefeitura Municipal da Estância Turística de São Pedro/SP, Rua Joaquim Teixeira de Toledo – 570, Centro, CEP 13520-000, São Pedro/SP. Fone (19) 3483-3497.

Acervo do Núcleo de Comunicação e Informação – NCI da Faculdade SENAC de Turismo e Hotelaria de Águas de São Pedro no Grande Hotel São Pedro – Hotel Escola SENAC. Praça Octávio de Moura Andrade, s/nº , centro, Águas de São Pedro/SP. Fone (19) 3482-1211, ramal 385. Responsável: Bibliotecária responsável: Elizabete Alves.

Acervo pessoal do Autor. Antonio Carlos Bonfato, Avenida Antonio Joaquim de Moura Andrade, 2921, Bairro Jardim Porangaba, Águas de São Pedro/SP, CEP 13525-000, fone (19) 3482-1339/(19) 9736-5921.

Acervo da Câmara Municipal da Estância Hidromineral de Águas de São Pedro, à praça João Baptista Azevedo, Centro, Águas de São Pedro/SP, Cep 13525-000. Sob presidência do Vereador Vanderlei Zampieri

BROCHURA

Brochura de Divulgação da Sala Especial dedicada a Jorge de Macedo Vieira, por ocasião da 4ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. Acervo Pessoal de Profa. Dra. Lya Mayumi, área de Projetos do DPH – PMSP, São Paulo/SP.

JORNAIS E PERIÓDICOS

CALDAS DE SÃO PEDRO (1936). *Civilização*. São Pedro/SP: Auro de Moura Andrade, 06 de dezembro de 1936, ano I, nº 23. p.01, caderno único.

- CALDAS DE SÃO PEDRO (1937). *Campanha Criminosa*. São Pedro/SP: Auro de Moura Andrade, 27 de março de 1937, ano II, nº 29. p.02, caderno único.
- CALDAS DE SÃO PEDRO (1937). *São Paulo possuirá em breve a maior estância hydromineral e climática da América do Sul*. São Pedro/SP: Gualberto Guimarães, 11 de abril de 1937, ano II, nº 31. ps.01 e03, caderno único.
- CALDAS DE SÃO PEDRO (1937). *Novas estradas*. São Pedro/SP: Auro de Moura Andrade, 25 de abril de 1937, ano II, nº 32. p.06, caderno único.
- CALDAS DE SÃO PEDRO (1940). *Recordado a história das Thermas de São Pedro*. São Pedro/SP: Auro de Moura Andrade, 19 de maio de 1940 de 1940, ano IV, nº 100, p.01, caderno único.
- A VOZ DE SÃO PEDRO (1943) Águas de São Pedro enriquece a existência. São Pedro: Auro de Moura Andrade, 14 de junho de 1943, Ano I, p s/nº, 1943.